00046064

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

46064

DA ASIA

DE

DIOGO DE COU[redacted]O

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e descubrimento das terras, e mares do Oriente.

DECADA SETIMA

PARTE SEGUNDA.

LISBOA

Na Regia Officina Typografic.

ANNO M. DCC. LXXXIII.

Com licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

00046064

PROLOGO.

A Sensivel, e até aqui irreparavel perda da Undecima Decada da Historia da India, escrita por Diogo de Couto, como continuador de João de Barros, me obrigou a fazer este pequeno Resumo, que contém pela sua ordem chronologica os pincipaes factos dos Governos de Manoel de Sousa Coutinho, e de Mathias de Albuquerque, tirados não sómente de alguns manuscriptos, veridicos, e authenticos, que me vierão á mão, mas tambem das Memorias de Manoel de Faria e Sousa, de Fr. João dos Santos, de Luiz Coelho de Barbuda, João Baptista Lavanha, Authores que falláram daquelle tempo; e até de outras obras mais do mesmo Couto. E posto que este abbreviado não seja bastante para instruir ao Leitor fundamentalmente da Historia da India desde o anno de 1588. em que faleceo D. Duarte de Menezes até

o

o de 1597. em que entrou a governal-
la D. Francisco da Gama (que são justamente os 10. annos, de que tratava a Decada perdida) com tudo pareçe-me sufficiente para lhe dar huma idéa dos dous Governos, que enchêrão aquelle tempo, expondo sem alteração alguma da Chronologia as cousas mais célebres, e mais principaes, que nelle acontecêrão. Deste modo poderá sómente servir de supplemento, em quanto ou não apparece aquella Undecima Decada, de que só temos a noticia, ou não haja algum Escritor, que queira fazer presente ao público de outra nova, que possa supprir a falta da primeira, que com alguma razão a suppomos para sempre perdida.

IN-

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM NESTA DECADA UNDECIMA.

CAP. I. *Succede no Governo da India Manoel de Sousa Coutinho a D. Duarte de Menezes: embarca-se pera o Reyno D. Paulo de Lima, e naufraga na terra dos Fumos.* Pag. 1.

CAP. II. *Do que mais succedeo tanto aos da não, como aos do esquife até se pôrem em feição de navegar.* 12.

CAP. III. *Em que se descreve a parte da Cafraria, em cuja costa naufragou a não S. Thomé.* 17.

CAP. IV. *Do que aconteceo á gente da não S. Thomé desde que chegou á Ilha do Inhaca: e dos trabalhos que passáram.* 21.

CAP. V. *Continuam-se as cousas do Governo de Manoel de Sousa Coutinho: torna Mirale Beque á costa de Melinde: manda o Governador contra elle huma grossa Armada: successos que esta teve na viagem.* 26.

CAP. VI. *De huma Nação de Cafres, que veio destruindo meia Ethiopia, parou defronte da Ilha de Quiloa, e a destruio com morte de todos os seus moradores por traição de hum habitante da mes-*

ma

ma Ilha: e daqui foi assentar seu arraial defronte de Mombaça, onde estava ao tempo que o Capitão Thomé de Sousa Coutinho chegou com sua Armada. 33.

CAP. VII. *Entra a nossa Armada o rio de Mombaça: toma as galés dos Turcos: primoroso feito de seis Portuguezes: destruição da Cidade de Mombaça; e do mais que succedeo nesta acção.* 37.

CAP. VIII. *Do recado que os Zimbas mandáram ao Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho: entrada destes na Ilha de Mombaça: cativeiro de Mirale Beque, e de outros muitos Turcos, e Mouros da Ilha: chegam a Mombaça as Galvetas que ficáram no Golfo: vinda do Principe de Pate, e restituição do Rey, e Principe de Pemba a seus Estados: causas do levantamento dos seus Vassallos: descripção da Ilha de Pemba, e partida da Armada Portugueza pera Melinde.* 43.

CAP. IX. *Situação da Ilha de Lamo, cujo Rey foi prezo, e justiçado com os mais Mouros levantados da costa de Melinde.* 51.

CAP. X. *Destruição da Ilha de Mandra: pazes que o Capitão Mór Thomé de Sousa Coutinho faz com os Reys da costa de Melinde: sua partida pera a India,*

dia, e chegada a Goa: conversão de Mirze Beque. 55.
CAP. XI. Desbarato total dos Zimbas em Melinde com o soccorro dos Cafres Mosseguejos: chegam a Goa quatro náos do Reyno. 59.
CAP. XII. Continuão-se os successos do Governo de Manoel de Sousa Coutinnho: chega a Goa o novo Viso-Rey: parte pera o Reyno o seu Antecessor, e naufraga nos Baixos do Garajáo. 63.
CAP. XIII. Manda o novo Viso-Rey huma Armada contra o Cunhale: tomão-se duas náos de Meca, e duas Armadas inimigas: morte de ElRey de Manar, e he alçado Rey em seu lugar seu filho segundo. 68.
CAP. XIV. Manda o Viso-Rey huma Armada contra o Cunhale: faz o Çamorim pazes com o Estado: chegão a Goa as náos do Reyno: partem pera a Europa aviadas de carga, e com ellas vem o Governador Manoel de Sousa Coutinho na náo Bom Jesus, e naufraga nos Baixos do Garajáo: successos desta viagem. 72.
CAP. XV. Das guerras que os Capitães de Tete, e Sena tiveram com os Cafres nossos inimigos: e relação dos Cafres da dependencia de Tete, e outros. 76.
CAP.

CAP. XVI. *Guerra dos Portuguezes com os Zimbas, ou Muzimbas: desbarato, e morte da gente de Tete: prizão, e martyrio do P. Fr. Nicoláo do Rosario.* 80.
CAP. XVII. *Qualidades, e brutalidades destes Muzimbas: e desbarato, e morte de André de Sant-Iago.* 83.
CAP. XVIII. *Da grande victoria que ElRey de Melinde alcançou de ElRey de Quilife com ajuda dos Portuguezes, e Cafres Mosseguejos.* 87.
CAP. XIX. *Da outra victoria que o Rey de Melinde houve do Rey de Mombaça por meio dos Mosseguejos.* 89.
CAP. XX. *De como os Mosseguejos entregáram a Ilha de Mombaça ao Rey de Melinde, e este mudou sua casa pera ella.* 91.
CAP. XXI. *Dos Cafres Mosseguejos, e seus costumes barbaros: e das náos que este anno vieram á India.* 93.
CAP. XXII. *Da torna viagem destas mesmas náos pera o Reyno: e da perdição da náo Santo Alberto na terra do Natal.* 97.
CAP. XXIII. *Do que mais aconteceo a esta gente da náo Santo Alberto, em quanto estiveram nesta praia: e de como elegêram pera seu Capitão a Nuno Velho Pereira.* 108.
CAP. XXIV. *De como o Senhor da terra*

ſabendo que nella eſtavam eſtrangeiros, foi viſitallos: das ceremonias, e cumprimentos que houve entre eſte, e Nuno Velho Pereira: e do mais que ſe paſſou até os noſſos ſe pôrem a caminho pera o rio de Lourenço Marques. 112.

CAP. XXV. *Da jornada que fizeram deſde o Penedo das Fontes até ao rio de Lourenço Marques: e do que nella lhes ſuccedeo.* 119.

CAP. XXVI. *Do que mais ſuccedeo a eſta gente da náo Santo Alberto até chegar a Moçambique: e de como alguns dos Portuguezes, deixando o navio, quizeram ir por terra a Sofala, e pelas ſuas deſordens foram quaſi todos mortos no caminho pelos Cafres.* 131.

CAP. XXVII. *Da guerra que D. Pedro de Souſa, Capitão de Moçambique, foi fazer aos Muzimbas das vizinhanças de Sena, e máo ſucceſſo della: e das pazes que os meſmos Muzimbas fizeram com os Portuguezes, ſem embargo de ficarem vencedores: das náos que neſte anno foram á India, em que foi pela primeira vez a Bulla da Cruzada.* 135.

CAP. XXVIII. *Da viagem que a náo Chagas fez de Moçambique pera o Reyno: e do que lhe ſuccedeo até a altura da Ilha do Fayal.* 140.

CAP.

CAP. XXIX. *Do grande combate que esta não Chagas teve com tres nãos Inglezas á vista da Ilha do Fayal, a qual depois de huma bem ferida batalha, foi desgraçadamente queimada: e della escapáram sómente com vida treze pessoas.* 145.

CAP. XXX. *Desgraçado fim do Capitão Mór Francisco de Mello Canaveado: modo, por que se salváram treze pessoas do combate, e incendio da não Chagas, das quaes os Inglezes lançáram onze na costa do Fayal, e guardáram duas, que foram Nuno Velho Pereira, e Braz Correa, que leváram pera Inglaterra.* 156.

CAP. XXXI. *Em que se dá conta da viagem que fizeram pera o Reyno as nãos, que no fim do anno passado chegáram á India, de que foi por Capitão Mór D. Luiz Coutinho Cabaço, e combate que este teve com as mesmas nãos, que batalháram com a não Chagas.* 161.

CAP. XXXII. *Descripção da Cidade de Chaul, e do seu célebre morro, e tomada deste pelos Portuguezes.* 164.

CAP. XXXIII. *Guerra dos Portuguezes em Columbo com os Chingalas: desbarato de Pedro Lopos de Sousa: succede-lhe D. Jeronymo de Azevedo: assaltam os Malabares a não da China, que vinha pera Goa: manda o Viso-Rey contra elles a An-*

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II.
DA DECADA VII.

LIVRO VI.

CAP. I. *De como foi eleito pera Viso-Rey da India D. Constantino, filho do Duque de Bragança: e da Armada com que partio no anno de sincoenta e oito.* Pag. 1.

CAP. II. *De como o Viso-Rey D. Constantino tomou posse do Estado da India, e das cousas em que logo proveo: e da causa, por que se alevantou a guerra em Cananor.* 7.

CAP. III. *Das intelligencias que o Viso-Rey D. Constantino teve com o Ithimitican sobre lhe dar a Cidade de Damão, e lha concedeo: e do conselho que tomou sobre mandar, ou ir sobre ella: e de como despedio as náos pera irem a Cochim tomar a carga pera o Reyno, e Francisco Barreto partio de Goa.* 12.

CAP. IV. *De como os Mouros de Cananor se alevantáram de todo: e do que fez Luiz de Mello da Silva: e dos navios que mais lhe mandou o Viso-Rey D. Cons-tan-*

tantino: e da grande Armada com que partio pera Damão. 19.

CAP. V. *Da ordem que o Viso-Rey teve na desembarcação da Cidade de Damão: e de como Cide Bofatá a despejou, e ella foi entrada.* 26.

CAP. VI. *Das cousas, em que o Viso-Rey D. Constantino proveo: e das inquietações que os Abexins deram aos nossos: e de como o Viso-Rey mandou Antonio Moniz Barreto a dar nelles: e da grande vitoria que alcançou: e quem he o Rey do Sarzeta, e que cousa são Choutos.* 34.

CAP. VII. *De como o Viso-Rey D. Constantino mandou D. Pedro de Almeida a Balsar, e elle foi após elle, e do que lhe lá aconteceo: e da Armada que mandou ao Estreito, de que foi por Capitão mór D. Alvaro da Silveira: e das cousas em que mais proveo em Damão até se partir pera Goa.* 46.

LIVRO VII.

CAP. I. *De como Rama Rayo Rey de Bisnagá foi contra os moradores da povoação de S. Thomé, e cativou a todos, e depois os resgatou.* 53.

CAP. II. *Do que aconteceo a Luiz de Mel-*

lo

lo da Silva no Malavar: e de como destruio a Cidade de Mangalór: e da grande vitoria que alcançou de huma Armada de Malavares, de que era Capitão hum Rume, que se chamava Odo Rabo. 61.

CAP. III. *De como Luiz de Mello da Silva chegou a Goa, e o Viso-Rey o prendeo, e depois o mandou invernar a Cananor: e da Armada que despedio pera Maluco: e da conjuração que todos os Mouros do Malavar fizeram contra a nossa fortaleza de Cananor: e do grande assalto que lhe deram: e dos casos que nelle acontecêram.* 70.

CAP. IV. *Do que mais aconteceo por todo este verão na Ethiopia, nas guerras que aquelle Emperador tinha com os Mouros, e com huns Cafres chamados Gallas: e de algumas praticas que o Emperador teve com o Bispo sobre as cousas da nossa Religião Christã.* 85.

CAP. V. *De como deo huma gravissima enfermidade nos Turcos, de que morrêram todos: e de como o Bispo tratou de se partir pera a India pelas poucas esperanças que tinha da conversão daquelle Emperador: e de como se deixou ficar a rogo dos Portuguezes.* 94.

CAP. VI. *Do que aconteceo a D. Alvaro da Silveira no Estreito: e das cousas que*

mais

mais succedêram na Ethiopia : e das guerras que se levantáram, em que o Emperador foi morto : e do que mais succedeo no Imperio. 100.

CAP. VII. *De como os Turcos foram sobre a fortaleza de Baharem, e lhe puzeram cerco : e da Armada que D. Antão de Noronha lhe mandou de soccorro : e de como avisou D. Alvaro da Silveira pera que a soccorresse.* 109.

CAP. VIII. *Do que aconteceo a D. João de Noronha até Baharem : e de como as galés lhe corrêram : e do risco em que os nossos navios se víram de ser tomados : e de como D. Alvaro da Silveira chegou a Baharem, e tomou as galés, e cercou os Turcos na Ilha.* 115.

CAP. IX. *De como o Guazil de Baharem se vio com D. Alvaro da Silveira : e do que assentáram sobre o negocio dos Turcos : e do alvoroço, e motim que houve antre os nossos, por não querer D. Alvaro da Silveira dar batalha : e de como de desconfiado sahio aos Turcos : e da muito grande, e cruel batalha que tiveram, em que D. Alvaro da Silveira foi morto, e desbaratado.* 122.

CAP. X. *De como com as novas que chegáram a Ormuz, se fez prestes D. Antão de Noronha, e despedio diante Aleixo Car-*

Carvalho com recado a Baharem, e elle se partio apôs elle: e do que aconteceo a Aleixo Carvalho: e como se vio com o Baxá, e do que ambos tratáram. 134.

CAP. XI. *De como por ordem de Coge Ocem Camal, Parseo, mandáram os Turcos os Portuguezes cativos a D. Antão de Noronha: e dos recados que passáram antre Mir Soltão Alli, e elle: e de como D. Antão de Noronha por ordem sua mandou matar Mamede Bec, Capitão de Catifa, que foi a Baharem sobre concertos de pazes: e dos partidos que os nossos fizeram com os Turcos: e da descripção da Ilha Baharem.* 145.

CAP. XII. *Das cousas que mais acontecêram na Abassia: e das disputas que o Bispo teve com o Emperador sobre pontos da Fé por escrito, que os interpretes lhe falsificáram: e das paixões que tiveram por lhe o Bispo não querer entregar dous Frades Abexins, que fogíram pera elle.* 154.

LIVRO VIII.

CAP. I. *Da viagem que fizeram as náos, que partíram pera o Reyno no anno de 1559.: e de como não passáram mais que a Rainha, o Tigre, e o Castel-*

tello; e Francisco Barreto, e João Rodrigues de Carvalho arribáram a Moçambique: e da perdição da náo N. Senhora da Barca, de que era Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos: e de como se salvou no seu batel com sessenta pessoas: e do que mais lhe succedeo até tornar á India. 162.

CAP. II. *De como ElRey D. Sebastião supplicou ao Summo Pontifice Paulo IV. fizesse a Sé de Santa Catharina de Goa Arcebispado: e ás Igrejas Santa Cruz de Cochim, e N. Senhora da Assumpção de Malaca, Bispados: e da Armada que este anno de 1559. partio do Reyno, de que era Capitão mór Pero Vaz de Siqueira.* 179.

CAP. III. *Da Armada que o Viso-Rey D. Constantino mandou ao Malavar: e dos navios que foram de soccorro a Baharem: e do que lhes succedeo na viagem: e da guerra que Luiz de Mello da Silva fez por toda a costa do Malavar.* 185.

CAP. IV. *De como os Capitães Abexins corrêram até Balsar, e lhes sahio Alvaro Gonçalves Pinto, e lhes deo batalha, em que foi morto com a mór parte dos seus: e de como o Capitão de Damão D. Diogo de Noronha mandou soccorrer os nossos, que ficáram de cerco na fortaleza.* 195.

CAP.

CAP. V. *De como os Abexins tornáram sobre Balsar, onde já estava por Capitão Affonso Dias Pereira: e de como elle lhe sahio, e foi morto por desastre: e D. Diogo de Noronha soccorreo aquella fortaleza, e a largou por lho mandar assim o Viso-Rey D. Constantino.* 201.
CAP. VI. *De como os Abexins corrêram as Tanadarias de Damão, S. Gens, e Tarapor, e do que lhe nellas succedeo.* 208.
CAP. VII. *De como D. Diogo de Noronha foi buscar os Abexins, e lhes deo batalha, em que os desbaratou.* 211.
CAP. VIII. *De como o Viso-Rey D. Constantino mandou Christovão Pereira Homem a lançar em Maçuá o irmão Fulgencio Freire da Companhia de Jesus, com recado ao Bispo: e de como encontrou quatro galés de Turcos, e o tomáram.* 223.
CAP. IX. *Do que succedeo em todo este verão na Ethiopia depois da morte do Emperador Claudio, ou Athena Sagad: e de como os Grandes alevantáram por Emperador seu irmão Adamas Sagad, que persseguio o Bispo até o prender.* 232.
CAP. X. *Do que aconteceo a Luiz de Mello da Silva na costa do Malavar todo o mais resto do verão: e de como morreo o Veador da fazenda Aleixo de Sousa Chichorro.* 240.
CAP.

CAP. XI. *De como o Bisminaique, Senhor de toda a costa da Pescaria, veio com grande poder sobre a fortaleza de Punicalle, de que era Capitão Manoel Rodrigues Coutinho: e de como o desbaratou, e tomou aquella fortaleza.* 249.

CAP. XII. *De como Francisco Barreto, e João Rodrigues de Carvalho invernáram em Moçambique: e do que Francisco Barreto fez todo o tempo da invernada: e de como mandou concertar a sua náo, e a de João Rodrigues de Carvalho, e dahi se partio pera o Reyno: e da perdição da náo Garça, de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho: e de como Francisco Barreto salvou toda a gente della, e tornou arribar a Moçambique.* 256.

CAP. XIII. *Que trata de como Francisco Barreto, depois de chegar a Moçambique da segunda arribada, partio pera Goa pela costa de Melinde: e do que lhe aconteceo por ella: e de quando chegou a Goa, e de lá partio pera o Reyno na náo S. Gião: e de como a náo Patifa se perdeo em Mombaça, indo nella Bastião de Sá, que acabára de ser Capitão de Çofala: e de como D. Luiz Fernandes de Vasconcellos chegou a Goa, depois de se perder na náo Gallega: e de como se foi pera*

ra o Reyno na náo de Francisco Barreto. 273.

CAP. XIV. *Das grandes guerras, que se alevantáram antre ElRey de Cranganor, e o de Cochim: e da causa porque: e do grande temor, e respeito, que todos os Malavares tem ao Bemaventurado Apostolo S. Thomé: e das soberbas, e custosas festas que lhe fazem.* 285.

CAP. XV. *De como Bajazeto, filho de Solimão Emperador dos Turcos, fogio pera a Persia: e dos tratos que teve pera matar aquelle Rey: e de como elle o entregou a seu irmão Cilim.* 294.

LIVRO IX.

CAP. I. *Da grande Armada, com que o Viso-Rey D. Constantino partio pera Jafanapatão: e do que lhe succedeo até chegar lá.* 300.

CAP. II. *Do conselho que o Viso-Rey D. Constantino teve sobre o modo da desembarcação: e de como sahio em terra, e ganhou a Cidade: e das cousas, que na entrada della passáram.* 307.

CAP. III. *De como o Viso-Rey D. Constantino foi contra a fortaleza, onde ElRey estava, e a áchou despejada, e mandou al-*

alguns Capitães em ſeguimento de ElRey: e do extremo em que o puzeram, até chégar a commetter partidos. 318.

CAP. IV. *Do alevantamento que houve contra os noſſos em Jafanapatão: e do cerco que puzeram á fortaleza: e de como o Viſo-Rey eſcapou da conjuração, e ſe recolheo por mar á Armada: e do ſoccorro que mandou á fortaleza, de que foi por Capitão mór D. Antonio de Noronha: e do que lhe aconteceo na jornada.* 326.

CAP. V. *Da Armada que eſte anno de ſeſſenta partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge de Souſa: e do primeiro Arcebiſpo, e Inquiſidores que paſſáram á India: e do que aconteceo ás nãos deſta Armada na viagem: e de como o Viſo-Rey D. Conſtantino fez huma fortaleza na Ilha de Manar, e ſe foi pera Cochim.* 334.

CAP. VI. *Das couſas que neſte tempo ſuccedêram em Ceilão: e da guerra que D. Jorge Baroche fez ao Madune: e dos recontros que tiveram, e caſos que ſuccedêram: e de alguns feitos honroſos, que nelles acontecêram a alguns dos noſſos.* 340.

CAP. VII. *De outro aſſalto, que D. Jorge deo aos inimigos, em que eſteve de todo desbaratado: e de alguns feitos honroſos que*

que nelle ſuccedêram a alguns dos noſſos. 346.

CAP. VIII. *De como o Madre Maluco tentou de ſe ir ſobre a fortaleza de Damão: e do eſtratagema, de que D. Diogo de Noronha uſou pera homiziar o Cedemecan com o Madre Maluco, por onde o fez matar: e de outras couſas.* 351.

CAP. IX. *De como Chinguiſcan, filho de Madre Maluco, foi contra o Cedemecan, e o cercou: e da Armada que D. Diogo de Noronha mandou de ſoccorro a Surrate: e do que lhe lá ſuccedeo: e de como faleceo D. Diogo de Noronha: e de ſuas partes, e qualidades.* 361.

CAP. X. *Do que aconteceo ao Viſo-Rey D. Conſtantino em Cochim: e de como ſe vio com o Rey do Chembé, e fez com elle pazes: e do ſoccorro que mandou a Cranganor: e de como Luiz de Mello da Silva entrou a Ilha do Primbalão, onde eſtava todo o poder do Çamorim, e o desbaratou, e entregou aquella Ilha a El-Rey de Cochim: e da ſua chegada a Goa.* 370.

CAP. XI. *De alguns Capitães, que o Viſo-Rey D. Conſtantino deſpachou pera fóra: e da grande Armada que mandou a Ormuz, de que foi por Capitão mór Baſtião de Sá: e de outra, que foi de ſoccorro a Sur-*

Surrate em favor de Cedemecan, de que foi por Capitão mór D. Antonio de Noronha Catarraz : e do que succedeo a estas Armadas. 378.

CAP. XII. *Do que aconteceo a D. Antonio de Noronha em Surrate : e dos recados que passáram antre elle, e o Cedemecan : e de como ganhou huma estancia ao Chinguiscan, e lhe tomou a artilheria : e da batalha que lhe deo em campo, em que o desbaratou, e lhe fez alevantar o cerco, que tinha posto áquella fortaleza.* 391.

CAP. XIII. *Dos recados que se passáram antre D. Antonio de Noronha, e o Cedemecan : e de como o Capitão mór a sua petição commetteo a Cidade, pera lançar della o Chinguiscan : e de como D. Antonio de Noronha se vio com o Cedemecan sobre a entrega da fortaleza, e as causas que houve pera a não entregar : e de como a Armada sahio do rio, e D. Antonio de Noronha se foi pera Goa, e o Viso-Rey D. Constantino o mandou prender.* 403.

CAP. XIV. *De como os Mouros, que estavam na fortaleza de Surrate, quizeram matar Cedemecan pelos tratos que teve com D. Antonio de Noronha, e elle lhes fogio : e de como foi morto por ordem de Chinguiscan.* 412.

CAP.

CAP. XV. *Do que neste tempo aconteceo em Maluco: e de como aquelle Rey desistio do Reyno nas mãos do Capitão daquella fortaleza: e de outras cousas que mais succedêram.* 417.

CAP. XVI. *Do que aconteceo á náo S. Paulo: e de como se foi perder na Ilha Camatra: e do que passou a gente della.* 422.

CAP. XVII. *De como ElRey de Pegú mandou prometter huma somma de ouro ao Viso-Rey D. Constantino pelo dente do Bugio, que trouxe de Jafanapatão: e do que os Theologos sobre isso assentáram: e de como se queimou: e das partes, e qualidades deste Viso-Rey.* 428.

LIVRO X.

CAP. I. *De como foi eleito pera Viso-Rey da India D. Francisco Coutinho Conde do Redondo: e da Armada, com que partio no anno de 1561: e do que lhe aconteceo até chegar a Goa: e de como o Viso Rey D. Constantino lhe entregou a governança da India, e se embarcou na sua náo pera o Reyno, aonde chegou com muito prospera viagem.* 439.

CAP. II. *De como vieram novas que o Cossairo Cafar era sahido com tres galés a es-*

esperar as náos de Ormuz: e de como o Conde do Redondo Viso-Rey mandou a D. Francisco Mascarenhas com huma grossa Armada buscallo: e do que lhe succedeo. 447.

CAP. III. *Do que aconteceo a Jorge de Moura no Estreito do mar Roxo: e de como Pero Lopes Rabello pelejou com huma poderosa náo de Rumes: e de como ambos se abrazáram: e de outras cousas.* 452.

CAP. IV. *Do que mais succedeo nas guerras dantre Abexins, e Mouros: e do grande soccorro dos Turcos que entrou em Baroá: e do que o Emperador passou com os Portuguezes.* 460.

CAP. V. *De huma breve relação das cousas do Bemaventurado Apostolo S. Thomé, de sua morte, e milagres: e das grandes maravilhas de huma pedra, que se achou no lugar em que o matáram: e de huns padrões, que os Reys daquelle tempo passáram de rendas pera a Igreja que alli fez.* 467.

CAP. VI. *Das mais cousas, que acontecêram na Ethiopia: e de como o Capitão Isac se ajuntou com o Baxá dos Turcos, e alevantáram outro Rey: e do que aquelle Emperador fez sobre isso.* 488.

CAP. VII. *Da Armada que este anno de*

se-

sessenta e dous partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge Manoel: e das cousas em que o Conde Viso-Rey proveo: e de como D. Pedro de Sousa foi entrar na Capitanía de Ormuz, e levou comsigo Babuxa, que foi succeder naquelle Reyno: e das pazes que concedeo ao Çamorim. 494.

CAP. VIII. *Que dá conta dos Capitães, que entráram pelas terras de Damão: e de como Garcia Rodrigues de Tavora, Capitão daquella fortaleza, os foi buscar, e os desbaratou.* 502.

CAP. IX. *Da grande Armada, com que o Conde do Redondo Viso-Rey partio pera Cochim: e da formosa vista que deo ao Çamorim: e de como juráram as pazes: e do que lhe succedeo até se ir pera Goa: e da viagem que as náos fizeram até o Reyno, e se perdeo a náo S. Martinho, em que hia o Capitão mór.* 512.

CAP. X. *Da origem dos antigos Emperadores do Malavar, chamados Perimais: e do titulo de Çamorim: e de todos os Reynos que ha no Malavar: e do principio, e origem delles.* 521.

CAP. XI. *Do modo que se tem nas successões de todos estes Reynos do Malavar: e dos que são seus verdadeiros herdeiros: e do abuso que ha nas Nairas serem com-*

muas a todos: e de outras cousas muito novas, e curiosas. 529.

CAP. XII. *De algumas cousas destes Reys de Cochim, de que nossas historias não tratam, que são mui importantes saberem-se.* 534.

CAP. XIII. *De huma breve relação das Ilhas de Amboino: e do alevantamento que houve os annos passados contra os Christãos: e do perigo, em que se víram até chegar Henrique de Sá, que castigou os rebeldes, e livrou os Christãos.* 541.

CAP. XIV. *Da guerra que o Madune mandou proseguir contra a nossa fortaleza de Columbo, e de Cota, em que estava El-Rey Peria Pandar: e dos casos que acontecêram.* 548.

CAP. XV. *Do grande aperto, em que o Rajú poz os nossos: e de como Diogo de Mello Capitão de Manar foi de soccorro: e de outros soccorros que se lhe ajuntáram.* 554.

CAP. XVI. *Da Armada que este anno de sessenta e tres partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge de Sousa: e de como foi ao Malavar D. Francisco Mascarenhas: e da grande batalha, que Jeronymo Dias de Menezes teve com tres Paraos, de que todos sabíram destroçados: e de outras cousas.*

CAP. XVII. *Das cousas em que o Conde proveo : e de como mandou Domingos de Mesquita esperar os pagueis do Malavar, que vinham de Cambaya, com côr de alevantado : e da grande destruição que nelles fez : e de como faleceo o Conde Viso-Rey : e das partes, e qualidades de sua pessôa.* 566.

CAP. XVIII. *De como por morte do Conde do Redondo succedeo na governança da India João de Mendoça : e das cousas em que logo proveo.* 573.

CAP. XIX. *De alguns Capitães que o Governador João de Mendoça despachou pera fóra : e de algumas cousas em que mais proveo até chegar o Viso-Rey D. Antão de Noronha, que entra com a VIII. Decada : e das partes, e qualidades da pessoa deste Governador.* 580.

DECADA SETIMA.

Da Hiſtoria da India.

LIVRO VI.

CAPITULO I.

De como foi eleito pera Viſo-Rey da India D. Conſtantino, filho do Duque de Bragança: e da Armada com que partio no anno de ſincoenta e oito.

FALECIDO ElRey D. João o Terceiro, e entregues do governo do Reyno, e tutoria do menino Sebaſtião, que ficava de peito, a Rainha Dona Catharina ſua avó, e o Cardeal D. Henrique ſeu tio, tratáram, como foi tempo, de proverem nas couſas da India, por haver mais de tres annos que a governava Franciſco Barreto. E lançando os olhos por toda a Cor-

te, (porque desejavam de fazer eleição de huma pessoa, a que todos tivessem respeito, e que tratasse mais do que cumpria ao serviço de Deos, e de ElRey, que do seu particular,) os puzeram em dous homens, que se escusáram, do que a Rainha, e Cardeal ficáram tão enfadados, que publicamente se lhes conheceo. Succedeo neste tempo estar hum dia o Duque de Bragança D. Theodosio praticando com seu irmão D. Constantino sobre este negocio, estranhando ambos muito engeitarem aquelles homens tamanha cousa, disse D. Constantino: « Agora que » estes homens engeitáram isto, fora eu de » muito boa vontade á India só por serviço » de Deos, e de ElRey. » A isto não respondeo o Duque cousa alguma, nem D. Constantino fez caso disso, porque não disse aquillo senão em prática, por estranhar aos que engeitáram tamanho negocio. Mas o Duque, que era muito zeloso do serviço de ElRey, sem dar conta ao irmão do que hia fazer, se foi á Rainha, e ao Cardeal, e lhes disse « que lhes levava hum alvitre de muito » serviço de ElRei, e com que esperava de » temperar o desgosto, e descontentamento » com que andavam: » e então lhes contou o que passára com seu irmão D. Constantino, affirmando-lhes « que se o commettessem pe» ra a jornada da India, que acceitaria, pe-
» lo

» do zelo que tinha do serviço de ElRey »
o que lhe elles agradecêram muito. E indo-se dalli, foi D. Constantino logo chamado, e com palavras de muita obrigação o commettêram pera ir á India, agradecendo-lhe muito o zelo que mostrára ao serviço de El-Rey naquellas palavras, que passára com seu irmão o Duque. D. Constantino ficou sobresalteado, porque nunca cuidou que o Duque seu irmão lançasse mão do que disse, nem descubrisse o que antre ambos passáram em conversação secreta; e vendo que o penhoravam pela palavra, não se quiz escusar, antes lhes disse « que muito bem sabiam co-
» mo ElRey D. João, que Deos tinha em
» gloria, lhe tinha dado o cargo de Came-
» reiro mór, que elle já servia antes que el-
» le falecesse, que parecia justiça não lho
» tirarem, pois elle o não desmerecia; e
» tanto que tivesse o Principe idade, força-
» do havia de ter quem o servisse naquelle
» cargo. A Rainha lhe respondeo, que seu
» neto era ainda menino de peito, e que
» ainda se creava no collo das amas, e que
» haviam de passar alguns annos primeiro
» que houvesse mister Camereiro: que o fos-
» se elle servir á India, e quando de lá tor-
» nasse o ouviriam em seus requerimentos,
» e lhe fariam justiça. »

Com estas esperanças começou logo a

correr em ſeus negocios, não tendo nelles o deſpacho muito liberal, nem as vantagens, e mercês, que depois fizeram a muitos, porque o Principe era menino, e os tutores, e Governadores não quizeram logo entrar em governo com couſas extraordinarias; nem D. Conſtantino as requereo, pera lhe ficar melhor aução pera quando tornaſſe requerer o cargo de Camereiro mór. As náos que havia de levar erão quatro, com dous mil homens de armas, a que ſe foi dando a mór preſſa que puderam. E porque D. Conſtantino era de pouco mais de trinta annos, ſem experiencia dos negocios da fazenda, por ſer ſempre creado em Corte, ordenáram a Rainha, e o Cardeal de mandarem com elle hum homem, o mais grave que ſe achaſſe, pera correr com o cargo de Veador da fazenda, e de idade, e partes a quem D. Conſtantino tiveſſe muito reſpeito; e pera iſto elegêram Aleixo de Souſa Chichorro, de que muitas vezes fallamos pelo decurſo de noſſas Decadas, que já tinha ſervido aquelle cargo, depois de ter ſido Capitão de Çofala, (como na V. Decada fica dito no Capitulo IX. do VIII. Livro,) que era de ſetenta annos, de sã conſciencia, muito bom conſelho, e longa experiencia, aſſim da guerra, como da fazenda. E por acceitar eſta jornada, lhe fez a Rainha, e o Cardeal

deo tudo o que elle lhes pedio. E segundo ouvimos dizer em aquelle tempo, vinha isento do Viso-Rey na fazenda, e na primeira successão da governança da India. As náos por muito mais pressa que se lhes deo, não se puderão fazer á véla senão a sete de Abril do anno de sincoenta e oito, quinta feira da Paixão.

Os Capitães dellas erão: Da Garça, em que hia o Viso-Rey, fez elle D. Payo de Noronha, que levava sua mulher Dona Joanna Fajarda, e sua filha Dona Guiomar de Noronha menina, que depois casou na India duas vezes, a primeira com Alvaro Paes de Sotomayor, que foi Capitão de Chaul, de quem teve filhos, e filhas; e a segunda com D. João da Costa, que foi Capitão de Dio. Levava D. Payo de Noronha a Capitanía de Cananor em vida. Da náo Rainha era Capitão Aleixo de Sousa Chichorro, Veador da fazenda. Da náo Tigre era Capitão Pero Peixoto da Silva. Da náo Castello era Jacome de Mello. Hião embarcados com o Viso-Rey muitos Fidalgos, e dos que pudemos saber os nomes são os seguintes. D. Diniz filho do Marichal, Francisco de Mello filho do Monteiro mór, Ayres de Saldanha filho de Antonio de Saldanha, D. Antonio de Vilhena, D. Francisco Lobo, D. Luiz de Almeida, D. Francisco de Almeida,

dá, filho de D. Lopo de Almeida, que depois foi Capitão de Tangere; Fernão de Castro, filho do Veador do Duque de Bragança, Pero de Mendoça, que se chamava o Larim por ser magro, filho de Tristão de Mendoça, João Gomes de Castro, moço Fidalgo que foi do Infante D. Luiz, Pero da Silva de Menezes, irmão de Fr. Thomaz de Sousa, Frade da Ordem de S. Domingos, Jeronymo Dias de Menezes, João Lopes Leitão, Gil de Goes despachado com a Capitanía de Goa, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros.

Foi esta Armada seguindo sua derrota, e sem achar contrastes, chegou a Moçambique entrada de Julho, e alli achou D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que deixámos invernando no Brazil, donde tinha partido a quatorze de Agosto do anno de sincoenta e sete, vespera de nossa Senhora da Assumpção. E chegando a Moçambique a dous de Maio de sincoenta e oito, D. Constantino lhe fez muitos gazalhados, por serem muito amigos. Achou tambem alli a não Patifa, de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho, que por chegar tarde não pode passar á India. E tomando provimentos, e agua, partíram todos juntos a sinco de Agosto, e assim juntos chegáram á barra de Goa a tres de Setembro.

CAP.

CAPITULO II.

De como o Viso-Rey D. Constantino tomou posse do Estado da India, e das cousas em que logo provêo: e da causa, por que se alevantou a guerra em Cananór.

SUrto o Viso-Rey D. Cònstantino na barra de Göa, foi logo visitado da Cidade, e Fidalgos, a cujo rogo esperóu sinco, ou seis dias, em quanto lhe preparáram seu recebimento; e passados elles, entrou na Cidade, onde foi recebido com muitas festas, e grande alvoroço de todos, como homem que era tão conjunto no sangue com os Reys de Portugal. Francisco Barreto lhe entregou a governança, e tirou seus papeis, e instrumentos, e se foi pera as casas de Antonio Pessoa, onde esteve até se partir pera o Reyno, que foi a vinte de Janeiro do anno de mil quinhentos sincoenta e nove, e o Visó-Rey se aposentou na fortaleza, que já estava despejada, e armada, e começou a correr com as cousas de sua obrigação, mettendo de posse do cargo de Veador da fazenda a Aleixo de Sousa Chichorro, e do de Secretario do Estado ao Licenciado Belchior Serrão, que delle hia provído, homem Fidalgo, velho, e de muito boas letras, e partes, por cujo respeito o Infante D. Luiz lhe foi muito af-

affeiçoado, e se servio delle em cousas mui honrosas.

A primeira cousa, que o Viso-Rey despachou pera fóra foi D. Payo de Noronha, pera ir entrar na Capitanía de Cananor, que foi embarcado com toda sua casa em alguns navios ligeiros; e chegando áquella fortaleza, tomou posse della, e logo ElRey de Cananor o mandou visitar, como he costume, e o mesmo fez o Guazil; e a voltas disso lhe mandáram alguns presentes das cousas da terra, que D. Payo lhes não quiz acceitar, nem respondeo bem aos recados; a causa disto não a soubemos: mas elles ficáram affrontados daquillo, e o houveram por tão grande descortezia, que claramente o mostráram. E como os Mouros, que vivem por aquelles Reynos, são inimigos do nome Christão por natureza, e dos Portuguezes, pelo muito antigo odio que lhes cobráram depois que descubríram a India, e nunca se lhes offereceo occasião de o mostrarem, que o dissimulassem; vendo agora ElRey queixoso, tivéram mais ousadia pera se alterarem, e haver entre elles movimentos. Succedeo juntamente com isto hum Mouro por nome Paliata, que vivia no rio do Sal, alli perto, armar hum paro pera sahir a roubar: o que sabido por ElRey, como não queria romper de todo com os Portuguezes, mandou avisar a D.

D. Payo, e dizer-lhe « que mandasse tomar à » boca daquelle rio por alguma fusta, ou » navio, pera que não sahisse aquelle ladrão » a roubar; ou que lhe mandasse emprestar » hum par de berços, e alguma polvora, » que elle armaria hum navio seu, e o man- » daria a isso, porque queria atalhar desgos- » tos » do que D. Payo não fez caso: antes em vez de agradecer a ElRey aquelle aviso, lhe respondeo mal, com o que El-Rey se acabou de escandalizar. O Mouro Paliata, tanto que teve prestes o seu navio, sahio nelle pelo mar a roubar livremente; e logo quiz a desaventura que achasse huma fusta, que hia pera Cochim, com dez, ou doze Portuguezes, e abordando-a, (posto que os nossos pelejáram valorosamente em sua defensão,) foram a mór parte delles mortos, e a fusta levada chea de fazendas. Isto se soube logo em Cananor, e o Alcaide mór avisou com muita pressa o Viso-Rey D. Constantino, porque tambem a terra se começava já a alterar, pera que mandasse acudir áquelle negocio. Com este recado despedio o Viso-Rey com muita diligencia sinco navios, que nos primeiros dias de Setembro tinham chegado do mesmo Cananor, de que foi por Capitão mór Ruy de Mello, homem Fidalgo, e casado naquella fortaleza com huma filha de Duarte Barbo-

sa,

ſa, e os mais Capitães eram Gonçalo Sanches, Belchior Godinho, Diogo Barbacho, Pedralvares, e hum foão Pimentel.

Chegados eſtes navios a Cananor, acháram a terra tão alterada, e os Mouros tão ſoberbos, que já não havia communicação antre os noſſos, e os Mouros, nem ouſava Portuguez algum ir á Cidade, antes eſtava a fortaleza com grandes vigias, e pelos rios ſe começavão a armar navios de Coſſairos pera ſahirem a roubar. De todas eſtas couſas tornáram logo a aviſar o Viſo-Rey, que com muita preſſa deſpedio Luiz de Mello da Silva com mais nove navios de remo, de que eram Capitães Coſmo Faya, Baſtião Gonçalves, Alvaro Dias, Domingos de Coimbra, Antonio Mouro, João Luiz, Diogo Lourenço, e o Capitão mór, que hia em huma galeota de appellação de dous baileos, e levava por regimento « que ajun» taſſe a ſi os navios, que foram com Ruy » de Mello (que ſe tornou pera Goa) e fi» caſſe Luiz de Mello correndo a coſta com » muitas intelligencias nos rios, em que ſe » armavam os Coſſairos pera lhes atalharem » ſua ſahida, e darem nelles primeiro que » fizeſſem algum damno. » A guerra já ſe hia declarando de todo da parte dos Mouros, ainda que da de ElRey eſtava a couſa parada; porque acudíram a iſſo Coge Cemaçadim,

dim, e Nicore Garipo, hum Nayre principal do Reyno de Cananor, e Jangada da fortaleza, muito amigos dos Portuguezes; e grande servidor de ElRey de Portugal, e assim sempre mostrou isto por obra nos cercos de que adiante daremos razão, causados todos da sequidão de D. Payo de Noronha. Estes ambos acudírão a temperar o Aderajao, que era cabeça de todos os Mouros, e Regedor mór de todo o Reyno, que tinha em seu peito guardado aquelle grande odio, que cobrára aos Portuguezes pela morte de seu tio Pocaralle, que Henrique de Sousa Chichorro, em tempo do Governador Martim Affonso de Sousa, matou na praia de Cananor, sobre Coge Cemaçadim; como no Capitulo VIII. do X. Livro da V. Decada fica dito; e por esta razão tomou aquella occasião pera a guerra, que desejava fazer áquella fortaleza: e nunca em quanto viveo deixou de mostrar este odio em todas as cousas que pode.

CA-

CAPITULO III.

Das intelligencias que o Viso-Rey D. Constantino teve com Ithimitican sobre lhe dar a Cidade de Damão, e lha concedeo: e do conselho que tomou sobre mandar, ou ir sobre ella: e de como despedio as náos pera irem a Cochim tomar a carga pera o Reyno, e Francisco Barreto partio de Goa.

JÁ démos atrás conta de como D. Diogo de Noronha, estando por Capitão de Dio, sendo Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, desejára de haver ás mãos a Cidade de Damão, sobre o que mandou Diogo Pereira por Embaixador a tratar aquelle negocio com Madre Maluco, que não houve effeito. Depois succedendo-lhe o Governador Francisco Barreto, vendo quanto importava pera segurança das terras de Baçaim haver a Cidade de Damão, assim pela mesma razão assima, como pela grossidão, e prosperidade de suas terras, e aldeas, em que se podiam aposentar muitos cavalleiros, e casados pobres, que tinham servido ElRey, o Governador mandou (como dissemos) Christovão de Couto, lingua do Estado, por Embaixador ao mesmo Madre Maluco, tutor de ElRey de Cambaya; e o reque-

querimento que levava, era pedir-lhe « que » lhe entregasse a Cidade de Damão com » todas suas Tanadarias, e jurdição, e que » lhe largaria ametade do rendimento da » Alfandega de Dio, assim, e da maneira » que Soltão Mahamude a possuio, quando » fez novos contratos de pazes com o Go- » vernador D. Estevão da Gama » como na V. Decada no Capitulo IV. do VII. Livro fica dito: o que tambem se não effeituou pelas desavenças que havia antre os Governadores do Reyno, e tutores do Rey; do que D. Diogo de Noronha se tomou tanto, como atrás fica dito no Capitulo VIII. do III. Livro. E como elle desejava muito de accrescentar aquellas terras ao Estado da India, porque todos os seus fardos, empregos, e mercadorias foram solicitar sempre, e sonhar com o serviço de ElRey, e augmentação de seu Estado, como quasi todos os Fidalgos daquella sorte então faziam. Pelo que nunca deixou de trazer intelligencias com o Itimiticãn, em cujo poder então estava aquelle Rey, e com os Capitães do seu conselho, persuadindo-lhe « que melhor lhe vi- » nha possuir ElRey de Portugal aquella » Cidade, que não o Abexim, que com el- » la estava alevantado, e se hia fazendo » mais poderoso, e que por ventura por » tempos não deixaria de aspirar a se fazer » Rey. »

» Rey. » E como D. Diogo de Noronha trazia isto na imaginação, tanto que D. Constantino chegou a Goa, logo lhe deo conta do estado em que aquellas cousas estavam, e do que sobre ellas tinha passado com o Ithimitican, persuadindo-o a ir sobre aquella Cidade, dando-lhe pera isso muitas razões, mui vivas, e urgentes. D. Constantino como tinha já noticia do zelo de D. Diogo de Noronha, e de sua prudencia, e conselho, tomou aquelle de D. Diogo, e despedio recado ao Ithimitican, e aos mais do conselho de ElRey sobre aquelle caso, a que tambem escreveo D. Diogo de Noronha, a quem todos elles tinham grande respeito. Quem foi a isto, e como correo, não achámos informação certa; mas quem quer que fosse, elle tratou aquelle negocio por taes termos, que concedêram pera o Estado a Cidade de Damão com todos seus termos, e Tanadarias, de que lhe passáram logo hum formão em nome de ElRey de Cambaya, com que se mandou tomar posse della. Algumas pessoas dizem que já o Ithimitican tinha concedido este formão ao Governador Francisco Barreto, a quem (se assim foi) não queremos roubar o seu. E esta confusão fez não se achar este formão, e ser na India tudo o desta sorte perdido pelos descuidos que muitas vezes apontamos. E as-

[Aſ]ſim nas couſas deſta qualidade não tem o Eſtado maior direito, que na poſſe em que eſtá. Em fim como quer que foſſe, depois do Viſo-Rey D. Conſtantino ter recado dos Regedores de Cambaya, poz em conſelho dos Fidalgos, e Capitães velhos aquelle negocio, e os mais delles foram de parecer, que pois ElRey livremente concedia a Cidade de Damão, que baſtava pera ir tomar poſſe della Antonio Moniz Barreto, que eſtava por Capitão de Baçaim, e que ſe eſcuſariam muitas deſpezas, que forçado ſe haviam de fazer, ſe quizeſſe ir em peſſoa.

Aſſentado iſto, eſcreveo o Viſo-Rey a Antonio Moniz Barreto « que ajuntaſſe a » gente que havia naquella Cidade, e ar» maſſe os navios que lhe pareceſſe, e que » foſſe tomar poſſe de Damão, mandando» lhe o traslado do formão juſtificado. Dado eſte recado a Antonio Moniz Barreto, ſe começou a fazer preſtes, e lançou eſpias em Damão, pera ſaber o modo de como aquella Cidade eſtava, de quem foi aviſado » que Cide Bofatá Abexim, que nella eſta» va, tinha mais de tres mil homens Abe» xins, e Turcos, e outros homens bran» cos; e que eſtava muito fortificado na Ci» dade; do que aviſou logo ao Viſo-Rey, » lhe certificou que pera lançar dalli o Ci» Bofatá era neceſſario todo o poder da

» In-

» India.» Com eſte deſengano tornou o Viſo-Rey ajuntar conſelho, e nelle moſtrou as cartas de Antonio Moniz Barreto, e mandou que ſobre ellas votaſſem. D. Diogo de Noronha tomou a mão a fallar primeiro que todos, e diſſe « que lhe parecia muito bem » que foſſe em peſſoa áquelle negocio, pois » achára tão potente Armada no mar, como » era a que o Governador Franciſco Barre» to tinha feita preſtes, e negociada, e os » almazens provídos de muitos mantimen» tos, e munições, e que já agora a Cidade » de Damão era de ElRey de Portugal pe» la conceſsão que della lhe fizera o de Cam» baya, e que forçado ſe havia de ir tomar » poſſe della, como de couſa propria da » Coroa; e que eſtava certo o Cide Bofatá » como o viſſe ſobre aquella barra largar » tudo, e deſpejar-lhe a Cidade;» e dizendo-lhe ſobre iſto tantas outras couſas, que não tão ſómente todos os do conſelho lhas provâram, mas ſe foram com elle. O Viſo-Rey mandou logo fazer paga geral a todos, e prover a Armada de mantimentos, e deſpachou as náos pera irem tomar carga a Cochim, pera onde ſe foi tambem embarcar D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos na ſua náo Santa Maria da Barca.

O Governador Franciſco Barreto em Goa, pera dalli ſe partir pera o R

E porque a náo Garça, em que viera o Viso-Rey D. Constantino, era de mil toneladas, a maior que até então se víra na carreira da India, e não havia em Goa carga bastante pera ella, pedio Francisco Barreto ao Viso-Rey que désse aquella a João Rodrigues de Carvalho, pera ir tomar a carga a Cochim, e lhe désse a elle a de João Rodrigues, que era mais pequena, e já velha, por causa das muitas vezes que invernára naquella viagem, antes de chegar á India. O que o Viso-Rey fez com facilidade, por ser assim mais proveito da náo, e dar gosto a Francisco Barreto, que o tinha de partir de Goa. Concertada a náo Aguia, (que tambem se chamava a Patifa,) começáram de a carregar, e metter nella os mantimentos necessarios pera a viagem; sendo vinte de Janeiro do anno de mil quinhentos sincoenta e nove, se fez Francisco Barreto á véla da barra de Goa, com quem forão embarcados muitos Fidalgos, e cavalleiros a requerer satisfação dos serviços que tinham feito a ElRey, a quem foi sempre dando meza; e aos que pudemos saber os nomes, são estes.

Jeronymo Barreto Rolim, irmão de Ruy Barreto Rolim da Pampulha, primo com irmão do Governador Francisco Barreto; D. Diogo Lobo, sobrinho de D. João Lobo;

Barão de Alvito; D. Affonſo Henriques caſado em Baçaim, parente de D. Jorge Henriques, Senhor das Alcaçovas; D. Franciſco de Moura, irmão de D. Rolim de Santarem; D. Filippe de Caſtro, filho de D. Rodrigo Hombrinhos, deſtes do Torrão; Manoel de Brito o Langará; Pedralvares de Mancellos, filho de Antonio de Mancellos, que morreo no ſegundo cerco de Dio no anno de mil quinhentos quarenta e ſeis; Manoel da Nhaya Coutinho, irmão de Diogo da Nhaya Coutinho, naturaes de Santarem, e muito parentes de Franciſco Barreto; Baſtião de Rezende, filho natural de Garcia de Rezende; Diogo de Vaſconcellos, collaço do Principe; Franciſco de Gouvea, e outros criados de ElRey, a que não ſoubemos os nomes. Eſta não foi fazendo ſua viagem com ventos proſperos, e bonançoſos; e as outras partíram de Cochim no meſmo tempo, de cuja jornada adiante daremos razão, por tirarem agora por nós as couſas de Cananor.

CAPITULO IV.

De como os Mouros de Cananor se alevantáram de todo: e do que fez Luiz de Mello da Silva: e dos navios que mais lhe mandou o Visó-Rey D. Constantino: e da grande Armada com que partio pera Damão.

DEixámos as cousas de Cananor em começo de rotura com a nossa fortaleza, e desejosos os Mouros de se declararem de todo, e de lhe fazerem guerra, por satisfazerem a seus odios. E como a cousa era entendida dos nossos, não deixava Luiz de Mello ir soldado algum da sua Armada á Cidade dos Mouros, nem ainda sahirem das tranqueiras pera fóra, e por esta causa não se queria apartar de Cananor, porque já com os Mouros o verem alli, não se desavergonhariam tanto; mas tinha mandado tomar as bocas de alguns rios, onde se armavão navios de ladrões, com os navios da sua Armada, pera não poderem sahir a roubar. Estando as cousas neste estado, quiz a fortuna que succedesse chegar a Cananor huma fusta, que levava fato, e matalotagem de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que hia pera Cochim, e surgio fóra; e hum homem que nella hia, metteo-se em huma al-

madia, e foi-se á povoação dos Mouros, parecendo-lhe que a terra estava de paz, a ir comprar cousas pera a matalotagem. Os Mouros tanto que o vírão lá, lançárão mão delle, e o prendêram, do que logo foi avisado Luiz de Mello, que estava na fortaleza; e embarcando-se nos navios, que alli tinha, se foi pôr defronte das casas do Aderajao, (que estavam á vista do mar,) e as esbombardeou á sua vontade, fazendo-lhe muito damno, e matando-lhe no bazar muita gente. Os Mouros tanto que vírão aquillo, ajuntando-se perto de tres mil delles, sahíram da Cidade, e foram com grandes gritas commetter as tranqueiras de fóra da fortaleza, que cércam o arrabalde, e com grande determinação tratáram de as cavalgar; ao que acudio D. Payo de Noronha com a gente que havia, e se poz em sua defensão. Luiz de Mello lá aonde estava esbombardeando a Cidade, ouvio a grita, e matinada, e a artilheria da fortaleza, que começava a esbombardear o campo; e voltando pera a fortaleza, desembarcou na praia com duzentos homens, e remettendo com os Mouros, travou com elles huma muito aspera batalha, em que houve alguns mortos, e feridos; e por fim de razões, os nossos apertáram com elles tanto, que os leváram de vencida, e os foram seguindo até á sua Ci-

Cidade, fazendo nelles grande estrago. E contentando-se Luiz de Mello com a vitoria, que lhe Deos tinha dado, se foi recolhendo a seu salvo pera a fortaleza. E logo despedio hum navio ligeiro com cartas pera o Viso-Rey, dando-lhe conta de tudo o que era passado, e de como a guerra ficava aberta, e declarada, pedindo-lhe mais navios, e gente pera lha poder fazer com mór cabedal.

Partido este recado, logo sobre a tarde (porque foi isto huma manhã cedo) chegou á fortaleza Coge Cemaçadim, e trouxe comsigo o homem de D. Luiz Fernandes, que os Mouros prendêram, que o Aderajao lhe mandou dar, e o entregou ao Capitão; mas não pode temperar os Mouros, nem apaziguallos, sobre o que trabalhou bem. Chegado o recado a Goa, estando o Viso-Rey já prestes pera se embarcar, e vendo as cartas, e o estado em que aquellas cousas estavam, ajuntou conselho, e praticou sobre o modo que se teria naquelle negocio; e não deixou de parecer a alguns « que seria ne» cessario acudir elle com todo aquelle po» der a Cananor, e ordenar aquellas cousas, » e deixar a jornada de Damão pera outro » tempo, porque se logo em principio não » atalhasse aquella guerra, poderia vir de» pois dar grande trabalho ao Estado. Mas » ou-

» outros forão de parecer que não deixasse
» a jornada de Damão, que era de muita
» importancia, porque pera as causas de Ca-
» nanor bastava Luiz de Mello com qual-
» quer Armada, e mais gente que lhe man-
» dasse. »

Com esta resolução despedio seis, ou sete navios pera se irem ajuntar com Luiz de Mello, de que erão Capitães Manoel da Silveira em huma galeota Latina, Gomes Eannes de Freitas, hum Fidalgo das Ilhas Terceiras, Ruy Godinho de Cananor, Pero Godinho, e outros. E deste negocio fizeram culpa ao Viso-Rey D. Constantino dous homens, que não eram seus amigos, e lha deram em sua residencia, de não deixar a jornada de Damão, ficando Cananor de guerra, que foi o mór crime que se lhe poz, e em que elle teve menos culpa, porque tudo fez por conselho de Capitães velhos, e experimentados. E segundo depois o tempo mostrou, mais merecia pela jornada de Damão fazer-se-lhe mercê, que darem-lha por culpa. E deixando esta materia, tornemos aos navios que hiam de soccorro, que em breves dias chegáram a Cananor: e Luiz de Mello, que andava já no mar fazendo guerra aos Mouros, os espalhou pelas bocas dos rios principaes, assim pera defenderem que não sahissem cossairos a roubar, como pe-

lhes tolherem os mantimentos, que era mor guerra que se lhes podia fazer.

Partidos estes navios de soccorro de Goa, despachou o Viso-Rey D. Constantino a D. Pedro de Almeida pera ir entrar na Capitanía de Baçaim, por ter já acabado seu tempo Antonio Moniz Barreto. E escreveo áquella Cidade, e á de Chaul a jornada, pera que se ficava fazendo prestes, pedindo aos moradores principaes o quizessem acompanhar com alguns navios, e mandou aos Officiaes que lá lhe tivessem negociados muitos mantimentos, e outras cousas necessarias pera a sua Armada. E juntamente mandou alguns mercadores Gentios, homens de confiança, pera que fossem espiar a Cidade de Damão, e o esperassem em Baçaim, com o aviso da gente que os abexins tinham, e do modo de como estavam fortificados. D. Pedro chegou em poucos dias a Baçaim, e tomou posse daquella fortaleza, e Antonio Moniz Barreto se foi pera Goa, onde foi muy bem recebido do Viso-Rey por suas partes, e qualidades, e com sua chegada começou o Viso-Rei a embarcar-se, e entregou o governo ao Capitão da Cidade, que era D. Pedro de Menezes o Ruivo, de Cantanhede, porque Aleixo de Sousa Veador da fazenda era ido a Cochim a despachar as náos pera o Reyno. E pelas Oitavas do Natal

tal se fez o Viso-Rey á véla com hum[ar]mada de mais de cem navios, em que leva va perto de tres mil homens, gente muito limpa, e lustrosa, e os Capitães delles são os seguintes.

O Viso-Rey no galeão S. Mattheus, de que era Capitão Pero Fernandes, Cavalleiro da Ordem de Sant-Iago, Mestre das Ferrarias de Goa, grande Engenheiro; D. Diogo de Noronha o Corcós no galeão Sant-Iago; D. João de Taíde no galeão S. Thomé; Gonçalo Falcão no galeão S. Sebastião; Pantaleão de Sá no galeão S. Francisco; D. Alvaro da Silveira no outro galeão Sant-Iago Maior; Pero Barreto Rolim no galeão Santa Cruz; Jorge da Silva Correa, a que chamão o Chorão, no galeão S. Boaventura; Martim Affonso de Miranda no galeão Rosario; Alvaro Paes de Sotomaior em outro galeão S. Thomé; D. Martinho da Cunha, Manoel de Vasconcellos o Velho, Fernão de Sousa de Castello-branco, Filippe Carneiro de Alcaçova, Henrique de Vasconcellos, João de Mello, João Pereira, Manoel de Mello da Cunha, Fernão de Noronha, Diogo Pereira, e André de Sousa em caravellas redondas, e Latinas; Antonio Moniz Barreto em huma galé, que não quiz o Viso-Rey levar mais por causa da chusma; e não quiz tomar os escravos dos mora-

ra-

es, como alguns Viso-Reys fizeram. do o mais foram galeotas, e fustas, de que não fazemos distinção, por escusarmos prolixidade, cujos Capitães erão: Inofre do Soveral de huma galeota Latina grande de dous bateos, que o Viso-Rey levava pera se passar a ella, Ayres Telles de Menezes, D. Vasco de Taíde, D. Leoniz Pereira, D. Diogo de Taíde, D. Lourenço de Sousa, D. Francisco Henriques, D. João Coutinho, Alvaro Pires de Tavora, André de Sousa, João Lopes Leitão, Christovão Pereira Homem, Tristão de Sousa de Gusmão, Tristão Vas da Veiga, Jorge de Mello de Sampayo, o Pantufo, Tristão de Sousa, filho de Martim Affonso de Sousa, Diogo de Miranda de Azevedo, Ruy de Mello Pereira, Jorge de Mello de Castro, Diogo Juzarte Tição, Antonio de Abreu, João de Mello, Jorge de Moura, Pero de Mesquita, Henrique Jaques Ouvidor geral, Balthazar da Costa, Luiz de Aguiar, Cosmo Fayo, João Marrão Feitor da Armada, Gonçalo Guedes de Reboredo, Manoel Travassos, Antonio de Sá, Manoel Pinto, André Coelho, Fernão de Carvalho, Damião Furtado, Gaspar Pacheco, e outros muitos, a que não achámos os nomes.

Com toda esta Armada foi o Viso-Rey tomar Chaul em poucos dias, e foi mui

bem

bem recebido da Cidade, e de Garcia Rodrigues de Tavora, que eſtava alli por Capitão, e achou já alguns navios preſtes pera o acompanharem. E depois que alli deo ordem a algumas couſas, paſſou a Baçaim; onde proveo em outras; e tomando alli mantimentos, e outras couſas neceſſarias, foi ſurgir ſobre a Cidade de Damão, da banda de fóra com toda a Armada, que encheo aquelle mar, e aſſombrou a Cidade, e a todos os que víram.

CAPITULO V.

Da ordem que o Viſo-Rey teve na deſembarcação da Cidade de Damão: e de como Cide Boſatá a deſpejou, e ella foi entrada.

JÁ o Viſo-Rey levava aviſo do ſitio, e fortificação da Cidade, e poder dos Abexins pelas eſpias que adiante tinha mandado, que achou em Baçaim, pelo que vinha determinado a logo deſembarcar, e per iſſo mandou a D. Diogo de Noronha que foſſe em alguns catures ligeiros a ſondar a entrada da barra; o que elle fez, levando comſigo o Patrão mór da ribeira, e o Piloto mór da Armada; e entrando o rio, eſteve muito devagar notando o modo da fortificação, e dos fortes que os Abexins tinham fei-

pera defensão da barra, que eſtavam de ção, que a Armada não poderia entrar ſem grande riſco, poſto que o rio era capaz de vaſilhas de trezentas até quatrocentas toneladas, mas muito eſtreito, e que forçados os navios haviam de ſurgir debaixo dos fortes, e da ſua artilheria.

E primeiro que paſſemos daqui, daremos razão do que hia na Cidade, e da ſua fortificação. Eſtavam dentro nella Cide Bofatá, Cide Rana, e Carnabec, tres Abexins principaes, e cabeças de todos os que andavam no Reyno de Cambaya, que eram mais de quatro mil; que tanto que o Viſo-Rey ſe fez preſtes em Goa pera aquella jornada, logo foram aviſados diſſo. Pelo que com muita preſſa mandáram fazer alguns fortes na ponta da barra ſobre o Canal, e os guarnecêram de muita artilheria, e munições; e a fortaleza, que era de adobes quadrada, renováram, repairáram, e provêram de muitos mantimentos, e munições, e recolhêram dentro tres mil Abexins, homens muito determinados, porque determinavam de ſe defender do Viſo-Rey; porque entendiam que ainda que lhes puzeſſe cerco, não poderia durar mais que tres mezes, e que em Abril forçadamente ſe havia de recolher, e pera todo eſte tempo eſtavam baſtantemente providos do neceſſario. Mas agora

ven-

vendo a potencia daquella Armada, a [illegible] deza daquelles galeões, que pareciam montanhas sobre o mar, perdêram o animo de todo, e tratáram de não esperar aquelle poder; começando a despejar a Cidade, e passar suas mulheres, e joias á outra banda. E os moradores della de fóra, que eram muitos, e prosperos, e de muitos officiaes de toda a mecanica, tambem se puzeram em salvo, por não esperarem aquella furia. D. Diogo de Noronha, tanto que vio, e notou tudo muito bem, e á sua vontade, tornou-se ao Viso-Rey; e presentes os Fidalgos, e Capitães velhos, e do conselho, lhes deo relação do que víra, e notára, sobre o que lhe mandou o Viso-Rey que votasse sobre o modo que se teria na desembarcação da Cidade; o que elle fez largamente com muitas razões, concluindo « que lhe parecia me-
» lhor desembarcar na costa brava, porque
» em tempo de terrenhos estava quieta, e
» mansa; e se commettessem a entrada da
» barra, arriscava-se a lhe metterem alguns
» galeões no fundo, e a lhe matarem muita
» gente; o que seria causa, posto que se to-
» masse a Cidade, de lhes ficar a vitoria
» menos formosa.» Sobre isto votáram todos, e os mais concordáram com elle, assentando todos que o Viso-Rey ficasse no mar com toda a Armada; e que tanto que visse

so-

ſobre a fortaleza alevantada huma bandeira das noſſas, entraſſe pelo rio dentro.

Concluido iſto, ordenou o Viſo-Rey que deſembarcaſſem ſinco Capitães com dous mil homens, e que eſtes foſſem D. Diogo de Noronha, que havia de levar a dianteira, pera quem ſe paſſáram a mór parte dos Fidalgos, e Aventureiros, Antonio Moniz Barreto, Martim Affonſo de Miranda, Pantaleão de Sá, e Pero Barreto Rolim.

Negociadas as couſas neceſſarias pera a deſembarcação, que havia de ſer a dous de Fevereiro, dia da Purificação de noſſa Senhora, por ſer tão aſſignalado, paſſáram-ſe os Capitães, que haviam de deſembarcar, a navios pequenos, e aos batéis dos ſeus galeões, e commettêram a terra antre a Cidade, e o rio de Calaim pera Damão, hum tiro de camelo da fortaleza; e na parte que cada hum pode tomar, deſembarcou, levando D. Diogo ordem pera tomar primeiro a Cidade de fóra, por lhe não ficar nas coſtas; e que depois foſſe demandar a porta da fortaleza, que hia pera a banda do Sertão, porque ſe lhe havia de abrir, por ter o Viſo-Rey pera iſſo intelligencias com certas peſſoas de dentro, que eſtavam mui bem peitadas. O primeiro que poz os pés em terra foi Pero Barreto Rolim, e poz logo ſua gente em ordem com ſua bandeira deſ-

en-

enrolada, e ao som de tambores, e pifaros, começou a marchar pera a Cidade. D. Diogo de Noronha desembarcou hum Rouco abaixo; e como via que Pero Barreto Rolim hia já marchando sem esperar por elle, ficou hum pouco pejado, e depois de pôr a sua gente em ordem, foi atravessando humas hortas que alli estavam, o que tambem fizeram os mais Capitães. Pero Barreto Rolim posto que se adiantou, tanto que passou o areal, e deo no caminho corrente, que hia pera a Cidade, se foi detendo, e esperando por D. Diogo de Noronha, que já vinha perto delle; e antes de chegarem á Cidade, se ajuntáram todos, e a entráram sem acharem pessoa viva; e atravessando por ella, não deixando os soldados de levar algumas cousas nas mãos, do que pelas casas acháram, (porque com a pressa deixáram seus moradores alguma roupa,) Pero Barreto foi passando até descubrir a fortaleza, donde lhe atiráram algumas bombardadas, que deram antre os nossos, sem lhes fazer damno algum. O Cide Bofatá, e os Abexins, que com elle estavam, sempre estiveram com tenção de se defenderem em quanto pudessem; e quando vissem o feito mal parado, recolherem-se de noite. Mas quando vio o poder do Viso-Rey sobre si, e a determinação dos nossos, logo desconfiou, e ainda

se

se acabou de haver por perdido, quando lhe disseram que o Viso-Rey tinha intelligencias com certas pessoas dentro na fortaleza; e fazendo brevemente pesquiza, soube serem huns sinco, ou seis companheiros, Purcias de nação, homens de cavallo muito nobres; e havendo-os ás mãos, lhes mandou cortar as cabeças, e logo despejou a fortaleza, e se passou á outra banda, indo já as nossas bandeiras perto da fortaleza. D. Diogo de Noronha foi assim concertado a demandar a porta, que o Viso-Rey lhe tinha dito, e onde as espias o hiam encaminhando; e pouco antes de chegar a ella se adiantou D. Manoel Rolim, que hia na companhia de Pero Barreto Rolim com alguns companheiros, e chegando á porta, a achou aberta; e entendendo que estava despejada, entrou dentro, e se subio a hum cubello, e arvorou sobre elle hum guião que levava. D. Diogo de Noronha chegou á porta da fortaleza; e vendo-a aberta, e sabendo estar já D. Manoel Rolim dentro, encostou a sua bandeira á porta da banda de fóra, sem querer entrar dentro por cortezia do Viso-Rey, que já vinha entrando pela barra, por ver sobre o cobello o guião arvorado, e que lhe capeavão com elle; e surgindo defronte da fortaleza, a salvou com toda a artilheria, e o mesmo fizeram os galeões que fi-

cá-

cáram fóra. D. Diogo de Noronha foi de-
mandar a praia por derredor da fortaleza,
por não entrar nella primeiro que o Viso-
Rey, e chegou a tempo, que já vinha des-
embarcando em collos de homens, e vinha
armado em humas ricas armas brancas, e
com huma gorra na cabeça com muitas plu-
mas; e como era homem grosso, vinha
affrontado, e pejado. D. Diogo de Noro-
nha chegou a elle, e levando-o nos braços
com grande cortezia, o gabou de gentil-ho-
mem, dizendo-lhe « que estava descontente,
» porque aquella Cidade custára tão pouco,
» pelo alvoroço que todos levavam de pro-
» var a mão nos inimigos, e á sua sombra
» mostrarem o valor costumado de suas for-
» ças, e pessoas; mas que tudo aquillo nas-
» cia da sua grande ventura, porque se po-
» dia dizer que só com sua sombra vencêra,
» e desbaratára aquelles Capitães; e que pois
» assim era, se desarmasse, e desaffrontasse
» pera ir tomar posse daquella fortaleza. »
D. Constantino com o rosto muito alegre,
e rizonho lhe respondeo com palavras muito
cortezans, e honradas, não lhe faltando
tambem pera todos os outros Capitães, e
lhe pedio que o deixasse ir assim armado,
porque levava disso gosto. E assim rodeado
de todos, entrou na fortaleza ao som de
grandes salvas de artilheria, e arcabuzaria,
que

que espantou os inimigos, que estavam da outra banda vendo aquelle terror. Levava o Viso-Rey diante de si a bandeira de Christo, e hum devoto, e formoso Crucifixo arvorado em huma hastea, que levava nas mãos o P. Fr. Belchior de Lisboa, Custodio dos Frades Menores. O Viso-Rey tanto que se vio dentro na fortaleza, poz ambos os giolhos em terra, e deo muitas graças, e louvores a Deos nosso Senhor por aquella mercê, imitando naquillo ao Duque de Bragança D. James seu pai, quando tomou a famosa Cidade de Azamor aos Mouros. Feito isto, mandou logo benzer a fortaleza, e lhe poz nome *N. Senhora da Purificação* em louvor daquelle tão celebrado dia, em que a tomou, e logo mandou recolher a artilheria, que os inimigos tinham nas tranqueiras de sobre a barra, que era muito formosa, e deitou espias pera saber dos inimigos. Esta noite dormio o Viso-Rey na fortaleza com grandes vigias, e os Capitães das bandeiras fóra no campo em lugares separados com tanta ordem, que ainda que os inimigos os quizessem commetter, lhes não pudessem fazer damno.

CAPITULO VI.

Das cousas, em que o Viso-Rey D. Constantino provco: e das inquietações que os Abexins deram aos nossos: e de como o Viso-Rey mandou Antonio Moniz Barreto a dar nelles: e da grande vitoria que alcançou: e quem he o Rey do Sarzeta, e que cousa são Choutos.

TAnto que Cide Bofatá se sahio da fortaleza, se passou á outra banda de Coulcca; e em Parnel, duas leguas de Damão, assentou seus arraiaes. Dalli com dous mil de cavallo sahiam todas as noites a inquietar os nossos, e mettellos em revoltas, travando-se algumas escaramuças, em que houve algum damno. Tantas vezes continuáram isto, e assim atormentáram os nossos, que tratou o Viso-Rey de os mandar lançar fóra das terras; porque além das inquietações que lhes davam, deixavam de acudir os naturaes a povoar a sua Cidade, porque logo o Viso-Rey mandou pelas aldeas lançar pregões, e publicar grandes seguros, e liberdades a todos os que se tornassem pera suas casas, e já começavam a acudir muitos, que logo eram roubados, e maltratados dos Abexins. E pondo o Viso-Rey estas cousas em conselho, se assentou « que pera lança-

» rem

» rem os inimigos fóra das terras, era ne-
» cessario gente de cavallo; que seria bom
» mandar chamar D. Pedro de Almeida Ca-
» pitão de Baçaim com toda a gente que
» houvesse naquella Cidade, e suas Tana-
» darias para aquelle effeito. » Sobre o que logo o Viso-Rey lhe escreveo, mandando-lhe « que com muita pressa se viesse pera
» elle por via de Manorá, porque todos os
» dias acharia pelo caminho aviso do que
» havia de fazer, e da paragem em que os
» inimigos estavam. »

Partido este recado, porque os Abexins andavam muito affoutos, e não desistiam dos assaltos, determinou o Viso-Rey de mandar dar nelles, sem esperar por D. Pedro de Almeida; porque deixava de prover em muitas cousas por causa daquellas inquietações; e quasi todos os do conselho affirmavam que sem dous mil homens se não poderiam commetter aquelles Capitães. Vendo Antonio Moniz Barreto a determinação do conselho, levantou-se em pé, e disse ao Viso-Rey « que lhe désse quinhentos homens,
» que elle iria buscar os Abexins, e que
» com o favor Divino se atrevia aos lan-
» çar fóra das terras sem risco, nem perigo
» algum. » Vendo o Viso-Rey aquella confiança, (como tinha delle grande opinião pela experiencia que de si tinha dado em

muitas couſas,) lhe concedeo a jornada com palavras de muita honra, e logo lhe nomeou os Capitães que o haviam de acompanhar, que eram os ſeguintes: D. Lourenço de Souſa, D. Diogo de Souſa ſeu irmão, que he Commendador da Ordem de S. João, e Balío de Acre; D. Diogo Pereira, filho do Conde da Feira: João Lopes Leitão, Jorge de Moura, collaço do Principe D. João, Triſtão Vaz da Veiga, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros, que pera iſſo ſe offerecêram.

Preſtes Antonio Moniz Barreto, e aviadas todas as couſas neceſſarias pera a jornado, ſe deſpedio do Viſo-Rey, que lhe deitou muitas bençãos, e diſſe muitas palavras de louvores; e paſſou-ſe da outra banda ſobre a tarde, e ſe apoſentou antes de Coulecca, onde paſſou a mór parte da noite, e no quarto d'alva começou a marchar em muito boa ordem pera Parnel, onde as eſpias deixáram os inimigos. E como a noite era muito eſcura, e elles caminhavam ás furtas, por não ſerem ſentidos, quando foi ao romper da alva, chegou Antonio Moniz Barreto á viſta dos inimigos com perto de cento e vinte homens, porque os mais ſe perdêram pelos caminhos. E vendo que ſe os inimigos o viſſem com tão pouca gente, e o commetteſſem, forçado ſe havia de perder, diſſe a to-

todos os companheiros: « Senhores, ſegui» me, porque na preſſa com que dermos neſta » gente, eſtá noſſa ſalvação; » e arrancando com grandes gritas, appellidando *Sant-Iago*, tocando-ſe trombetas, e tambores, (que faziam hum grande eſtrondo,) deo em os inimigos tão de ſobreſalto, que primeiro que ſe ſoubeſſem determinar, perdêram muitos as vidas. Cide Bofatá, e os mais Capitães ouvindo o eſtrondo, e a grita, parecendo-lhes que era todo o poder do Viſo-Rey, (porque ainda era o ar pardo, e não terem eſpias ſobre os noſſos,) ſem tomarem determinação alguma, cavalgáram á mór preſſa, e ſe foram ſahindo do exercito, ficando Antonio Moniz Barreto ſenhor delle. E logo em amanhecendo chegáram todos os mais da ſua companhia, que todo aquelle quarto caminháram apreſſados, e com grande trabalho pela eſcuridão da noite, que ao ſom das trombetas, e da arcabuzaria, parecendo-lhes o que era, foram atinando, e com ſua chegada ficáram todos deſalivados; e Antonio Moniz Barreto mandou ſaquear o exercito, em que ficou toda a bagagem, e ordenou a artilheria, e a fez leſtes, pera ſe os inimigos o tornaſſem accommetter, o achaſſem fortificado. Os Abexins foram-ſe recolhendo ſem verem de que, e puzeram-ſe ſobre hum tezo até amanhecer.

E

E tanto que os raios do Sol deſcobríram todo o campo, que elles víram os noſſos ſenhores do ſeu exercito, e o pouco poder que tinham, arrebentáram pela ſerra abaixo com grandes alaridos, e foram commetter os noſſos, que já eſtavam preſtes, e fortificados debaixo de hum Mangueiral, onde o ſeu exercito eſtava; e deſparando nelles aquella carga de artilheria, como os tomáram apinhoados, fizeram nelles hum grande eſtrago. E todavia paſſando com aquella furia adiante, chegáram a travar com os noſſos huma muito aſpera batalha, em que a noſſa eſpingardaria fez grande lavor. Antonio Moniz Barreto, e os mais Capitães, apreſentados diante de todos, fizeram-ſe bem conhecer dos inimigos; e tanto apertáram com elles, que os arrancáram do campo desbaratados de todo, moſtrando bem o goſto com que pelejavam. Vendo Antonio Moniz Barreto a mercê, que lhe Deos fizera, quiz ſeguir a victoria, pera os acabar de todo; e aſſim arrebentando após elles, lhes foi ſeguindo o alcanço, em que ſe affirma perderem-ſe mais de quinhentos dos inimigos.

Satisfeito Antonio Moniz Barreto da vitoria, por não canſar os ſeus, ſe tornou ao exercito, que eſtava com todo o ſeu recheio, e nelle achou trinta e ſeis peças de artilheria de

de campo, e muitos carros carregados de moedas de cobre, que chamam Jelallas, que o Cide Bofatá tinha arrecadado dos rendimentos das aldeas, e alguns cavallos prezos, que ſeus donos deixáram com a preſſa, e toda a mais bagagem, que era huma ſomma grande de couſas, em que os noſſos ſoldados ſe cevaram bem. Vendo Antonio Moniz Barreto que não tinha já alli mais que fazer, (por lhe terem as eſpias dito que os Abexins eram eſpalhados, e recolhidos pela terra dentro,) formou hum formoſo eſquadrão, e recolhendo no meio delle toda a artilheria, e toda a mais bagagem do exercito, foi marchando em muito boa ordem pera Damão com alguns feridos, em que entrava D. Pedro de Souſa, que depois foi Capitão de Goa, e Çofala. E paſſando o rio á outra banda da fortaleza, o eſperou o Viſo-Rey na praia, onde o recebeo com muitas honras, e palavras de muitos louvores de todos. E mandou curar os feridos com muito reſguardo, e elle em peſſoa foi viſitar D. Pedro de Souſa a ſua caſa, porque os Viſo-Reys, e Governadores não eram naquelles tempos tão ſobre ſi, e tão fechados, como depois foram, porque ſe prezavam muito de Capitães, e ſoldados.

Sabendo o Viſo-Rey que os Abexins eram ſahidos das terras, começou a tratar das

das couſas, que cumpriam á povoação, e fortificação daquella Cidade., e a começou a cerçar de vallos muito groſſos, e altos com tranqueiras de madeira, e hervas leiteras, ao que ſe deo muita preſſa, porque acudíram das aldeas vizinhas muitos trabalhadores pera iſſo; e o em que ſe mais occupou, foi em trabalhar com os naturaes que ſe tornaſſem pera ſuas caſas, concedendolhes pera iſſo largos favores, e privilegios; e acudíram os de Caes das Parganas, que ſão cabeças das Comarcas, (que iſſo quer dizer Pargana,) e lhe trouxeram os foraes antigos das terras, e aldeas, pera por elles ſaber o que ellas rendiam, pera ſe arrecadarem ſeus rendimentos.

E ſabendo o Viſo-Rey D. Conſtantino que o Rey do Sarzeta vivia no Sertão daquellas terras, e que ellas lhe pagavam hum certo foro, mandou-lhe ſeguros, e privilegios pera os poder arrecadar, aſſim como o fazia no tempo dos Gentios, e Mouros; por huma doação muito antiga, que os Reys de Cambaya diſſo lhe tinham feito.

E porque ſerá bom darmos a conhecer eſte Rey Gentio, e declararmos que fóros eram eſtes, a que elles chamavam Choutos, porque nem todos o ſabem, o faremos aqui, porque nos cabe muito bem. Pelo que ſe ha de ſaber, que ha mais de quatrocentos annos

nos que deſcêram deſſe Sertão debaixo do Norte grandes exercitos de Gentios, chamados Resbutos, homens que profeſſavam as armas, e por ellas ſe fizeram muitos tempos ſenhores de todo o Turqueſtão, e da mór parte do Induſtão. Eſtes parece que vindo fogindo dos Tartaros, e Magores, quando deſcêram a conquiſtar aquellas Provincias, como no fim da IV. Decada diſſemos no III. Capitulo do X. Livro, e parando naquella parte do Guzarate, que acháram povoada de Gentios Guzarates, que são os mais fraços, e affeminados de todos os do Oriente, houve pouco que fazer em os conquiſtar, e ſenhorear, e os lavradores de toda aquella Provincia ſe concertáram com elles, que os deixaſſem lavrar, e grangear ſuas terras pacificamente, que lhe pagariam de cada quarto hum: eſte foro em ſua lingua ſe chama Choutá, e nós corruptamente lhe chamamos Choutos. E vindo depois os Mouros a conquiſtar o Reyno de Cambaya, (como nas noſſas Decadas fica dito,) repartíram por tempos ſuas terras aquelles Reys com alguns parentes ſeus, que lhe ficáram vaſſallos, e hum delles foi eſte Rey do Sarzeta, a cujos avós o pai de Soltão Bahdur deo aquellas terras do Sertão de Damão, que são montuoſas, ſeccas, e eſcaldadas, de muitos matos de bambuaes aſperiſſimos,

e da mais, e melhor madeira que no mundo ha, que he a teca, a fóra outras muitas sortes della; que tem sustentado a India até hoje, e sustentará sempre; porque todas as vasilhas de náos galeões, caravellas, galés, fustas, e todas as mais, assim de Mouros, como de Gentios, depois que entrámos na India até agora, tem sahido delles matos que são insacaveis. E o que he ainda mais pera espantar, que parte, em que córtão huma arvore de teca, nunca já mais nasce outra, porque logo se sécca a raiz; mas arrebentão outros filhos perto por outras partes, donde se póde inferir a grandeza de seus matos. E tornando a estes Reys do Sarzeta, que sempre foram Gentios, da posse destas terras, e destes fóros até Soltão Bahdur dar as terras de Baçaim ao Governador Nuno da Cunha; com condição que ficaria o Rey do Sarzeta comendo as terras, que lhe estavam dadas, com seus fóros. E não querendo o Viso-Rey innovar cousa alguma neste negocio, concertou-se com este Rey, que ficasse na posse em que estava; mas que se obrigaria a defender as terras da jurdição de Damão dos ladrões que as vinham a roubar.

Feito este concerto, começou o Viso-Rey a querer afforar as aldeas aos Portuguezes pera ficarem povoando aquella Cidade,

de, entrando nisto com grandes liberdades; mas como todos haviam que se não poderiam aquellas terras sustentar sem grande risco, e trabalho, pela vizinhança que tinham com Surrate, donde lhe poderia cada dia correr gente, houveram o negocio por duvidoso, e poucos houve que quizessem afforar as aldeas; e os que as acceitáram, foi com necessidade por serem casados pobres, a quem o Viso-Rey favoreceo nos fóros; e todavia poz-lhes obrigação de terem cavallos. E por serem poucos os Portuguezes que aqui quizeram acceitar aldeas, as afforou o Viso-Rey a Abexins Christãos, por ficarem alli pondo-lhes obrigação de terem espingardas. E porque duas Parganas, ou Comarcas de Damão chamadas Poari, e Bauticer, que estavam mais chegadas a Baçaim, que eram das maiores, e melhores de todas, não era possivel arrendarem-se pera ElRey, não sendo a Villa de Balsar sua, determinou por conselho de alguns de a ir tomar, e fazer nella huma fortaleza pera segurança de todas aquellas terras de Damão; e porque tambem por tempos se poderia dalli passar adiante, e lançar mão da fortaleza de Surrate, com que ficassem todas aquellas Comarcas debaixo de nossa chave. Com esta imaginação andava o Viso-Rey D. Constantino, quando chegou D. Pedro de Almeida com cen-

cento e ſincoenta de cavallo, que com o recado que lhe deram do Viſo-Rey, começou a negociar ſua partida, e logo ſe poz em campo com toda eſta gente, e em ſua companhia huns Gentios chamados os Poſagis, que viviam em humas aldeas pegadas a Baçaim, que quando ElRey de Cambaya deo aquellas terras ao Governador Nuno da Cunha, ſe offerecêram a elle por vaſſallos, e elle lhes paſſou diſſo carta com obrigação que acudiriam com gente de cavallo todas as vezes que foſſem neceſſarios pera defensão das terras de ElRey de Portugal, o que elles ſempre cumprîram muito bem. Eſtes acudíram com doze, ou quinze de cavallo, e muitos ſervidores de pé com ſuas tendas de campo, achando-ſe ſempre nelles muito amor, e lealdade.

Partido D. Pedro de Almeida de Baçaim por via de Manorá, foi recolhendo alguma gente da terra da que podia pelejar, e aſſim levou todos os Portugueſes que havia de pé, de que fez Capitão D. Luiz de Almeida ſeu irmão. Ao paſſar do rio, que divide as terras de Baçaim das de Damão, que hiam vadeando com a agoa pelo giolho, indo diante hum Padre de S. Franciſco com hum Crucifixo alevantado em huma haſtea, ſem ſe bullir, nem haver occaſião alguma, cahio o Crucifixo de ſima no meio

do

do rio, ao que acudio o Capitão D. Pedro de Almeida; e o Padre muito alegre lhe disse: « Alegria, Senhor, que já estas aguas » ficam sanctificadas pera nellas se poder bau- » tizar toda esta gentilidade. » E assim foi, porque até então daquelle rio por diante não havia Christandade alguma, nem naquellas terras bravias tinha ainda chegado o arado de Christo; mas de então pera cá cresceo pela bondade de Deos tanto esta sementeira do grão do santo Evangelho, que ha hoje por todas aquellas terras mais de trinta mil Christãos. Aqui em Manorá se foi offerecer a D. Pedro de Almeida hum irmão do Rey dos Colles, que vivia naquelle Sertão de Baçaim em matos mui fechados, e serras, e passos muito estreitos, e difficultosos, (de quem em outra parte daremos mais particular razão.) Este homem trazia dez, ou doze de cavallo, e perto de cem piães, com que se vinha offerecer pera aquella jornada, ou fosse por temor, ou por interesse, porque por amor, e bondade nada disto ha nelles. D. Pedro de Almeida o agazalhou muito bem, e o levou comsigo até Damão, e o Viso-Rey recebeo bem a todos, fazendo-lhes muitas honras, e os mandou agazalhar fóra no campo: o que elles fizeram ao longo de hum formoso tanque, onde estiveram muito bem por causa

dos

dos cavallos, que tinham alli aguas, e pastos em abastança.

CAPITULO VII.

De como o Viso-Rey D. Constantino mandou D. Pedro de Almeida a Balsar, e elle foi após elle, e do que lhe lá aconteceo: e da Armada que mandou ao Estreito, de que foi por Capitão mór D. Alvaro da Silveira: e das cousas em que mais proveo em Damão até se partir pera Goa.

COmo o Viso-Rey D. Constantino desejava de engrandecer a Cidade de Damão, e segurar todas suas aldeas, pera que se pudessem arrecadar seus fóros pera a fazenda de ElRey, havendo (como atrás dissemos) que era pera isso necessario possuir Balsar, que era seis leguas de Damão, e haver alli hum forte com guarnição, pera que os inimigos se não mettessem no meio, tratou com os Capitães do conselho sua determinação, e de alguns foi contrariada, principalmente de D. Diogo de Noronha; que affirmou « não se poder sustentar; por-
» que a parte, em que os Mouros tinham
» a sua fortaleza, era mais de huma legua
» do mar pelo Sertão dentro; e que a gen-
» te que nella ficasse sempre estaria arrisca-
» da, por não ser possivel soccorrer-se por

» mar,

» mar, nem por terra, e que não ferviria » de mais, que de inquietação, rifco, e def» pezas. Que nem todas as coufas fe faziam » logo juntas, que o tempo as iria difpon» do, pera que depois fe lançaffe mão, não » fó de Balfar, mas ainda de Surrate, e » que por entretanto fe trataffe de fuftentar » Damão, e as Tanadarias de fua jurdição, » que era coufa grande. » Mas por fima difto, e de outros inconvenientes que fe apontáram, não defiftio o Vifo-Rey de fua opiniam; e lançando efpias fobre os Abexins, foi avifado que eram efpalhados pelo Reyno de Cambaya, e que Balfar eftava com muito pouca gente. Com efte recado defpedio D. Pedro de Almeida com regimento, que partiffe com fua gente pera Balfar, e fe metteffe naquella fortaleza; e que como lá eftiveffe, o avifaffe pera logo fer com elle. D. Pedro de Almeida fe paffou á outra banda com fó a gente que trouxe de Baçaim; e efpalhada a nova daquella jornada pelos foldados, achando que feria de proveito, e honra, pelas prezas que houveram os que foram com Antonio Moniz Barreto, começáram-fe a paffar poucos e poucos, e foram-fe pera D. Pedro de Almeida mais de quinhentos delles. Como D. Pedro de Almeida não levava provimentos pera tanta gente, mandou recado ao Vifo-Rey, que lo-

go

go se passou da outra banda, e se foi ver com elle, e assentou que fossem todos, e fez seu Capitão mór D. Luiz de Almeida, irmão do mesmo D. Pedro de Almeida, mandando-lhes trazer alguns provimentos; e despedindo-o logo, foi elle caminhando com muita regra na boca até chegarem á Balsar, sem acharem resistencia alguma; porque os da Villa, e fortaleza, tanto que tiveram as novas dos nossos, logo largáram tudo, e D. Pedro se metteo na fortaleza sem contradicção alguma, e despedio logo recado ao Viso-Rey do que era passado. E aquella mesma noite chegou huma fusta, que o Viso-Rey despedio carregada de mantimentos, que se repartíram por todos. Tanto que deram ao Viso-Rey recado de D. Pedro de Almeida, logo se poz ao caminho com os Capitães, e gente que lhe pareceo bastavam, e no mesmo dia chegou á fortaleza, e nomeou por Capitão della Alvaro Gonçalves Pinto, irmão do Corregedor Manoel de Almeida, muito bom cavalleiro, e que tinha dado de si muitas mostras de ser este, e lhe deo cento e vinte soldados, e alguns piães da terra, e perto de vinte de cavallo, e deixou-lhe todas as munições, provimentos, e dinheiro necessario pera a paga dos soldados; e mandou renovar a fortaleza, que era de adobes, e guarneceo

de

de algumas peças de artilheria das que Antonio Moniz Barreto tomou aos Abexins.

Feito isto, partio-se o Viso-Rey pera Damão, e foi pelas Parganas, Bouticer, e Poari, onde mandou apregoar seguros Reaes, pera que seus naturaes as tornassem a povoar, e grangear, sem se lhes innovar cousa alguma em seus foraes. Chegado o Viso-Rey a Damão, e ordenadas as cousas daquella fortaleza, como lhe pareceo pera sua segurança, e quietar as terras, e seus moradores, (que começáram acudir ás suas grangearias,) ordenou de mandar huma Armada ao Estreito de Meca, porque lhe vieram novas que em Mocá se faziam prestes as galés do Cafár pera sahirem fóra: e elegeo pera esta jornada D. Alvaro da Silveira, filho do Conde de Sortelha, e lhe nomeou dous galeões, e dezoito navios de remo, e o fez á vela a quinze de Fevereiro, dando-lhe por regimento « que trabalhasse » por queimar as galés que estavam em Mocá; e que esperasse as náos do Achem, » e as tomasse; e que como se lhe acabasse » a monção, fosse invernar a Mascate, e » recolhesse as náos de Ormuz, que haviam » de partir em Outubro, e lhe viesse dando » guarda, porque se receava do Cossairo Cafár. »

Os Capitães, que foram nesta jornada,

 são

são os seguintes. Nos galeões, em hum foi o Capitão mór, e no outro Pero Peixoto da Silva. Das fustas foram Alvaro Pires de Tavora, D. Lourenço de Sousa, Jorge de Mello de Sampayo, o Pantufo, Jorge Pereira Coutinho, Diogo de Miranda de Azevedo, D. Vasco de Taíde, irmão de D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atouguia, e Viso-Rey da India, D. João Gonçalves, hum João de Mendoça da Ilha da Madeira, Ayres Gomes da Silva, irmão de Fernão Telles de Menezes, que foi Governador da India por morte de D. Luiz de Taíde, Bastião de Sousa de Abreu, Gil de Goes de Lacerda, Fernão Farto, Inofre do Soveral, e outros, a que não achámos os nomes; e dada á véla, foram seguindo sua jornada, de que adiante daremos razão. O Viso-Rey ficou dando ordem ás cousas da fortaleza de Damão, e nomeou por Capitão della a D. Diogo de Noronha, e lhe assignou mil e duzentos homens com sinco Capitães pera lhes darem mezas. Estes foram Ruy Gonçalves da Camara, irmão do Capitão da Ilha da Madeira, Tristão Vaz da Veiga, André de Sousa de Arronches, João Lopes Leitão, e D. Diogo de Taíde.

E por ser a terra fronteira, e ganhada de novo, se offerecêram muitos Fidalgos a ficarem nella, o que elle estimou muito,

por

porque desejava de engrandecer aquella Cidade, pera nella conservar sua memoria. E porque pera a guarda das terras era necessaria gente de cavallo, comprou os mais dos que foram em companhia de D. Pedro de Almeida, e mandou a Ormuz trazer outros, com que aperfeiçoassem o numero de cento e sincoenta de cavallo, que todos se carregáram em receita sobre Diogo da Silva, que nomeou por Feitor, e Alcaide mór, hum cavalleiro muito honrado, que depois foi sogro de Manoel de Sousa Coutinho, Governador que foi da India. Estes cavallos repartio o Viso-Rey pelas pessoas que os quizeram, e alguns deo em soldos velhos, e em outras dividas; porque não pertendeo nesta primeira entrada mais que povoar bem esta Cidade, e ennobrecella. E porque já não tinha necessidade de D. Pedro de Almeida, Capitão de Baçaim, o despedio pera a sua fortaleza, e se foi por mar em navios que lhe deo pera isso. E porque se fazia tempo de se ir pera Goa a prover nas cousas do Sul, deo pressa á fortificação, e cousas pera a povoação da mesma Cidade de Damão, e traçou lugares pera os Mosteiros, e Igrejas, e assignou aos Religiosos que alli ficáram suas ordinarias.

Feito isto tudo com muita ordem, se [e]mbarcou já em fim de Março, e em pou-

cos dias chegou a Goa, onde foi mui bem recebido, e logo tratou dos provimentos das fortalezas de Ceilão, Malaca, e Maluco. E porque achou Pero de Taíde Inferno, que tinha alli vindo do negocio da povoação de S. Thomé, (de que em principio deſte ſetimo Livro que vem daremos relação,) ſabendo delle o que era ſuccedido, ſentio em extremo, e logo o tornou a deſpedir por Capitão daquella povoação; e eſcreveo aos moradores della huma carta chea de grandes reprehensões pelo modo com que ſe houveram com o Rama Rayo, encommendando-lhes muito a Pero de Taíde Inferno, e que trabalhaſſem todo o poſſivel por ſe cercarem, e ſegurarem: e juntamente deſpedio D. Jorge de Menezes Baroche pera Capitão de Ceilão, e mandou vir Affonſo Pereira de Lacerda, e com iſto ſe cerrou o inverno.

DE

DEÇADA SETIMA.
LIVRO VII.
Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como Rama Rayo Rey de Biſnagá foi contra os moradores da povoação de S. Thomé, e cativou a todos, e depois os reſgatou.

FORAM as couſas deſte verão tantas, que não foi poſſivel continuarmos com ellas por ordem, e por iſſo deixámos eſtas, que acontecêram em Outubro paſſado, pera eſte lugar pelas não miſturarmos: e aſſim daremos conta das razões, por que Rama Rayo, Rey de Biſnagá, ſe moveo a vir em peſſoa contra os moradores da povoação de S. Thomé, que foram eſtas.

Como as couſas da noſſa Religião Chriſtã hião cada vez em mór creſcimento pelo gran-

grande cuidado; e diligencia, que os Reys de Portugal tinham de sua dilatação, e os homens que isto mais sentiam eram os Bramenes, porque viam abatidos, e vituperados os seus falsos idolos; porque a qualquer parte que os nossos Religiosos, chegavam pera prégar o santo Evangelho, primeiro que levantassem Altar pera offerecerem ao Altissimo Deos seus sacrificios, derribavam, e punham por terra os templos que a cega, e bruta gentilidade tinha dedicados ao demonio, quebrando, e fazendo em pedaços as nojentas, abominaveis, e torpes figuras dos idolos de Baal. Isto tomáram todos elles tão mal, que sempre lhes ordenáram trabalhos, prizões, mortes, e grandissimos vituperios, sendo o que levou diante a bandeira da Cruz de Christo o glorioso, e Bemaventurado Apostolo S. Thomé, nestas partes, onde começou com seu sangue regar esta vinha do Senhor, que por sua bondade vai crescendo tanto, que mui cedo recolherá debaixo de sua sombra toda esta gentilidade. E como os Padres pobres da Ordem do glorioso Padre S. Francisco tinham tomado á sua conta toda aquella costa desde Negapatão até S. Thomé, (por serem os primeiros que por ella começáram a semear a Ley do Sagrado Evangelho,) e por toda ella tinham levantado muitos Templos, e derriba

bado muitos Pagodes, (o que os Bramenes sentiam em extremo,) todos os annos se queixavam disto a Rama Rayo Rey de Bisnagá, cujos vassallos eram, pedindo-lhe que acudisse por honra de seus idolos; o que elle dissimulava, assim pelo permittir Deos nosso Senhor, como pelo proveito que tinha do nosso trato, e commercio, principalmente dos cavallos da Persia, e da Arabia, que não podia haver senão por mãos, e trato dos Portuguezes. E como neste tempo, em que andamos hia este zelo da honra de Deos em maior crescimento, por terem entrado naquella terra os Padres da Companhia de Jesus, como outros soldados de Gedeon com tochas em huma mão, e trombetas na outra, a cujo som começáram a cahir os muros de Jericó, não consentindo Pagode algum em pé, alumiando com a vida, e espertando com sua prégação, e doutrina. O que foi causa dos Bramenes se accenderem em maior ira, e furor, porque de novo fizeram queixas a Rama Rayo, que por derradeiro era Gentio, e zeloso da honra de seus idolos. E juntamente com isto succedeo na mesma conjunção hum certo homem casado na propria terra, Fidalgo no sangue, mas pessimo, vil, e máo nas cousas da alma, e consciencia, e indigno de se nomear em historia alguma, senão como

mo outro Heroſtrato, que derribou o Templo de Diana, ſegundo as fabulas contão; eſte, ou por ſua maldade, ou por vingança, ou por eſperar algum galardão do Rama Rayo, (mas o mais certo he, porque entrou o diabo nelle,) lhe eſcreveo huma carta, em que o perſuadia a vir contra a povoação de S. Thomé, que elle lhe aſſegurava mais de dous milhões de ouro, encarecendo-lhe muito a riqueza dos moradores daquella povoação.

Com eſta carta ſe moveo aquelle barbaro, e ſe deixou entrar da cubiça; e os Barmenes, que lha entendêram, aſſopráram de feição eſta faiſca, que lhe accendêram no coração huma grande labareda de odio, miſturado com o intereſſe, com o que logo determinou de ſe abalar em peſſoa. E mandou com muita preſſa ajuntar ſeus exercitos, e com mais de quinhentos mil homens de armas, e huma muito grande recovagem, começou a marchar contra aquella povoação. Diſto tiveram logo aviſo os ſeus moradores; e naquelle tempo ſe achou antre elles Pero de Taíde Inferno, (de quem no Capitulo atrás fallámos,) que tinha mandado fazer huma viagem de S. Thomé pera Malaca, e ficára alli pera ſe partir pera Goa. E como eſte Fidalgo era muito cavalleiro, e tinha muita peſſoa, e grande conſelho,

tan-

tanto que soube nova certa, e que o Rama Rayo estava duas jornadas daquella povoação, ajuntou-se em casa do Capitão, que era hum João de Goes, e fez chamamento das pessoas principaes do povo, e os persuadio com huma falla muito grave a se fortificarem, e defenderem, offerecendo-se-lhe elle pera os ajudar a isso, dando-lhes muitas razões pera o poderem fazer: affirmando-lhes que por muito grande poder que trouxesse o inimigo, não lhe poderia fazer damno; porque quaesquer tranqueiras bastavam pera se defenderem delle, por não trazer artilheria, e mais tendo elles o mar por seu, por onde podiam ser soccorridos, e providos do necessario.

Os moradores todos lhe agradecêram aquelles offerecimentos; mas resumiram-se em se não defenderem, antes sahirem ao caminho a receber o Rama Rayo, e levarem-no á povoação por ruas juncadas, e janellas alcatifadas, e com outros serviços. E davam por razão que a terra era sua, e que não parecia razão deixarem de o receber no que era seu, porque nem elles tinham posse pera se defenderem, ainda que o quizessem fazer, nem lhe era licito fazello: e que bem entendiam todos, e estavam mui confiados, que tanto que o sahissem a receber, logo havia de abrandar, se vinha com alguma

má

má tenção. Vendo Pero de Taíde Inferno o proposito em que todos estavam, disse-lhes » que pois não queriam tomar seu conselho, » se ficassem embora, porque elle se embar- » cava logo, por lhe não ser licito esperar » que o Rama Rayo o viesse levar amarra- » do, como entendia que havia de fazer a » todos. » E sahindo-se dalli, se foi embarcar em huma naveta de hum Gaspar Pereira, que tinha vindo de Bengala, e nella se foi pera Goa, onde já achou o Viso-Rey D. Constantino, que tinha vindo de Damão, como atrás dissemos no fim do VI. Livro.

Os moradores da povoação, tanto que se determináram no que tinham dito a Pero de Taíde Inferno, assentáram de mandar receber ao caminho o Rama Rayo com hum presente, que tiráram por todos, que valeria quatro mil cruzados, pouco mais, ou menos, e elegêram-se de antre todos quatro pessoas das principaes, que foram diante ao visitar, e dar-lhe os parabens de sua vinda, que lho leváram. Estes homens chegáram ao seu exercito, e lhe deram da parte de todos os moradores os parabens de sua vinda, certificando-lhe o alvoroço com que o esperavam pera o servirem. O Rama Rayo os recebeo bem, e os levou comsigo até chegar á povoação de S. Thomé; e fóra della em huns campos muito largos assen-

fei

ſeu exercito, e deſpedio alguns Capitães de confiança, pera que lhe trouxeſſem diante de ſi todos os moradores, mulheres, meninos, e eſcravos, ſem lhes ficar na povoação couſa viva: o que logo ſe fez, e elle os mandou agazalhar em huma parte ſeparada com guardas, e vigias, e mandou trazer diante de ſi toda a fazenda, que ſe lhes achou pelas caſas até os pobres móveis; o que tudo ſe lhe apoſentou diante, que não montaria cem mil pardaos. Vendo elle quão enganado fora naquelle negocio pela opinião que trazia das riquezas, que aquelle homem lhe eſcrevêra com mentira, movido por Deos, que não deixa couſa alguma ſem caſtigo, determinou de o caſtigar, pelo fazer abalar com falſidades: o que o outro ſentindo, ou arreceando, deſappareceo logo do exercito, e ſe foi pera Caleturé, ſeis, ou ſete leguas daquella povoação, donde o Rama Rayo o mandou trazer por alguns Capitães; e diante de ſi, e de todos o mandou lançar aos Elefantes, que o eſpedaçáram á viſta de todos: o que foi permiſsão Divina vir acabar daquella maneira por mandado do inimigo, que elle convocou contra ſeus proprios naturaes, e em cujo poder queria entregar os divinos Templos, em que Deos noſſo Senhor era cada dia tantas vezes venerado, pera nelles tornarem a levan-

vantar seus falsos idolos. Vendo Rama Rayo a humildade dos moradores, e o pouco que tinham, concertou-se com elles que lhe déssem cem mil pagodes, ametade logo, e a outra dahi a hum anno, e por elles lhe ficariam em refens sinco, ou seis dos principaes daquella povoação.

Feitos os concertos, e pagos os sincoenta mil pagodes, soltou a todos, deixando sinco dos que elle escolheo pera irem com elle, e lhes mandou tornar toda sua fazenda, o que se fez com tanta justiça, e pureza, que antre mais de duzentos moradores não faltou mais que huma colhér de prata, sobre que ElRey mandou fazer taes diligencias, que appareceo logo pelo chão, sem se saber quem a tinha; porque se o soubera, fora logo espedaçado. O Rama Rayo alevantou seu campo, e tornou a voltar pera seu Reyno. E neste caminho o servíram aquelles sinco moradores com tanta prudencia, e amor, que os largou, recebendo só delles seus conhecimentos, por que se obrigavam a pagar a quantia dos sincoenta mil pagodes, como depois lhe pagáram; e ainda dessa lhes fez huma grande quita. E certo que duvidamos achar-se esta humanidade, e justiça antre Christãos, que tem mais obrigação pera isso.

CA-

CAPITULO II.

Do que aconteceo a Luiz de Mello da Silva no Malavar : e de como destruio a Cidade de Mangalór : e da grande vitoria que alcançou de huma Armada de Malavares, de que era Capitão hum Rume, que se chamava Odo Rabo.

DEixámos as cousas de Cananor em guerra declarada, e Luiz de Mello da Silva, Capitão mór daquella costa, fazendo por ella todo o damno que podia, impedindo a navegação, e commercio aos Mouros, que era a mór guerra que se lhe podia fazer. E depois que lhe succedêram as cousas em Cananor, como atrás contámos, voltou pera o Norte. E chegando a Mangalór, soube que estava dentro naquelle rio hum Paguel de Mouros de Cananor varado na praia; e pondo-se na barra, mandou a Antonio Tavares, e a Gonçalo Sanches, Capitães de dous navios, que lhe fossem lançar o Paguel ao mar, e que lho trouxessem. E andando estes Capitães nesta obra, ajuntáram-se os Mouros do Paguel com outros da terra que appellidáram, e dando nelles, os fizeram embarcar com alguns escalavrados. Sabendo Luiz de Mello da Silva o caso, e que os da Cidade com estarem de

de paz favorecêram os Mouros de Cananor, entrou pelo rio dentro, e desembarcando em terra, com muito boa ordem, pera satisfazer, e castigar aquella desobediencia, foi commetter a Cidade, e a entrou com grande valor, e esforço, matando, e destruindo, e pondo á espada toda a cousa viva que achavam, de qualquer sexo, e idade que fosse, sem perdoarem a cousa alguma. E andando os soldados muito encarniçados nesta obra, (que foi assim necessario pera terror dos inimigos,) ficou o Capitão mór na entrada de huma rua com poucos dos seus, mandando pôr fogo á Cidade, porque os nossos se não desmandassem com as prezas. Quando víram arrebentar por aquella parte hum tropel de Mouros, que vinham fogindo do estrago, e destruição que os nossos faziam, e diante de todos vinha hum velho desgrenhado, com o cabello solto lançado sobre as costas, com huma adaga de dous palmos, e huma manopla de ferro, que lhe cubria até meio braço, (arma de que elles muito usam) e dando de rosto com o Capitão mór, endireitou com elle, e lhe deo huma adagada por hum braço, e juntamente se liou com elle. Luiz de Mello da Silva lançou-lhe huma mão aos cabellos, e por elles o affastou de si, e arremessou pera os soldados, dizendo-lhe

To-

«Tomai lá esse diabo» que logo foi feito em pedaços, e o mesmo se fez a todos os mais que alli foram ter com elle. O fogo que o Capitão mór mandou pôr, foi-se apoderando da Cidade, que estava recheada de fazendas de todas as sortes, que ardêram bravissimamente com mui grande estrondo, e terremoto. Abrazou-se tambem hum muito grande, e fermoso Pagode, cujo tecto, e coruchéo era de latão, e cobre, formosissimamente lavrados, e dourados, de que os soldados houveram huma boa quantidade, que embarcáram nos navios. Tanto que o Capitão mór vio a Cidade toda entregue ao fogo, tocou a recolher, o que se fez com muito boa ordem; mas não sem alguma perda, porque no meio della lhe ficou morto Gonçalo Sanches, hum dos seus Capitães, com alguns poucos companheiros, que primeiro que perdessem as vidas, as tiráram a muitos, e ao embarcar queimáram o Paguel da contenda, e alguns outros navios, e com aquella vitoria se sahio a nossa Armada do rio, e se deixou andar por alli esperando os Pagueis que haviam de vir de Cambaya.

Estava neste tempo em Calecut hum Rume, a que chamavam Odo Rabo, que se tinha vendido ao Çamorim por muito gran- cavalleiro; e como os Mouros víram o

que

que Luiz de Mello da Silva andava fazendo por aquella costa, chegáram as novas do successo de Mangalór, que sentíram em estremo. E querendo o Rume ganhar terra com o Çamorim, se lhe foi offerecer pera ir pelejar com Luiz de Mello, dando-lhe doze, ou treze navios, promettendo-lhe de lho levar atado, e de lhe metter na sua bahia todos os seus navios. O Çamorim lhe acceitou o offerecimento, e mandou negociar sete navios, porque o Ade Rayo de Cananor tinha outros seis prestes, de que tinha feito Capitão mór hum Mouro chamado Cutimuçá, seu parente, pera se achar no feito, solicitado pelo mesmo Rume Odo Rabo; e ajuntando-se ambos com os treze navios muito possantes, e cheios de muita gente, que se affirma passarem de dous mil homens; e sabendo estar a nossa Armada em Mangalór, a foram buscar com determinação de pelejarem com ella: e chegando quasi huma legoa onde os nossos estavam, no lugar onde chamam a Palmerinha, houveram os nossos vista daquella Armada, de que já o Capitão mór tinha aviso por cartas de Cananor. Era isto hum dia pela manhã, estando a nossa Armada surta a terra, e os inimigos vinham de mar em fóra demandar aquella paragem. O Capitão mór se preparou pera pelejar com os inimigos, des-

dindo Pero Godinho, por ſer o ſeu navio muito ligeiro, pera que os foſſe reconhecer; e que ſendo aquelles os navios de que tinha aviſo, lhe fizeſſe ſinal com huma bombardada. O Rume, que vinha de frécha demandar a terra, tanto que vio ir áquelle navio, tomou o remo, e foi-ſe a elle, e Pero Godinho foi ſempre adiante, até que o reconheceo muito bem, e quaſi abarbado com elles, voltou, e tirou huma bombardada, que era o ſinal que havia de fazer. Tanto que os inimigos o víram virar, arrancáram apôs elle, e o foram ſeguindo tres, ou quatro navios de Malavares muito ligeiros; mas o Pero Godinho, que era confiado no remo, ſe lhe foi ſahindo muito á ſua vontade.

Em Luiz de Mello da Silva ouvindo a bombardada, tirou as vélas aos navios, e mandou que as eſtendeſſem por ſima dos bancos de poppa a proa, e que as baldeaſſem, e molhaſſem muito bem com a agua do mar; porque as panellas de polvora, de que os Malavares uſavam muito, lhes não cahiſſem dentro nos navios, e ſe affogaſſem logo nas vélas. E encadeando todos os ſeus navios huns nos outros, foi buſcar os inimigos ao mar com grande determinação; porque não quiz que cuidaſſem, eſperando-os [illegible] terra, onde eſtavam, que os temia; e não [illegible] áquelle tempo comſigo mais que ſete

navios, porque os mais da ſua Armada os tinha deſpedidos por certas paragens. Hia Luiz de Mello na coxia da ſua galeota, armado em huma cota de armas, com hum montante nas mãos, e a barba, que era muito comprida, feita em huma trança, e na ponta hum nó. O Rume com os ſeus navios vinha na meſma ordem; e chegando a tiro de camelete, deixou-ſe ficar hum pouco atrás o Cutimuçá, Capitão dos ſeis navios de Cananor, porque vio ir os noſſos muito determinados. E vendo Luiz de Mello os navios do Rume já perto, brádou ao Condeſtabre (que era Framengo, e grande official) que deſparaſſe o camelete; ao que lhe elle reſpondeo, que o deixaſſe fazer ſeu officio, que como viſſe tempo, elle teria cuidado. O Rume vinha demandando a galeota do Capitão mór em ſima do ſeu baileo, veſtido em huma Cabaya de eſcarlata, e huma touca na cabeça de muitas voltas, e aos pés hum caſco, e hum formoſo treçado, e na mão huma cana de bengala, com que hia ameaçando os marinheiros, e fazendo-os remar. E vindo aſſim com tenção de inveſtir a galeota do Capitão mór pela proa, ſendo já pouco mais de tiro de pedra, poz o Condeſtabre de Luiz de Mello fogo a hum camelete, que levava com hum cartuxo de ſeixos na boca; e tomando a galeota do

me de proa a poppa, a foi axorando toda, e a virou logo com a quilha pera sima, não escapando della senão muito poucos, que os nossos passada a fumaça víram vivos apegados á quilha da galeota dos Mouros, cujo Capitão devia de acabar de mistura com os outros. Os mais Parós passáram ávante, e tres delles envestíram o Capitão mór, dous pela proa, e hum por huma das ilhargas, e logo lhe lançáram gente dentro com tamanho impeto, que fizeram retrahir os nossos, que estavam na proa, com morte de alguns, em que entráram D. João de Lima, e hum irmão de D. Braz de Almeida, a que deram huma fréchada pela testa, que lhe passou os miolos.

Vendo Luiz de Mello da Silva os inimigos dentro na sua galeota, e apoderados já da proa, acudio a ella com alguns Fidalgos, e cavalleiros, e deo nos Mouros com tamanho impeto, que os lançou fóra, recebendo elle em si algumas feridas, que pela fortaleza das armas o não matáram, e todavia ficou ferido em hum pé, que o tratou mal. Assim ficáram os nossos tão animosos daquelle successo, que sem recearem a multidão dos Mouros, se lançáram com elles nos seus navios, onde á espada, e rodella ...am nelles tal estrago, que lhes não es...am senão os que se lançáram ao mar,

 fi-

ficando aquelles tres navios, que abordáram o Capitão mór, deſpejados de todo. Os mais Parós abalroáram os outros navios, e o que ferrou de Manoel da Silva (que trazia huma galeota Latina) logo foi axorado, e rendido; e pondo a proa em outro, depois de grande referta, e muitos feridos, o deſbaratou de todo. Gomes Eanes de Freitas abalroou outro Paró, e com grande valor o entrou, e metteo todos os Mouros á eſpada, e foi ſoccorrer o navio do Pimentel, que hum dos Parós o tinha axorado, e morto o ſeu Capitão com a mór parte dos ſoldados. E vendo aquelle eſtrago, poz-lhe a proa; e entrando naquelle navio, em que os Mouros andavam vitorioſos, fazendo grande carniçaria em os noſſos, teve com elles huma muito aſpera, e perigoſa batalha. O Paró dos Mouros, que eſtava abordado ao navio do Pimentel, que não tinha em ſi mais que os marinheiros, vendo aquelle ſoccorro, e o eſtrago que os noſſos começavam a fazer nos ſeus, alçando a véla, foram-ſe, deixando todos os Mouros as lans com os noſſos, que logo foram mettidos á eſpada ſem eſcapar hum ſó, ficando Gomes Eanes de Freitas com a mór parte dos ſeus ſoldados feridos, e queimados.

O Cutimuçá Capitão mór dos ſeis vios do Ade Rayo de Cananor, ven

manha deſtruição, deo á vela com todos os ſeus navios, e ſe foi acolhendo com tamanho medo do que víra, que aſſim á véla foi varar na praia do Bazar de Cananor, como ſe os noſſos lhe foſſem dando nas coſtas. Luiz de Mello da Silva recolheo os ſeis navios, que tomou aos Mouros, e por ter muitos feridos na Armada, ſe foi recolhendo pera Goa, deitando os mortos ao mar, que paſſáram de trinta.

Aqui aconteceo hum caſo memoravel, e que ſe notou por maravilhoſo; e foi eſte. Entre os mortos, que ſe lançáram ao mar da galeota de Luiz de Mello da Silva, foi o irmão de D. Braz de Almeida, que matáram da fréchada pela teſta, que foi amortalhado em huma colcha. Andou eſte corpo no mar ſinco, ou ſeis dias, e no cabo delles o encaminháram as aguas pelo rio de Chale dentro trinta e quatro leguas de Mangalor, onde foi lançado ao mar, e com a maré foi varar á porta do Moſteiro dos Frades de S. Domingos, tão inteiro, e ſem corrupção, que parecia morto daquella hora; e tal, que foi conhecido de todos. E D. Jorge de Caſtro, que era Capitão daquella fortaleza, acudio á praia, e o mandou enterrar muito honradamente, ſem ſe ſaber couſa alguma do que era paſſado, que ainda a nova daquella batalha não cor-

corria, que veio apôs elle, e começou a haver com ellas em todo o Malavar grandes prantos, e desconsolações, porque se perdêram naquelle successo perto de quatrocentos Mouros dos principaes; e ficou tal o mar daquelle estrago, que muito tempo não comêram os nossos por toda aquella costa peixe, nem ainda os Mouros, porque em Cananor acháram no bucho de hum casão os dedos de hum homem, que causou grande nojo.

CAPITULO III.

De como Luiz de Mello da Silva chegou a Goa, e o Viso-Rey o prendeo, e depois o mandou invernar a Cananor: e da Armada que despedio pera Maluco: e da conjuração que todos os Mouros do Malavar fizeram contra a nossa fortaleza de Cananor: e do grande assalto que lhe deram: e dos casos que nelle acontecêram.

CHegado Luiz de Mello da Silva á barra de Goa, com esta vitoria, alguns dias andados de Abril, logo o Viso-Rey teve aviso disso; e como tinha cartas frescas de D. Payo de Noronha, Capitão de Cananor, em que lhe pedia soccorro, porque todos os Mouros do Malavar estavam conjurados contra aquella fortaleza, e que faziam grandes preparações pera a commetterem.

rem, tomou muito mal vir-ſe Luiz de Mello da Silva ſem ſua licença naquelle tempo, em que havia tamanha neceſſidade delle. Pelo que mandou logo ao Ouvidor geral, que o foſſe prender no Caſtello de Pangim, e que detiveſſe a Armada fóra, porque queria logo eleger outro Capitão pera a tornar a mandar. E como o negocio importava tanto, como era ſoccorrer logo aquella fortaleza, tratou da eleição do Capitão que havia de mandar, e commetteo alguns Fidalgos pera iſſo, que ſe eſcuſáram por cauſa de Luiz de Mello da Silva, cuja a jornada era, e aſſim o diſſeram todos ao Viſo-Rey, e lhe pedíram que ceſſaſſem as paixões, e que ſe reconciliaſſe com elle, e o tornaſſe a mandar, porque era hum Fidalgo muito honrado, e muito neceſſario ao ſerviço de ElRey, que eſte era então o primor, e verdade dos Fidalgos daquelle tempo, que antes perderiam a vida, que hum pequeno ponto de ſua opinião. E tanto guardavam iſſo huns com os outros, que couſa que foſſe em damno, ou prejuizo de hum, a não acceitava outro, ainda que niſſo eſtiveſſe todo o ſeu remedio; e tão aprimorada corria então eſta praça, que nas entradas das fortalezas já mais aconteceo, ou muito poucas vezes, chegarem a juizo; porque baſtava [illegible]e elles ſaber-ſe que hum era primeiro pro-

provído, pera lhe não arguirem defeitos, e descubrirem infamias, que depois vieram allegar huns contra outros. E era tão puro este negocio, que o Fidalgo que levava a sua Patente ao Viso-Rey pera lhe pôr o cumpra-se, e tomar-lhe a menagem, e darlhe a posse da fortaleza, em que pertendia entrar, logo era despachado sem cartas de Editos, sem citações, e sem apregoarem, como em almoeda, se havia algum que delle quizesse alguma cousa; nem haver mister aderencias pera lhe pôrem o cumpra-se.

E tornando á nossa historia. Vendo o Viso-Rey que todos os Fidalgos, e Capitães velhos lhe enjeitavam a jornada, e que lhe estranhavam a prizão de Luiz de Mello da Silva, metteo-se em huma manchua, e foi-se a Pangim ver com elle, e alli se reconciliáram, e lhe pedio, que tornasse pera Cananor, porque cumpria assim ao serviço de ElRey. Luiz de Mello da Silva, deixando aggravos, acceitou a jornada; e o Viso-Rey mandou logo pagar quinhentos homens, e nomeou seus Capitães pera lhes darem mezas todo o inverno; e na mesma Armada, em que Luiz de Mello da Silva veio, o despedio, e lhe deo muitos provimentos, e munições, e dinheiro pera as mezas, e pagas dos soldados, e fez mercê aos Capitães que aquelle verão andáram c[illegible]

elle d'armada. Esta era a razão, por que o serviço de ElRey então luzia tanto, liberalidade da parte dos Viso-Reys, e da dos soldados zelo do seu serviço, e nenhuma cubiça nelle, porque estes são os dous eixos, sobre que os Imperios do mundo se sustentam; e faltando elles, deram com tudo através.

Partido Luiz de Mello da Silva pera Cananor, despachou o Viso-Rey os provimentos pera Maluco, e foi por Capitão daquella fortaleza Manoel de Vasconcellos, filho de Diogo de Vasconcellos, e de Dona Tareja da Gama, irmã do Conde da Vidigueira, que descubrio a India, e levou hum galeão em que foi, e mais duas caravelas, de que eram Capitães Henrique de Vasconcellos, e Diogo da Silveira, e alguns navios de remo, a cujos Capitães não achámos os nomes, porque quiz o Viso-Rey prover as necessidades de Maluco bastantemente. Escreveo áquelle Rey cartas muito honradas, e cheas de muitos mimos, affirmando-lhe, que D. Duarte Deça seria muito bem castigado pelos desserviços que lhe fizera; e na mesma companhia mandou muitos provimentos pera Malaca, e Ceilão.

Partida esta Armada, despachou o Viso-Rey alguns navios pera Damão, e Dio, com Capitães, e soldados, que foram inver-

vernar áquellas fortalezas pera darem mezas aos ſoldados ; porque naquelle tempo , e muitos annos depois , ſe davam mezas a mil e duzentos ſoldados em cada fortaleza fronteira , e a fóra iſſo lhes pagavam ſeus quarteis geraes , dous a cada ſoldado , ſem ſe lhes ficar devendo couſa alguma ; e o meſmo ſe fazia na Cidade de Goa , e não rendia a India então mais que ſetecentos mil pardaos. E depois diſto veio tudo tanto a menos , que com creſcer o rendimento tanto em dobro , cortáram aos pobres dos ſoldados tanto a ração , que lhes tiráram as mezas , e lhes não pagáram mais que hum quartel em todo o verão , e no inverno , aos que eſtavam aſſentados no rol dos ordenados , e limitados ás fortalezas. Sendo dantes tudo tão liberal , que todos os que invernavam , tinham certos ſeus dous quarteis , ſem apreſentarem certidões de titulos correntes , como hoje fazem ; ſem haver mezas , nem outras liberalidades , com que ſe os ſoldados ſuſtentem. E eſta he a razão , por que ha já tão poucos , que queiram ir a invernar ás fortalezas de ElRey , e tantos que ſe fazem chatins , e ſe vam quaſi a morar aos Reynos de Pegú , e Bengala pera ajudarem aquelles Reys , que tem guerra huns contra outros. E deixando iſto , tornemos a Luiz de Mello da Silva , que deixámos partido

Goa, porque com estas Armadas cerrámos o verão.

Chegado este Capitão a Cananor, achou D. Payo de Noronha muito enfadado por ter novas certas que o Ade Rajao tinha convocados todos os Mouros daquella costa, pera lhe pôr hum muito rijo, e apertado cerco; porque de tudo o avisava hum Naire dos principaes da casa de ElRey, chamado Nicore Guaripo, Jangada da fortaleza; que era tão bom homem de sua natureza, e tão grande amigo dos Portuguezes, que com ElRey (que entrava nesta conjuração, e o Ade Rajaõ) trazerem o olho nelle, não deixava de avisar o Capitão, e de prover a fortaleza de noite de tudo o que tinha necessidade, com grande risco seu: no que o favorecia, e ajudava o Coge Cemaçadim, de quem muitas vezes temos fallado nas outras Decadas, que neste tempo estava muito enfermo, e veio a morrer, e o seu thesouro foi lhe sumido, porque ElRey, e os Naires lho foram consumindo pouco a pouco. E isso que então poderia ter, lhe tomou a mulher, que estava amancebada com hum genro seu, casado com huma filha da outra mulher, que estando elle doente, fogíram com tudo o que puderam haver ás mãos, que ainda foi huma boa quantidade de ouro, e pedraria.

Tan-

Tanto que Luiz de Mello da Silva chegou á fortaleza, como diziamos, foi recebido com grande alvoroço, porque eſtavam todos muito attribulados com a nova da liga, e mandou varar a Armada á porta da fortaleza, e cubrilla por cauſa da invernada, e tomou poſſe das tranqueiras, que cercavam a povoação de fóra, que eram de taipas muito fracas, com alguns andaimos, e guaritas, e repartio por ellas todas os Capitães de ſua companhia, e que haviam de dar mezas aos ſoldados, que eram quatro. D. Antonio de Vilhena Manoel, Jeronymo de Sá, filho de Gaſpar Gonçalves de Riba fria, Porteiro da Camara de ElRey, Manoel Travaſſos, e outro, a que não achámos o nome. Eſtes ſe agazalháram em caſas pegadas ás ſuas eſtancias, e guaritas, pera nellas darem mezas a ſeus ſoldados, e Luiz de Mello da Silva ficou de fóra com ſeſſenta ſoldados pera acudir aonde foſſe neceſſario. E mandou logo reformar, e repairar as tranqueiras o melhor que pode ſer, ficando D. Payo de Noronha na fortaleza com alguns criados, e caſados velhos. Nicore Guaripo, tanto que ſoube da chegada de Luiz de Mello da Silva, logo o mandou aviſar, que eſtiveſſe preparado, porque muito cedo o haviam de commetter de noite, mandando-lhe offerecer tudo o de que tiveſſe

ſe neceſſidade. E aſſim de noite á formiga mettiam nas tranqueiras tudo o que lhe pediam, o que lhe Luiz de Mello da Silva ſoube mui bem agradecer, e pagar. O Ade Rajao cabeça deſta liga, depois que ſentio ElRey deſgoſtoſo, e quaſi affrontado do ruim modo que D. Payo de Noronha teve ſempre com elle, não perdendo a occaſião, o foi accender mais em ira contra os noſſos, promettendo-lhe de lhe entregar nas mãos aquella fortaleza com toda a artilheria, homens, mulheres, e meninos, ornamentos, e prata dos Templos; e com a cubiça deſtas couſas ſe offereceo a entrar na liga, já que o Ade Rajao tinha mettido nella o Camorim, e quaſi todos os Reys do Malavar, a quem peitou pera iſſo groſſamente, porque eſtava muito rico; e aſſim lhe mandáram todos muita gente, e o ajudáram com petrechos, munições, e tudo o mais que lhe foi neceſſario pera a eſcala daquella fortaleza, porque determinava elle de levar por aſſalto as tranqueiras, pera depois baterem a fortaleza á ſua vontade.

Eſtando já preſtes de tudo, ſendo quinze dias do mez de Maio, no quarto d'alva ſahio da ſua Cidade o Ade Rajao com toda a potencia dos Mouros, e Malavares, que ſe affirma ſerem mais de cem mil Mouros, e Nayres, em que entravam dez mil

eſ-

espingardas,) e com todo aquelle poder rodeáram as tranqueiras desdo mar até o Mosteiro de S. Francisco, e arremettêram todos de tropel a ellas com tão espantosos gritos, huivos, e alaridos, que parecia a terra se fundia, arvorando por toda ella muitas escadas, por onde os mais atrevidos subíram, e se puzeram em sima, e as entravam pela parte em que pousava D. Antonio de Vilhena Manoel, e deram logo comsigo no quintal das suas casas pera sua destruição. Os nossos, que já estavam sobre aviso em silencio, ao terror daquellas vozes leváram as mãos ás armas, e acudíram a suas estancias, onde acháram já os inimigos apossados dellas: o que tiveram por tamanha affronta, que sem recearem o poder, nem lhes causar espanto os grandes terremotos que ouviam, remettêram a elles, e travá[ra]m huma aspera batalha em sima das tranqu[e]iras. Luiz de Mello da Silva acudio logo c[om] a bande[i]ra de Christo, e com a do Rume, [que ha]via pouco tinha tomado, e desbaratado, (que era de tafetá verde muito grande,) e as mandou pôr ambas em hum cubello, a de Christo arvorada, e a outra abatida, e lançada pera fóra pera quebrantar com ella os animos dos inimigos. E deixando aquelle cubello seguro, foi correr todas as tranqueiras, chamando, e nomeando os Capi-

tães, e animando os ſoldados, que achou todos com tamanho furor, que muitos delles eſtavam detrás dos que pelejavam pelas ſeteiras, por não caberem. E como aquelles deſparavam ſuas eſpingardas no cardume dos Mouros, os outros lhes pediam por amor de Deos, que em quanto elles tornavam a carregar, lhes deixaſſem matar alguns daquelles inimigos. Mas eſtavam os outros tão ſoffregos, que nem eſſe pequeno tempo lhes queriam dar, porque não faziam mais que carregar, e deſcarregar pelas ſeteiras; e como davam na multidão dos Mouros, não havia pera que apontar; porque pera onde quer que foſſe o pelouro, dava nos Mouros, e os hia derribando, e fazendo nelles grande eſtrago. D. Antonio de Vilhena Manoel, que ao primeiro rebate acudio á ſua eſtancia, e deo com os ſeus quintaes cheios de Mouros, remettendo a elles com ſincoenta ſoldados que tinha, travou huma muito cruel, e arriſcada batalha, em que elle, e todos os ſeus ſoldados pelejáram com tanto valor, e esforço, que paſſáram pelas eſpadas os mais dos inimigos, e não lhes eſcapáram ſenão poucos, que ſe lançáram das tranqueiras abaixo. Os Mouros, que eſtavam derredor das taipas, eram tantos, e ellas taes, que em partes lhes puzeram os hombros, e deram com ellas dentro, como fizeram na eſ-

eſtancia de Manoel Travaſſos, onde ficáram pelejando de barba a barba huns com os outros, fazendo os noſſos façanhas muito pera notar, e invejar, e que nos não atrevemos a contar, nem engrandecer como merecem. E outras partes houve, em que os Mouros varáram as tranqueiras com as ſuas lanças, que eram compridas, e tezas; de maneira, que ſe póde dizer, que antre os noſſos quinhentos ſoldados, e cem mil dos Mouros, não havia couſa alguma, porque todos pelejavam á eſpada, e muitas vezes vinham a braços huns com os outros. A grita era tamanha, os alaridos taes, o terremoto das armas tão temeroſo, o eſtrondo da eſpingardaria tão eſpantoſo, que parecia que ſe acabava o mundo. E juntamente com iſto as chammas, e labaredas das panellas de polvora de huma, e da outra parte tão grandes, e tão medonhas, que ſubiam ao Ceo, e aſſim alumiavam as tranqueiras, e dentro na fortaleza, como ſe fora claro dia. O que tudo cauſava tamanho medo, e eſpanto, que andavam as mulheres pelas ruas deſcabelladas, e deſcalças, de Igreja em Igreja, pedindo a Deos miſericordia, com os olhos feitos humas fontes de lagrimas. E os Religioſos de S. Franciſco poſtos em oração diante do Santiſſimo, e Divino Sacramento com muitas lagrimas en-

com-

commendavam a Deos aquelle negocio; e affirma-se que hum delles víra em o tirante da Igreja o Espirito Santo em figura de Pomba, mui luzente, e resplandecente, e que áquella visão alevantára a voz, e chamára pelos Religiosos que a vissem. E dando com isto hum novo fervor a todos, movidos do Divino Espirito, alevantáram hum Crucifixo em huma hastea alta; e sahindo da fortaleza, se foram metter no meio da batalha, começando a esforçar, e animar os nossos, affirmando-lhes que o Espirito Santo andava antre elles em seu favor, e ajuda.

Vendo os soldados a figura de Christo crucificado alevantada no ar, e ouvindo todos o que os Religiosos diziam, dando-lhes huma nova furia, foram-se alguns ao Capitão mór, e pediram-lhe, que lhes désse licença pera sahirem das tranqueiras, e irem pelejar com os inimigos ao campo largo; pera mais á sua vontade, e sem impedimento se satisfazerem delles, pois tinham a Deos por si. Luiz de Mello da Silva lhes louvou muito aquelle animo com mui honradas palavras; mas pedio-lhes que se quietassem com as mercês de Deos, e com o grande estrago, que tinham feito nos Mouros. E tornando-se todos ás tranqueiras, puzeram-se ao encontro dos inimigos, em quem fizeram tantas crueldades, que quasi elles mes-

mos se compadeciam delles; porque subidos muitos em sima das taipas, descubertos ás nuvens de fréchas, settas, e pelouros, lançavam sobre aquella multidão de Mouros tanto fogo, tantas pedras, e tantos outros instrumentos de morte que era espanto, abrazando, derribando, e espedaçando tantos, que tinham feito hum entulho de corpos mortos, quasi tão alto como as taipas. Antre todos estes se assinalou mais hum Francisco Riscado, que sem temor de quantos tiros cahiam sobre os nossos, andou sempre correndo por sima da taipa, appellidando o Apostolo Sant-Iago; e abrazando os Mouros com fogo de muitas panellas de polvora, que sobre elles lançou, cujas labaredas fizeram nelles muito grandes estragos, e incendios.

Luiz de Mello da Silva mostrou bem neste dia os quilates de seu esforço, e o toque de sua grande prudencia; porque quando lhe era necessario pelejar, o fez como hum Cesar; e quando lhe convinha mandar, e governar, o fazia com tanta ordem, e quietação, que nada o perturbava, e nada faltava. Em fim por não contarmos tantos golpes, e tantas particularidades, e casos pera notar, que nós não sabemos engrandecer como merecem, passemos por todos, dizendo sómente que a briga durou desde as Mati-

nas,

nã, que era ás quatro horas de pela manhã, até as quatro da tarde, em que os Mouros ſe recolhêram por já não poderem com tamanho eſtrago, e deſtruição, deixando o campo todo alaſtrado, ſemeado, e cheio de corpos eſpedaçados, e abrazados, a fóra muitos que leváram, e tinham recolhidos. Affirma-ſe perderem-ſe neſta batalha quinze mil Mouros; e não podiam ſer menos, pelo eſtrago que ſeiscentas eſpingardas podiam fazer em doze horas, que ſempre tiráram em roda viva, ſem nunca perderem tiro; e muitos houve, em que ſe derribáram dous, e tres de hum ſó, a fóra mais de quinhentas panellas de polvora, e outros muitos generos de mortes, que todos ſe empregáram muito bem.

Recolhidos os Mouros, e deſaſſombrados os noſſos, (que ficáram todos banhados em ſangue, e ſuor, e abrazados de mãos, pés, e roſtos, de maneira que pareciam alarves,) ordenou o Capitão mór com os Padres de S. Franciſco, que alli eſtavam com o Crucifixo arvorado, huma Procisſão, em que ſe acháram todos, aſſim como ſahíram da batalha, ſem ſe quererem ir curar os feridos, e foram a noſſa Senhora da Vitoria a dar-lhe graças por aquella tamanha, e tão admiravel, que lhes ſeu precioſo Filho deo. E entrando pela fortaleza, acudíram as mu-

lheres assim descalças, e descabelladas como andavam, e os velhos, e meninos, e os prantos que faziam, e as lagrimas que até então derramáram, com que pediam misericordia ao Senhor, as convertêram em Ladainhas, e em louvores de tamanha mercê, com tantas mais lagrimas, e soluços por se verem livres, que quasi interrompiam, e pervertiam a ordem das Ladainhas.

Passado isto, se tornou o Capitão mór ás tranqueiras, e mandou enterrar alguns mortos dos nossos, que não passáram de vinte e sinco, e fez logo renovar, e repairar as taipas, e guaritas o mais depressa que pode ser, sem despirem as armas; porque se os inimigos os tornassem accommetter, os não achassem tão desbaratados como ficáram, porque quasi tudo estava razo. Mas elles pelo grande estrago que víram em os seus, ficáram tão cortados de medo do nosso ferro, que desfizeram logo a liga, e os hospedes se foram pera suas terras chorando sua triste sorte, e desaventura; porque não houve aldea em todo o Malavar, em que não houvesse prantos, e lagrimas do sentimento daquella perda. E tanto que hum Mouro da povoação de Chomomba, que tinha vindo áquella guerra com quatro filhos, todos perdeo naquelle combate; e primeiro que se embarcasse, foi ter com Ade-

Ra-

Rajao, e lhe fez huma breve falla, em que o persuadio a ter sempre paz com os Portuguezes, apontando-lhe muitos bens que della resultavam, e os grandes damnos que da guerra com elles succediam; de que lhe não dava mais exemplo, que em si proprio; porque chegára alli de sua terra com quatro filhos, e se recolhia sem nenhum delles, porque todos lhe matáram os Portuguezes, e que visse bem o que seria nos mais. Todavia a terra ficou assim de guerra, que o Ade Rajao foi sustentando todo o inverno; mas não houve em todo elle cousa notavel, de que possamos fazer memoria, passando todo em assaltos de pouco momento.

CAPITULO IV.

Do que mais aconteceo por todo este verão na Ethiopia, nas guerras que aquelle Emperador tinha com os Mouros, e com huns Cafres chamados Gallas: e de algumas praticas que o Emperador teve com o Bispo sobre as cousas da nossa Religião Christã.

POucos dias depois dos nossos chegados á Corte, sem o Bispo ter entrado em negocio algum, chegáram novas, que o Baxá do Turco com cento de cavallo, e quatrocentos de pé, que deixámos em Maçuá,

çuá, fora caminhando pera Baroá; e que em hum paſſo tivera huma batalha com o Barnagais, em que o Turço lhe matára muita gente, e hum irmão do Capitão Iſaac chamado Agaba, (que fora muitos annos Barnagais,) e que com eſta vitoria chegára o Turco a Baroá, e ſe lhe deſpejára a terra. Juntamente com eſtas novas chegáram outras, que os Cafres Gallas eram entrados pelas Provincias do Emperador, principalmente pela de Balé, e que andavam fazendo grandes damnos, e deſtruições. (Neſta Provincia Balé tem os Abexins por ſuas eſcrituras, que o Apoſtolo, e Evangeliſta S. Mattheus andára prégando o Evangelho) Todas eſtas novas entriſtecêram muito a todos, e logo tratou o Emperador de acudir em peſſoa aos Gallas, deſpedindo com muita preſſa o Capitão Iſaac, dando-lhe bandeira de General da empreza contra os Turcos, e lhe mandou que foſſe fazendo toda a gente que pudeſſe pelas terras por onde paſſaſſe, a fóra a que lhe elle deo.

E porque o Emperador tratava de ſe partir logo pera a Provincia de Balé, e era entrada de Junho, em que o inverno começa naquellas partes, aſſentou « que foſſe a » Rainha ſua mulher, e o Biſpo com os » Portuguezes, invernar na Provincia cha» mada Hojé, por ſer fertiliſſima, e onde

» o.

» A Bispo tinha bons Paços, e jardins fresquissimos; mandando a hum dos seus principaes, que se chamava Adiaes (que andára com a Rainha velha no campo de » D. Christovão da Gama) pera que corresse com o Bispo, e mais Portuguezes em » suas despezas, e ordinarias, e pera lhes » fazerem aposentos, como fizeram, e ficáram alli grande parte do inverno, mui » quietos, e bem providos de todas as cousas.»

Partida a Rainha, e o Bispo, logo o Emperador se poz a caminho com todo seu campo, levando em sua companhia sós estes Portuguezes: Gaspar de Sousa de Lima, Gonçalo Soares Cardim, Antonio de Sampaio, João Gonçalves, Diogo da Fonseca Leite do Porto, Francisco Nogueira, João Alonso, natural de Toledo, e Lopo de Almança Gallego. E assim foi caminhando por humas campinas larguissimas, e chegáram a hum lago de agua salobra de seis leguas em circuito, que tem em si huma Ilha, em que está hum Mosteiro de Frades, onde estam enterrados muitos dos Emperadores passados. Dalli foi o Emperador caminhando pera a Provincia Hadiau, que era de Mouros, que estavam rebelados. São estas gentes barbarissimas, e cavalgam em cavallos, como Gallegos em osso, e traz cada hum

sin-

ſinco, ſeis jarguncho , ou azagaias , com que tiram de arremeſſo, e fazem tamanhos tiros que eſpantáram os noſſos.

O Emperador entrou por eſta Provincia, e fez nos Mouros grandes cruezas , e deſtruições, e dalli ſe paſſou a huma terra, que ſe chama Gazé, mais pera o Sertão, onde affirmam os que lá foram, que havia huma eſtrada muito corrente pera Melinde. Aqui paſſou o Emperador tres mezes do inverno, muito temperado , e em Agoſto ſe levantou, e tornou a voltar pera ſua caſa , por ſerem já os Cafres Gallas recolhidos, e alguns que achou foram eſpeçados , e mortos, e de paſſagem foram dar em outro lago, que ſerá de tres leguas, que traz grande quantidade de peixes; e dia da Degollação de S. João Baptiſta chegáram á Provincia de Hojé, onde eſtavam a Rainha, e o Biſpo , que com todos os Portuguezes os ſahio a receber com grandes feſtas , e elle ſe recolheo em ſeus Paços, onde eſteve alguns dias encerrado, deſcançando do trabalho da jornada. E poſto que o Biſpo fora ſempre bem provído , mandou ElRey, depois que veio, que lhe deſſem hum marco de ouro cada mez pera ſua peſſoa, e per cada ſoldado, e criado ſeu huma onça, porção muito baſtante pera a barateza da terra em que correm por moeda humas barras d fer-

feito de hum palmo e meio de comprido, e dous dedos e meio de largo, e furadas por huma cabeça, por onde se penduram, e sete destas valem hum pardao de ouro, e só nesta Provincia correm. Mas a moeda mais corrente, com que se compra tudo nas mais das Provincias do Sertão, he o sal, que todo he em pedra, e huma de hum palmo de comprido, e tres dedos de largo, val hum Drimi, e por duas destas compra hum soldado trigo, que lhe basta pera hum mez, e por huma, cevada pera a mula, e por outra, carne, que o sustenta huma semana, e quatro, sinco, seis gallinhas por outras, e os ovos oitenta, noventa, e huma grande quantidade de manteiga, e muitos limões, peixe, choupas, e vinho o mais caro, oito canadas a pedra, e assim todas as mais cousas desta sorte.

E tornando ao Emperador. Depois de descançar alguns dias, mandou chamar o Bispo, que foi acompanhado dos Padres, e dos Portuguezes; e depois de alguma pequena conversação, mandou o Emperador despejar todos, até os Padres; e ficando só com o Bispo, tratáram sobre cousas da Escritura, em que o Emperador era muito lido, e o que passáram não se soube, mais que sahir-se o Bispo mui apaixonado, e dizer contra os Padres: *Grande herege he este*

te homem, e aſſim ſe recolhêram, e em caſa daria o Biſpo relação de tudo o que paſſáram. Depois diſto mandou o Emperador convidar o Biſpo pera ver a ſua Miſſa, e eſtar a ſuas ceremonias; o que elle fez, levando todos os Portuguezes comſigo, e foi á Igreja, (que era do Orago de S. Jorge,) onde eſtiveram ao Officio, o Biſpo ſempre de giolhos, e os Portuguezes ſempre em pé, por lho elle mandar aſſim, e defender que não fizeſſem adoràção alguma, nem moſtras de devoção. O Emperador diſſe a Epiſtola, tendo ſempre huma cortina diante, porque o não viſſem; do que o Biſpo ficou triſte, e deſcontente, por entender que teria trabalho em o trazer aos coſtumes da Igreja Romana; nem o Emperador eſtava ſatisfeito do Biſpo por ſua liberdade; e aſſim pouco, e pouco veio a tomar algum aborrecimento aos Portuguezes, ſem quem não podia dar hum paſſo.

Aqui eſtiveram até á entrada de Outubro, fazendo o Biſpo muito bem ſeu officio, e apertando com o Emperador ſobre as couſas da Religião Chriſtã, deſenganando-o que vivia errado, e herege.

Vendo todavia o Biſpo a contumacia do Emperador, mandou publicar huma carta de excommunhão contra todos os Portuguezes que o ſerviſſem, pelo haver por ſciſmati-

ti-

..., e maldito: do que se elle indignou tanto, que logo alevantou o campo, dizendo, que hia buscar os Turcos, ficando alli o Bispo com os que vieram com elle da India. O Emperador se passou ao lugar de Como, onde a Rainha sua mãi se foi ver com elle, que havia muitos tempos que andava arrufada do filho por humas terras, que elle tinha tomado a hum Senhor chamado Xumo Casalou, casado com huma irmã da Rainha chamada Ithiezama, Senhora muito formosa, e que se prezava de fallar bem Portuguez, que andou sempre na companhia da irmã, no exercito de D. Christovão da Gama. Trazia a Rainha comsigo outro filho mais moço que o Emperador, chamado Minas, que havia de succeder no Reyno, por seu irmão não ter filhos. E todavia posto que o Emperador fez grande recebimento á mãi, ella se não quiz reconciliar com elle.

Aqui chegáram novas, que o Isaac, que o Emperador tinha despedido contra os Turcos, que estava em Baroá, alcançára huma grande vitoria de huma Senhora Moura chamada Gahoa. Este Isaac, depois que o Emperador o despedio contra os Turcos, foi ajuntando a gente que lhe pareceo necessaria; e antes de chegar a Baroá, teve por novas, que hum sobrinho desta Senhora chama-

ma-

mado Habem Dilabo lhe entrára por as terras com duzentos cavallos em companhia de alguns Turcos, que *lhe* o *Baxá* mandou, pelo que lhe foi necessario *acudir lá*; e encontrando-se com os inimigos, que faziam grande preza junto de hum formoso rio chamado Tagazé, e sentindo turvação em os seus, e que mostravam medo, desceo-se do cavallo, e tomando huma adarga, e dous dardos, disse aos seus « que quem o quizes» se seguir o podia fazer, porque elle se » hia metter antre os inimigos. » E assim endireitou pera elles; e alguns Portuguezes, que foram em sua companhia, o foram seguindo, e o mesmo fizeram todos os Abexins. E chegando o Isaac aos inimigos, disse aos Turcos que hiam diante: « Ah per» ros, hoje he dia, em que hei de tomar » satisfação da morte de meu irmão que ma» tastes, ou tambem o haveis de fazer a » mim; mas sabei que vos hei de custar ca» ro; » e despedindo os dardos, atravessou alguns, e os nossos, que hiam a cavallo, rompêram em os Turcos, acompanhados de alguns Abexins, e daquelle primeiro encontro derribáram dezoito de cavallo, em que entrou Habem Dilabo, Capitão da gente da Moura, de que atrás fallámos, e os mais se puzeram em desbarato, deixando a preza nas mãos do Isaac, que logo virou as

ban-

bandeiras contra as terras da Moura, que o esperou com muita gente. Mas como os Abexins hiam já com o medo perdido, logo a desbaratáram com morte da mór parte dos seus, e ella se foi fogindo pera Baroá, onde o Baxá a recebeo bem, e lhe prometteo ajuda, e vingança. O Isaac ficou senhoreando as terras, em que o deixaremos por tornarmos ao Bispo.

Vendo elle o modo daquelle Emperador, determinou de mandar recado á India, pera o que se lhe offereceo hum Micer Bartholomeu Neapolitano, grande Medico, pera fazer aquella jornada por Zeilá, e levou por guia hum Mouro, que tinha alli sua mulher, e filhos, e por elle escreveo o Bispo ao Governador, e Patriarca tudo o que lhe tinha succedido. Chegado este homem a Zeilá, o descubrio o mesmo Mouro áquelle Rey, que o mandou levar diante de si, e o persuadio que se fizesse Mouro, offerecendolhe grandes partidos de terras, e honras, que elle engeitou como Catholico Christão que era: pelo que lhe mandou ElRey cortar a cabeça, fazendo sua ditosa alma outra mui differente viagem, da que elle commettia, que foi ir-se apresentar diante de Deos, banhada no fresco sangue, final, e prenda de seu glorioso martyrio. O Mouro depois que commetteo esta maldade, tornou-se pera

ra onde o Bispo estava ; e tomando a mulher, e filhos em muito segredo, os levou pera Zeilá.

CAPITULO V.

De como deo huma gravissima enfermidade nos Turcos, de que morrêram todos: e de como o Bispo tratou de se partir pera a India pelas poucas esperanças que tinha da conversão daquelle Emperador: e de como se deixou ficar a rogo dos Portuguezes.

DEixámos atrás no ultimo Capitulo do V. Livro as cousas da Ethiopia no cunhado do Baxá do Turco, desembarcado em Maçuá, com aquelle soccorro, com que se foi logo ajuntar ao cunhado, que deixámos em Baroá, com aquella vitoria que alcançou do Barnagais, com que ficou tão soberbo, que determinou de passar adiante a buscar o Emperador ; e se o fizera, sem dúvida se senhoreára de todo aquelle Imperio, e que se acabáram os nossos que lá andavam, e as esperanças daquella Christandade. Mas como Deos nosso Senhor parece que a tem guardada pera ainda a metter debaixo do gremio de sua Igreja Catholica, e que os tenros filhos dos Portuguezes (que passavam de mil e duzentos) não viessem a

ser

ſer Janiſſaros do Turco, antes ſe foſſem ſuſtentando com o leite da Fé, permittio que a ſoberba, e intentos do Baxá ſe acabaſſem de todo; e foi deſta maneira.

Atrás démos conta no Capitulo VII. do IV. Livro, como aquella Senhora Moura chamada Gahoa, que o Barnagais desbaratou, ficou de todo quebrada, e ſem remedio, pelo que houve ſeu conſelho a ſe valer do Baxá do Turco, e pedir-lhe favor, e ajuda, como fez, promettendo-lhe ella grandes theſouros, affirmando-lhe, que em huma Villa ſua tinha enterrado huma grande ſomma de ouro, com que ſe podia fazer a deſpeza da conquiſta daquelle Imperio. O Baxá movido, e levado da cubiça de tanto ouro, ſe lhe offereceo a mettella de poſſe das ſuas terras, pera onde logo ſe fez preſtes, e lhe pedio peſſoas, que ſabiam do theſouro, pera o encaminharem; porque por ſe não fiar della, a deixou na fortaleza em guarda de quinhentos Turcos, e elle com toda a mais gente ſe poz a caminho. E porque havia de paſſar pelas terras de huns Cafres muito bellicoſos, lhes mandou diante recado, que lhe não impediſſem a paſſagem, porque não queria com elles ſenão paz, e amizade, o que lhes elles acceitáram; e chegando ás terras da Moura, achou o Baxá o theſouro que hia buſcar. E como iſto era

em

em Abril, que o Sol hia pera o Tropico de Cancro, e os raios começáram a eſcaldar a terra, e com iſſo os Turcos por natureza comilões, e deſarranjados em tudo, mettêram-ſe naquellas carnes, e leite, de que a terra era muito abaſtada, e abundante, de ſorte que deram nelles as febres tão rijas, que em tres dias os matava, e em poucos morrêram mais de quinhentos delles, com o que o Baxá ſe vio tão aſſombrado, que ſe poz em fogida, indo já tocado de mal contagioſo, e todos os ſeus, que pelos caminhos lhe foram ficando poucos, e poucos ás ſombras das arvores, onde ſe deſciam, e aſpiravam, e os cavallos hiam fogindo por eſſes deſertos, como deſatinados. E chegou o mal a tanto, que de todos não ficáram com o Baxá mais de cem Turcos, e eſſes taes que pareciam mortos. Pelo que receando-ſe que ſe tornaſſe pela terra dos Cafres, o mataſſem pelo roubar, deo volta pera o caminho de Suaquem, aonde chegou mal, e com muito poucos. Eſtas novas chegáram a Baroá ao cunhado do Baxá, que lhas deo hum peão, que pera lá foi fogindo; e poz-lhe iſto tão grande medo, que largando tudo, ſe acolhêram todos com o que puderam levar de mão, deixando toda a artilheria, munições, e theſouros que tinham, que eram muitos; e como hiam

ſem

ſem ordem, deram nelles os da terra, e mettêram todos á eſpada, ſem eſcapar mais que o Capitão em hum cavallo ruço muito formoſo; e foi o deſpojo, e riqueza tanta, que ſe affirma paſſar de tres milhões de ouro; e dizem que huma mulher Abexim, indo por hum caminho, achára huma azemala ſolta, que ficou da companhia dos Turcos, e tinha dous alforges grandes, hum cheio de ouro, e outro de prata, e huma Cabaya carmeſim forrada de martas, e huma eſpada com toda ſua guarnição de prata; e que aſſim como eſtava a dera a hum peregrino, que a levou ao Barnagais, e que tomára ella o ouro, e as peças, e a prata toda dera ao peregrino. Os da terra achâram muito ouro pelas cintas dos mortos, que havia pelos campos; e hum Frade Abexim paſſando hum rio pequeno a váo, deo com os pés em hum caldeirão, que eſtava cheio de ouro, quanto elle podia alevantar.

Com eſta mercê de Deos tão grande tornáram as couſas daquelle Reyno a melhor eſtado: e eſta era a gente ſem nome, que os Auriſpices diſſeram ao Emperador que havia de desbaratar os Turcos; mas na verdade não foi ſenão a poderoſa mão de Deos, que pelas orações do Biſpo, e mais Religioſos quiz elle atalhar a tantos damnos, quantos ſe eſperavam.

Eſtas novas chegáram á Corte, com o que houve grandes feſtas, e o Biſpo, e Padres offerecêram ao altiſſimo Deos ſolemnes ſacrificios, e orações por tão grande mercê. E como o Biſpo andava muito deſcontente do Emperador, vendo agora os caminhos deſimpedidos, e o pouco fruito que fazia naquella terra, tratou de ſe partir pera a India, porque havia que ſem dúvida lhe mandaria o Governador navios, como lhe tinha promettido: queixando-ſe publicamente de Gaſpar de Souſa, Capitão dos Portuguezes, entendendo que por ſua culpa deixava o Emperador de ſe fazer Catholico; ou ao menos ſe lho não eſtorvava, não achava o Biſpo nelle a ajuda que queria. E querendo pôr em effeito eſta ſua ida, acudíram os principaes Portuguezes de todos, e eſtes foram Gonçalo Ferreira, Simão do Soveral, Chriſtovão Nunes, Antonio Vaz, Juzarte Madeira, João Gonçalves, Jorge Nogueira, Pero Leão, e todos ſe lhe lançáram aos pés, e lhe pedíram com muitas lagrimas que os não deſamparaſſe, porque eſtavam com ſuas mulheres, e filhos, e ſuas familias, e ficariam todos (ſe ſe elle foſſe) arriſcados a perderem as almas, e apoſtatarem; e que ainda que não fizera naquella terra mais, que ſuſtentar aquella pequena Chriſtandade, havia de haver por bem empregado ſeu trabalho.

Tan-

as cousas lhe differam sobre isto, e tan-
otestos lhe fizeram, que o movêram a
ixão, e desistio da jornada. Ainda que
a de enfadado do Emperador, deter-
de se apartar delle, e se foi pera o
do Decomo, onde Pero Leão o le-
e fez á sua custa huma devota Igreja
huma rócha viva, que o Bispo benzeo,
dedicou ao Apostolo S. Pedro, onde con-
orriam todos os Catholicos aos Domingos,
e Santos a ouvir Missa, e á doutrina, e de
muito longe vinham alguns naturaes Catholicos com seus presentes ao Bispo, que pela devoção, que via nelles, havia por bem empregada sua estada; e andava com isto tão consolado que estava determinado de se deixar alli ficar toda sua vida: pelo que começou a ordenar casas pera seu recolhimento, e não andar mais inquieto. Aqui o deixaremos por hum pouco.

CAPITULO VI.

Do que aconteceo a D. Alvaro da S no Eſtreito: e das couſas que mais dêram na Ethiopia: e das guerra levantáram, em que o Emperador to: e do que mais ſuccedeo no Impe

HE neceſſario continuarmos com D. varo da Silveira, que deixámos par do de Damão, no Capitulo VII. do VI. Livro, porque parece que nos hiamos já deſcuidando delle; mas não pode ſer menos pelas muitas couſas que ſuccedêram. Partido eſte Capitão de Damão, (como atrás temos dito,) foi atraveſſando o golfo com tempo tão rijo, que ſe abrio a fuſta de Sebaſtião de Souſa de Abreu, a quem D. Alvaro acudio, e lhe tomou a gente, e a fuſta com os marinheiros tornou a voltar pera Goa. A mais Armada foi ſeguindo ſeu caminho até haver viſta da coſta de Arabia, e de longo della foi demandar a boca do Eſtreito, por onde entrou; e de algumas gelvas, que os navios de remo tomáram, ſoube o Capitão mór que no porto de Mocá ficavam quatro galés, que eram as que o Cafár tinha pera ſahir fóra do Eſtreito ás prezas, e que eſtavam já em o Canal preſtes, e negociadas pera fazer viagem.

Sa-

Sabidas eſtas novas, mandou D. Alvaro da Silveira chamar os Capitáes a conſelho, e lhes moſtrou o regimento do Viſo-Rey, em que lhe mandava, que trabalhaſſe por queimar aquellas galés, ainda que eſtiveſſem varados, e que foſſe neceſſario entrar naquelle porto. E depois de ſe praticar ſobre iſſo, e ſe apontarem os inconvenientes que havia, ſe aſſentou, que ſe cumpriſſe o regimento, e que entraſſem a pelejar com as galés; porque ſegundo a informação dos das gelvas, o poderiam fazer muito facilmente, porque traziam Pilotos daquelles Canaes. E ainda foram alguns de parecer, que tomando as galés, foſſem deſembarcar naquella Cidade, e lhe puzeſſem fogo, porque pela informação que della tinham, não havia nella poder pera lho defenderem.

Aſſentado iſto, fizeram-ſe todos preſtes, e foram demandar o porto de Mocá, aonde chegáram com alguns navios menos, por ſe apartarem com temporaes, que ordinariamente ſe acham dentro naquelle Eſtreito; e ſem embargo diſſo, determinou D. Alvaro da Silveira de entrar logo os Canaes, e pera iſſo ſe mudou com toda a gente dos galeões aos navios de remo, e batéis, e foi paſſando por todas aquellas voltas, baixos, e reſtingas. E indo já no meio á viſta das galés, que eſtavam bem dentro, lhe atiráram

el-

ellas algumas bombardadas, com que lhes desapparelháram alguns navios, e no seu lhe feríram alguns homens, e matáram cinco, ou seis marinheiros. E vendo D. Alvaro da Silveira o modo em que as galés estavam, e que não podiam ser commettidas senão pela proa, e com os navios a fio pela estreiteza dos Canaes, receando-se que o desbaratassem de todo, primeiro que chegasse a ellas, tornou a voltar pera fóra, e foi surgir junto dos galeões. E vendo que alli não tinha que fazer, determinou de ir esperar as náos de Meca fóra das portas do Estreito, porque andar por dentro delle era perigoso, e levou logo ancora, e foi-se sahindo pera a boca do Estreito, e despedio os navios de Alvaro Pires de Tavora, Fernão Farto, e Gil de Goes, e lhes deo a cada hum seu Abexim, que lhe o Viso-Rey D. Constantino entregou em Damão, pera que os deitassem em Maçuá com cartas pera o Bispo, e pera o Emperador do Preste, e lhes deo por regimento, que se tornassem a ajuntar com elle fóra das portas do Estreito, onde havia de estar até todo o mez de Março.

Partidos estes navios, sahio-se a Armada pera fóra do Estreito, e elles foram atravessando até a costa do Abexim, e chegáram a Maçuá, onde sem impedimento deitáram os Abexins, e tornáram a voltar pera D.

Al-

Alvaro da Silveira, que esteve naquella paragem até quinze de Abril, sem lhe ir náo alguma cahir nas mãos; e sendo o tempo gastado, deram á véla pera Mascate; e antes de chegarem ao Cabo de Rosalgate lhes deo hum tempo tão rijo, que lhes foi forçado correrem em poppa com muito risco, e perigo: e o navio de Alvaro Pires de Tavora, ou fosse por culpa do seu Piloto, ou por mais não poder, foi correndo tão largo com o vento, (que era Ponente,) que em poucos dias foi haver vista da costa da India antre Chaul, e Dabul, já meado Maio, e dalli foi tomar Goa. Os mais navios foram soffrendo mais os mares, e correndo com menos véla; e depois que a tormenta cessou, acháram-se do Cabo de Rosalgate pera dentro, e foram tomar Mascate, onde a Armada se desapparelhou, e o Capitão mór se aposentou em terra, e ordenou mezas aos soldados, e lhes fez pagas, porque pera tudo lhe mandou D. Antão de Noronha, que estava por Capitão em Ormuz, muito dinheiro.

Agora daremos razão das cousas succedidas na Abassia, por nos não sahirmos dellas, já que as temos antre mãos. Neste Capitulo atrás deixámos o Bispo na terra do Decomo, na sua quietação, que lhe não durou muito tempo, porque logo chegáram

no-

novas mui apreſſadas, que o Rey dos Malaſaes (Mouro, que vizinhava com as terras do Emperador) tinha mandado hum bom exercito com hum Capitão ſeu a lhe conquiſtar as terras de ſuas fronteiras, e que vinha com tenção de vir buſcar o Emperador, que eſtava na Provincia de Hojé, e dar-lhe batalha; o que metteo os noſſos em tamanha revolta, que acudíram ao Biſpo, e o leváram pera lugares ſeguros, e depois foram buſcar o Emperador, que eſtava na Provincia de Hojé pera o acompanharem, porque ſouberam que ſe fazia preſtes pera ir buſcar os Mouros. E vendo os noſſos o pouco poder que tinha, pelo ter eſpalhado pelas Provincias, lhe aconſelháram, que ſe recolheſſe a algumas ſerras fortes, até lhe acudirem ſeus vaſſallos, o que elle não quiz fazer, antes com o poder que ſe lhe ajuntou, foi buſcar os inimigos, de quem daremos agora relação.

Eſte Rey de Malaſaes, que era Mouro, ſempre foi inimigo dos Abexins, e ſeus antepaſſados tiveram com aquelles Emperadores contínua guerra; e vendo agora eſte aquelle Imperio tão perdido, e fraco por cauſa das guerras tão contínuas, que havia tantos annos tinha, determinou de o mandar conquiſtar. E pera iſto deſpedio os exercitos, que atrás diſſemos, que entráram pelas fronteiras

da-

daquelle Imperio, onde o Emperador tinha *Abiticon Malahamal* com muita gente de cavallo, que vendo o grosso poder do inimigo, se lhe desviou, por se não atrever a pegar com elle, e os inimigos foram entrando pelas terras, e senhoreando tudo sem contradição alguma.

O Abiticon como era sagaz, e grande cavalleiro, tanto que vio os Capitães dos Malasaes entrados pelas Provincias com tamanho poder, entendendo que aquelle Rey ficava no Reyno com pouco poder, e descuidado de lhe poder succeder desgraça alguma, ajuntando a mais gente que pode, entrou como hum raio pelo Reyno do inimigo, e o foi buscar á sua Cidade; e tomando-o de sobresalto, o houve ás mãos, e o matou, e fez nos seus grandes cruezas, mettendo a terra a ferro, e a fogo, e assim se recolheo carregado de despojos. E como isto era muito distante, não puderam chegar estas novas ao Emperador, antes de se ver com os inimigos; porque como hia com aquelle impeto, chegou á vista delles, e assentou seu campo no melhor sitio que achou, e começou a haver antre elles escaramuças, em que se assinaláram os nossos Portuguezes de cavallo, que eram Gonçalo Ferreira, Simão do Soveral, Affonso de França Moniz, Luiz Pardo, Diogo Pimenta,

ta, Antonio Vaz, Alvaro Fernandes, Christovão Nunes, Juzarte Madeira, Alvaro da Costa de Covilhã, Pero Leão, Gaspar de Sousa. E os de pé foram Luiz Custodio, Cosmo Correa, Fernão Sangane, Fidalgo Gallego, Jorge Nogueira, Diogo Rodrigues, Gaspar Fernandes, Antonio Pires, Manoel Pereira, Antonio de Sampaio, Gonçalo de Moraes, Antonio Martins, Alvaro Dias, Jorge Capado, Mathias de Salamanca, e Gaspar Bautista.

Os Capitães principaes, que estavam com o Emperador, eram Xumo Cafalou, Gradeho Cafo, Honão, Hobidilisai, Mochael Ase, Jorges Ase, Ahaique Colo, e Choge Cata, cunhado do Emperador, que como estava determinado de dar batalha aos inimigos, e não gastar o tempo em escaramuças, mandou fazer todos prestes, e tomou os Portuguezes apar de si. E quinta feira de Endoenças pela manhã, que foi aos vinte e tres de Março da era de mil quinhentos sincoenta e nove, sahio de seus exercitos com suas bandeiras desenroladas, e foi demandar os inimigos, que tambem já estavam em campo; e o primeiro que rompeo nelles foi Gonçalo de Moraes, que se adiantou com huma lança de fogo, com que se metteo antre os inimigos, onde se desfez, e abrazou a muitos; mas elle foi derribado

com

com hum tiro de arremeſſo. O Emperador tambem rompeo em os Mouros, nos dianteiros cercado dos noſſos.

Mas quiz a deſaventura que com os eſtouros das eſpingardas ſe eſpantaſſe o ſeu cavallo de feição, que ſem dar pelo freio, ſe foi metter no meio dos Mouros, onde o Emperador foi alanceado, e morto. Os noſſos o foram ſeguindo até ſe miſturarem com os Mouros, onde fizeram maravilhas nas armas, matando, e eſpedaçando a quantos acháram diante, como ſe foram leões ferozes; mas como as novas da morte do Emperador ſe eſpalháram pelo exercito, deſcorçoando os Abexins, ſe puzeram logo em desbarato, ficando ſó os Portuguezes baralhados com os inimigos em huma batalha muito cruel, acompanhados tambem de alguns dos Capitães Abexins, que como víram o ſeu Emperador morto, não ſe quizeram ſalvar. Mas como os noſſos eram tão poucos, e os inimigos andavam já ſenhores do campo, e com a mão folgada com a morte do Emperador, carregáram ſobre elles, e com perda da mór parte ficáram ſenhores do campo; e alguns dos noſſos, que puderam eſcapar, ſe acolhêram pera onde eſtava o Biſpo, e com elle ſe foram a partes ſeguras. Alcançada a vitoria, pera mais ſe gloriarem os Mouros della, cortáram a ca-

cabeça ao Emperador, e aos nossos, e as mandáram ao seu Rey, não sabendo que tambem estava já sem ella. E sem fazerem detença alguma, foram passando pera à Provincia de Hojé, onde a Rainha estava com seu filho Minas, pera os haverem ás mãos; mas ella tendo primeiro a triste nova, se recolheo a huma serra forte, e os inimigos chegáram aos seus Paços, os derribáram, abrazáram, e destruíram a terra, deixando-se ficar nella devagar, como senhores de tudo. Os Abexins, que escapáram da batalha, sabendo logo como os inimigos eram passados pera Hojé, ajuntando-se hum corpo delles, acudíram ao campo, e leváram o corpo do Emperador, e lhe foram dar sepultura. Os corpos dos nossos ficáram no campo, e dalli a tres mezes os acháram hum Alvaro Fernandes, e Antonio de Goes, inteiros, e sem corrupção alguma, sómente lhes faltava o membro genital, que lhes cortáram os Mouros, ou Cafres.

Neste tempo estava o Padre Reitor da Companhia quatro jornadas de Baroá, e o Padre Gualtamas, e com elles Francisco Dias Machado, Antonio Lopes da Silveira, e Pero Dorta de Oliveira, que foram esperar o Patriarca, cuidando que viesse pera o receberem, e acompanharem, e alli foram ter com elles os tres Abexins, que atrás disse-

mos,

mos, que os navios deitáram em Maçoá, e lhes déram as cartas do Viso-Rey D. Constantino pera o Bispo, e souberam todas as novas da India, e de como o Patriarca ficava em Goa. Com estas novas voltáram pera o Bispo, que acháram em casa de hum Portuguez natural do Crato, que se chamava Vasco Pires do Crato, (que foi da Condessa velha, mulher do Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama, que o recolheo, indo elle fogindo do desbarato do Emperador,) que os agazalhou. E sabendo o Bispo não vir o Patriarca, ficou muito desconsolado, e deixou-se ficar naquella parte até ver em que paravam as cousas daquelle Imperio.

CAPITULO VII.

De como os Turcos foram sobre a fortaleza de Baharem, e lhe puzeram cerco: e da Armada que D. Antão de Noronha lhe mandou de soccorro: e de como avisou D. Alvaro da Silveira pera que a soccorresse.

MUitas vezes temos dito pelo decurso de nossas Decadas, do muito que o Turco desejava de se fazer Senhor de todos os portos da Arabia da banda do Estreito Persico; e como os seus lhe entendiam este desejo, huns se lhe offereciam pera huma cousa, e outros pera outra; mas tudo se lhe des-

desarmava em vão; porque das emprezas que commettêram, sempre sahíram esclavrados das nossas mãos. Agora este verão, em que andamos, se lhe foi offerecer hum Capitão, que foi de Lacá, Turco de nação, pera lhe tomar a fortaleza de Baharem, que era a principal da costa da Arabia, tirando Baçorá, e a quem elles desejavam mais que todas, por ficar mais vizinha á Ilha de Ormuz, em que elle tinha os olhos. E fez-lhe este Turco a cousa tão facil, que lhe acceitou o Turco os offerecimentos, e mandou ao Baxá de Baçorá que lhe negociasse as cousas necessarias pera aquella jornada: o que elle fez muito bem, e lhe deo duas galés, e setenta terradas, e terranquins, e hum bargantim de dez bancos, em cujas vasilhas embarcou mil e duzentos Turcos, e Janissaros, e muitos mantimentos, e munições, e petrechos de guerra; e se lhe ajuntou mais pera o acompanhar nesta jornada Mir Soltão Ali, Parseo de nação, Capitão que foi de Catifa, que escandalizado de alguns aggravos que teve do Xá, cujo vassallo era, se passou pera o Turco, e pelo desservir se quiz achar neste feito, porque tambem era em damno do Estado da Persia, tudo o que por aquelle Reyno se conquistasse.

Chegada esta Armada a Baharem, lançáram os Turcos toda a gente em terra, e

plan-

plantáram suas estancias ao redor da fortaleza, e as guarnecêram de artilheria muito grossa pera a bateria, que determinavam dar. Era Guazil de Baharem Rax Morado, (casado com huma filha de Rax Nordin Guazil de Ormuz,) homem Parseo muito prudente, grande Capitão, e o melhor homem de cavallo que havia em toda Persia, que tanto que teve vista da Armada, recolheo dentro na fortaleza todos os mantimentos que na terra havia, e quatrocentos homens escolhidos, com quatro, ou sinco Portuguezes criados de D. Antão de Noronha Capitão de Ormuz, que alli estavam fazendo seus negocios: antre estes entrava Henrique de Mello, que hoje vive, e he Capitão do Castello de Pangim, e Antonio de Campos, neto da boa velha de Dio, Isabel Fernandes; e assim despedio logo o Guazil huma terrada muito ligeira com cartas pera ElRey de Ormuz, e pera o Capitão, em que lhes dava conta do negocio, e lhes pedia o soccorressem, ficando-se fortificando o melhor que pode: pera o que teve pouco tempo, porque os Turcos logo começáram a dar grandes baterias, com que fizeram algumas ruinas pelos altos dos muros, que logo foram repairados dos de dentro, que tambem lhes respondêram com suas salvas, de que elles recebêram bem de damno.

Ven-

Vendo os Turcos que os muros eram fortes, e que os de dentro se defendiam tão bem, e os tratavam mal, tratáram de entulhar a cava, que cercava a fortaleza, pera a commetterem por assalto, pera o que começáram a fazer ruas por baixo do chão, pera os officiaes poderem trabalhar, o que lhes custou muito caro, e muito trabalho, porque era toda aquella parte de arêa, que lhe fogia, e acudiam-lhe com grandes repairos pera sustentar as paredes da rua, porque não arrunhassem. E em quanto estão occupados nesta obra, daremos razão do recado que chegou a Ormuz, e do que fez o Capitão.

Dadas as cartas a ElRey, e ao Capitão D. Antão de Noronha, logo começáram a preparar gente, e a armar navios, que logo se puzeram dez no mar, alguns dos da companhia de D. Alvaro da Silveira, que alli foram invernar, de que eram Capitães Gil de Goes, Diogo Ferreira, Collaço do Principe D. João, e hum João de Mello, e os mais que alli havia da obrigação da fortaleza, e de todos fez Capitão mór D. João de Noronha seu sobrinho, irmão de D. Antonio de Noronha Capitão de Cochim. Os mais eram João de Quadros, e hum mancebo Fidalgo do appellido dos Mellos, irmão do outro assima, e Jeronymo de Sousa, com

quem

quem se embarcáram por parentes. Alexandre de Sousa, que foi Capitão de Chaul, e Francisco de Sousa Tavares o manco, que hoje vive em Aveiro, e outros, que D. Antão de Noronha despedio muito apressadamente, mui bem apercebidos de gente, munições, e mantimentos. E ao despedir o D. João seu sobrinho, que hia por Capitão mór, o apartou, e lhe disse « que se lem-
» brasse que era filho de hum Clerigo, e
» que não tinha mais honra que aquella;
» que por seu braço ganhasse; que elle lhe
» dava pera isso aquella empreza, que era
» das honradas da India; que fosse, e lhe
» tomasse, ou queimasse aquellas galés, ou
» morresse, e perdesse sobre isso todos aquel-
» les navios, porque naquillo estava ser mui-
» to honrado, ou muito abatido; e que
» queimando as galés, se deixasse ficar com
» os navios guardando a Ilha, porque os
» Turcos se não sahissem della, porque lo-
» go após elle seria lá D. Alvaro da Silvei-
» ra com toda sua Armada.»

Embarcado D. João de Noronha, despedio D. Antão de Noronha huma embarcação ligeira com huma carta pera D. Alvaro da Silveira, em que lhe dava conta daquelle negocio, e lhe pedia « se apres-
» sasse, e acudisse áquelle feito, porque se-
» ria grande perda, e quebra do Estado ga-

» nharem os Turcos aquella fortaleza; e que
» se viera a buscar galés, alli as tinha, em
» parte, que lhe não podiam escapar; e que
» se se pejasse de vir a Ormuz, (porque es-
» tavam quebrados,) ou não tivesse gosto
» disso, que fosse á Ilha de Angão, e que
» lá lhe mandaria todos os provimentos, e
» dinheiro que lhe fosse necessario pera a
» Armada.» D. Alvaro da Silveira entendendo a importancia do negocio, lhe respondeo
« que logo se partia pera Angão, por lhe
» parecer assim melhor; porque se tomasse
» Ormuz, seria muito grande trabalho tor-
» nar a recolher os soldados, e que mandas-
» se os provimentos pera a Armada, porque
» se não detivesse em esperar por elles.» Com este recado despedio logo D. Antão de Noronha a Francisco Jacome, Escrivão da fazenda, com dinheiro, arroz, manteigas, biscouto, peixe, munições, plouros, e todas as mais cousas em abastança. E não tardou muito que não chegasse D. Alvaro da Silveira com os mais navios de remo, e a caravela de Pero Peixoto da Silva, e tomando os provimentos, deo á véla pera Baharem; e em quanto lá não chega, tornemos a D. João de Noronha, que deixámos partido de Ormuz, pera darmos conta do que lhe aconteceo nesta jornada.

CA-

CAPITULO VIII.

Do que aconteceo a D. João de Noronha até Baharem: e de como as galés lhe corrêram: e do risco em que os nossos navios se víram de ser tomados: e de como D. Alvaro da Silveira chegou a Baharem, e tomou as galés, e cercou os Turcos na Ilha.

PArtido D. João de Noronha de Ormuz, foi seguindo sua jornada até a Ilha Samaim duas leguas de Baharem, onde se deixou ficar esperando por hum navio, que lhe ficava atrás, que era de hum daquelles dous irmãos, os Mellos, que partio depois delle, e ao outro dia foi demandar Baharem, cuidando que a nossa Armada estava já lá; (porque quiz a pouca dita de D. João que assim succedesse pera perder huma tamanha honra) e chegando á vista da Ilha, vendo os que estavam nas galés aquelle navio só, sahíram apôs elle como hum trovão, e elle lhes foi fogindo pera a banda da Ilha Samaim, onde os nossos estavam como em emboscada. D. João de Noronha, que estava com os mais navios surto da outra banda da Ilha, vendo por sima da Ilha os pennões das duas galés, com grande alvoroço de todos tomáram as armas, e lhes sahíram

ao encontro com o remo em punho, mui furiosa; e determinadamente. Os Turcos dando de rosto com os navios, e como vinham determinados com aquella pressa, e de parte, de que se elles não temiam, viráram, e foram-se recolhendo pera Baharem, e os nossos após elles atropelando-os bem. Mas como ellas levavam a vantagem de quem foge, e eram muito ligeiras, sahiram-se delles, e chegando a Baharem, surgíram no seu porto. O que visto por D. João de Noronha, surgio hum pouco affastado, e alli tomou conselho com os Capitães sobre o que faria; e foram a mór parte delles de parecer, que esperassem pela manhã, (porque hia já anoitecendo,) e que as fossem commetter; o que elle fez, deixando-se ficar alli toda a noite: no que se perdeo como mancebo sem experiencia; porque se quando foi seguindo as galés as abalroára logo em ellas surgindo, sem dúvida as tomára; porque levavam os Turcos tamanho medo, que em surgindo, se baldeáram em terra, deixando as galés como perdidas. E a perda de huma tão honrada occasião não se póde lançar á conta da fortuna, senão ao que ella disse naquella fabula, que se della conta, quando acordou hum menino, que dormia sobre a borda de hum poço, que não queria que cahisse em baixo, porque lhe

não

não puzessem a ella a culpa, sendo toda da ignorancia do menino. Em fim, tornando aos nossos, que deixámos surtos esperando pela manhã, que tanto que veio mostrando seus dourados raios, víram vir as galés a elles; porque o Baxá vendo o termo que os nossos fizeram em se deixarem ficar, entendendo ser receio, mandou metter em cada galé cento e sincoenta Turcos, e lhes mandou que fossem pelejar com os nossos navios. D. João de Noronha em vendo as galés, estando já em armas, perguntou aos Capitães o que faria? Alguns lhe disseram, que o bom seria irem-se retrahindo, porque as galés na pressa que traziam, mostravam vir mui guarnecidas. E outros foram de parecer, que se lhes fossem sahindo, como que fogiam dellas; e que como as tivessem alongadas de Baharem, pelejassem com ellas, onde não fossem vistas da terra, por não serem soccorridas pelas terradas. Este parecer acceitou mais D. João de Noronha, e assim se foi recolhendo com todos os seus navios juntos, e elles mui prestes pera pelejarem, ...do fosse tempo.

...s galés vendo ir os navios daquella ...eira, apertáram mais o remo, e os foram ...ndo, e esbombardeando pera embaraçar ...arinheiros; e não lhes sahio em vão ...esenho, porque como as peças de proa

eram

eram Esperas, e Salvagens, hiam os pelouros dar antre os nossos navios; o que foi em alguns cousa de tamanho medo, que começáram a dar á véla, e a desmandar-se. O que visto pelos mais, que hiam alli muitos amigos de ganhar honra, vendo-se sós, tambem se foram recolhendo por onde cada hum mais pode. E só João de Quadros, como homem prático naquelle Estreito, se foi desviando dos mais navios; e tomando outro rumo, se lançou pera a banda de Catifa. As galés foram seguindo as mais fustas tão rijamente, que foi forçado aos nossos alijarem ao mar tudo o que puderam, pera ficarem mais leves, e ligeiros. E todavia a galé Capitánia, que era muito ligeira, foi alcançando a fusta de Diogo Ferreira Vellez, que era mais pezada que as outras, com quem hia embarcado por soldado D. João de Castellobranco; e tanto a entrou, que lhe ficou debaixo da appellação. Os Turcos com o desejo de os tomarem vivos a todos, não os quizeram metter no fundo, e lhes disseram em Italiano, que não houvessem medo, e que se entregassem, que os tratariam m
bem. E dizendo-lhe elles que si, se
galé, desviando pela não metter no fu
Diogo Ferreira, e D. João de Castello-b
co, que eram homens de mais animo,
tavam com as armas nas mãos pera pel

vendo deſviar a galé, foram mettendo de ló por ella lhes ficar a gilavento; e como levavam poſta huma varredeira por baixo da véla, pera andarem mais, a fizeram molhar, promettendo aos marinheiros muito dinheiro, que trabalháram muito bem; e indo-ſe já ſahindo da galé, e tornando ella a preparar apôs elles, que hiam mui negociados, vendo pela proa hum baixo, por ſe deſviarem da galé, endireitáram com elle, e foram aſſim á véla varando por ſima. E quiz Deos noſſo Senhor que aquella parte por onde tomáram foſſe o mais alto delle, e de arêa; e roçando ainda a quilha por elle, foi paſſando á outra parte até darem em fundo, ficando muito alongados da galé, que como hia com aquella furia, foi tambem roçando pelo baixo apôs a fuſta, e eſteve de todo perdida nelle, e tornou a virar com muito trabalho, ficando-lhe a fuſta da outra parte tão longe, que pera a ir buſcar lhe era neceſſario rodear todo o baixo, que era mui grande, pelo que foi voltando pera a coſta de Catifa, onde encontrou com a fuſta de de Quadros, que cuidava eſtar já livre alés; e em a vendo, deo á véla, e lhe fogindo tudo o que pode; mas como (que era a Capitânia) era muito ligei- i entrando, e calcanhando tanto, oi forçado alijar ao mar tudo o que

que levava, até os berços, e falcão; e ainda aſſim não pudera eſcapar, ſe ſenão recolhêra a outra reſtinga, como fez Diogo Ferreira Vellez, porque aquelle Eſtreito he todo cheio dellas, e de baixos, e aſſim eſcapou á galé, que com medo de dar em ſecco ſe foi deſviando. Durou eſta preſſa até anoite, em que as galés ſe recolhêram pera Baharem, e os noſſos foram até a Ilha de Caes, onde ſe ajuntáram, e deixáram ficar até vir recado de Ormuz, que como lá chegou deſte ſucceſſo, ficou D. Antão de Noronha em extremo apaixonado contra D. João de Noronha ſeu ſobrinho por perder as galés por ſeu deſcuido. E eſtando elles aqui em Caes, foi ter com elles D. Alvaro da Silveira; e ſabendo o ſucceſſo das galés, o ſentio muito pelo credito do Eſtado; mas por outra parte não lhe pezou, porque havia que aquella boa ventura ſe guardava pera elle.

E tomando todos os navios comſigo, foi ſurgir na Ilha das Romans, que eſtá defronte de Catifa hum tiro de eſpingarda. Iſto foi ardil ſeu, porque em Angão foi aviſado, que os Turcos eſperavam por terradas, e gente de Baçorá. Pelo que pareceo melhor tomar tanto dentr[illegible], vendo-o os Turcos vir da banda de Ba[illegible] cuidaſſem que eram as embarcaçõe[illegible] peravam, e os tomaria aſſim de[illegible]

Daqui da Ilha das Romans se fez D. Alvaro da Silveira á véla, hum dia de grande cerração, e foi demandar Baharem, sem serem vistos, por razão do nevoeiro; e chegando ás galés, que estavam bem descuidadas, logo lhe poz as proas com todos os navios; e o primeiro que se lançou em huma das galés foi Rafael Gomes Viegas, filho de Galvão Viegas, Alcaide mór da Cidade de Goa. Entrados os nossos, acháram poucos nas galés, que foram logo mortos, e ellas tomadas, e D. Alvaro da Silveira as mandou logo tirar pera fóra, e com ellas foi surgir defronte da fortaleza, que salvou com toda a artilheria, e depois o fez ao arraial dos Turcos, onde lançáram muitos pelouros, que lhes fizeram muito damno. O Baxá conhecendo as galés, e vendo-as perdidas, esbravejava de pezar de seu descuido, e logo se houve por perdido, porque bem entendia que aquella Armada lhes havia de impedir, e tomar todos os soccorros que lhe viessem, e os havia de pôr em grande aperto, e necessidade, porque na Ilha não tinham imentos; e por lhe não ficar já outro lio, senão a fortaleza, em que se pom salvar, determinou de amiudar a bae ver se a podia tomar por hum assalo que se começou logo a preparar.

CAPITULO IX.

De como o Guazil de Baharem se vio com D. Alvaro da Silveira: e do que assentáram sobre o negocio dos Turcos: e do alvoroço, e motim que houve antre os nossos, por não querer D. Alvaro da Silveira dar batalha: e de como de desconfiado sahio aos Turcos: e da muito grande, e cruel batalha que tiveram, em que D. Alvaro da Silveira foi morto, e desbaratado.

SUrta a Armada defronte da fortaleza, logo se embarcou o Guazil de Baharem em hum terranquim, e se foi ver com o Capitão mór, que o recebeo com muitas honras, e agazalhados. Logo alli foram chamados os Capitães a conselho sobre a guerra que se havia de fazer aos Turcos; e sendo o Guazil o primeiro que fallou, disse « que
» a maior que se lhe podia fazer, era cer-
» car a Ilha toda com todos os navios, e
» se lhe defendesse a entrada, e sahida, por-
» que se não pudessem prover de manti
» tos, nem mandarem pedir soccorro
» çorá; e que assim os poriam em
» aperto, e necessidade, que ou
» riam, ou morreriam á fome; e
» não désse batalha, porque nenh

» cousa elles mais desejavam. » Deste parecer foi João de Quadros, como homem que entendia bem a terra, affirmando, que os Turcos se desbaratariam por si, sem risco algum nosso; e assim o tiveram outros Capitães pera si, ainda que alguns foram doutro parecer.

A D. Alvaro da Silveira, parecendo-lhe melhor o primeiro, repartio logo os navios ao derredor da Ilha, que traziam tamanha vigia, que nem huma pequena almadia puderam os Turcos lançar de nenhuma parte pera lhes levar novas a Baçorá, o que os Turcos sentíram muito, e o Baxá acabou com isto de ver sua perdição. E por não mostrarem covardia, tornáram a bater a fortaleza com grande importunação, e de dentro tambem lhe respondiam ao mesmo som, fazendo-lhes mais damno do que recebiam, porque a bateria não fazia mais que derribar-lhes alguns altos do muro, que logo eram repairados, ainda que com trabalho, e cansaço dos corpos, porque toda a noite gastavam nisso. Era já isto no mez de Setembro, e os nossos se enfadavam de esperar tanto, porque receavam que os tomassem alli aquellas febres malignas, que sempre entram com os Levantes, que ordinariamente começam a cursar na entrada de Outubro, que (como já algumas vezes dissemos) são

hum

hum terror, e espanto a todos pela grande destruição que tem feito em nossas Armadas, com o que se começáram a motinar, e a requerer a D. Alvaro da Silveira « que » désse batalha aos Turcos, porque antes » queriam morrer pelejando com as espadas » nas mãos, que das febres que se esperavam, de que poucos haviam de escapar, » se lhes dessem. » E como quasi todos os da Armada entravam neste alvoroço, e gritavam por batalha, dando a D. Alvaro da Silveira a desconfiança, lhes disse « que se » quietassem, que elle os satisfaria, ainda » que contra seu parecer, e obrigação, e » que se fizessem prestes pera o outro dia » seguinte, e que permittisse Deos se não » arrependessem » dando tambem recado ao Guazil, que ordenasse sua gente, e que em pessoa se achasse com elle na batalha. Tudo o que restou do dia, e a mór parte da noite gastáram em se preparar, e alimpar suas armas, e fazer pelouros, e a voltas disso deram grandes matracas a João de Quadros, chamando-lhe fraco, e covarde, porque fora de parecer que se não désse a batalha, e ao Guazil, que era hum Mouro falso, e traidor, e que queria tirar aquella honra das mãos dos Portuguezes, e dalla aos Mouros como elle, e outros desatinos como estes.

Ao outro dia pela manhã se ajuntáram

to-

todos postos em armas, e começáram a gritar por batalha, o que D. Alvaro da Silveira não pode remediar; e contra seu parecer, e muito pejadamente se poz no campo junto da fortaleza, e esperou pelo Guazil, que sahisse de dentro, que logo veio com trezentos Persas mui bem armados, em que entravam muitos de cavallo, e mandou dar alguns muito formosos a D. Alvaro da Silveira, de que tomou dous pera sua pessoa, e os mais repartio por Fidalgos, que lhe parecêram mais pera isso; e posto em hum formoso esquadrão, e o Guazil com toda a sua gente a huma parte delle, foi abalando em busca dos Turcos, que se tinham recolhido pera hum palmar perto da fortaleza, onde o Baxá esperou os nossos, e toda a sua gente de cavallo tinha lançada em sillada no cabo do campo detrás de huns cardaes, pera tomarem os nossos no meio. Chegando a dianteira dos nossos aos inimigos, descarregou nelles aquella primeira salva de arcabuzaria, com que derribáram alguns Turcos, e depois deo *Sant-Iago*. E como os nossos hiam com aquelle furor, e desejo, de tal maneira apertáram com elles, que os lançáram fóra do Palmar, que de industria se deixaram levar por todo aquelle campo, até metterem os nossos na sillada, e todavia matando nelles á sua vontade. Os de cavallo,

lo, que eſtavam detrás do cardal, tanto que os víram eſtendidos pelo campo, arrebentáram com grande furia, e deram nelles com tão grande impeto, que logo os deſordenáram, e os foram levando até os tornar a metter pelo palmar, ficando no campo já alguns atropellados.

D. Alvaro da Silveira, vendo tamanho deſarranjo, ajuntou os de cavallo, que ſempre o acompanháram; e o Guazil com os ſeus, que nunca o deixou, foi ſuſtentando o pezo da batalha, e tendo o encontro aos inimigos, porque o não acabaſſem de desbaratar de todo; e neſtas voltas teve com elles huma muito arriſcada batalha, em que os que o ſeguião moſtráram bem ſeu esforço; e o meſmo fez o Guazil, que ſe moſtrou mais leal, do que os ſoldados lhe chamáram na matraca. Aqui ficou a batalha ſuſpenſa, porque os noſſos tornáram a voltar pera onde víram D. Alvaro da Silveira, e os Mouros ſe tornáram a refrear daquelle impeto com que vinham, cuidando que levavam já a vitoria nas mãos. E ſegundo D. Alvaro da Silveira aqui ſe moſtrou Capitão, cavalleiro, e todos os mais que lhe acudíram esforçados, ſem dúvida que os Turcos ſe perdêram. Mas quiz a deſaventura que deſſem a D. Alvaro da Silveira huma eſpingardada por huma virilha, de que ſe ſentio muito;

mas

mas nem por isso deixou o furor com que pelejava, nem quiz que os seus soldados entendessem que estava ferido, por não acontecer algum desastre. Mas como elle tinha alli seu termo acabado, andando no mór conflicto da batalha, lhe deram outra espingardada pelo pescoço, de que logo cahio mortal; e os que andavam junto delle pelejando com muito valor, que eram Ruy Barreto, filho mais velho de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide mór de Farão, e de Dona Leonor de Milão, Ayres Gomes da Silva, D. João Gonçalves de Taíde, Francisco de Toar, Francisco de Sousa Tavares, Alexandre de Sousa, D. Vasco de Taíde, Bastião de Sousa de Abreu, Francisco de Faria, hum homem Fidalgo muito conhecido em Portugal, Antonio Luiz o Mulato da Rainha, Ayres de Miranda, Francisco de Mello, irmão do Monteiro mór, D. João de Castello-branco, Diogo de Miranda, Jorge Pereira Coutinho, João de Quadros, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros, vendo cahido o seu Capitão, trabalhâram pelo salvar, sobre quem carregáram todos os Turcos, e antre todos se renovou outra batalha muito cruel, em que houve muitas mortes, e damnos de ambas as partes; e os nossos como touros ciosos defendêram D. Alvaro da Silveira daquella multidão de Turcos

mui-

muito espaço, que Ruy Barreto, D. João Gonçalves de Taíde, e Bastião de Sousa de Abreu, que estavam mais chegados a D. Alvaro da Silveira, pegáram delle pera o levarem, e salvarem, e assim sobraçado o foram levando hum pouco espaço já mortal: mas como era homem muito grande, e pezado, e os Mouros vinham já de tropel carregando sobre elle, cahio D. Alvaro; e os Turcos, que traziam o olho nelle, o rodeáram logo, e alanceáram a mór parte dos que o defendiam, fazendo elles tambem muito bem seu officio, e satisfazendo-se das feridas que traziam muito honradamente. Mas como a mais gente era posta em desbarato, e os Mouros andavam senhores do campo, foram-se recolhendo o melhor que puderam, porque se não acabassem de perder todos. Aqui cahio D. Vasco de Taíde, atravessado de huma lançada; e hum soldado filho da India, por nome Jorge Dias o Pedinte, lhe acudio, e o salvou com muito trabalho. Francisco de Faria, e o Mulato da Rainha foram aqui cercados dos Turcos, e como dous leões bravos famintos fizeram nelles tal estrago, que não ousavam lhe chegar, tendo a este tempo já o Mulato huma perna cortada; e por se não poder ter nella, se poz de giolhos, e assim se fez temer de feição, que com tiros de arremeço

&

o acabáram de matar, e o mesmo fizeram a Francisco de Faria, deixando elle primeiro sua morte bem vingada.

Ruy Barreto, e D. João Gonçalves de Taíde, e Bastião de Sousa, que estavam pelejando sobre D. Alvaro da Silveira, depois de lhe cahir, vendo tudo perdido, e elles sós, e feridos, e que os Turcos recresciam, foram-se recolhendo, depois de terem feito cousas muito pera serem invejadas de todos; e porque os seguiam alguns Turcos, nunca lhes viráram as costas, e sempre foram pelejando valorosamente. E indo neste transe, em que hum muito bom cavalleiro não podia ter mais tento que em si, vio D. João Gonçalves de Taíde que os Turcos cortavam a cabeça a D. Alvaro da Silveira, e lhe tiravam huma cadeia do pescoço; e dando-lhe os estimulos da honra, olhando pera Bastião de Sousa, e Ruy Barreto, lhes disse: » Ah senhores, pera que he viver vida tão » deshonrada, como he ver matar diante de » nós, e cortar a cabeça ao nosso Capitão, » e não lhe valermos? Vamos a morrer com » elle, porque o morrer desta sorte faz toda » a vida gloriosa.» Ruy Barreto, e Bastião de Sousa, que eram Fidalgos valorosos, e mancebos, desejosos de honra, voltáram pera onde estava D. Alvaro da Silveira, dizendo: « Vamos, e acabemos em nosso offi-

 » cio.»

» cio. » E com este animo, e furor arremettêram todos tres pera aquella parte; e antes de chegarem ao corpo do seu Capitão mór, deram a Bastião de Sousa huma espingardada por huma perna, de que se sentio tal, que não pode passar ávante, e tornou-se a recolher o melhor que pode. E sentindo enfraquecer-se-lhe a perna de maneira, que não podia dar passo, recolheo-se a huma casa de palha, onde vio entrar alguns dos nossos, que hiam já em desbarato. D. João Gonçalves de Taíde, e Ruy Barreto passáram adiante por meio dos Turcos até chegarem a D. Alvaro da Silveira, em quem os Mouros estavam fazendo aquella notomia; e dando nelles, matáram alguns, e fizeram terreiro até se pôrem em cima daquelle corpo já sem cabeça, e alli pelejáram como huns leões bravos, até que matáram D. João Gonçalves de Taíde, depois de ter feito por seu braço muito grande estrago nos Turcos, accrescentando ao seu illustrissimo appellido huma fama, que sempre durará antre elles. (Foi este Fidalgo filho natural de D. Martim Gonçalves de Taíde, Senhor da Casa de Atouguia, que o houve em huma mulher nobre.) E deram a Ruy Barreto quatorze feridas, de que tres foram muito perigosas, e mortaes, porque lhe deram em hum hombro com huma massa de ferro, com que lhe im-

impedíram poder usar daquelle braço, e o feríram na mão direita, de que andou muitos tempos aleijado della, sem poder endireitar os dedos, nem ainda com trazer pera isso hum pezo de chumbo; e a outra, que o matou peior que todas, foi, tirarem-lhe com hum zarguncho de arremesso, que lhe atravessou huma perna, donde nunca o pode tirar por ser de farpão; e com os movimentos que fez na peleja, se lhe sahio por si, rasgando-lhe, e esfarrapando-lhe a perna; e todas as mais lhe deram em seu corpo, tendo bem mostrado o valor, e esforço do sangue donde procedia.

O Guazil de Baharem, que este dia mostrou bem os quilates de sua pessoa, e esforço, e fidelidade, vendo já tudo perdido, e desbaratado, foi recolhendo os nossos, que andavam pelo palmar desarranjados, e os foi emparando, e guardando, e defendendo dos Turcos até os metter na fortaleza. Os Turcos que os seguiam, alguns delles que víram recolher-se Bastião de Sousa naquella casa, onde tambem o fizeram outros, chegáram a ella pera a entrarem; e sentindo dentro muitos dos nossos, não a ousando accommetter, bradáram por fogo; e receando-se os nossos que os abrazassem, se entregáram aos Turcos.

Morrêram dos nossos setenta, em que

entráram aquelles dous valorosos mancebos, D. João Gonçalves de Taíde, e Bastião de Sousa, Antonio Luiz o Mulato da Rainha; Francisco de Faria, e o Capitão mór D. Alvaro da Silveira, que era hum Fidalgo muito valoroso, e tinha já acabado seus serviços, pelo que estava despachado com a Capitanía de Ormuz. Foram cativos perto de trinta; e aos que pudemos saber os nomes, são os seguintes: Ayres Gomes da Silva, que logo morreo das feridas, que lhe deram na batalha; Jeronymo de Sousa, que tambem morreo no cativeiro, Gil de Goes de Lacerda, D. João de Castello-branco, e outros, que nos não lembram.

Desbaratada a batalha, abrio Pero Peixoto hum regimento do Viso-Rey, em que vinha elle nomeado por Capitão mór daquella Armada, em defeito de D. Alvaro da Silveira, de que tomou logo posse por conselho dos Capitães, e Guazil, e assentou, que D. João de Noronha com a gente de Ormuz se mettesse na fortaleza, e que os navios da Armada de D. Alvaro da Silveira continuassem na guarda da Ilha, como dantes, pera que não pudessem entrar provimentos, nem soccorro aos Turcos: e que os navios da obrigação de Ormuz com as galés se fossem pera D. Antão de Noronha, pera se elle quizesse vir em pessoa, ou mandar

mais

mais ſoccorro, tiveſſe pera iſſo embarcações; e neſtes navios ſe foi D. Vaſco de Taíde, e alguns feridos pera ſe curarem em Ormuz.

Feito iſto, foi Pero Peixoto continuando na guarda da Ilha, e de tal maneira lhes defendeo as entradas, e ſahidas, que poz os Turcos em grande deſeſperação pela falta dos mantimentos; e chegáram a tanto extremo, que já antre elles valia huma mão de arroz (que são quatro arrates) quarenta Xaes, que são oito cruzados, e á falta delles deixáram de bater a fortaleza, e andavam todos eſpalhados pela Ilha, buſcando hervas, e raizes pera comerem, que os começáram a corromper, e matar. Mir Soltão Alli, Capitão que foi de Catifa, que os alli trouxe, vendo o miſeravel eſtado em que aquelle negocio eſtava, entendendo que o Capitão de Ormuz havia de acudir, e que os Turcos ſe perderiam, lá teve modo com que houve huma mui pequena embarcação, em que ſe paſſou á terra firme, com muito trabalho, e riſco de ſua peſſoa, e ſe foi pera Catifa a eſperar o fim daquelle negocio.

Vendo-ſe os Turcos em tão grande aperto, começáram a correr com recados a Pero Peixoto ſobre pazes, a que lhes elle deo orelhas, e lhes mandou dizer, que lhe enviaſſem hum dos cativos pera aſſentarem antre elles os partidos. O Turco lhe mandou

Gil

Gil de Goes de Lacerda, por quem todos os mais cativos ficáram, que veio a Pero Peixoto, e tornou ao Baxá muitas vezes, até antre elles se concluir, que lhes désse embarcações pera se passarem a Catifa, e que deixariam a Ilha, e entregariam todos os cativos. Assentado isto, como Pero Peixoto era Gallego, e estava magoado dos Turcos, e sabía sua pouca fé, determinou de tanto que se embarcassem, mandar dar nelles lá junto de Catifa, e metter todos á espada, ainda que nisso arriscasse a fé Portugueza. Estando assim esperando embarcações pera os passar, chegou áquella Ilha hum navio de Ormuz com recado de D. Antão, como adiante se verá.

CAPITULO X.

De como com as novas que chegáram a Ormuz, se fez prestes D. Antão de Noronha, e despedio diante Aleixo Carvalho com recado a Baharem, e elle se partio após elle: e do que aconteceo a Aleixo Carvalho: e como se vio com o Baxá, e do que ambos tratáram.

EM poucos dias chegáram as novas da desaventura de Baharem a Ormuz, que fizeram em todos mui grande abalo, e D. Antão de Noronha o sentio em extremo;

e

e foi desembarcar D. Vasco de Taíde, e os mais Fidalgos que hiam feridos, e os levou comsigo, mandando os mais repartir por casas, e curar com muito resguardo. E vendo que o remedio de Baharem não estava em sentimento, senão na pressa; nem em lagrimas, senão no soccorro, despedio logo com muita pressa Aleixo Carvalho em hum Catur ligeiro cheio de munições, e lhe deo cartas pera Pero Peixoto, em que lhe affirmava, que apôs elle chegaria, e lhe encommendava muito lhe tornasse a enviar logo Aleixo Carvalho com recado do modo em que as cousas estavam, pera ir advertido de algumas, quando lá chegasse. Despedido este homem, mandou D. Antão de Noronha com muita pressa concertar huma das galés dos Turcos pera sua pessoa, e preparar os navios de remo, que lhe foram, e embarcar muitos mantimentos, e munições, porque determinava de não tornar sem tomar vingança da morte de tantos Fidalgos. E porque aquelle negocio tocava tanto a ElRey de Ormuz, assentou com elle, que fosse em sua companhia Rax Nordin Guazil, e que de caminho fizesse gente Parsea pela costa do Verdestan, e Vidican; e mandou pera isso negociar muitos terranquins, e mantimentos em abundancia pera toda a jornada. E sendo tudo prestes, se embarcou

D.

D. Antão de Noronha, em alguns dias de Setembro já andados, e com elle D. Vasco de Taíde ainda ferido, porque não quiz ficar em Ormuz, por se achar na vingança que se esperava tomar de tantos Fidalgos mortos, parentes, e amigos; e deixou entregue aquella fortaleza ao Alcaide mór, com alguns casados, porque toda a mais gente se embarcou áquelle soccorro; e chegando á costa do Verdestan, se deteve nella alguns dias, em quanto o Guazil fazia a gente. E aqui o deixaremos por continuarmos com Aleixo Carvalho, que deixámos partido pera Baharem.

Chegado este homem áquella Ilha em poucos dias, deo as cartas que levava de ElRey, e Capitão pera o Guazil, e pera Pero Peixoto, em que lhe pedia D. Antão de Noronha, que se deixasse estar assim na guarda da Ilha até elle chegar, e que lhe tornasse a mandar Aleixo Carvalho com a informação do que lhe pedia; e em quanto o não despacháram pera se tornar, desejou de ir ao arraial dos Turcos, e pedio ao Guazil que lhe houvesse licença pera isso; porque como era muito pratico em todas as cousas, e fallava melhor a lingua Persa, poderia muito bem notar o estado em que os Turcos estavam, e saber dos cativos, e dos que eram vivos sua determinação. O Guazil

zil por parecer aſſim bem a todos, mandou pedir licença, e ſeguro ao Baxá pera poder ir hum Portuguez a viſitar os cativos que lá eſtavam, e pera lhes levar algumas couſas de que eſtariam faltos, o que o Baxá lhe concedeo; e Aleixo Carvalho foi logo ao exercito com muitas couſas, que antre todos ſe ajuntáram pera os cativos, aſſim pera veſtirem, como pera comerem, pela neceſſidade em que haviam de eſtar. O Baxá recebeo bem eſte homem, e o deixou fallar com os cativos, com quem eſteve muito devagar; e em algumas praticas que teve com o Baxá, lhe fez grandes promeſſas, e offerecimentos para em Ormuz metter a mão antre elle, e o Capitão ſobre concerto de pazes, e que determinava de ſe partir logo, e fazer com o Capitão que ſe não abalaſſe de Ormuz, pois elle eſtava já ſobre concertos com Pero Peixoto. O Baxá lhe deo huma formoſa cabaia, e dizem que lhe promettêra huma pancada de dinheiro, ſe lhe trouxeſſe recado do concerto que tinha feito com Pero Peixoto, e ſe eſtorvaſſe ao Capitão a jornada. E deſpedindo-ſe do Baxá, ſe tornou pera a fortaleza; e tomando cartas do Guazil, e Pero Peixoto, ſe embarcou pera Ormuz, e naquella preſſa deo muito que ſuſpeitar a todos, porque lhes pareceo que fora pera tomar ainda o Capitão, primeiro que partiſ-

tiſ-

tisse, pera o embaraçar. E sendo tanto ávante como a Ilha de Angão, encontrou toda a Armada, que já vinha sua derrota, porque com os terranquins do Guazil (em que trazia quatrocentos Parseos, que fez por aquella costa) fazia huma arrezoada frota. E indo demandar a galé do Capitão, lhe deo conta de tudo o que tinha passado com o Guazil, e do estado em que as cousas estavam, e do aperto, e desesperação que havia antre os Turcos por falta de mantimentos. D. Antão de Noronha estimou muito as novas, e muito mais estarem os cativos sãos, e bem dispostos; e que com o pouco que Aleixo Carvalho lhes tinha levado se poderiam remediar alguns dias; e apressando-se o mais que pode, foi surgir defronte daquella fortaleza com huma frota, que espantou os Turcos. E logo chegáram á galé do Capitão o Guazil, e D. João de Noronha, de quem soube muito devagar o estado das cousas, e mandou recado a Pero Peixoto, que se não bullisse donde estava, e proseguisse na guarda da Ilha com grande cuidado, e vigilancia.

Ao outro dia chamou os Guazis ambos, e as pessoas principaes da Armada, e tratou sobre o modo que se teria naquella guerra, e o que seria bom fazer-se, porque elle não vinha alli senão pera tomar satisfação de

tan-

tanta morte, e affronta. E debatida a causa antre todos, assentáram « que se continuasse » na guarda da Ilha, pera que não sahisse, » nem lhe entrasse cousa alguma, e que des- » ta maneira se matassem os Turcos a pura » fome, sem se arriscar huma só pessoa, » porque totalmente lhes hia faltando tudo; » e que não tratassem de lhes dar batalha, » porque isso era o que elles desejavam, pe- » la desesperação em que estavam de soc- » corro; e que chegando a commetterem » partidos, se lhes fizessem de maneira que » lhes parecesse, e que fosse mais credito, » e honra do Estado.» Assentado isto, tor- nou D. Antão de Noronha a encommendar a guarda da Ilha ao Capitão mór Pero Pei- xoto, e lhe deo todas as embarcações ligei- ras até os terranquins, porque de todo lhes impedissem a serventia, como se fez.

Vendo os Turcos o Capitão de Ormuz com tanto poder, e que não tratava de os commetter por batalha, senão fazer-lhes guerra com fome, defendendo-lhes tudo, e que estavam em estado que comiam hervas peçonhentas, de que morriam muitos, sem se saberem dar a conselho, e andavam em magotes, dizendo que aquillo era desespera- ção, ver que morriam todos sem os matar alguem, culpavam o Baxá de já não man- dar commetter todos os partidos, que os

Por-

Portuguezes quizessem pera salvarem as vidas, nem o Baxá estava longe disso; mas não ousava a ser o primeiro que fallasse nisso com medo dos Janissaros. Mir Soltão Ali, Capitão de Catifa, que foi desejando de se sanear com ElRey de Ormuz, e com os Portuguezes, pela culpa em que tinha cahido, mandou visitar D. Antão de Noronha, e fazer-lhe grandes offerecimentos. Era a este tempo Capitão em Catifa Mamede Bec, Turco de nação, e grande inimigo dos Portuguezes, que sabendo das pessoas que Mir Soltão Ali mandava a D. Antão de Noronha, escreveo por huma dellas em muito segredo huma carta ao Baxá dos Turcos, em que lhe lembrava, que eram vassallos do grão Senhor, e que estivesse forte, e confiado, porque o soccorro de Baçorá não podia tardar. Estes Inviados de Mir Soltão recebeo D. Antão bem, e os despedio com resposta de grandes agradecimentos; e antes que se partissem, teve o que levava a carta de Mamede Bec, modo pera se dar ao Baxá, e foi por via dos Parseos mesmos, por alguma cousa que lhes deo. Com esta carta, que o Baxá mostrou aos Turcos, se animáram todos, e cessáram alguns recados, que já andavam em segredo antre elles, e os nossos, do que D. Antão de Noronha se começou a enfadar, porque era já entrada

de

de Outubro, em que os Levantes começavam naquelle Estreito, e com elles entravam de continuo aquellas febres malignas, de que ninguem escapa. E vendo que os Turcos, sem lhes entrar cousa alguma de fóra, se sustentavam tanto, e que não fallavam em partidos, quasi que lhe entravam desconfianças daquelle negocio, que entendidas pelos Guazis de Ormuz, e Baharem, aconselháram a D. Antão de Noronha que desembarcasse em terra; porque os Turcos, segundo estavam desesperados pela falta que tinham de tudo, deixavam de se lhe entregar por elle estar no mar, e cuidarem que se poderia enfadar, e tornar. Com isto desembarcou elle, e poz suas estancias ao redor da fortaleza, e os Guazis com os Parseos a huma parte separada.

E como estes eram Mouros, como os outros, e vencidos tambem do grande interesse, lá tinham maneira com que de noite lhes vendiam alguns mantimentos, que elles compravam mui bem, com o que começáram a cobrar mais algum alento. D. Antão de Noronha, como era sagaz, e prudente, não deixou de se recear daquelle negocio; e deitando muitas guardas, e vigias, houveram ás mãos alguns destes, que logo mandou enforcar á vista do exercito. E todavia vendo D. Antão de Noronha que se hia gastan-

tando o tempo, e que os Turcos não dávam cousa alguma de si, nem commettiam partidos, determinou de lhes dar batalha, pera o que mandou fazer preparações; e hum Inofre de Carvalho Portuguez, grande Arquitecto (que ElRey D. Sebastião tinha mandado a reformar a fortaleza de Ormuz) ordenou huma máquina de madeira sobre rodas altas, pera de sima pelejarem alguns homens, e lhe poz algumas peças de artilheria, porque determinava D. Antão de Noronha de levar diante esta máquina, pera nella quebrarem os Turcos a primeira furia de sua arcabuzaria. E andando occupado nesta obra, morreo o Baxá dos Turcos das feridas, que lhe deram na batalha de D. Alvaro da Silveira, e os Turcos elegeram outro mais esforçado, e de melhor entendimento que o morto, que era hum Sangiaco, que se chamava Mahamede. Com esta mudança a começou tambem de haver nos Turcos, e alguns se carteáram com os Parseos da nossa parte, que parece que de medo dos que víram enforcar, foram logo dar conta a D. Antão de Noronha que lhes disse: « Que lhes respondessem, que entendiam delle que se lhe pedissem misericordia, a usaria com elles. » E tornando os Turcos a segundar, (o que havia de ser por ordem do seu Baxá,) tornáram-lhe os Parseos

seos a responder, como já tinham feito; e declarando-lhes mais: « Que lhes parecia que » lhes não concederia o Capitão partidos, » sem primeiro lhe serem entregues os cati- » vos, e as armas. » Do que se alteráram muito os que nisto andavam, dizendo « que » nas armas não haviam de fallar aos Janis- » saros, que lhas fossem os nossos lá pedir, » porque elles lhas dariam pelo preço com » que o costumavam a fazer » e com isto paráram alguns dias os recados.

Succedeo nesta conjunção atravessar-se Mir Soltão Ali a metter mão neste negocio, e escreveo esta sua tenção a D. Antão de Noronha; e pelas pessoas que a isto man- [illegible], escreveo huma carta ao Baxá do Turco [illegible] que lhe dava o peza-me de seus tra- [illegible]s; e á volta de outras cousas lhe » aconselhava que entrasse em algum parti- » do honesto com os Portuguezes, porque » eram homens, que não desistiam do que » começavam, e que vingavam bem suas » affrontas; e que ainda que todo o Estado » da India se arriscasse naquelle negocio, o » haviam de levar ávante, e que se não ha- » viam de apartar de sobre aquella Ilha sem » os matarem a todos. » Esta carta abalou muito o Baxá; e por conselho de poucos, de quem se fiou, mandou visitar D. Antão de Noronha com hum formoso Ginete de

pre-

presente, mas não lhe mandou tocar em ou-
tra cousa alguma. D. Antão de Noronha lhe
respondeo á visita muito bem; mas não lhe
acceitou o cavallo, porque na guerra não
era licito acceitar presentes dos inimigos.
Estando as cousas neste estado, offereceo-se
Aleixo Carvalho pera se ir ver com o Ba-
xá, de quem ficára grande amigo daquella
ida que lá fez, pera a voltas de o visitar,
ver, e notar o que se praticava antre os
Turcos; e D. Antão de Noronha lhe deo
huma instrucção das cousas, que havia de
tratar com o Baxá. Foi este homem lá mui-
to bem recebido, e ficou no exercito dous
dias, em que fallou algumas vezes em
gredo com o Baxá sobre partidos, sem c
cluirem cousa alguma; porque pare
lhe não chegava ás condições, que
por apontamento, com o que se tornou. E
como os Janissaros andavam ciosos do Ba-
xá, e souberam que fallára em segredo com
Aleixo Carvalho, imaginando que os que-
ria trahir, a troco de se elle salvar, der
todos na sua tenda, e o prendêram, e lhe
puzeram grandes guardas, mas não o desa-
possáram, antes lhe disseram « que corresse
» com seu cargo, porque todos lhe obede-
» ceriam nas cousas justas, pois não que-
» riam mais que segurallo » e assim ficou o
Baxá reteudo, sem os Janissaros deixarem

en-

entrar com elle pessoa alguma de suspeita; e por esta razão cessáram os recados, e não houve mais fallar-se em cousa alguma.

CAPITULO XI.

De como por ordem de Coge Ocem Camal, Parseo, mandáram os Turcos os Portuguezes cativos a D. Antão de Noronha: e dos recados que passáram antre Mir Soltão Ali, e elle: e de como D. Antão de Noronha por ordem sua mandou matar Mamede Bec, Capitão de Catifa, que foi a Baharem sobre concertos de pazes: e dos partidos que os nossos fizeram com os Turcos: e da descripção da Ilha Baharem.

FIcando as cousas assim paradas alguns dias, como todos estavam com o receio das febres, e desejavam de concluir aquelle negocio depressa, quiz metter mão nelle hum Parseo, que tinha vindo em companhia do Guazil de Ormuz, chamado Coge Ocem Camal, homem mui prudente, e de grande conselho, e muito conhecido dos Janissaros. Este pedio licença a D. Antão de Noronha pera se ir ver com o Baxá, porque elle esperava em Deos ser esta sua ida lá de muito effeito; e dando-lha, se foi ao exercito dos Turcos, que o recebêram bem, e ficou

todo aquelle dia com o Baxá, praticando sempre diante dos que o guardavam, com muitas honras; e nesta conversação não praticáram em cousa alguma, senão diante dos Janissaros. E estando todos assim em conversação fallando daquella guerra, lhes estranhou muito Cogé Ocem o máo modo que tinha levado em suas cousas, e no remedio de sua salvação: no que bem parecia que não tinha conhecimento da condição, e natureza dos Portuguezes, nem do modo de negociar com elles « que lhe affirmava que » todos eram tão robustos por natureza, e » de animos tão determinados, e tão desejosos, e solícitos de vingar suas affrontas, » que imaginava que se não haviam de apartar daquella Ilha, ainda que todos morressem, sem concluir aquelle negocio: que » não esperassem remirem-se por armas, porque o que os Portuguezes podiam fazer » a seu salvo, o não haviam de commetter » com perigo, senão quando já não tivessem » outro remedio; porque tambem se sabia » delles que nunca engeitáram batalha, quando lhes foi necessario: mas que elles haviam por ora de escusar de a dar, porque » sabiam muito bem o estado em que elles » estavam, e que não tratavam de mais, que » de os consumir á fome. Que se espantava » muito delle, e dos Janissaros, sendo vas-

» sal-

» filhos do grão Senhor, mandar visitar o » Capitão de Ormuz com hum cavallo de » presente, que era cousa, que se dava aos » soldados: que houvera de ter naquillo ou» tro modo.» E perguntando-lhe o Baxá, qual? lhe disse « que lhe houvera de man» dar de presente todos os Portuguezes ca» tivos, e duas, ou tres peças de artilheria, » que na batalha tomára, porque isso não » lhe montava cousa alguma, e o Capitão » o estimára muito, e fizera muito ao caso » pera suas cousas pararem em bem.» Ouvindo o Baxá, e os Janissaros aquellas palavras, e levados da razão dellas, houveram que era conselho de amigo, e que fallava como homem prudente; e logo lhe pedíram « que quizesse elle ser o que levasse » a visitação, entregando-lhe logo todos os » Portuguezes cativos, e a artilheria com » muitos servidores pera a levarem.» Com tudo isto chegou Coge Ocem Camal a D. Antão de Noronha, e lho apresentou da parte do Baxá, contando-lhe o modo que tivera naquelle negocio. D. Antão de Noronha estimou muito os cativos, porque entravam nelles Fidalgos muito honrados, e delles tomou alguns por hospedes; os outros leváram comsigo outros parentes, e amigos; e aos servidores, que vieram falhando a artilheria, fez muitas mercês, e mandou ao

Baxá os agradecimentos daquelle presente, misturados com muitas peças, e brincos ricos, e curiosos, e o Coge Ocem Camal não ficou descontente de fazer aquelle serviço a D. Antão de Noronha, e a todos os mais. Daqui ficou o caminho aberto pera tratarem de concertos, e começou de haver praticas sobre isso de parte a parte; e sempre se concluíram, senão fora Mamede Bec, Capitão de Catifa, que se carteava a miudo com o Baxá, requerendo-lhe não fizesse cousa alguma de si, até lhe não vir soccorro de Baçorá, que não tardaria muito. O Mir Soltão Ali, que era sagaz, e prudente, e entendia o odio que o Mamede Bec tinha aos Portuguezes, desejando de ficar desta jornada acreditado com elles, tendo algumas praticas com o Mamede Bec sobre os Turcos, lhe aconselhou « que fosse a Baharem » a tratar com o Capitão de Ormuz con» certo com os Turcos, por estarem sem » remedio, e que elle escreveria ao Capi» tão, e ao Baxá por elle, e que confiava » com isto acabarem as cousas em bem. » O Mamede Bec parecendo-lhe aquillo bem, embarcou-se logo em terranquins, levando cartas de Mir Soltão Ali, em que persuadia ao Baxá a fazer todos os concertos, de maneira que poupassem todos as vidas, porque tudo o mais se remediaria com ellas. E em

sua

sua companhia mandou hum criado seu, homem de grande confiança, por quem escreveo em muito segredo a D. Antão de Noronha a maldade, e malicia do Mamede Bec, affirmando-lhe « que elle era occasião » de os Turcos se não terem já entregues, » e que o mór inimigo que os Portuguezes » tinham, era elle: que ahi lhe ficava tempo » pera lho pagar. » D. Antão de Noronha fez muitas honras a Mamede Bec, e lhe deo licença pera ir ao exercito dos Turcos a fallar com o Baxá, porque elle mesmo se offereceo acabar aquellas cousas muito a seu gosto.

Aquelle dia esteve aquelle Mouro com o Baxá; e o que ambos praticáram não se sabe, sómente tornar ao outro dia, e tratar com D. Antão de Noronha sobre concertos de pazes, e commetter-lhe muitos partidos da parte do Baxá, no em que se lhe elle mostrou facil; mas disse-lhe « que era necessario tornar-se a Catifa com humas cartas » pera Mir Soltão Ali, e que com a respos» ta dellas se resumiria » mandando-o logo embarcar em hum terranquim ligeiro, e com elle Aleixo Carvalho, e dous soldados valentes homens, chamados Manoel Coelho, (que depois foi muitos annos Alcaide em Goa,) e Sagramor Gonçalves, natural do Algarve, que hiam já ensaiados do que haviam de fazer.

Par-

Partidos estes homens, e affastados de Baharem meia legua, deo Aleixo Carvalho de olho aos outros, com o que ambos a hum mesmo tempo arremettêram ao Mamede Bec, cada hum delles com seu golpe, pera o matarem; mas não pode ser isto tão depressa, que elle o não sentisse, e tivesse tempo pera se desviar. E abalando-se a huma banda, (como era homem muito grosso, e o terranquim pequeno,) tanto que aquelle pezo ficou todo sobre ella, logo se virou, e ficáram todos no mar, e acertou de ser sobre hum baixo, que dava pelos peitos. Manoel Coelho, que teve tento no Mouro, arremetteo a elle assim dentro na agua, e deo-lhe huma estocada, que o varou logo de parte a parte; e o mesmo fizeram a dous, ou tres criados que levava, porque se não descubrisse o caso.

Feito isto, endireitáram o terranquim, e se tornáram pera Baharem. Este negocio não pode ser feito com tanto segredo, que os Turcos o não viessem logo a saber, (que devia de ser por algum marinheiro do terranquim,) do que elles ficáram tão escandalizados, que tornáram a cessar os recados. E como os Levantes já eram entrados, deo o mal em os nossos tão fortemente, que de huma terça feira até a sesta seguinte cahíram duzentos homens daquellas febres, que ficáram

ram como mortaes, e eſtirados pela arêa, ſem ſe poderem mover. E como o mal era geral, não ficáram os Turcos fóra delle, que tambem cahíram a mór parte delles; e como lhes faltavam todos os remedios, e regimento que nelles não ha, começáram a morrer muitos, e dos noſſos boa parte; e foi iſto em tanto creſcimento, que em todo o noſſo exercito não ficáram mais de quarenta sãos, e ainda eſtes com tamanho medo de lhes dar o mal, que andavam como paſmados. D. Antão de Noronha ſentio muito aquella deſaventura, e receou que lhe morreſſem todos, e que ainda elle não eſcapaſſe, porque andava já muito achacoſo, e quaſi com ameaços do mal. Os Turcos vendo-ſe tambem naquelle eſtado, e faltos de tudo, tornáram a puxar por concertos rijamente. E como da noſſa parte não era menor a neceſſidade, vieram-ſe a concluir aquellas couſas com eſtas condições:

« Que elles entregaſſem as armas, e ca» vallos, e doze mil cruzados pera as deſ» pezas daquella Armada, e que ſe foſſem » pera Baçorá com ſuas peſſoas, pera o que » lhes dariam embarcações baſtantes pera os » porem da outra banda » o que ſe logo fez, e D. Antão de Noronha ſe embarcou logo depois de tomar entrega de tudo, e deixou o Guazil, e Gil de Goes de Lacerda,

da, e Inofre do Soveral com os seus navios pera darem ordem á passagem dos Turcos, que se fez nos terranquins do Guazil, em que os passáram á outra banda da terra firme, e por via de Catifa se foram pera Baçorá, tão coitados, desbaratados, e enfermos, que não escapáram de todos mais de duzentos. E os nossos se não foram louvando, porque os mais dos que adoecêram, morrêram; e os que em Baharem escapáram ás febres, adoecéram em Ormuz, e ainda desses morrêram alguns.

Descripção da Ilha de Baharem.

He esta Ilha de Baharem de doze leguas, muito prospera de palmares, e de criação de gados: tem no meio huma serra com algumas fontes de agua muito boa, donde procedem algumas ribeiras, que descem aos valles, e os retalham todos; e esta agua como desce abaixo, vai correndo por hervas tão roins, que a fazem malissima, e peçonhenta. Cria esta Ilha muito boa casta de ginetes, e formosas eguas: ha por toda ella muitas romans, e figos de Portugal. Pescão-se ao redor della as mais formosas, e ricas perolas, que ha em todo o mundo, e estas chamam as verdadeiras Orientaes; porque posto que em muitas partes as ha, como no mar do Pégu, na Pescaria, antre

Ma-

Manar, e a terra firme, na grande, e muito formosa Ilha de Aināo, na Ilha de Ceilão, e a terra firme, e em muitas partes da China, todavia não se podem comparar com aquellas. Ao derredor desta Ilha, no mar salgado, dentro nelle arrebentão muitos olhos de agua excellentissima, que sahem debaixo da mesma arêa, com tamanho impeto, que faz hum rugido tão grande que se ouve fóra. Aqui nestes olhos, e borbotões de agua fazem os nossos navios sua aguada desta maneira.

Vão dous mergulhadores, e hum delles leva hum grande odre, e hum cano de barro de grossura que possa caber no pernil; e como chegão abaixo, mettem este cano no olho de agua até o enterrarem na arêa, e a boca de sima a encaixão no pernil do odre; e como esta agua em baixo arrebenta com furia, vai pelo cano assima até encher o odre em pouco espaço. E porque tanto que o odre se começa a encher, começa a suspender pera sima o que o tem, serve o companheiro, que com elle vai, de se lhe pór nas costas por pezo, pera o odre o não alevantar; e como está cheio, alarga, e o mesmo odre o traz assima. E ha mergulhadores destes tão destros, e exercitados nestas aguadas, que enchem muitos odres, sem lhes entrar gotta de agua salgada. He esta Ilha

mui-

muito doentia, como dissemos, por causa dos roins vapores, de que sempre está cuberta; e o homem a que suas febres tocão, toda a vida lhe ficão os sinaes dellas, se escapa.

CAPITULO XII.

Das cousas que mais acontecêram na Abassia: e das disputas que o Bispo teve com o Emperador sobre pontos da Fé por escrito, que os interpretes lhe falsificáram: e das paixões que tiveram por lhe o Bispo não querer entregar dous Frades Abexins, que fogíram pera elle.

DEixámos atrás o Emperador apartado do Bispo na terra do Decomo, com tenção de se deixar estar devagar; mas logo o inquietáram humas novas que lhe chegáram, que lhe tornáram os Cafres Gallas a entrar pelas terras, e que andavam fazendo outra mór destruição. Pelo que mandou ao Belamal seu primo com irmão, que acudisse áquelle negocio, e lhe deo muita gente da sua ordinaria; e disse a Gaspar de Sousa que o acompanhasse naquella jornada com todos os Portuguezes: do que se elle escusou com lhe dizer, que elles não haviam de acompanhar senão sua propria pessoa; e que se elle queria que fossem, que não mandasse o Belamal, porque elle só com os Portu-

gue-

guezes lhe iriam deitar os Cafres fóra das terras ſem outro algum cabedal; ao que ſe o Emperador calou, e deſpedio o Belamal. Alguns dos noſſos, que foram com o Biſpo, deſejando de ſe acharem em alguma couſa, de ſua propria vontade ſe foram com elle; e chegando ás terras, onde os Cafres andavam, ſouberam que depois de ſe ſenhorearem de tudo, ſe dividíram em magotes, e que andavam levando boa vida. Pelo que entrando apreſſadamente pelas terras, primeiro que ſe tornaſſem a ajuntar, foram dando em huns, e outros, e fizeram nelles grandes carniçarias; e os que eſcapáram ſe foram fóra das terras, deixando as prezas que tinham feito.

Concluido iſto, tornou-ſe o Belamal a recolher; e em ſahindo das terras, encontráram com o Emperador, que hia de ſoccorro, ſó por obrigar aos noſſos a ſe acharem naquella jornada, porque pela experiencia que delles tinha, havia que ſem elles nada ſe faria; e ſabendo elle a vitoria que tinham alcançado, feſtejou muito ao Belamal, e fez muitas honras aos noſſos que ſe acháram com elle, que foram Franciſco Jacome, Diogo de Alvellos, Antonio de Sampaio, e Gonçalo Soares Cardim, que a cavallo fizeram couſas muito notaveis.

O Emperador com eſte alvoroço ſe tor-

nou

nou pera onde ficou a Rainha sua mãi com o Bispo, com quem se reconciliou, e tornáram a correr em amizade, e o Bispo com sua obrigação, trabalhando tudo quanto podia pelo tirar das heresias em que vivia; porque sabia mui bem que como lhe désse a elle a conhecer a verdade, nos seus havia pouco que fazer; porque nas praticas que teve com muitos, entendeo que de medo deixavam de confessar, e obedecer á Igreja Romana. E como o Emperador se prezava de Letrado, e de muito visto na Escritura, queria sustentar suas opiniões com authoridades sem fundamento, sobre o que teve com o Bispo grandes disputas por escrito, porque fogia de se ver com elle o mais que podia, o que elle entendia mui bem, mas dissimulava. E porque hum dos seus principaes erros, e que elle trabalhava por sustentar, era, que a humanidade de Christo era igual á sua Divindade, sobre o que mandou ao Bispo hum grande arrezoado; e querendo-lhe o Bispo responder tambem por escrito, nem elle, nem seus companheiros sabiam a sua lingua Latina, nem os Portuguezes, que lá andavam, tinham della algum conhecimento, senão hum Affonso de França, que por certos delictos foi posto em huma Ilha, que estava no meio de hum lago, que se chamava Ohay, que será de

hu-

huma legua em roda, onde eſtava hum muito freſco Moſteiro de Frades, com quem elle aprendêra as letras Abexins, e a eſcritura; porque coſtumão elles, tanto que paſſão o A, B, C, enſinarem-lha logo a ler. Pelo que ſabendo o Biſpo que eſte Affonſo de França tinha diſſo algum conhecimento, o chamou pera reſponder á queſtão do Emperador; e querendo fazer outro arrezoado no meſmo Latim dos Abexins, não o ſoube eſcrever o Affonſo de França: pelo que chamou pera iſſo hum Frade muito grande ſeu amigo pera eſcrever o arrezoado do Biſpo, que lhe foi lendo, e o França declarando na lingua Abexim, e o Frade eſcrevendo. E como elle tambem era herege, foi falſificando a opinião do Biſpo, e concedendo a igualdade de ambas as naturezas em Chriſto, aſſim como o Emperador a ſuſtentava. E levando os eſcritos ao Emperador, que vio o que o Biſpo lhe concedia, fez grandes feſtas, e muitas mercês ao Frade, e logo fez trasladar os eſcritos por muitas vias, e os mandou repartir por todos os Moſteiros de ſeus Eſtados, jactando-ſe que vencêra o Biſpo dos Portuguezes: o que elle logo veio a ſaber, e ficou muito apaixonado contra Affonſo de França, que não teve culpa na velhacaria do Frade, e logo lhe mandou que foſſe dizer ao Emperador

que

que o Frade falſificára o que lhe mandára eſcrever, e que negava a ſua propoſição. Mas como o Emperador era herege, e afferrado á ſua opinião, reſpondeo que já naquillo não havia que fazer, com entender muito bem que a falſidade naſcêra do ſeu Frade, do que o Biſpo, e Padres ficáram mui deſconſolados, e trabalháram logo dalli em diante por aprender a ler, e eſcrever a letra da terra, que o P. Gonçalo Galtamas em breve tempo veio a ſaber, o que baſtava pera ſe declarar.

Pelo que com mais affoiteza eſcrevêram contra aquella opinião muito doutamente, e eſpalháram os eſcritos pelos Frades Letrados, e ainda fizeram livros contra todos os erros dos Abexins, que fundíram a muitos, que de medo não ouſáram de ſe retractar. E aſſim fizeram mais outros livrinhos devotos, huns dos ditos dos Padres antigos ſobre a Fé Catholica, e outros da vida, e milagres de noſſa Senhora, que os grandes trazem comſigo, e eſtimam muito, e lhe chamam *Myſter Mariam*, que he o meſmo que milagres, ou Myſterios de Maria. Com iſto tornou a falſidade do Frade a ficar clara, e vituperada, do que pezou muito ao Emperador, que andava aſſombrado com o Biſpo, e Padres. E como elle coſtumava a cavalgar ás vezes, e as mais dellas mandar

mu-

[illegible]o Bispo, e Padres pera o acompanharem, hum dia, depois de terem argumentos sobre a Circumcisão, a reprovou o Bispo com muitas authoridades da Escritura, de que se o Emperador resentio tanto, que indo ao outro dia pera o campo, virou pera o Bispo, que hia hum pouco atrás, e lhe disse: « Sabes, Bispo, porque me cir» cumciso? por limpeza. » Ao que o Bispo respondeo: « Pois com essa limpeza te has » de ir ao inferno. »

Disto ficou o Emperador tomado do Bispo, e tão aborrecido dalli em diante dos Portuguezes todos, que mandou prender huns leões ás portas dos seus pateos, pera que lhe não chegassem a elles, como costumavam. Mas com tudo o Bispo não deixava de o reprender em público, e em secreto; e nas prégações persuadia aos Portuguezes a que não servissem aquelle Emperador, que era herege, e pertinaz, (o que elle logo sabia, porque alguns dos Portuguezes, que de quando em quando mandava chamar, lhe contavam tudo,) o que o acabou de escandalizar, e indignar mais contra o Bispo.

Succedeo neste tempo fogirem dous Frades de hum Mosteiro, e se foram lançar aos pés do Bispo, dizendo, que queriam ser Catholicos, e salvar suas almas; e elle

os

os recebeo, e agazalhou com muita caridade. Mas em o sabendo o seu Maioral, lhos mandou pedir: o Bispo lhe mandou dizer « que » se todos quantos tinha no seu Mosteiro se » viessem pera elle, todos receberia de mui » boa vontade, e com muita alegria. » Do que indignado o Maioral, se foi queixar ao Emperador, que logo mandou chamar o Bispo, que foi acompanhado de trinta Portuguezes. E em chegando, lhe pedio os Frades seccamente. O Bispo lhe respondeo « que elle não viera a seu Reyno pera des» servir a Deos, senão pera lhe fazer muitos » serviços; que os Frades estavam Catholi» cos, porque sabiam que pera se salvarem » lhes era assim necessario, que se deixasse » disso, porque lhos não havia de dar. » Vendo o Emperador aquella isenção do Bispo, começou a esbravejar, e passear pela casa; e depois de dar algumas voltas, tornou-se a virar ao Bispo, e lhe pedio os Frades; ao que o Bispo respondeo, que lhos não havia de dar. Não? disse o Emperador; e tornando a virar com passeio muito inquieto, e indignado, fez querena de arremetter ao Bispo. O que visto por elle, entendendolhe o animo, despio a loba, e poz-se de giolhos com grande animo pera receber o martyrio, cuidando que o queria o Emperador matar. Os nossos, que víram aquillo,

co-

...ram-se a revolver, e a concertar as armas com tenção de o defenderem. E vendo o Emperador o Bispo daquella maneira, deo algumas palmadas com ira; e virando-se pera elle, lhe disse: « Cuidas que has de » morrer martyr ás minhas mãos? ora não » te quero dar essa gloria; vai-te, e leva » os Frades, dá-lhe ovos á sesta feira, e » serás Bispo de dous Frades. E desenga- » no-te, que não digo eu, mas todos os » que me succederem, te não hão de dar » a obediencia, nem mudar seus costumes. » E virando-se pera os Portuguezes, lhes disse: » Ide-vos: vós vedes o homem que me cá » mandou ElRey de Portugal meu irmão? » faltava-lhe lá hum Portuguez? » O Bispo com os Portuguezes se foram sahindo pera fóra, e o leváram á sua pousada. E recebendo-se que o Emperador lhe mandasse tomar os Frades, os mandou em segredo a Gonçalo Ferreira, (que era muito bom homem, pera que lhos tivesse sem o ninguem saber, como fez.) Passado isto, dahi a pouco mais de hum mez foi o Bispo visitar o Emperador; e depois de algumas praticas, lhe pedio licença pera mandar fazer huma Igreja na Provincia Mará; o que elle facilmente lhe concedeo, que o Bispo logo determinou de mandar levantar pera os Christãos Catholicos que alli havia.

DECADA SETIMA.

LIVRO VIII.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Da viagem que fizeram as náos, que partíram pera o Reyno no anno de 1559: e de como não paſſáram mais que a Rainha, o Tigre, e o Caſtello; e Franciſco Barreto, e João Rodrigues de Carvalho arribáram a Moçambique: e da perdição da náo N. Senhora da Barca, de que era Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos: e de como ſe ſalvou no ſeu batel com ſeſſenta peſſoas: e do que mais lhe ſuccedeo até tornar á India.

NO Cap. III. do VI. Livro deſta VII. Decada deixámos Franciſco Barreto partido de Goa na náo Aguia pera o Reyno a vinte de Janeiro, e D. Luiz Fernan-

nandes de Vaſconcellos de Cochim na Gallega, com as mais náos da meſma conſerva, que partíram quaſi no fim de Janeiro. Agora he neceſſario continuarmos com ellas, e darmos conta do que lhes aconteceo na viagem. Todas eſtas náos, aſſim a de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, como a em que hia Franciſco Barreto, e as mais, que partíram de Cochim, foram ſeguindo ſua derrota com tempos Levantes até dobrarem a Ilha de S. Lourenço, e irem demandar a terra do Natal. E chegando á primeira ponta della, que eſtá em trinta e hum gráos da banda do Sul, duzentas e trinta leguas do Cabo de Boa Eſperança, pouco mais, ou menos, lhes deo huma tormenta geral, e mui rija, que as abrangeo a todas, e as tratou de maneira, que foi a total cauſa de as mais dellas ſe perderem, humas mais de preſſa, outras mais de vagar, conforme ao menor, ou maior impeto com que as alcançou, ſem eſtarem á viſta humas das outras. Ficáram deſta tempeſtade (que diſſemos) os ventos tão rijos, e contrarios, e os mares tão groſſos, empolados, e cruzados, que as fez andar ás voltas com grande trabalho, e perigo; e o que as tratou peior foram os muitos dias de pairo que tiveram, que as deixou abertas, e deſgovernadas, com curvas quebradas, cavilhas torcidas, e en-

entremichas arrebentadas, como aconteceo á náo de Francisco Barreto, de quem logo trataremos. Gastáram estas náos em demanda do Cabo de Boa Esperança todo o mez de Março.

As náos Tigre, Castello, e Rainha, que eram da conserva de D. Constantino, parece que se souberam seus Pilotos melhor governar; ou foram tão bem affortunados, que lhes deo Deos tempo, com que dobráram o Cabo de Boa Esperança, e foram a Portugal; mas as outras, que eram do anno atrás da Armada de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que todas invernáram, todas se vieram a perder em differentes paragens. A náo Framenga, de que era Capitão Antonio Mendes de Castro, ainda que passou o Cabo de Boa Esperança, ficou tão destroçada, que se foi perder em S. Thomé. A Graça, que era da Armada do Viso-Rey D. Constantino, de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho, teve muitos contrastes, e muitos dias de pairo, em que se lhe passou o tempo de dobrar o Cabo; e por fazer muita agua, e lhes faltar a que haviam de beber os que hiam nella, foi forçado arribar a Moçambique, como fez.

A Patifa, em que hia o Governador Francisco Barreto, teve muitos ventos contrarios, com que esteve a arvore secca dezoi-

muitos dias, antre humas ondas de mares cruzados, que pareciam altissimos montes, de cujos cumes a náo se via cahir muitas vezes em huns valles, que parecia não poder mais apparecer; e com os grandes balanços que dava de huma parte a outra, lhe arrebentáram trinta e seis curvas pelas gargantas, e trocêram mais de quarenta cavilhas tão grossas, como o collo de hum braço, que prendiam as curvas á náo, e quebráram dezoito entremichas, que cingiam as curvas, que junto tudo isto á velhice, e podridão da náo, a fez abrir por tantas partes, que se fora muito facilmente ao fundo, se faltára o valor, e diligencia com que Francisco Barreto fazia acudir ás bombas, e lançar fóra agua, que entrava nella por muitas partes, que estavam abertas. A estes trabalhos acudíram com muita vigilancia, e diligencia os Fidalgos que nella vinham, sendo Francisco Barreto o primeiro, com cuja presença, e exemplo andavam todos tão animados, que parecia que não estimavam hum trabalho, que só Portuguezes puderam aturar, pera remedio do mal que soffriam, sem largarem os aldropes das bombas das mãos, de dia, nem de noite; e foi necessario accrescentar-se outro, de baldearem a pimenta de huns paioes em outros, pera se tomar a agua que a náo fazia por elles, porque

se

ſe receava outro, que fora a total perdição da náo, que era ir a pimenta ás bombas, e ficarem com iſto entupidas de maneira, que não pudeſſem laborar, nem tirar fruto deſte tão exceſſivo trabalho, e tudo foſſe em vão, por ſe não poder lançar a agua fóra, que creſcia de maneira que com darem continuamente a ellas, a não podiam acabar de vedar, e ſeccar; antes era tanta a agua, que entrava pelas abertas da náo, que hum muito pequeno eſpaço, que deixavam de dar á bomba, achavam nella mais de tres, e quatro palmos de agua de vantagem da coſtumada. Neſte trabalho paſſou a náo quatro dias continuos, ſem ſe largarem os aldropes das mãos de dia, nem de noite; e porque lho ficava fazendo maior o fumo do fogão, que os cegava, por ainda naquelle tempo vir debaixo do convés, houveram os Fidalgos, e criados de ElRey, que davam á bomba, por menos mal não comerem couſa, que houveſſe de ſer feita ao fogo, que fazer-ſe de comer com tão grande contrapezo, como era o do fumo, pera o que pedíram a Franciſco Barreto mandaſſe prover naquillo doutro modo, porque ſe não atreviam a dar á bomba, com o fogão eſtar accezo. O que elle fez com mandar ſerrar duas pipas pelo meio, de que ſe fizeram quatro celhas, que ſe puzeram no convés da náo, cheias de

vinho, agua, e biscouto, e algumas conservas, de que se sustentáram tres dias, em que se não comeo cousa, que se houvesse de fazer com fogo. Achadas as aguas que a náo fazia, que foram sincoenta e quatro, tratáram os officiaes della, calafates carpinteiros, de as tomarem por dentro da náo, que por fóra não era possivel, e assim as foram tomando com se cortarem algumas curvas, liames, e entremichas; que ainda que desta maneira ficou a náo fazendo menos agua, ficava todavia mais fraca, por causa dos liames que lhe cortáram; e assim qualquer balanço que dava, a fazia jogar toda tão desengonçada, que cuidáram os que hiam nella, ser cada hora a derradeira em que se havia de abrir, e elles acabarem todos miseravelmente. Pelo que foi necessario daremlhe hum cabo de proa, e outro de poppa, virados, e apertados com o cabrestante, pera que não abrisse de todo, e se dividisse em muitas partes; e como a náo com todas estas ajudas, e remedios não deixava de fazer tanta agua, que não faziam outra cousa todos os Fidalgos, e cavalleiros, que hiam nella, senão dar continuamente a ambas as bombas, sem a poderem vencer, e esgotar, mandou Francisco Barreto por conselho dos officiaes della juramentados, alijar ao mar muitas fazendas de mercadores, como eram be-

bejuim, de que se lançáram ao mar muitos quintaes, e muitos fardos de anil, e algumas caixas de sedas, e muitas cousas da China muito ricas, e curiosas.

Aconteceo neste mesmo tempo, em que se lançáram ao mar estas fazendas, irem dar os trabalhadores com huns fardos de anil de hum alvitre, de que ElRey D. João fazia cada anno esmola, e mercé pera as obras da Igreja do Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa; e perguntando a Francisco Barreto se havia tambem aquelle anil de ser lançado ao mar, como foram as mais fazendas a que o tinham feito, respondeo » que não, que quando não houvesse outro » remedio pera se salvar, senão lançar-se » a sua propria delle, que essa se lançasse, » porque ás costas havia de salvar a fazen» da de N. Senhora, em cujo favor con» fiava estar o remedio, e salvação daquella » náo. »

Indo o trabalho da agua, que a náo fazia, por diante, e não bastando dar-se continuamente a ambas as bombas, pera deixar de ser maior a quantidade da que entrava, que a da que deitavam fóra com as bombas; e arreceando-se o Piloto (que se chamava André Lopes) que quando menos cuidassem, se lhe fosse a náo ao fundo, por quão rota, e aberta hia, ordenou com consentimen-

to

de Francisco Barreto, encaminhar a náo a demandar a primeira terra que pudessem afferrar, que era pouco mais, ou menos a do Natal, (onde se perdêra Manoel de Sousa de Sepulveda no galeão S. João a vinte e quatro de Junho do anno de 1552, em trinta e hum gráos da banda do Sul,) havendo por melhor sorte acabarem em terra as vidas, que comerem-nos os peixes no mar. E indo assim com a proa em terra, de que estariam sincoenta leguas, pouco mais, ou menos, chamou Francisco Barreto a conselho o Piloto, Mestre, Contra-mestre, Sota-piloto, e todos os mais Officiaes da náo; e dando-lhes juramento sobre hum Missal, e hum Crucifixo, em que todos puzeram a mão, lhes mandou que cada hum delles dissesse pelo juramento que tomára, o que entendiam do estado em que a náo estava, e o que lhes parecia bem que se fizesse. Ao que o Piloto, como pessoa principal, respondeo primeiro, dizendo « que elle havia » sincoenta annos que andava no mar, e » tinha passado aquella carreira muitas vezes, onde se víra em grandes perigos; » mas que nunca se víra em algum tamanho » como aquelle, em que então se via, pelo » estado em que a náo estava de podre, e » muita agua que por estar aberta fazia; e » que se nosso Senhor por sua misericordia

» os

» os levasse a haver vista de terra, que hiam » demandar, era a mór mercê que podiam » desejar homens, que andassem no mar, » e se vissem em tamanhos perigos, como » eram os em que se elles viam. » O mesmo voto foi o do Mestre, e de todos os mais Officiaes, sem discreparem huns dos outros.

Vendo Francisco Barreto o estado em que estavam, fez a todos os da náo huma breve falla, nascida de hum animo, a quem nem trabalhos cansavam, nem perigos atemorizavam, pera perder hum muito pequeno ponto delle, (como a outra que Eneas fez a seus companheiros, quando escapáram da destruição de *Troia*, *andando pelo mar* Mediterraneo, buscando alguma parte de Italia, onde fundasse povoação, pelos ver tristes, e descoraçoados, como Virgilio conta no seu primeiro livro das Eneidas,) dizendo:

« Senhores Fidalgos, e Cavalleiros, ami» gos, e companheiros, não deveis de vos » entristecer, e melancolizar com irmos de» mandar a terra, aonde levamos posta a » proa, porque póde ser que nos leve Deos » a terra, onde possamos conquistar outro » novo mundo, descubrir outra India maior, » que a que está descuberta, pois levo aqui » Fidalgos, e Cavalleiros por companhei» ros, com quem me atrevo a commetter

» to-

» todas as conquiſtas, e emprezas do mun» do, por arduas, e difficultoſas que ſejão; » porque o que a experiencia de muitos que » aqui vão neſta companhia me tem moſ» trado, me aſſegura, e dá confiança pera » não haver couſa no mundo, que poſſa » temer, nem recear. »

Eſtas palavras diſſe Franciſco Barreto com o roſto tão alegre, e deſaſſombrado, como ſe ſe eſtivera recreando nas hortas do valle de Enxobregas, e não poſto a varar na terra da mais bruta, e barbara gente, que o mundo tem. E todavia accreſcentou com ellas a todos os daquella companhia novas forças, e deo-lhes novos eſpiritos pera poderem continuar, e levar ávante o pezo do trabalho, com que hiam, que era aſſás grande.

Indo aſſim determinados a varar na terra do Natal, como as mercês que Deos coſtuma fazer aos neceſſitados do remedio, são moſtrar-lhes que na mór força da deſeſperação delle alli lho concede, aſſim o uſou com elles trabalhados, e affligidos navegantes, fazendo-lhes mercê de lhes abrandar os ventos, e abonançar os mares, (que até então eram muito groſſos, e empolados,) que foi cauſa de a náo ficar com menos trabalho, dando menos balanços, e de fazer menos agua. Vendo o Piloto, e mais Officiaes da

da náo ser menor o perigo, foram de parecer, que mudassem o rumo, e fizessem seu caminho pera Moçambique, onde esperavam em Deos os havia de levar a salvamento. E assim foi, que com os tempos galernos, e brandos, que dalli por diante sempre tiveram, foi a náo fazendo sua viagem. Mas os Fidalgos, e passageiros foram sempre com os aldropes das bombas nas mãos, sem os tirarem dellas hum só momento; porque por breve que fosse o intervallo que houvesse de se deixar de dar a ambas as bombas, logo a agua crescia muitos palmos, e os vencia; e porque não fossem vencidos della, hiam dando a ambas as bombas continuamente.

E querendo Francisco Barreto alliviar este tão grande, e continuo trabalho aos Fidalgos, chamou hum Capitão dos Cafres, que vinha na náo, que os fazia trabalhar, e era seu presidente, e lhe prometteo cem cruzados, se elle com seus companheiros esgottassem as bombas; o que elles acceitáram. E pondo os peitos ao trabalho, e o olho no que se lhe tinha promettido, em hum dia que trabalháram esgottáram as bombas. Foi tamanho o contentamento de todos, que se deo boa viagem pela náo, como se passáram o Cabo de Boa Esperança, ou entráram pela barra de Lisboa: e as-

assim foram até Moçambique, aonde chegáram na entrada de Abril do anno de 1559, e acháram a náo Garça de João Rodrigues de Carvalho, que chegára o dia dantes destroçada, pera invernar alli. E aqui o deixaremos, até tornarmos a elles, por tratarmos do que aconteceo á náo de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que deixámos partida de Cochim no fim de Janeiro do mesmo anno.

Esta náo, que (como já dissemos) se chamava *N. Senhora da Barca*, passou muito maior trabalho que todas, porque parece que a tomou a tormenta mais em descuberto, e mais perto, e a abrangeo com mór furia: teve tantos contrastes, os ventos tão rijos, e os mares tão grossos, e cruzados, que com o pairar, e trapear, abrio por muitas partes, e começou a fazer grandes aguas, pelo que foram sempre dando ás bombas, sem nunca as largarem das mãos de dia, nem de noite, nem ella se poder estancar, nem vencer com ellas; antes foi a agua crescendo tanto, que lhe cubrio a primeira cuberta assima do porão, o que causou em todos os da náo grande temor, e desconfiança. Os Officiaes acudíram todos a trabalhar pela lançar fóra com muitos barrís, que vasavam de dous em dous, por andaimes que fizeram nas escotilhas, a que todos os da

náo

não se foram revezando, sendo D. Luiz o primeiro, que acudia a tódo trabalho, sem descançarem hum momento, nem comerem senão com os aldropes, e cordas nas mãos, mal, e pouco; e foi tamanho o trabalho, que vencia já a todos de maneira, que quasi não tinham mãos, nem braços pera o aturarem. Vendo-se os Officiaes naquelle miseravel estado, houveram por seu conselho arribarem, e irem varar aonde melhor pudessem; e assim viráram a poppa com aquelle trabalho, e desconsolação, havendo-se todos por perdidos, fazendo conta com Deos, e com suas almas. Aqui suppríram alguns Religiosos que alli hiam da Ordem do glorioso Padre S. Francisco, que naquelle transe confessáram, e consoláram a todos com muita caridade, obrigando-os em consciencia a trabalharem por se salvar, e a não se deixarem vencer do trabalho.

D. Luiz Fernandes mostrou neste perigo muito grande animo, e foi a principal occasião de todos se animarem; porque ao que cansava acudia logo com alguma refeição, e lhe tomava o aldrope, com que trabalhava até o outro tomar alento. E assim por este modo corria todos os andaimes, tendo elle só igual o trabalho com todos; e assim se mostrou este Fidalgo alegre, e confiado, e assim alegrava, e fazia confiar a todos, que

que já trabalhavam com mais alegria que tristeza, tendo elle sempre provído o convés da náo de celhas de agua, vinho, de biscouto, e doces pera refeição dos que trabalhavam, não dando algum hum ai, a que elle logo não acudisse, e consolasse, sem em todo este tempo entrar na camara, nem faltar antre todos elles hum pequeno momento.

O Piloto da náo foi demandar a Ilha de S. Lourenço por mais perto, indo já a náo quasi adornada, com mais de vinte palmos de agua, e em tal estado, que nem governava, nem dava pelo leme cousa alguma, pelo pezo da agua que cada vez crescia mais. Vendo-se os Officiaes perdidos, disseram em segredo a D. Luiz Fernandes » que já não havia remedio, que elles se fa- » ziam doze, ou quinze leguas da terra da » primeira ponta da Ilha de S. Lourenço » da banda do Ponente, que o bom seria » tratarem de se salvar no batel, os que » pudessem, que a náo já não podia com- » sigo. »

Estas novas ouvio D. Luiz Fernandes com muito grande animo; e sem mostrar tristeza alguma, fez logo lançar o batel ao mar, e metter-lhe masto, verga, véla, e remos; e foi tanta a pressa que a náo lhe deo, (porque se lhe hia fogindo debaixo dos pés,) que

que não tiveram mais tempo que pera lançar dentro seis pessoas com hum barril de agua, e hum sacco de biscouto, e duas, ou tres caixas de marmelada. D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, depois de ser no batel fez eleição das pessoas que havia de recolher, estando affastado da náo, porque se lhe não lançassem todos dentro, porque seria causa de sua perdição; e tendo já sessenta, lhe requerêram os Officiaes que não tomasse mais, porque o batel já não podia comsigo, pelo que lhe foi forçado affastar-se. E vendo que lhe ficava o Padre Fr. Fernando de Castro, de nobre geração, confessando a gente, se foi chegando á náo pera o recolher, mandando-lhe dizer que se não havia de ir sem elle.

Mas o Padre movido mais da caridade dos proximos, que do desejo da vida, lhe respondeo « que se fosse á paz de Deos, » que elle havia de ficar naquella náo con» fessando, e consolando todos aquelles ir» mãos; porque mais importava a salvação » das almas de duzentas pessoas, ou mais, » que na náo ficavam, que a da sua vida » delle. » Vendo D. Luiz Fernandes aquella tão grande caridade, e amor dos proximos, lhe pedio que os encommendasse a Deos; e affastando-se, deo á véla, deixando a todos os da náo em prantos, lagrimas, e gri-

tos,

tos, que feriam eſſes ares, pedindo miſericordia, de que então ſó Deos podia uſar. E indo ainda á viſta da náo, víram todos ſorvella o mar, e recolhella em ſuas entranhas, que foi hum eſpectaculo de graviſſima dor, e mágoa.

Encommendando-ſe a Deos, foram ſeu caminho pera onde o Piloto melhor lhe pareceo, e ao outro dia houveram viſta de terra em vinte gráos e meio eſcaſſos adiante da Bahia de Sant-Iago pera o Ponente, e de longo da coſta pela banda de fóra da Ilha a foram rodeando, ſuſtentando-ſe com o pouco que no batel ſe metteo, que ſe lhes dava por tanta regra, quanto baſtava muito piedoſamente pera ſe ſuſtentarem, ſem D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos tomar pera ſi mais couſa alguma, do que ſe dava aos outros, moſtrando-ſe em toda eſta viagem tão familiar, e humano a todos, que hiam conſolados, e animados com o verem.

Por eſta coſta foram tomando alguns portos, e Bahias, a que acudíram alguns da terra, e ſem deſembarcarem reſgatavam algumas gallinhas, que D. Luiz Fernandes mandou guardar pera alguns enfermos, ſem elle querer comer huma ſó, rogando-lho, e pedindo-lho todos. O principal de que ſe foram ſuſtentando foi de mariſco, e peixe, que hiam tomando pelas praias a que chega-

vam, ainda que alguns comiam cobras de agua, e outras cousas nojentas. Por algumas Bahias destas achá ram algumas pessoas que pareciam Jáos: por onde vieram a cuidar que já fora aquella costa pela banda de fóra povoada de Jáos, porque fallavam a sua lingua; mas quanto a nós neste particular, por mais certo temos que ficáram estas pessoas, que foram encontrando, de algumas náos que se alli perdêram, ou que nascêra destas; porque se fora do tempo dos Jáos, já se lhes não houvera de entender a lingua, nem os que delles procedem tão bassos, porque tudo se havia de perder com a communicação, e ajuntamento dos naturaes: não negando porém que esta costa deixasse de ser conquistada, e povoada dos Jáos, segundo a opinião de muitos.

Assim foram os do batel até o Cabo da Ilha da banda do Levante; e em huma enseada, que está em altura de treze gráos, achâram hum galeoto, que tinha partido da India pera Moçambique, que por ter os tempos contrarios foi tomar aquella Bahia, que he muito grande, e formosa; e sendo elle visto dos do batel, foi pera todos huma cousa de grande alegria, e alvoroço, e o foram demandar. O Capitão delle, que era hum homem Fidalgo, (a quem não pudemos saber o nome,) vendo os do batel,

e

e conhecendo D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, foi tambem ſeu alvoroço grande, e o recebeo a elle, e a todos mui bem, e delles ſoube ſua perdição, e trabalhos, que ſentio em extremo. Alli os recolheo a todos comſigo, e ficáram invernando naquella enſeada, eſperando pelos Ponentes, com que haviam de ir pera Moçambique, tomando D. Luiz Fernandes as fazendas, e roupas que lhe parecêram baſtantes pera veſtir, e ſuſtentar os da ſua companhia, o que fez todo aquelle tempo até chegar á Goa, reſgatando com os da terra todos os mantimentos que lhes eram neceſſarios: e aqui os deixaremos até tornarmos a elles, por continuarmos com outras couſas, que eſtão puxando por nós.

CAPITULO II.

De como ElRey D. Sebaſtião ſupplicou ao Summo Pontifice Paulo IV. fizeſſe a Sé de Santa Catharina de Goa Arcebiſpado: e as Igrejas Santa Cruz de Cochim, e N. Senhora da Aſſumpção de Malaca, Biſpados: e da Armada que eſte anno de 1559 partio do Reyno, de que era Capitão mór Pero Vaz de Siqueira.

QUerendo a Rainha Dona Catharina de glorioſa memoria, e o Cardeal Dom Henrique, tutores do Rey menino Sebaſtião,

tião, que elle imitasse ao bom Rey D. João seu avô no zelo da honra, e gloria de Deos nosso Senhor, e na dilatação de sua santa Fé: vendo que nestas partes da India hia em tamanha multiplicação, pareceo-lhes bem ajudarem, e favorecerem isto com Prelados Evangelicos, ainda que fosse á custa de grandes despezas de sua fazenda, porque não faltassem ministros pera obra tão santa. E considerando quão estendido era o Estado da India, e quão distantes muitas partes delle da Metropolitana de Goa, e que hum só Bispo não podia visitar, e consolar todos os Christãos, supplicáram ao Summo Pontifice, que então presidia na Igreja de Deos, que era Paulo IV. « lhes quizesse conceder » fazer Santa Catharina de Goa Arcebispa- » do, (que até então era Bispado annexo ao » Arcebispado do Funchal,) e que as Igre- » jas Santa Cruz de Cochim, e N. Senho- » ra da Assumpção da Cidade de Malaca » fossem feitas Bispados, suffraganeos ao » Arcebispado de Goa, applicando-lhes lo- » go de suas rendas seus dotes, e ordinarias » pera todas as Dignidades, Conegos, Be- » neficiados, Curas, Vigairos, e que estes » Bispados fossem annexos ao direito da » Metropolitana de Goa, constituindo-lhes » termos, e limites, e os districtos delles. » Commetteo o Papa ao Arcebispo de Lisboa

D.

D. Fernando de Menezes de Vasconcellos, que tomando nisso resolução, limitou ao Arcebispo de Goa, desdo Cabo de Boa Esperança até Ormuz, e dahi até Cananor, com todas as Ilhas adjacentes a ellas, em que houvesse Christãos. E ao Bispado de Cochim assinou desde Cananor até Bengala, e Pegú, com toda a costa da Pescaria, Negapatão, e S. Thomé, com a grande, e formosa Ilha de Ceilão, com todas as mais circumvizinhas a ellas, e a toda a costa, separando-lhe a grande, e estendida Christandade que jaz no Sertão de Cochim, Cranganor, e Coulão, e pelas serras do Malavar, que era regida, e governada por Arcebispos, e Bispos Armenios, que seguiam a falsa seita do Heresiarca Nestor, (como no principio desta Decada fica dito,) que a fazia seguir com todos aquelles subditos, debaixo de cuja jurdição andava toda aquella Christandade. Estes Bispos eram provídos pelo Patriarca de Babylonia, cabeça dos Nestorianos: e assim durou esta seita naquella Christandade até o anno de 1599, em que D. Fr. Aleixo de Menezes, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, Arcebispo de Goa, por ordem do Papa Clemente VIII. que pera isso lhe mandou grandes Breves, por morte do derradeiro Arcebispo Armenio, antes de vir outro de Babylonia, foi em pessoa visitar

to-

toda aquella Chriſtandade com grande zelo, e caridade; e depois de paſſar muitos, e mui varios perigos, e trabalhos, por elles no principio não quererem obedecer, com tudo prégando-lhes por todas ſuas Igrejas, os rendeo, e ajuntou Synodo Diecceſano com todos ſeus Sacerdotes, (a que elles chamão Caſſanares,) onde elles, e todos os póvos deram a obediencia á Santa Igreja Romana, e abjuráram todas as hereſias de Neſtor, dando o Arcebiſpo ordem a todas as couſas daquella Igreja, de que temos dado de tudo iſto relação copioſa no principio deſta VII. Decada no II. Cap. do I. Liv. (e a darmos muito mais particularmente, quando eſcrevermos o tempo do Conde da Vidigueira Almirante) por ſer huma das mais heroicas obras, que em materia de Chriſtandade ſe fizeram neſte Eſtado.

E tornando ao fio de noſſa hiſtoria. Ao de Malaca conſtituio ſeus limites deſde Pegú até a grande Região China, com todos aquelles Archipelagos de Solor, Timor, Amboino, Banda, Moro, e Maluco, em que incluem grande multidão de Ilhas, em que ha mais de trezentos mil Chriſtãos naturaes, e depois pelo tempo em diante ſe fizeram Biſpados diſtintos á China, e Japão, como em ſeus tempos ſe dirá. Iſto tudo concedeo o Summo Pontifice por ſuas Bullas

Apoſ-

Apostolicas, com privilegio pera os Reis de Portugal poderem apresentar os Arcebispos, e Bispos, e todas as mais dignidades, como Mestres que eram da Ordem da Cavallaria de nosso Senhor Jesus Christo. Por virtude destas Bullas apresentou ElRey pera Arcebispo de Goa ao Padre Mestre Gaspar, (que foi Conego, e depois huma das principaes Dignidades da Sé de Evora,) varão douto em Theologia, e de vida muito approvada, e por tal tão amado, e querido do Cardeal, e Rey D. Henrique. E pera Bispos de Cochim, e Malaca apresentou ElRey a D. Jorge de Santa Luzia, e a D. Jorge Themudo, da Ordem de S. Domingos, varões doutos, e de vida Apostolica, e que depois vieram a morrer com sinaes de santidade.

Estas Dignidades foram sagradas em Lisboa com grandes ceremonias, e ordenáram os tutores de ElRey que os Bispos fossem pera a India na Armada, que se negociava este anno de sincoenta e nove, que era de seis náos, cuja Capitanía mór levava Pero Vaz de Siqueira, hum Fidalgo velho, muito honrado, de que algumas vezes temos fallado nas nossas Decadas; e o Arcebispo quizeram que ficasse pera o anno seguinte de 1560.

Prestes esta Armada, deo toda junta á véla em Março deste anno de sinçoenta e no-

nove, em que andamos, onde foram embarcados perto de tres mil homens de armas, gente mui lustrosa, e escolhida, em que entravam muitos, e mui honrados Fidalgos, e Cavalleiros. O Capitão mór Pero Vaz de Siqueira escolheo pera si a náo Flor de la mar, em que se embarcou o Bispo D. Fr. Jorge Themudo, que hia por Bispo de Cochim, com quem eu passei tambem á India, moço de quinze annos, tendo destes gastado dous em serviço de ElRey D. João o III, de seu moço da Camara; e todos os mais até esta era de seiscentos e tres, em que escrevemos esta Decada, em outros serviços de mais riscos, e perigos, e neste de tanto trabalho, e inquietação pera a velhice com tão poucos favores neste estado, que muitas vezes me cahia a penna da mão com desgosto; e se a ergui, foi por me fazerem força as muitas instancias, com que ElRey D. Filippe de gloriosa memoria, e depois ElRey nosso Senhor seu filho, me mandavam todos os annos por suas cartas (como se verão impressas nos principios de nossas Decadas) proseguisse, e continuasse esta obra, com palavras de Principes mui Catholicos; e que desejavam de não ficarem em esquecimento os feitos dos Portuguezes nossos naturaes, posto que os deste tempo tanto se esquecessem disso em muitas cousas. Os Capi-

pi-

pitães das mais náos eram Francisco de Sousa, da Algaravia aonde hia embarcado D. Fr. Jorge de Santa Luzia Bispo de Malaca, Pero de Goes em Santo Antonio, Luiz Alvares de Sousa em S. Gião, Lisuarte Peres de Andrade na Conceição, Ruy de Mello da Camara em S. Paulo. Destas seis náos a de S. Paulo por má navegação foi haver vista da terra do Brazil, e dahi tornou a arribar ao Reyno. Todas as mais foram á India. Só a Conceição, por chegar tarde a Moçambique, se deixou ahi ficar.

CAPITULO III.

Da Armada que o Viso-Rey D. Constantino mandou ao Malavar: e dos navios que foram de soccorro a Baharem: e do que lhes succedeo na viagem: e da guerra que Luiz de Mello da Silva fez por toda a costa do Malavar.

COm a vinda das náos do Reyno ficou a India prospera, e rica, pela muita gente, dinheiro, e fazendas que nellas vieram; e porque a soldadesca era muita, e enchia a Cidade de Goa, ordenou o Viso-Rey D. Constantino huma boa Armada pera mandar ao Malavar a Luiz de Mello da Silva, que já tinha sahido de Cananor na entrada de Setembro com os navios, que lá inver-

ná-

náram, pera continuar na guerra dos Mouros; e mandou o Viso-Rey pagar seiscentos homens, que mandou embarcar em tres caravelas, duas galés, e alguns navios de remo, pera lá poder tomar as bocas dos rios; assim pera os inimigos se não proverem de mantimentos, como pera os Cossairos não sahirem a roubar, por ter o Viso-Rey aviso que no inverno se armáram muitos Parós em differentes partes: e estava assentado em conselho por todos os Capitães velhos, e de muita experiencia « que se não fizesse aos » Mouros daquella costa outra guerra, mais » que tomar-lhes os portos; e que quando » a houvesse com os Mouros de Cananor, » a fizessem tambem ao Çamorim, pera as- » sim se não poderem prover huns aos ou- » tros por seus rios » o que costumavam a fazer, e por isso lhes dava pouco de quebrarem as pazes, por muito pequena occasião que se offerecesse, porque não deixavam de mandar suas fazendas pera Meca, nem partirem suas náos, porque as mandavam embarcar no Reyno, que estava de paz, e nelle se tornavam a recolher, e por seus rios se proviam de arroz, e anfião, que he o seu principal mantimento, sem quem não podiam viver: e assim engrossavam no trato por rios alheios, e pelos seus nas prezas, que faziam com suas Armadas, que eram mui-

muito prejudiciaes , e faziam muitos damnos.

Pelo que o Viſo-Rey D. Conſtantino mandou por regimento a Luiz de Mello da Silva , que não fizeſſe guerra de outra maneira a todos os Reys do Malavar ; porque com lhes tomar as barras , e não lhes deixar ſahir ſuas náos pera Meca , nem lhes entrarem mantimentos de fóra , os podiam pôr em tanto aperto em dous annos , que chegaſſem os Naires a tanta deſeſperação , por cauſa da fome , que ſe levantaſſem contra os Mouros , e os metteſſem á eſpada , como já algumas vezes eſtiveram pera o fazer , porque eſtes nem ſe embarcão , nem negoceam pelo mar , e ſó da ſubſtancia que na terra tem , ſe ſuſtentam pobremente , e a vendem aos mercadores que vam a ſeus rios , pera que lha commutem em arroz , que naquelles Reynos não ha. E andando o Viſo-Rey D. Conſtantino deſpachando eſta Armada , chegáram de Ormuz as novas do desbarato de D. Alvaro da Silveira , e de como D. Antão de Noronha era partido áquelle negocio pera Baharem ; o que o Viſo-Rey ſentio muito , e logo ſe foi pôr na ribeira das Armadas , e mandou deitar ao mar treze , ou quatorze navios de remo , pera deſpedir de ſoccorro , em quanto ſe preparava outra maior Armada , que ſe determinava mandar,

com

com o primeiro recado que lhe chegasse, de D. Antão de Noronha, se lhe fosse necessario.

Estas novas se espalháram logo pela Cidade, que toda se metteo em revolta, por serem os mais dos Fidalgos que nella estavam parentes de D. Alvaro da Silveira, e de D. Antão de Noronha, e dos mortos, e cativos, e com muita pressa acudíram a se offerecerem ao Viso-Rey, e tomáram navios pera se partirem. E foi tamanha a brevidade com que se negociáram, e tão grande a vontade que tinham de se acharem naquelle feito, que assim como hum se aviava, dava á véla, sem esperar por companhia; e o primeiro que se partio foi Vicente Dias de Villalobos, tio de D. Antão de Noronha, irmão de sua mãi, que ao terceiro dia das novas sahio pela barra fóra em hum formoso navio com trinta Fidalgos, e cavalleiros, e soldados principaes: e logo apôs elle poucos dias se fizeram á véla os mais navios cheios da melhor soldadesca que então havia, que folgáram de acompanhar aquelles Capitães naquella jornada. E dos que nos lembram os nomes são os seguintes: D. Pedro de Castro, filho de D. Diogo de Castro de Evora; Ruy Gonçalves da Camara, filho do Capitão da Ilha da Madeira; Tristão de Sousa, filho natural de Martim Affonso de Sousa; Balthazar da Costa cavalleiro honra-

do,

do, e o melhor Catureiro que na India havia, e outros muitos.

Deo Deos a eſtes todos tão boa viagem, que em breves dias chegáram a Ormuz, depois de D. Antão de Noronha ter já chegado áquella fortaleza com a vitoria de Baharem: e o primeiro que chegou foi Vicente Dias de Villalobos, que ſe apreſſou tanto, que paſſou por Ormuz, antes que D. Antão de Noronha vieſſe de Baharem; e ſem ſe deter, o foi buſcar, e no caminho ſe deſencontráram hum do outro, porque ao paſſar da Ilha de Lara, hum foi por dentro, e outro veio por fóra; e chegando a Baharem, tanto que ſoube ſer partido, tornou a voltar, e foi ter a Ormuz, quaſi com os que partíram de Goa: D. Antão de Noronha recebeo a todos com muitas honras. E porque alli não tinham já que fazer, tomáram ſeus provimentos, e ſe tornáram pera Goa todos juntos, elegendo por Capitão de toda aquella Armada a Balthazar da Coſta, a que ſeguíram até áquella Cidade, onde já havia dias eram chegadas as novas da vitoria. O Viſo-Rey recebeo aquelles Capitães muito bem, e lhes fez mercês pelo zelo, e preſteza com que acudíram ao ſerviço de ElRey, e aos ſoldados mandou pagar ſeus quarteis. Démos aſſim brevemente relação deſta jornada, porque não houve nella

que

que contar, mais que a presteza com que estes navios partíram, chegáram, e tornáram, pera que se saiba o zelo, amor, e fidelidade, com que neste tempo se acudia aos trabalhos do estado. O que depois se veio a perder tanto, que chegáram os peccados da India a mandarem homens forçados aos soccorros das fortalezas em alguns trabalhos, em que tiveram necessidade delles.

Despedidos estes navios de Goa, deo o Viso-Rey D. Constantino pressa á Armada do Malavar, e a deitou fóra por fim de Outubro, e chea de muita, e lustrosa soldadesca; e os Capitães, que foram nesta jornada, são os seguintes: D. Filippe de Menezes, irmão de D. João Tello, em huma galé; D Paulo de Lima, em outra; Gonçalo Pires de Alvellos, Alvaro Reinel, e Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos. Tres Cidadões principaes, e ricos nas tres caravellas. As fustas eram oito, ou dez, de cujos Capitães nos não lembram os nomes.

Chegada esta Armada ao Malavar, a repartio Luiz de Mello da Silva pelos rios, por esta maneira. D. Filippe de Menezes com a sua galé, e duas, ou tres fustas, no rio de Marabia, do Reyno de Cananor, onde ElRey residia; D. Paulo de Lima, com outras tantas em outro rio; Gonçalo Pires de Alvellos, com a sua caravella, e

duas

duas fuſtas, no rio de Maim; Alvaro Reinel com outras duas pera o ſerviço de ſua caravella, no rio Canharoto; Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos, com o meſmo, no de Pudepatão; Manoel da Silva em huma galeota Latina, e tres fuſtas, no Ilheo de Tremapatão: e o Capitão mór com os mais navios ligeiros, que ſeriam perto de vinte, ficou ſolto pera correr toda a coſta do Malavar, pera huma, e outra parte, pera ver, e prover no que lhe foſſe neceſſario.

Deſta maneira andou fazendo toda a guerra que pode, dando de ſupito nas povoações daquella coſta, queimando-as, abrazando-as, e deſtruindo-as de todo; cortando-lhes muitos palmares, e matando-lhes muitos dos ſeus moradores, tomando-lhes todas as ſuas embarcações, pondo toda aquella coſta em temores, eſpantos, prantos, e neceſſidades, por lhes terem todos os portos tão fechados, que não podia ſahir, nem entrar huma pequena almadia. E tal ordem tinha, que hoje amanhecia defronte de hum lugar, e ao outro dia delle a ſinco ſeis leguas; e onde menos ſe temiam, alli dava de ſobreſalto, deſtruindo, e abrazando tudo, e á noite eſtava já dalli a ſinco leguas, e a ſeis e ſete: e de tal maneira os trazia inquietos, ſem lhes valer a grande vigia que traziam ſo-

ſobre a Armada, e os muitos fogos que toda a noite faziam por toda a coſta, pera por elles darem aviſo onde ella eſtava, e pera onde ſe fazia á véla; mas nenhuma couſa deſtas lhes aproveitava.

Com eſta ordem curſou todo eſte verão, que foi o com que mais atormentou todo eſte Malavar, que todos os daquelles tempos; porque não houve povoação, que não ſentiſſe a ira, e o açoute Portuguez, e aſſim os neceſſitou de tudo, que ſe determináram de arriſcar a morrer, e ir buſcar provimentos, antes que perecerem em terra á mingua: pera o que ſe carteáram todos os que havia pelos rios, pera em huma noite, e maré certa ſahirem pelos rios, onde os noſſos navios eſtavam, ainda que foſſe a todo o riſco, e perigo, como fizeram. Mas como os noſſos, que eſtavam ſobre os rios, por onde elles haviam de ſahir, traziam muito grande vigia, não deixáram de ſer ſentidos ao ſahir, ao menos no rio de Maim, onde eſtava Gonçalo Pires de Alvellos com a ſua caravella ſurto perto da terra, (com quem eu eſtava embarcado, ſendo moço, que coſtumava mandar todas as noites os navios de remo a vigiar a boca do rio, pera não ſahirem os ladrões,) e neſte com quem ſe tinham carteado todos, eſtavam preſtes oito Paraos, que deſemmaſteados com

a

a vaſante da maré a voga ſurda, foram ſahindo de longo da arêa.

E pera fazerem aſſaſtar os noſſos navios, puzeram em terra algumas bombardas, com que começáram a esbombardear, o que os eſpertou mais; porque entendendo o que podia ſer, tomáram armas, e leváram ancora, e com o remo na mão eſtiveram eſperando, (que tão animados, e contentes andavam então os homens, que com dous navios não receavam de commetter ſeis, e ſete Paraos tão grandes, e poſſantes, como depois houve.) Cuidando os Paraos que tinham embaraçados os noſſos navios com as bombardadas, apontando na boca da barra, apertáram o remo, e foram paſſando por antre os noſſos como hum trovão.

E todavia como os noſſos eſtavam eſpertos, ſentindo-os logo ao ſahir, deſparáram nelles os falcões; e tomando hum de proa a poppa, o axoráram todo, e elle anhoto foi dar á coſta, e os mais prepaſſando por antre os noſſos navios lhes lançáram dentro huma ſomma de panellas de polvora, e os noſſos fizeram o meſmo, com que lhe abrazáram muitos Malavares. Mas quiz a deſaventura que na fuſta, de que era Capitão hum João Leitão, cahio da mão a hum ſoldado huma panella de polvora em ſima de outras, que quebráram logo; e tomando to-

das fogo, refinaram por eſſes ares a todos os que eſtavam na fuſta, e o baileo em claro com todas as armas que nelle eſtavam, e o navio ficou ardendo em chammas. O Capitão do outro, que ſe nos não lembra mal, era hum Antonio Tavares, vendo aſſim o navio, deo-lhe huma toa, e ſe foi recolhendo pera a caravella, que tinha já levado a amarra, e dado o traquete pera lhe acudir, deſpedindo o batel com vinte ſoldados, que foram recolhendo pelo mar a mór parte dos queimados.

Os Paraos não ſe quizeram embaraçar com couſa alguma, antes em ſe affaſtando arvoráram maſtos, e deram as vélas á ſua vontade, ficando a noſſa caravella recolhendo a fuſta, e os abrazados, de que morrêram muitos, que ella com todos os mais mandou pera Cananor em companhia do outro navio. A caravella ſe fez á véla após os Paraos, e ao outro dia pela manhã encontrámos a caravella de Alvaro Reinel, de quem ſe ſoube que tambem do ſeu rio ſahíram outros Paraos, após quem tambem dera á véla; e havendo ambos por tempo perdido andarem ém ſua caça, ſe tornáram pera ſeus pouſos, e mandáram aviſar o Capitão mór do que paſſava. E aſſim os deixaremos hum pouco, por continuarmos com as couſas de Damão.

CA-

CAPITULO IV.

De como os Capitães Abexins corrêram até Balſar, e lhes ſahio Alvaro Gonçalves Pinto, e lhes deo batalha, em que foi morto com a mór parte dos ſeus: e de como o Capitão de Damão D. Diogo de Noronha mandou ſoccorrer os noſſos, que ficáram de cerco na fortaleza.

DEpois que os Capitães Abexins Cide Bofatá, e Cide Rana víram recolhido pera Goa o Viſo-Rey D. Conſtantino, tornáram a voltar ſobre as terras de Balſar com ſeiscentos de cavallo, e muita peonagem, e andáram por ellas fazendo muito damno, e comendo aquellas aldeas; e tanto que o verão entrou, e que as aguas do inverno lhe deram lugar, determináram de ir commetter a fortaleza de Balſar, e tomarem-na pera nella ſe fortificarem, e comerem todas aquellas Parganas: e aſſim ajuntando toda a gen- [illegible] tinham, aſſim de pé, como de caval- [illegible] a foram demandar; e Alvaro Gonçal- [illegible]s Pinto Capitão de Balſar foi logo aviſa- [illegible] de ſua vinda; e logo ſe fez preſtes pera [illegible] ir eſperar no campo, porque não quiz [illegible] o tomaſſem encurralado: e aſſim os eſ- [illegible]rou fóra com cento e vinte Portuguezes, em que entravam quinze, ou vinte de caval-

 lo,

lo, e quinhentos peões da terra, deixando na fortaleza hum Capitão chamado João Gomes da Silva, homem de humilde geração, mas muito bom soldado, e com elle dez companheiros; e vindo-se os inimigos chegando, os foi demandar pera lhes dar batalha, cuidando que eram menos, e chegou á vista delles, que estavam em huma aldea chamada as Ferrarias, duas leguas da fortaleza, e os achou em campo, porque já estavam avisados da sua ida. Alvaro Gonçalves Pinto vendo o grande poder que tinham, posto que era muito bom cavalleiro, duvidou commettellos, e quizera se recolher, porque o pudera fazer sem descredito de seu esforço; mas os seus soldados começáram a alterar-se, e a se descompôr, querendo arremetter, e dar batalha sem ordem do seu Capitão, e ainda soltando-se em palavras. Vendo Alvaro Gonçalves Pinto aquelle quasi motim, e desattento, virando-se pera todos, disse-lhes: « Ora já que assim quereis, » *Sant-Iago*; » e arremeçando o ca foi ferir em os inimigos com tanta fo que daquelle encontro derribou o em q poz a lança, e logo outro. E os soldad daquella primeira carga da espingardaria ll derribáram mais de sincoenta, ficando baralhados em batalha, que foi aspera, cruel, em que Alvaro Gonçalves Pinto, to-

todos os noſſos pelejáram mui valoroſamente. Mas como os inimigos eram ſeiscentos de cavallo, e o campo grande, rodeáram os noſſos por todas as partes, que logo ſe puzeram em desbarato, e ás lançadas os foram matando, tendo-o já feito a Alvaro Gonçalves Pinto, que primeiro que o mataſſem vendeo-a vida a troco de muitas, que tirou a muitos, pelejando em meio de todos, como hum leão bravo, ſem querer virar as coſtas. Dos noſſos, que hiam em desbarato, eſcapáram poucos, e ainda eſſes ſe eſpalháram, e não foram demandar a fortaleza ſenão ſinco, ou ſeis, ficando mortos ſetenta e dous, e cento e ſincoenta peões, e os mais como ſabiam a terra, eſcapáram pelas aldeas.

Vendo os inimigos a vitoria, que tinham alcançado dos noſſos, foram com aquella furia commetter a fortaleza, cuidando que a levaſſem logo nas mãos, e cercáram-na á roda, commettendo-a por todas as partes com grande determinação. Mas João Gomes da Silva, que nella ficou com os companheiros que diſſemos, ſe poz á defensão com ſuas eſpingardas, com que fizeram em os inimigos mui grande deſtruição; porque como davam no cardume delles, que eſtavam ao redor dos muros, nenhum tiro ſe perdia, levando as eſpingardas de dous em dous ne-

pelouros, cessando nunca de tirar, nem o seu Capitão de os esforçar, e animar, e por huma parte pelejar com a sua espingarda, e por outra com muitas panellas de polvora, que se hiam desfazer sobre os inimigos; correndo elle o muro (que era pequeno) todo á roda pera ver os que pelejavam nas partes, que lhe tinha encommendadas; e em todas os inimigos o viam de quando em quando bem em seu damno. Alguns peões dos que escapáram da batalha tomáram o caminho mui apressadamente pera Damão, aonde chegáram a horas de meio dia, porque a batalha foi ás oito de pela manhã, e deram a D. Diogo de Noronha as novas do que passava, affirmando-lhe, que se a fortaleza não fosse já perdida, estaria em grande trabalho, e risco. O Capitão D. Diogo de Noronha sentio aquella perda em extremo, e logo se foi pôr na ribeira, e em espaço de huma hora negociou dez navios cheios de muito lustrosa soldadesca, que despedio em soccorro, e não achámos a certeza de quem foi por Capitão mór. Sómente temos por informação que hia naquella companhia Tristão Vaz da Veiga pera ficar por Capitão naquella fortaleza até elle a prover, ordenando-lhe cem homens, que havia de tomar da Armada.

Estes navios chegáram á boca da barra

de

de Balfar ás quatro horas da tarde, fendo meia maré chea; e porque não fabiam o que hia na fortaleza, deitou o Capitão mór huma efpia fóra, que logo tornou, e affirmou, que a fortaleza eftava por nós; mas que os inimigos eram muitos, e que a tinham de çerco. E logo apôs efta efpia chegou hum peão muito apreffado com hum efcrito de João Gomes da Silva, em que elle, e todos os companheiros vinham affinados, em que lhe pedia os foccorreffe logo, porque eftavam em grande trabalho, e aperto; porque parece que tiveram avifo da Armada. Com efte efcrito ajuntou o Capitão mór os Capitães dos navios a confelho, e praticou com elles fobre o modo que teriam em os foccorrer: fobre o que houve differentes pareceres; porque huns differam, que era neceffario foccorrellos logo; outros, que parecia aquillo eftratagema dos inimigos, que teriam ganhada a fortaleza, e os Portuguezes em feu poder, e que lhe fariam efcrever aquelle. e[illegible]o pelos colher lá. Vendo elle que os mais [illegible]s Capitães eram os que apontavam os inconv[illegible]nientes, refumio-fe em foccorrer a fortaleza, e mandou-os pera os feus navios, [illegible] fez levar a amarra ao feu, e foi en[illegible] rio, dizendo, que quem o quizeffe feguir o fizeffe, o que todos fizeram [illegible]egociad[illegible]s, e poftos em armas.

Sa-

Sabendo os Abexins que a Armada hia entrando o rio, que era eſtreito, acudíram a lhe defender a paſſagem com algumas eſpingardas, e grandes nuvens de fréchas, de que lhe empenáram todos os navios, e alguns companheiros; mas tambem elles foram mui bem hoſpedados com a artilheria dos navios, e com a arcabuzaria de feição, que depois de muito eſcalavrados ſe recolhêram, e ſe paſſáram da outra banda do rio. Os noſſos chegáram á fortaleza, e deſembarcáram nella poſtos em armas; e entrando dentro, acháram aquelles poucos homens abrazados em fogo, tiſnados da polvora, e banhados em ſeu proprio ſangue, que todo aquelle dia não comêram, nem bebêram, ſenão couſa muito pouca, e com as armas nas mãos, com que tinham feito nos Mouros grande eſtrago. E com terem paſſado tanto, e tão immenſo trabalho, e eſtarem todos empenados das ſettas dos inimigos, os acháram os que hiam de ſoccorro tão inteiros, tão esforçados, e tão animoſos, como ſe não tiveram feito nada.

O Capitão mór levou nos braços a João Gomes da Silva, e lhe diſſe muitas palavras dignas de ſeu animo, e aſſim abraçou a todos os mais companheiros, e os Soldados da Armada os leváram muitas vezes nos ares com o alvoroço de os verem daquella ma-

nei-

neira: e nós tambem o tiveramos bem grande de lhes saber os nomes, pera os festejarmos com os deixarmos nomeados nesta nossa historia; mas o tempo, e o descuido Portuguez os deixou em esquecimento, tendo elles feito obras merecedoras de serem eternizadas. O Capitão mór deteve-se na fortaleza dous, ou tres dias, mandando curar os feridos com grande resguardo; e passados elles, entregou a fortaleza a Tristão Vaz da Veiga, e deo-lhe cem homens pera quem D. Diogo de Noronha mandou muitos provimentos; e não tendo alli que fazer, voltou pera Damão. Os Abexins deixáram-se andar por aquellas terras, comendo suas aldeas, e inquietando os nossos, que sempre trouxeram sobre elles grandes vigias.

CAPITULO V.

De como os Abexins tornáram sobre Balsar, onde já estava por Capitão Affonso Dias Pereira: e de como elle lhe sahio, e foi morto por desastre: e D. Diogo de Noronha soccorreo aquella fortaleza, e a largou por lho mandar assim o Viso-Rey D. Constantino.

Havendo perto de dous mezes que Tristão Vaz da Veiga estava em Balsar, mandou pedir licença a D. Diogo. de Noro-

ronha Capitão de Damão pera ſe ir, que lhe elle deo, e mandou em ſeu lugar Affonſo Dias Pereira, hum cavalleiro honrado de ſua obrigação. Eſte havendo poucos dias que eſtava naquella fortaleza, tornáram os Capitães Abexins a entrar por aquellas terras com tenção de accommetterem outra vez a fortaleza, e não ſe alevantarem de ſobre ella ſem a tomarem. Affonſo Dias Pereira teve logo rebate de ſua entrada; e ſabendo que ſe vinham chegando, mandou dous homens em cavallos ligeiros (e ſe fez preſtes pera os eſperar) pera deſcubrirem o campo, e notarem a gente que os inimigos traziam: e hum deſtes ſe chamava Diogo Pereira, (que depois cegou,) e o outro era hum Africano, a que não achámos o nome. Eſtes homens ſe alongáram tanto da fortaleza, que chegáram os Abexins á viſta della, ſem elles os verem. Affonſo Dias Pereira tanto que vio os inimigos, ſahio-ſe fóra da fortaleza, e os eſperou com trinta de cavallo, e ſeſſenta eſpingardas, deixando dentro nella Vicente Carvalho com alguns companheiros. E vendo os inimigos tão perto, como eſtava com as coſtas na fortaleza, com que lhe ficavam ſeguras, remetteo de tropel a elles, appellidando *Sant-Iago*, rompendo nos dianteiros com tanta furia, e força que os fez virar, ficando-lhes alguns no campo

ef-

estirados; e como foram com aquelle impeto, ficáram os nossos, e os Mouros todos baralhados em huma aspera batalha; e posto que da nossa parte era o numero tão inferior, todavia pelejáram com tanto valor, que fizeram muito os Abexins em se livrarem das suas mãos.

Andando assim todos misturados nesta pressa, chegáram os dous companheiros, que foram espiar os inimigos; e vendo a aspereza da batalha, e a revolta de todos, como não podiam passar pera a fortaleza, senão por meio dos inimigos, determináramse ambos com as lanças nos ristes, e puzeram as pernas aos cavallos com tamanha furia, que foram rompendo pelo meio dos Mouros, derribando alguns; e foi sua ventura tal, que passáram por todos, até chegarem onde os nossos andavam accezos em batalha, mas com seis, ou sete feridas muito grandes cada hum, de que não perigáram; e hum delles, sendo já destoutra par- [illegible]eo o cavallo, porque por hum de- [illegible] sastre ca[illegible]o delle; mas salvou-se na fortaleza, onde se recolheo pera o curarem.

Affonso Dias Pereira, Capitão que an- [illegible]a força da batalha pelejando como [illegible]ro bravo, quiz a desaventura que [s]e lhe empinasse o cavallo com o estrondo [d]a arcabuzaria de feição, que deo com elle

no

no chão. O que visto pelos Mouros, carregáram sobre elle, e o lanceáram sem lhe poderem valer; e vendo-o morto, foram-se recolhendo pera a fortaleza, e os Abexins apôs elles, e tão perto, que ao entrar da porta foram todos misturados; e foi tanta a pressa, que alguns dos nossos não puderam tomar a fortaleza, e varáram adiante, e a espora fiсta foram caminhando pera Damão, aonde chegáram em menos de tres horas, e deram rebate a D. Diogo de Noronha do que era acontecido, que com muita pressa mandou negociar dez navios, que logo despedio em seu soccorro com muita gente. Os nossos, que se recolhéram á fortaleza, foi com tanta pressa, que deixáram no pateo os cavallos, e subíram assima, deixando as portas abertas pelas não poderem fechar, porque os inimigos (como hiamos dizendo) entráram misturados com elles. Vicente Carvalho, que ficou na fortaleza, acudio com os companheiros ás escadas, huns, e outros á cerca pera defenderem a subida aos muros, e a entrada da porta, o que já não pode ser, porque ficáram senhores dos baixos, e de todos os cavallos, que logo foram tomados.

Os Abexins trabalháram tudo que p[illegible] ram por subirem as escadas, que lhes foram defendidas dos nossos com muito valor, [illegible]

esforço, e com grande perda, e damno dos inimigos, que deſenganados de entrarem á força de armas, ajuntáram muita palha, e lenha, e mettêram tudo debaixo de huma guarita pera lhes darem fogo, e queimarem os noſſos, que eſtavam em ſima pelejando pera fóra, com os inimigos, ſem ſaberem o perigo que ſe lhes ordenava. Mas quiz Deos que lançaſſe hum ſoldado o corpo por huma janella, que hia cahir ſobre o pateo, e vio andarem os Mouros mui ſolícitos em ajuntar aquelles materiaes pera o fogo; e tomando huma paneila de polvora, a lançou antre elles; e quiz ſua boa fortuna que ſe quebraſſe em o meio dos Mouros; e dando-lhes as labaredas, os abrazou de feição, que deixáram o que faziam, e foram fogindo pela porta fóra.

Os noſſos, que pelejavam de ſima naquella revolta, fizeram em os Mouros huma cruel carniçaria, aſſim com a artilheria, como com a arcabuzaria. Senão quanto ſe affirma que Calliſto de Siqueira o Mulato, meio irmão de Franciſco de Siqueira, Eſcrivão da coſinha que foi de ElRey D. João, derribára á ſua parte com ſua eſpingarda mais de vinte, porque era o mór eſpingardeiro que havia na India. Os Mouros ficáram todo aquelle dia derredor da fortaleza por canſarem aos noſſos, e aſſim os combatiam de-

bai-

baixo com tão grande numero de fréchas, que as portas, janellas, ameas, e ainda as paredes eſtava tudo empenado, apertando tanto com os noſſos, que lhes não deram vagar pera tomarem mais refeição, que alguma agua pera matarem a ſeccura do grande trabalho, que todo o dia paſſáram.

Eſtando já ſobre a tarde em hum grande extremo, e muitas deſconfianças, por já não poderem comſigo, ouvíram muitas bombardadas pelo rio aſſima, que era a Armada, que D. Diogo de Noronha tinha mandado, que tanto que foi ſentida dos inimigos, largáram tudo, e paſſáram-ſe da outra banda do rio. O Capitão mór, que era Luiz Alvares de Tavora, filho de Bernaldim de Tavora, poz a proa junto da fortaleza, e deſembarcou em terra com todos os ſeus poſtos em armas, e foi demandar a fortaleza; e vendo de fóra aquelle eſpectaculo da encravadura dos muros, e portas, da multidão das fréchas, e os noſſos das ameas appellidando *vitoria*, *vitoria*, foi ſua alegria tamanha, ou (pera melhor dizer) ſua inveja tal, que qualquer delles trocára por ſe acharem alli todos os theſouros do mundo, ſe os tivera em ſeu poder; e ſubindo aſſima acháram aquelles poucos homens tão encarvoiçados da polvora, e taes do canſaço do dia, que pareciam alarves, e homens do

mato; e levando-os todos nos braços, rossáram-se por elles, pera que se lhes pegasse alguma cousa das muitas que nelles invejáram. O Capitão mór os fez desarmar, e curar alguns feridos, e lhes mandou dar de comer do que levava. Alli ficáram estes navios aquella noite, lançando o Capitão mór espias sobre os inimigos, que já eram recolhidos pera longe; e ao outro dia recolheo o Capitão mór toda a gente, artilheria, munições, e mais cousas da fortaleza, e deixando-a despejada de tudo pelo mandar assim o Viso-Rey a D. Diogo de Noronha, que pera isso deo regimento ao Capitão mór: e aquelle mesmo dia chegáram a Damão, e leváram a cabeça de Affonso Dias Pereira, a quem deram muito honrada sepultura. Os Abexins foram logo avisados do despejo da fortaleza; e voltando, a acháram só: e não se querendo pejar com ella, a derribáram por terra, deixando-se andar no campo, comendo as aldeas, e salteando as terras de Damão.

CA-

CAPITULO VI.

De como os Abexins corrêram as Tanadarias de Damão, S. Gens, e Tarapor, e do que lhe nellas succedeo.

PAssadas estas cousas, entráram os Capitães Abexins pelas terras de Damão, e foram fazendo por suas aldeas todos os damnos que puderam, e passáram até á fortaleza de S. Gens, e lhe deram huma formosa vista, e assalto, de que sahíram tambem escalavrados, porque os de dentro os fostigáram bem com sua arcabuzaria, com que os fizeram affastar, e foram de passagem destruindo suas aldeas, e roubando tudo o que acháram. Daqui se passáram ás terras de Danú, em que tambem fizeram assás de damno. Vadeando o rio a outra banda, dormíram aquella noite em algumas aldeas, e no quarto dalva se alevantáram com tenção de irem dar de supito na tranqueira de Tarapor, e ver se a podiam levar nas mãos.

Estava esta tranqueira sobre hum rio, que de baxa mar se passa a partes a pé enxuto, e era feita de palmeiras bravas, mettidas muito na terra, e muito juntas, forradas por dentro com seus esteirões de bambús grossos, com alguns andaimes, e guaritas; e tinha D. Diogo posto nella por Capitão

Fran-

Martim Lopes de Faria, cavalleiro mui honrado, de sua obrigação, com quarenta soldados pera guarda daquella Pargana, que he das melhores, e mais prosperas de todas as daquella jurdição. E estando os nossos bem descuidados de tal sobresalto, dormindo bem descançadamente, sem se temerem de cousa alguma, a meio quarto da alva chegáram os Abexins á tranqueira, e logo arrimáram a ella algumas escadas, por onde começáram a subir. Mas quiz nosso Senhor que ao mesmo tempo se alevantasse hum soldado a alguma necessidade, e sentindo o rebolliço, brádou alto *Mouros*, *Mouros*. A esta voz acudio o Capitão Martim Lopes de Faria, e brádando por armas, as tomáram logo todos os seus soldados, e acudíram ás guaritas, e andaimes a tempo que já os Abexins os hiam cavalgando; e dando nelles, lançáram abaixo alguns mortos, e outros maltratados. E como os inimigos estavam apinhoados ao pé da tranqueira, e pegados ás palmeiras, não faziam mais os nossos soldados, que metter as lanças por antre os páos, e ensopar nelles á sua vontade; e outros, que de sima não faziam mais que botar-lhes muitas panellas de pólvora, com que fizeram nelles tal lavor, que parecia que ardia em baixo algum forno de cal.

E conta-se de hum soldado Reinol da-

quelle anno, que mettendo a ſua lança por antre os páos pera tambem matar o ſeu, lhe pegára della hum Abexim, e trabalhára por lha arrancar da mão; e o ſoldado ſem a ſoltar gritára alto, dizendo: « Cão, perro, » larga-me a minha lança » em fim elle defendeo a ſua lança, e offendeo alguns, que matou com ella. A briga durou até que amanheceo, em que os Abexins ſe affastáram tão eſcalavrados, que não paráram dalli à duas léguas, o que não foi tanto a ſeu ſalvo, que lhes não mataſſem o ſeu Capitão Martim Lopes de Faria de huma eſpingardada, e que não ficaſſem muitos feridos. Os ſoldados das tranqueiras elegêram logo por ſeu Capitão a Antonio de Sampaio, homem muito honrado, e muito bom cavalleiro, que naquelle dia lançou ſuas eſpias ſobre os inimigos, que ſe recolhêram pera hum tanque grande, onde enterráram muitos mortos, que leváram comſigo, e ſe curáram muitos, que hiam feridos.

E porque ſe receou que tornaſſem a commetter as tranqueiras, as guarneceo mui bem, e com muita preſſa, e toda a noite ſeguinte eſteve com grande vigia, e com as armas nas mãos. Ao outro dia na maré da tarde entrou por aquelle rio hum navio ligeiro, de que era Capitão Diogo Nunes Pedroſo, que trazia trinta bons ſoldados, e muitas mu

munições, que D. Diogo de Noronha mandava de soccorro, (porque logo teve aviso do assalto que os Abexins deram naquella tranqueira.) Com este soccorro, de que os inimigos tiveram logo aviso, se alevantáram, e se mettêram pela terra dentro a roubar, e destruir as aldeas por onde passavam, e o navio se tornou logo pera Damão, e levou comsigo Martim Lopes de Faria, que ainda estava vivo; mas chegando a Damão, logo morreo em casa do Capitão, que o amava muito, e o sentio em extremo.

CAPITULO VII.

De como D. Diogo de Noronha foi buscar os Abexins, e lhes deo batalha, em que os desbaratou.

DEpois que os Abexins andáram por aquellas terras destruindo, e roubando o que acháram, passáram-se ás de Damão, onde se veio ajuntar com elles Carnabec Turco, homem soberbo, e arrogante, de que já outra vez fallámos, e todos assentáram de ir cercar a Cidade de Damão, pera onde logo partíram, fazendo suas preparações, e se foram pôr da outra banda na aldea de Couleca, onde ajuntáram todas as mais gentes que puderam. D. Diogo de Noronha, que trazia antre elles suas vigias, foi

 fo-

logo avisado de sua determinação: e como era sagaz, e prevenido, tratou de os embaraçar, porque lhe não chegassem a pôr cerco, porque estava a Cidade aberta, e lhe poderiam dar trabalho. E assim o dia que lhe deram recado, que eram chegados a Couleca, se fez logo prestes com toda a gente, assim de pé, como de cavallo, deitando fama que queria ir buscar os inimigos, sem descubrir a pessoa viva sua determinação, porque sabia que dentro na Cidade andavam espias suas, que logo os haviam de avisar; e todo aquelle dia gastou em preparações pera ir buscar os Abexins, e em mandar ter prestes embarcações pera passar a gente á outra banda. E no quarto da prima rendido, se partio da Cidade com suas bandeiras desenroladas, com grandes estrondos, e carrancas, dando a entender que queria passar em busca dos inimigos, do que logo os Abexins foram avisados pelas espias, que traziam antre os nossos, que lhes certificáram que o Capitão começava a passar em busca delles, o que os metteo em grande revolta, e confusão, pondo-se logo em armas, e fortificando-se o melhor que puderam, ficando toda a noite desvelados, sem dormirem, nem repousarem. D. Diogo de Noronha esteve em campo até o quarto da modorra; e sem dizer a alguem o que de-

ter-

terminava, tornou a voltar pera a Cidade, e repoufou o que reftava da noite até pela manhã: e ao outro dia á tarde fe tornou a pôr em campo da mefma maneira, pondo em parecer dos Capitães fe feria melhor paffar o rio á outra parte em embarcações, ou irem bufcar a váo: e affentou-fe que melhor era paffaffem todos juntos pelo váo por fer menos trabalho. E affim como foi noite, começou a marchar pera onde haviam de paffar, do que tambem os Mouros tiveram rebate, e fe tornáram a metter em revolta, não deixando de haver antre os feus muito grandes receios. Mas como D. Diogo de Noronha não tinha por então penfamento de paffar, tanto que o quarto da modorra entrou, tornou a voltar pera a fortaleza; e o mefmo fez outras duas, ou tres noites, com o que os noffos andavam tão embaraçados, fem entenderem aquellas arremettidas do Capitão, que não fe fabiam determinar: e o mefmo fizeram os inimigos, que andavam quebrantados de tantas noites não defpirem as armas, e tambem não fe fabiam dar a confelho, porque bem entendiam que não deixava D. Diogo de Noronha de paffar por receio que tiveffe delles, mas não fabiam o fim pera que fizera aquellas fahidas tantas vezes. E como D. Diogo de Noronha não teve outro intento naquellas idas, e

e vindas mais que não lhes dar bico pera elles o virem cercar , e com iſſo os quebrantar com aquelles rebates, como foi aviſado que já o eſtavam de feição , que não podiam comſigo , fez então a paſſagem de verdade , e ſe poz da outra banda ſobre a tarde, onde fez alardo da gente que levava, e achou trezentos e ſincoenta ſoldados de pé, e delles a mór parte de eſpingardas, e cento e ſincoenta de cavallo bem armados, em que entravam muitos , e mui honrados Fidalgos, e cavalleiros; e dos que pudemos ſaber os nomes, são os ſeguintes. André de Souſa de Arronches , D. Franciſco Henriques, Jeronymo da Veiga , D. Triſtão de Menezes, Ayres de Saldanha , que levava dous cavallos , e eſte inverno deo mezas á ſua cuſta a ſeſſenta , ou ſetenta ſoldados. Luiz Alvares de Tavora, João Lopes Leitão , D. Alvaro de Taíde , Jorge Pereira Coutinho, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros.

Feito alardo , fez D. Diogo de Noronha da gente de pé tres bandeiras de cento e dezeſete cada huma, de que deo as Capitanías a André de Souſa de Arronches , a D. Franciſco Henriques, e a Jeronymo da Veiga , ficando elle com toda a gente de cavallo; e tanto que anoiteceo , ſe paſſou da outra banda pelo paſſo de ſyma , e em

, mui-

muito boa ordem começou a marchar pera a aldea Vaipim, onde tinha aviso estarem os Abexins; e despedio diante Coge Abrahão Judeo, e Manoel Dias Picoto em cavallos ligeiros pera irem descubrir o campo, indo D. Diogo de Noronha sempre muito ordenados, porque esperava de encontrar logo os inimigos.

Chegando a Couleca, que he huma legua de Damão, lhe sahio ao caminho hum Patel (que he como Juiz, e cabeça das aldeas) e deo a D. Diogo de Noronha huma carta em Parseo, que os Abexins lhe deixáram pera elle; porque tanto que D. Diogo de Noronha se passou da outra banda, estavam todos naquella aldea; e tendo rebate que os hia buscar, se sahíram della, e se foram pera a de Vaipim, deixando aquella carta na mão daquelle Patel, pera que lha désse tanto que alli chegasse. D. Diogo de Noronha a abrio, e achou escrita em Parseo, e a deo a Coge Abrahão, pera que lha lesse, e nella diziam os Capitães Abexins » que bem sabiam que os hia buscar, que » o não esperavam naquella aldea, porque » o campo della não era bom pera batalha, » que adiante em outra os acharia. » D. Diogo de Noronha bem entendeo que aquillo eram roncas do Carnabec, que era Turco, e soberbo, e disse pera os que hiam pegados

dos com elle: « Vamos adiante, e ensaque-
» mos està soberba, porque nem onde dizem
» os havemos de achar. »

E passando na mesma ordem, em que hiam, chegáram á outra aldea chamada Pirão, onde deram a D. Diogo de Noronha outra carta do mesmo theor, em que lhe affirmavam, que adiante no campo da aldea Vaipim os acharia. Do que se D. Diogo de Noronha rio, e disse: « Nem alli será, por » isso descancemos hum pouco » e assim o fizeram por irem cançados. E no quarto dalva tornáram a marchar até chegarem aos campos de Vaipim; e em rompendo a luz da manhã, que os descubridores do campo, que hiam diante, voltáram a D. Diogo de Noronha, e lhe disseram que alli os tinham. E virando-se D. Diogo pera os seus, lhes disse: « Ah Senhores, aqui os temos, por » isso vinguemo-nos do trabalho que nos » deram de os vir buscar tão longe. » E pondo logo a sua gente em ordem de batalha, deo a dianteira a André de Sousa, e fez de toda a de pé hum esquadrão muito formoso, e nas fileiras antre pique e pique huma espingarda. E a gente de cavallo repartio em duas partes pelas ilhargas do esquadrão de pé: huma dellas tomou pera si, e a outra deo a Duarte Paim de Mello, e a Manoel Dias Picoto. Nesta ordem chegou

D.

D. Diogo de Noronha ao campo, onde os inimigos o eſtavam eſperando no cabo delle, e parou pera notar a ordem em que eſtavam, que o numero bem ſabia que eram ſeiscentos de cavallo, e dous mil de pé. E vio que eſtavam com as coſtas em hum formoſo tanque de agua, e por ſima delle ſe alevantava o Sol tão formoſo, que alegrou a todos. D. Diogo de Noronha, depois que vio, e notou bem tudo, ajuntou os ſeus a ſi, e pondo-ſe no meio delles, lhes fez eſta breve falla:

« Aqui temos, valoroſos companheiros, » Senhores, Fidalgos, Capitães, e Cavalleiros, os inimigos, que com tanto alvoroço buſcavamos, ponde os olhos nelles, » e em voſſo valor, e esforço, e vereis quão » poucos são pera o que o coração de cada » hum deſejava. Tudo hoje vos favorece, » e promette huma grande vitoria. Ponde-os » primeiro que tudo em Deos noſſo Senhor, » por cuja fé, e lei ſomos obrigados a morrer: que parece que na formoſura daquelle Sol, que lá ſe vai alevantando, nos » dá hum ſeguro ſinal de terdes certa a vitoria; porque parece que vejo naquella » diverſidade de raios, que já vem ſcintilando ſettas contra voſſos inimigos. Por iſſo, » coração em Deos, confiança em voſſos » valoroſos braços, olho nas obrigações de » Chri-

» Christão, e amor no serviço de vosso Rey,
» e demos nelles com o favor do Bemaventurado Apostolo Sant-Iago, que a vitoria
» está certa. »

Acabada a falla, começou a marchar, levando diante hum Religioso da Ordem de S. Domingos hum devoto Crucifixo arvorado no ar, e foram cingindo o campo com tenção de ir tomar o Sol aos inimigos, ou ao menos a não lhes ficar tanto pelos olhos, mandando aos seus que se não desordenassem, nem desmandassem. Mas como o furor dos nossos era grande, e já desejavam de se ver ás mãos com os inimigos, adiantáram-se quatro, ou sinco Fidalgos, a que não soubemos os nomes, mais que Ayres de Saldanha, que sendo vistos por D. Diogo de Noronha, mandou dous criados seus de cavallo, que fossem a elles; e como os vio juntos, remetteo a elles com a lança sobraçada pera lhes dar, dizendo-lhes palavras agastadas, com que os fez logo recolher, mas sem os escandalizar.

Os Abexins vendo a determinação de D. Diogo de Noronha, arrebentáram donde estavam, e com grandes gritos, e alaridos foram commetter os nossos, desparando primeiro nelles huma somma de bombas de fogo mui furiosas, que milagrosamente se foram desfazer no meio dos nossos, sem lhes

fa-

fazer damno algum. E huma que tomou João Lopes Leitão pelo arção dianteiro, dando nelle a pancada, reſvelou pera a outra parte ſem o offender. D. Diogo de Noronha, que vio aquillo, cuidando que João Lopes Leitão ficava ferido, remetteo a elle, e lhe perguntou o que era; ao que elle muito riſonho reſpondeo: « Senhor, não he nada. » Diſſe então D. Diogo de Noronha: Pois *Sant-Iago.* E pondo as pernas ao cavallo, remetteo aos inimigos, e daquelle primeiro encontro, e carga derribáram os noſſos mais de ſeſſenta, ficando todos baralhados em huma aſpera batalha, em que D. Diogo de Noronha fez o officio de bom Capitão, rodeando os ſeus, e animando-os com palavras de muita honra; e quando lhe era neceſſario, fazia tambem o de bom cavalleiro; e onde punha a lança, levava tudo a terra, trabalhando muito por ſe encontrar com alguns dos Capitães, do que ſe elles deſviavam, e tambem faziam ſeu dever muito arrezoadamente.

E andando a couſa aſſim baralhada, parece que hum Abexim conheceo o Capitão, que andava com a lança toda enſanguentada, e o vio derribar alguns com ella: enriſtando a ſua, rompeo nelle o encontro por detrás; mas como as armas eram fortes, reſvelou o encontro, e foi parar junto de hum Diogo

Nu-

Nunes Pedroſo, da obrigação do meſmo D. Diogo de Noronha, e tão perto, que teve o Diogo Nunes tempo pera ſerrar delle; e liando-ſe ambos, cahíram dos cavallos no chão, onde ficáram perneando. D. Alvaro de Taíde, e D. Triſtão de Menezes, e outros, que ſe acháram perto, acudíram a ſalvar o Diogo Nunes, porque chegavam já outros Mouros a favorecer o com que elle andava a braços; e foi aqui tal a referta, que acudíram de parte a parte muitos: mas por fim Diogo Nunes foi ſalvo, e o Mouro morto com alguns companheiros, o que não foi tambem ſem cuſto de algumas feridas, que os noſſos recebêram, principalmente D. Triſtão de Menezes, que levou huma cutilada por huma mão, de que ficou ſempre aleijado. A noſſa eſpingardaria (que era muita) fez tal eſtrago nos inimigos, que houveram por ſeu partido largarem o campo, e irem-ſe recolhendo pera as aldeas, ao que lhe D. Diogo de Noronha não deo lugar; porque em os entendendo, apertou com elles de feição, que os fez deſordenar, e pôr em fogida, deixando o arraial com a mór parte das mulheres, e todo o recheio, (que era huma couſa muito groſſa,) porque lhe ficou toda a roupa, muitos cavallos, armas, provimentos, munições, e mantimentos, muita moeda de cobre, e alguma de prata, de

que

que os noſſos ſoldados de pé ſe apoderáram, e leváram á vontade, porque os de cavallo foram ſeguindo o alcance aos Mouros, em quem fizeram grande eſtrago, até chegarem a huma ribeira, que logo paſſáram, e ainda naquella preſſa ſe perdêram bem delles. E havendo-ſe D. Diogo de Noronha por contente da vitoria, ſe tornáram pera o tanque, onde os Abexins tinham ſeu exercito, e nelle ſe apoſentáram, e deſcançáram do trabalho paſſado. Não achámos que da noſſa parte houveſſe mortos; mas ſe os houve, foram tão poucos, que nem lembráram, por ſerem ſem nome (porque he tal noſſa miſeria, que eſtes por muitas façanhas, e cavallerias que fação, com a morte ſe lhes acaba tudo; e aſſim ſe paſſa por ſuas couſas, como ſe o esforço não tivera merecimento mais que nos illuſtres.)

Feridos houve antre os noſſos muitos, e alguns, a que matáram os cavallos. A D. Diogo de Noronha matáram dous, que lhes lançeáram debaixo das pernas, de que tambem elle pelas armas ſahio bem aſſinalado. A Jorge Pereira Coutinho, a Gonçalo Rodrigues de Araujo, a Adrião Fernandes, a João Ferrão, a Diogo Pereira, a Duarte Pinto, a Chriſtovão da Coſta, a Diogo Maſão, e a Coge Abrahão Judeo matáram dous cavallos, que o Viſo-Rey D. Conſtantino de-

depois lhe mandou pagar, segundo vimos pela conta de Simão Vaz Tello, que succedeo na Feitoria de Damão a Diogo da Silva.

Aquelle dia, e o outro se deteve D. Diogo de Noronha naquelle lugar em mandar recolher os despojos, e em se espiarem os inimigos, que se deixáram ficar da outra parte do rio. E não havendo alli mais que fazer, alevantou o campo, e foi marchando pera Damão na mesma ordem que levára, deixando Duarte Paim de Mello, e Manoel Dias Picoto, e com o seu esquadrão de gente de cavallo na retaguarda. Os Abexins sendo avisados que os nossos hiam já caminhando, tornáram a passar a ribeira, e vieram ladrando após elles, pera ver se lhes podiam tomar a bagagem, em que as suas mulheres vinham, que cativáram. D. Diogo de Noronha, receando-se de algum desarranjo, mandou dizer aos da retaguarda, que não bullissem comsigo, nem se desordenassem, por muito que os inimigos os persseguissem, porque quando fosse tempo elle voltaria a elles. O Carnabec, que aqui governava este dia tudo, vendo o soffrimento, e confiança de D. Diogo de Noronha, bem entendeo que hia esperando conjunção pera pegar com elle; e não ousando ao esperar, desparou de longe algumas bombas de fogo.

go, e se foi recolhendo pera os matos. D. Diogo de Noronha fazendo pouco caso disto, se deixou ir, lançando-lhes espias, e ao outro dia chegou a Damão, onde foi recebido com procissão, e muitas festas.

CAPITULO VIII.

De como o Viso-Rey D. Constantino mandou Christovão Pereira Homem a lançar em Maçuá o irmão Fulgencio Freire da Companhia de Jesus, com recado ao Bispo: e de como encontrou quatro galés de Turcos, e o tomáram.

TEndo o Viso-Rey D. Constantino pelas cartas do Bispo, que estava na Ethiopia, novas das poucas esperanças que havia daquelle Emperador dar a obediencia á Igreja Romana, assentou em conselho geral de todos « que se não mandasse o Patriarca, pois » se esperava tão pouco fruto de sua ida, e » das muitas despezas que nella se haviam » de fazer; mas que todavia se mandasse » huma pessoa com certas cousas, que o » Bispo, e Padres mandavam pedir pera o » culto Divino, como era vinho pera as » Missas, pedras de Ara, Calices, Missaes, » e outras muitas cousas semelhantes a estas.» Pera isto elegêram os Padres da Companhia ao irmão Fulgencio Freire, que já lá tinha

an-

andado, por ser pessoa de muita virtude, e confiança, e o Viso-Rey mandou armar tres navios pera esta jornada, de que deo a Capitanía a Christovão Pereira Homem, Fidalgo honrado, e mui bom cavalleiro.

Em quanto estes navios se faziam prestes, despachou o Viso-Rey as náos do Reyno pera irem tomar a carga a Cochim, e todas chegáram a salvamento a Lisboa. No mesmo tempo despachou tambem a Pantaleão de Sá pera ir entrar nas Capitanías de Çofala, e Moçambique, por acabar seu tempo Bastião de Sá seu irmão que lá estava, porque ambos foram despachados hum após o outro. Despachadas estas cousas, o fez o Viso-Rey tambem a Christovão Pereira Homem, já na entrada de Fevereiro deste anno de sessenta, com os tres navios que dissemos, de que a fóra elle eram Capitães Roque Pinheiro, e Luiz Castanho, e com os Levantes foram sua derrota até haverem vista da costa de Arabia, e della atravessáram a Sacotorá, onde se provêram de algumas cousas, e alimpáram os navios. Dalli foram demandar a boca do Estreito da banda do Abexim, por onde entráram, e chegáram á vista de Maçuá; e pera tomarem falla do que hia na terra, andáram bordeando, esperando por recado, porque se receavam que houvesse Turcos. O Baxá, que estava em Ma-

Maçuá, vendo os navios, despedio huma embarcação pequena com hum Mouro, por quem mandou dizer ao Capitão mór « que » elle era amigo dos Portuguezes; que se » queria agua, ou mantimentos, que tudo » lhe mandaria dar, e de muito boa vontade, e assim tudo o mais de que tivesse » necessidade. » Christovão Pereira lhe respondeo com outros offerecimentos, não lhe acceitando os seus; e commetteo ao Mouro que lhe trouxe o recado, se lhe queria levar huma carta sua em segredo pera no porto de Arquicó a dar a algum Portuguez, ou Christão, (que forçado havia de haver alli algum,) e por isso lhe deo não sei quantos cruzados; e escrevêram ao Bispo, elle, e o irmão Fulgencio Freire, novas de tudo o que era passado, e ao que vinha com aquelles navios. Estas cartas levou o Mouro com muito segredo na touca; e depois de dar o recado ao Baxá, se passou a Arquicó, e deo a carta a alguns moços de Portuguezes, que alli estavam esperando por novas da India.

Christovão Pereira Homem, vendo o porto occupado dos Turcos, determinou de se passar á Ilha de Camarão a fazer aguada, e tomar falla de galés, sem querer lançar em terra o irmão Fulgencio Freire, (que lhe requereo), dizendo « que pela necessidade que

» havia na Ethiopia das cousas que levava, » se queria arriscar a tudo,) porque não » levava ordem do Viso-Rey pera isso; an-» tes o seu regimento lhe dizia, que não » entregasse o irmão, senão a gente de Bar-» nagais.» E apartando-se de terra, pera atravessar o Camarão, deo-lhe hum tempo muito grosso, com que corrêram todo aquelle dia, e a noite seguinte; e ao outro se achá-ram antre humas Ilhas, que chamam Malfadadas, onde surgíram já com o tempo brando. Estando aqui, houveram vista de huma embarcação, que lhe pareceo ter gavea, e assim o affirmáram os Gajeiros, com o que todos se alvoroçáram, cuidando seria alguma do Achem, por haverem que tinham nella as prezas certas, e tomando o remo, a foram demandar postos em armas; e indo-se chegando, víram mais outros tres mastos muito longe, sem poderem fazer differença do que seria. Estas vélas eram as quatro galés do Cafar, com que tinha sahido de Moçá, pera ir esperar as náos de Ormuz, que por ter já aviso daquelles navios, estava alli lançado em cillada; e por não ser conhecida a sua galé, lhe tinha alevantadas grandes arrombadas de esteiras, e sobre o masto feito huma gavea pera parecer náo, e as outras tres galés tinha mandado affastar de si; e como andava em grande vigia, vio vir as fustas,

tas, e a tiro de camello deo com as arrombadas ao mar ; e tomando o remo em punho, arrançou como hum trovão a demanda-las. Os nossos tanto que víram a galé, e conhecêram as outras tres , que tambem o eram , viráram em outro bordo ; e largando as vélas , foram correndo pera a banda do Abexim , por lhes ser pera lá o vento prospero. Cafar tambem metteo o bastardo, e o mesmo fizeram as mais galés, e os foram seguindo muito apertadamente, indo a galé Capitaina atropelando a fusta do Pinheiro , que lhe ficou só a huma parte de feição , que a houveram os nossos por perdida , de que Christovão Pereira hia muito magoado. Vicente Carvalho, que era Capitão do seu navio, homem pratico, experto nas cousas do mar, lhe disse « que era de » parecer, que elle com outro navio fizessem » volta áquella galé , (porque as mais vi» nham longe,) e que a embaraçassem, por» que sabiam a muita vantagem que lhe ti» nham na véla, e que com isso teria o Pi» nheiro tempo de se fazer em outra volta, » e lhe poder escapar. » Parecendo bem aquelle conselho a Christovão Pereira, o disse ao outro Capitão do navio ; e tomando as armas, viráram sobre a galé assim á véla, e o Vicente Carvalho por chegar a ella foi mettendo tanto de ló, que fez do penão

goes: o que visto pelo Cafar, deixou o navio que seguia, e voltou a elles, com o que o Pinheiro teve tempo de se fazer noutra volta, e de lhe escapar. Os outros dous navios chegáram á galé a tiro de falcão, e desparou nella algumas falcoadas, e tornáram a voltar como ginetes, e se foram affastando della á sua vontade, e o Cafar os seguio até anoitecer, que lhe furtáram o rumo, e foram seu caminho até desembocarem as portas do Estreito pela banda do Abexim; e como se víram fóra, havendo-se por seguros, deram folga aos marinheiros, e deixáram-se ficar descançando o que restava da noite: e em amanhecendo, houveram vista de huma véla, que logo conhecêram ser a fusta do Pinheiro, do que huns, e outros se alegráram muito, e assim mui contentes foram demandar a costa de Arabia, cuidando que hiam muito seguros.

Mas como não ha fugir á mão de Deos, quando cuidavam que hiam mais fóra do perigo, e contentes, então se lhes mudou tudo em dobrada dor, e tristeza, porque víram a galé do Cafar apparecer-lhe por proa; porque como era Cossairo, entendeo que os nossos haviam de sahir o Estreito fóra; e sem tomar descanço de noite, o desembocou tambem pela banda de Arabia, e fóra delle se deixou andar ás voltas; e tanto que foi de-

dendia, havendo vista dos nossos navios, logo os foi demandar. Christovão Pereira fallando com os outros Capitães, assentáram, que lhe fugissem á véla, porque já sabiam que nella lhe tinham vantagem, e assim o fizeram; mas logo lhes acalmou o vento, pelo que lhes foi forçado tomar o remo, e com elle se lhes foram escoando muito bem. E certo que se se aquelle Capitão determinára, e fiára dos outros companheiros, que se entende que se todos voltáram sobre a galé, que a rendêram, porque nos tres navios hiam perto de oitenta homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros amigos de honra, porque a determinação he começo da vitoria. O Cafar vendo acalmar o vento, tomou tambem o remo, e foi seguindo os navios com toda a furia que pode, e elles alongando-se-lhes, principalmente o do Castanho, que hia mais leve, e levava menos gente, e o que hia mais pezado do remo era o do Capitão mór, que levava o navio mui carregado; pelo que vendo-se tão arriscado, assentou com os seus, que se mudassem alguns ao navio do Castanho que hia leve, e que assim ficariam compassados; e capeando-lhe, esperou até elles chegarem, e logo se baldeou nelle o Capitão mór, porque estava assentado que elle com sete, ou oito mais se passassem a elle.

Mas

Mas os mais ſem terem reſpeito a couſa alguma, ſe arremeçáram tambem ao navio com tanta preſſa, e deſordem, que foi eſpanto, e alli onde cuidavam que hiam buſcar remedio, ſe lhes occaſionou ſua perdição; porque como o navio teve em ſi tanta gente, e o pezo lhe ficou por ſima, foi-ſe baldeando a hum, e a outro bordo; e todavia como era ligeiro do remo, ſe foi ſahindo. E vendo aquillo hum daquelles ſoldados, (e não cuido que foi dos melhores, que ſempre ha alguns, que querem ganhar terra,) vendo a preſſa com que o navio ſe hia ſahindo, diſſe alto, como por galanteria, muito fugimos; o que ouvido por Chriſtovão Pereira Homem, dando-lhe a deſconfiança, mandou ao do leme que voltaſſe á galé, e poz a elle hum homem da ſua obrigação,
» e vós, ſenhores, determinamos, que
» dentro naquella galé havemos de ir buſcar
» noſſa ſalvação, por iſſo cada hum ſe en-
» commende a Deos, e a ſeu braço. » E fazendo voltar o navio, como a galé hia pera elle com furia, na volta que fez ſe encontráram; e pondo a noſſa fuſta a proa na galé, pelo primeiro remo ſe lançou logo dentro Chriſtovão Pereira com quatorze, ou quinze homens mais, que o acompanháram, e como leões famintos remettêram com os Turcos, e tiveram na coxia huma muito aſ-

pe-

pela batalha, em que o Christovão Pereira Homem, e Thomaz Botelho, irmão de Diogo Botelho, e Henrique da Gama, parente da casa da Vidigueira, foram matando, e espedaçando muitos dos Turcos; e como homens determinados a morrer, ou se salvarem por seus braços, fizeram tal estrago nos inimigos, que pasmou o Cafar, e desejou de os cativar pera os levar de presente ao Grão Turco, o que elles não queriam senão morrer, e vingar primeiro sua morte. E como os Turcos eram mais de cento e sincoenta, e os nossos trinta, quasi atassalhados cahíram os mais delles já sem vida, sem se quererem dar á prizão, deixando de si huma assinalada memoria antre os Turcos, e assim a devem de ter no Ceo, pois morrêram por honra de seu Deos, e de seu Rey. O irmão Fulgencio Freire foi cativo com alguns, que ficáram na fusta, e levados ao Cairo. Depois foi o irmão resgatado por ordem dos Padres da Companhia por via de Italia. Os dous navios de Vicente Carvalho, e o de Roque Pinheiro víram tudo de fóra sem ousarem de os soccorrer, antes foram seguindo seu caminho, e chegáram a Goa no fim de Abril; e sabendo o Viso-Rey D. Constantino a desaventura, os mandou prender no tronco, e os castigou mui bem.

CA-

CAPITULO IX.

Do que ſuccedeo em todo eſte verão na Ethiopia depois da morte do Emperador Claudio, ou Athena Sagad: e de como os Grandes alevantáram por Emperador ſeu irmão Adamas Sagad, que perſeguio o Biſpo até o prender.

DEixámos o deſaventurado, e herege Emperador Claudio, e por outro nome Athena Sagad, morto naquella batalha, que teve com os Capitães do Rey dos Malaſais, que foram logo á Provincia de Hojé pera tomarem a Rainha, e ſeu filho ás mãos; mas não puderam. E andando com tenção de ſe apoderarem do Imperio, lhes chegáram novas de como o Abuxicon Malahamal entrára por ſeu Reyno, e matára o ſeu Rey; e que depois de ſe elle recolher, entráram por aquellas terras os Cafres Gallas, e as andavam aſſolando, e deſtruindo; e largando tudo, acudíram logo lá, deixando as couſas da Ethiopia com algum folego, pera poderem tratar da eleição do Emperador. E pera iſſo ſe ajuntáram todos os Grandes, e foram buſcar a Rainha, que eſtava recolhida em huma ſerra forte com o filho na Provincia Gorame, e junto alli choráram a morte do Emperador, e lhe fizeram ſuas exe-

exequias, pera o que até então não tiveram lugar, rapando-se todos por dó, e com elles os Portuguezes, por ser assim o costume dos Abexins em seus nojos. Feito isto, alevantáram por Emperador o irmão do morto, Adamas Sagad, com suas pompas acostumadas: e a primeira cousa que fez foi fazer logo Capitão dos Portuguezes a Francisco Jacome, contra vontade de todos, e despedio logo seu primo Abiticon Malahamal com hum arrazoado exercito pera ir tomar vingança da morte do Emperador seu irmão; e elle com outro exercito, e todos os Portuguezes foi contra a serra do Judeo, e por vezes accommetteo entrar; mas como os Judeos estavam muito fortificados, de todas ellas sahio sempre desbaratado, e quebrado: pelo que houve por seu conselho tornar-se pera a terra de Garagará, onde començou a usar de sua má natureza, e desfez a mór parte dos Grandes do Reyno, e fez outros de novo, com que se fez odiado, e aborrecido de todos.

Dalli mandou hum dos Grandes que fosse buscar o Bispo, que se foi com elle receoso, porque já sabia sua má inclinação; e chegando a elle, a primeira cousa que lhe disse em o vendo foi « que não prégas-» se mais em seus Reynos, nem inquietasse » os seus vassallos. » Mas o Bispo muito

cons-

constante, e inteiro lhe respondeo « que isso não havia elle de deixar de fazer, porque seu officio era prégar a Lei de Christo antre os Mouros, e Judeos, até morrer por ella; e que em quanto tivesse lingua, o havia de fazer alli, sem temor de cousa alguma, naquelle Reyno em que havia tantos. » O Emperador vendo aquella liberdade, lhe disse « que lhe entregasse logo as mulheres Abexins, que tinha convertidas. » Ao que lhe elle respondeo « que ellas estavam em poder de seus pais, e maridos, que com elles se aviesse. »

Vendo o Emperador aquella liberdade, mandou que lhas levassem logo todas, o que os seus fizeram, e apertou com ellas muito que se tornassem ao antigo costume dos Abexins, e que deixassem as ceremonias que o Bispo lhes ensinava. Ao que huma (que era casada com Alvaro da Costa) respondeo « que elle era Senhor do seu corpo, mas não de sua alma; que ella, e todas aquellas suas companheiras estavam muito contentes de terem deixado os roins costumes dos Abexins, e de viverem conforme aos Santos, e bons da Igreja Catholica Romana. » Ouvindo o Emperador aquella tão santa, e christã resposta, lhe disse com muito grande ira « que a mandaria lançar aos leões » ao que ella muito segu-

gura lhe respondeo « que elle podia fazer » o que quizesse, que seria pera todas a » mór mercê do mundo, porque alcança» riam assim a gloriosa coroa do martyrio, » pera o que estavam muito prestes, e alvo» roçadas. » Vendo elle aquella constancia, as mandou todas prezas pera casa de hum seu criado, a quem encommendou as tratasse mal, como elle fez; mas ellas soffrêram tudo com grande animo, e coração, sem nunca tornarem atrás do que tinham dito.

Vendo a mãi do Emperador tamanha semrazão do filho, lhe foi á mão áquellas cousas, lembrando-lhe « que os Portuguezes » lhe deram, e defendêram aquelle Imperio » aos Mouros por muitas vezes; e que em » quanto os tivesse comsigo, podia viver se» guro, por isso que lhes fizesse mercês, e » mimos, e não affrontas, e escandalos. » Com isto desistio elle de sua furia, e mandou soltar aquellas boas mulheres, dignas de serem muito invejadas de todas as da Europa. Mas ao Bispo mandou levar prezo com o P. Francisco Lopes pera huma terra, que se chama o Agá, e o entregou a hum filho do Capitão Rabel, que se achou na companhia de D. Christovão da Gama, que os teve sem ferros, e os tratou muito bem, por ser mais humano que o seu Rey. Dalli escreveo o Bispo aos Padres Reitor, e outros,

tros, de ſuas couſas, e lhes pedio eſtiveſſem conſolados, e o encommendaſſem a Deos; porque poſto que eſtava reteudo, todavia muito bem tratado, e conſolado com Deos.

Eſtando neſte eſtado, lhe deram as cartas, que Chriſtovão Pereira Homem, e o irmão Fulgencio Freire lhe eſcrevêram do mar por aquelle Mouro, que lhe levou o recado do Baxá, como atrás diſſemos, por quem ſoubéram os Padres como chegáram alli, e que não ouſáram a deſembarcar por cauſa dos Turcos, e que o Patriarca ficava em Goa, e não hia áquelle Imperio pelas poucas eſperanças que tinha daquelle Emperador ſe converter. O que elles ſentíram muito, e mandáram o traslado das cartas ao Biſpo, que ficou deſconſolado do eſtorvo que o demonio punha pera a conversão daquelle Imperio: e ficou aſſim em ſua deſconſolação, até ver em que as couſas paravam. Os grandes que o Emperador tinha lançados fóra, ajuntando-ſe antre ſi, por algumas vezes tratáram de como ſe ſatisfariam do Emperador da affronta, e juſtiça que lhes fizera, (que iſſo ganham os tyrannos, e crueis, ſerem aborrecidos de todos, e tratarem contra elles traições, como eſtes fizeram,) que aſſentáram de o mandar matar, pera o que tiveram praticas com hum ſeu privado chamado Bellorada; e tantas promeſſas lhe fizeram, que

que se lhes offereceo ao matar de noite, estando dormindo; o que commetteo temerariamente, e sem consideração; porque a noite que determinava de o fazer, entrou na camara, e indo pera lhe dar, com o assodamento errou o golpe, e deo na cama; ao que acordando o Emperador brádou alto, sem saber o que era, e o Bellorada foi fogindo pera fóra.

O Emperador foi-se alevantando, e chamando por Bellorada, sem saber, nem poder cuidar que era elle o author daquelle maleficio; e acudindo-lhe alguns criados, mandou-lhe tomar todas as portas, e que todo o que sahisse pera fóra lho trouxessem, e que se fizesse com muito segredo, e quietação. E mandou espiar as portas dos Portuguezes pera ver se ouviam antre elles algum rebulliço; e acháram todos tão quietos, como homens, que se não temiam de cousa alguma. E dando busca aos Paços, acháram menos o Bellorada, que deo roim suspeita; pelo que mandou o Emperador que logo se buscasse com muita diligencia, e lho levassem, e ao outro dia lhe foi trazido; e feitas perguntas do caso, confessou que era verdade que hia pera o matar, mas não descubrio algum dos da conjuração, pelo que o Emperador o mandou matar. E por experimentar a lealdade dos Portuguezes, quando

do lhe trouxeram o Bellorada prezo, mandou dizer a todos, que já tinha seu inimigo em seu poder, do que elles mostráram tamanho alvoroço, que ajuntáram peças, que deram de alviçaras a quem lhes levou o recado, o que o Emperador estimou muito, quando o soube.

Todavia os da conjuração receando-se que em algum tempo pudessem vir a ser descubertos, apartáram-se da Corte, e fizeram cabeça daquelle bando ao Capitão Isac. E vendo que o Emperador procedia em sua má natureza, consultáram antre si de fazerem outro Rey, e assim alevantáram a Goya Menagais primo com irmão do Emperador, a quem acudio muita parte das gentes das Provincias. E o Isac grangeou alguns Portuguezes pera aquelle negocio, de que era cabeça Francisco Jacome; e o Bispo, e Padres favoreciam esta parte tudo o que podiam, mas em muito segredo. O Emperador teve logo aviso daquelle negocio; e vendo que lhe era necessario acudir a elle primeiro, que os conjurados adquirissem maior poder, se sahio de sua Corte com todas as gentes que pode ajuntar, e foi buscar os inimigos pera lhes dar batalha. E deixando casos, que succedêram antes de chegarem a ella, depois dos exercitos estarem á vista hum do outro, rompêram batalha, levando de huma, e outra par-

parte os Portuguezes a dianteira, (que não ſe quizeram encontrar huns com os outros,) mas rompendo nos Abexins, fizeram todos nelles grandes eſtragos, e crueldades. E como o poder do Emperador era maior, e a juſtiça ſua, os tyrannos foram desbaratados de todo, e o Iſac ſe foi acolhendo com alguns a unha de cavallo, ficando cativos o Goya Menagais, que ſe intitulava Rey, e o Infante D. João ſeu primo, e o Xumo Cafalou, a quem o Emperador mandou logo cortar a cabeça, e aos mais que foſſem mettidos em ſerras muito aſperas, donde nunca ſahiſſem. Da parte dos conjurados foram ſete Portuguezes mortos, e dezenove cativos, que o Emperador dava a Affonſo de França, e elle os não quiz acceitar por lhe não ficar ſuſpeitoſo, e foram levados a outra ſerra, onde os tratáram mal: e não houve Portuguez algum daquelles, que ſeguíram a parte do Emperador, que quizeſſe agazalhar mulheres, filhos, nem couſa outra alguma dos que ſeguíram a parte contraria, pelos haverem por traidores. Com eſta victoria ficou o Emperador proſpero, e deſaliviado, e mandou ſoltar o Biſpo, e o trouxe dalli por diante comſigo no exercito, muito bem tratado, porque por alli quiz ganhar a vontade aos Portuguezes, pelo muito que lhes vio fazer em ſua defensão:

e

e nós deixaremos agora estas cousas no estado em que estam por hum pouco, porque nos chamam outras, com que he necessario continuar até ser tempo de tornarmos a ellas.

CAPITULO X.

Do que aconteceo a Luiz de Mello da Silva na costa do Malavar todo o mais resto do verão: e de como morreo o Veador da fazenda Aleixo de Sousa Chichorro.

DEixámos Luiz de Mello da Silva no Cap. III. deste VIII. Liv. na costa do Malavar, sem mais podermos tornar a elle, pelas muitas cousas que neste verão succedêram; agora concluiremos neste Capitulo com todas as mais que no resto delle lhe acontecêram. Deixámos atrás no mesmo Cap. III. sahidos os Paraos dos rios, em que estavam as caravelas de Gonçalo Pires de Alvelos, e Alvaro Reinel, que se lançáram pera o cabo Comorim a buscar prezas, porque até então se não apartáram da sua costa, nem se desavergonhavam a passar á do Norte, como depois fizeram por nosso descuido, onde tem feitos os móres damnos, e roubos que se podem imaginar. Destes, andando sinco delles ao mar desde Calecut até Cochim, deram de noite com dous navios, que hiam,

hiam pera aquella Cidade; hum de que era Capitão hum João Manhoz, ou Manhans, que levava mais de vinte mil cruzados pera a carga da pimenta das náos do Reyno; e o outro era hum fustarrão grande, cheio de fazendas de partes pera as mesmas náos, que estavam em Cochim; e sendo vistos por estes Paraos, os foram commetter com grande determinação. O Manhoz, que era muito bom cavalleiro, atracou-se ao fustarrão; e como em ambos havia mais de sincoenta homens, defendêram-se dos Mouros com muito valor, e esforço, deitando-lhes em os navios muitas panellas de polvora, com que abrazáram muitos Mouros. A noite era escura, e as panellas ao quebrar alevantáram tão grandes chammas, e labaredas, que foram vistas de hum navio da Armada, de que era Capitão Antonio Tavares, (em que nós andavamos então embarcados,) e logo se entendeo que aquelle fogo era briga ao mar; e dando á véla, e tomando as armas, foram demandar as chammas; e chegando perto, com a claridade dellas vimos os sinco navios abordados aos dous, e os Malavares trabalharem pelos entrar, e os Portuguezes por lhes defender a entrada com grande animo, tendo sobre isso mortos muitos Mouros; ainda que tambem elles tinham perdidos alguns companheiros; e antre elles

o Capitão no navio grande. Antonio Tavares vendo-se alli, disse aos companheiros » que lhe parecia bem soccorrer aquelles navios, e chegar a elles com grande estrondo, porque como a noite era escura, poderiam cuidar que o soccorro era de mais navios, e que pela ventura os largariam e quando o não fizessem, ajudariam a os defender.» E parecendo bem a todos, tomou cada soldado huma panella de polvora; e chegando por huma quadra, por onde estavam tres dos navios, sem os elles verem pela escuridão, lançáram-lhe dentro a hum tempo as panellas de polvora com que abrazáram muitos, e depois com grandes gritas começáram a appellidar *Sant-Iago*, pera que os dos outros navios os ouvissem. Os Malavares, que estavam embebidos na preza, que cuidavam ter nas mãos, vendo-se abrazados, e por outra parte ouvindo a vozaria, cuidando que dava sobre elles toda a Armada, affastáram-se pera fóra; e dando á véla, se foram acolhendo pera o mar, quasi destroçados, e com muita gente morta. Os nossos vendo-se livres, deram tambem á véla, e o nosso navio os acompanhou toda a noite até o outro dia, que houveram vista de Cochim, onde entráram, levando elle muitos feridos, e alguns mortos, em que entrava o Capitão do fustarrão. E ser-

to que não sei que animo dava Deos então aos soldados da India, que com só irmos naquelle navio dezoito homens, tão seguros, e affoutos commettemos sinco Paraos, como se nós foramos outros tantos. Devia de ser alguma cousa, de que Deos então se satisfizesse dos Portuguezes, e esta não podia ser senão a verdade, e justiça que então *havia*; que como se foi diminuindo neste Estado, foi logo faltando tanto o animo aos homens, que muito duvidosamente vieram a se commetter com igual partido. E he abusão dizer-se, que os inimigos então não eram tão esforçados, nem andavam tão adestrados, nem os navios eram tão possantes, porque tudo tinham tanto, e melhor que hoje; mas não temos nós o que os homens daquelle tempo tinham. E tornando a nosso fio, deixados os navios em Cochim, tornámo-nos pera a Armada, que achámos a Monte Deli, por causa dos grandes Noroestes.

Pouco depois chegou alli o galeão, em que Aleixo de Sousa Chichorro vinha de Cochim de fazer a carga ás náos; e surgindo, tirou algumas bombardadas, a que Luiz de Mello da Silva mandou acudir hum navio, pera saber o que queria, e achou que áquella hora acabára de falecer Aleixo de Sousa Chichorro, que se embarcou doente; e os sinos, que se dobráram no seu falecimento,

foram aquellas bombardadas. E Luiz de Mello acudio logo ao galeão, e mandou embarcar seu corpo em hum navio ligeiro pera o levarem a enterrar: não nos lembra se a Goa, se a Cananor, que era mais perto. Por sua morte provêo o Viso-Rey D. Constantino do cargo de Veador da fazenda a Belchior Serrão, que era Secretario, e o seu officio deo a Bartholomeu Chanoca, que servia o cargo de Escrivão da matricula geral. Luiz de Mello da Silva se deixou alli ficar a Monte Deli, com dez, ou doze navios, onde foi avisado por olas de hum Naire de hum daquelles rios, que o Çamorim, e o Rey de Cananor tinham prestes huma Armada de mais de sessenta navios pera mandarem pelejar com elle, por serem avisados que tinha sua Armada espalhada; e que os navios se armavam em differentes rios, e que estavam esperando por alguns, que andavam por fóra ás prezas, pera se lhe virem tambem ajuntar.

Com estas novas se alvoroçou Luiz de Mello da Silva, e mandou chamar alguns navios dos que tinha divididos, porque determinou de pelejar com elles; e estando assim esperando pela mais Armada, víram hum dia em amanhecendo de sima do masto da sua galeota vir huma grande Armada de mar em fóra a demandar a terra naquella

pa-

parte. E parecendo-lhe a Luiz de Mello da Silva que aquella era a Armada de que estava avisado, chamou os Capitães á sua galeota, e lhes perguntou o que faria; e antre todos houve differentes pareceres: huns diziam, que haviam de dar á véla pera Cananor, (por ventar Noroeste,) porque a Armada que apparecia era grande, e elles não estavam alli mais que doze navios, e que lhe attribuiriam a temeridade querer esperallos; outros, que se fossem pera o rio de Marabia, onde estava a galé de D. Filippe de Menezes, que era grande, e tinha muita gente, e que com ella se podia defender; outros diziam outras cousas. Mas Luiz de Mello da Silva, porque via vir-se já chegando aquella Armada, e a toda a mudança que dalli se fizesse lhe haviam de pôr nome de fogida, e mais tanto á vista dos inimigos, lhes disse « que se negociassem, » e fizessem prestes, porque aquella bandei» ra da milicia de Christo, que tinha pela » quadra, não havia de fogir a cousa algu» ma: e que não só lhes não havia de fo» gir, mas que ainda os havia de ir receber » fóra, pera lhes mostrar o pouco que os » receava » e com isto tomou as armas, e encadeou os navios a si, ficando elle em meio de todos; e com a artilheria prestes, escevada, foi com o remo em punho sahindo

do fóra da enseada, porque os navios, que viam, traziam nella a proa; e indo os nossos com esta determinação, chegáram-se huns navios aos outros, e conhecêram logo que eram pagueis do Reyno de Tanor, que hiam carregados de copra, areca, cardamomo, cocos, e outras fazendas pera Cambaya, e levavam cartazes do Capitão da fortaleza de Chale; e passando por elles Luiz de Mello da Silva, sem fazerem caso, foi correndo a costa do Malavar, pera que os inimigos vissem que andava por ella, e que o achariam, se o buscassem: e assim foi ajuntando alguns navios mais; porque se os inimigos delle quizessem alguma cousa, o não tomassem desapercebido.

Os inimigos houveram seu conselho, e desfizeram a liga, porque receáram muito os nossos, que neste tempo traziam tão perdido o medo aos Malavares, que qualquer navio da Armada não receava commetter dous, tres seus, que muito facilmente desbaratavam: e com tudo não negámos que andavam então menos exercitados que hoje, porque a continuação da guerra os tem feito muito destros, e affoutos. E por não particularizarmos as miudezas deste verão, Luiz de Mello fez por toda aquella costa a mór guerra que podia ser; porque além de lhes tolher a navegação, lhes queimou quasi todas

das as povoações de longo da agua, e lhes cortou seus palmares, e destruio seus portos, e navios, com que os poz em extrema necessidade, e por fim de Março despedio as caravellas pera Goa, por ser já tarde, e elle com os navios de remo ficou guardando a costa, até recolher a si as náos da China, Maluco, Malaca, Bengala, S. Thomé, Negapatão, e de todas as mais partes, com o que se recolheo pera Goa no fim de Abril, deixando em Cananor, e Chale navios, e Capitães pera darem no inverno mezas aos soldados; e chegando a Goa, despedio logo o Viso-Rey a D. Antonio de Villhena, a Fernão de Castro, e a Manoel Travassos com trezentos homens pera invernarem em Cananor, por causa da guerra, que ainda ficava em aberto, e proveo aquella fortaleza, e a de Chale de muitos mantimentos, munições, e dinheiro pera as mezas, e pagas dos soldados.

E cerrando-se o inverno, gastou-o em reformar a matricula geral, e fazer outra de novo, pera tirar della todos os officiaes mecanicos, que venciam soldo de ElRey, que era huma grande quantidade, no que aproveitou ao Estado huma boa somma de dinheiro, e atalhou huma excessiva quantidade de soldos velhos, que sempre se pagavam ou por adherencias, ou por peitas;

e

e juntamente mandou concertar toda a Armada, e ajuntar muitos mantimentos, e munições, porque determinava de passar a Ceilão contra o Rey de Jafanapatão, que fica na ponta da Ilha da banda do Norte; porque lhe encommendava ElRey muito (em huma instrucção) que trabalhasse pelo destruir, e tomar o Reyno, porque estava alli feito hum cossairo, e mandava saltear as náos, e embarcações dos Portuguezes, que passavam por sua costa, e usava de ardís pera as fazer dar á costa, e rouballas, mandando-lhes de noite cortar as amarras, com o que tinha feito grandes roubos, e destruições: e que trabalhasse todo o possivel por mudar pera aquella parte os moradores da povoação S. Thomé, por não estarem sujeitos ás injurias, e affrontas, que lhes quizesse fazer o Rey de Bisnagá, porque já ElRey tinha novas das que lhes fez, quando cativou a todos: e estas instrucções não pudemos achar em todo este Estado, por ser tudo perdido, de que muitas vezes nos temos queixado; mas achámos estas informações nos homens velhos, e antigos.

CA-

CAPITULO XI.

De como o Biſminaique, Senhor de toda a coſta da Peſcaria, veio com grande poder ſobre a fortaleza de Punicalle, de que era Capitão Manoel Rodrigues Coutinho: e de como o desbaratou, e tomou aquella fortaleza.

JÁ no Cap. IX. do X. Livro da VI. Decada démos conta de como o Biſminaique Senhor daquella coſta da Peſcaria cativou Manoel Rodrigues Coutinho, e depois o reſgatou por huma quantidade de dinheiro, de que lhe ficou a dever huns tantos mil fanões. E como eſte Gentio era muito cubiçoſo, e os Chriſtãos, e peſcadores daquella coſta lhe davam de pareas hum dia de Chipo, que he hum dia de peſcaria do aljofar, e tudo o que ſe peſcaſſe aquelle dia foſſe pera elle, que ordinariamente montaria oito, dez mil pardaos, ſegundo ſua fortuna; e querendo alterar iſto, mandou commetter os Chriſtãos, e peſcadores, que lhe déſſem dous dias daquelles, do que ſe elles ſempre eſcuſáram. Vendo elle que lhe negavam aquillo, determinou de lho fazer dar por força, e vingar-ſe delles, pelo não terem ſervido como elle queria.

E tomando occaſião do dinheiro, que

Ma-

Manoel Rodrigues Coutinho lhe ficára a dever do seu resgate, lançando fama que o hia arrecadar, se partio com dez mil homens, com tenção de dar em Punicaile, e roubar todos aquelles moradores, e pescadores do aljofar, e pôr-lhes os tributos que quizesse. E hum dia de madrugada deo na povoação muito de supito, mandando diante hum Capitão Decanij, chamado Melrão, que entrou queimando, e assolando tudo por onde passou. Succedeo estar neste tempo hum Fidalgo chamado D. Duarte de Menezes, de alcunha o Narigão, da casa de Penella, que tinha alli chegado com huma fusta chea de muitos soldados, que vinha a favorecer a pescaria, pelo mandar a isso o Viso-Rey D. Constantino, porque pagavam por isso a El-Rey de Portugal huns tantos mil pardaos de pareas, de que adiante diremos mais em particular. E estando este Fidalgo na sua fusta com a proa em terra, sentindo o reboliço na povoação, saltou em terra com quarenta soldados que tinha, e quiz Deos que se encontrasse logo com o Melrao, com quem travou huma muito aspera batalha, e o deteve tanto, que tiveram os moradores tempo de se acolherem com suas mulheres, e filhos pera hum forte de terra, que estava sobre o rio, só com suas pessoas, e alguma joias de mão: o que não pudera ser, se

Du-

Duarte de Menezes se não encontrára aquella hora com o Melrao, antes todos ficáram cativos, e roubados. Manoel Rodrigues Coutinho, que era o Capitão, acudio fóra acompanhado de Antonio Pereira de Vasconcellos, e Vasco Rodrigues de Mogemes, e de outros cavalleiros muito honrados; e encontrando-se com hum esquadrão dos inimigos, pelejáram muito valorosamente, até que amanheceo. D. Duarte de Menezes na parte em que pelejava com o Melrao esteve cercado, e arriscado a se perder de todo, porque carregou alli a mór força dos inimigos; e sempre se perdêram, se Deos não ordenára que dessem huma espingardada no Melrao, de que cahio; e D. Duarte de Menezes, que este dia pelejou mui bem, o acabou de matar ás lançadas. E porque já vinha chegando o poder de Bisminaique, que tanto que amanheceo, entrou pela povoação, se foi D. Duarte recolhendo pera a sua fusta, muito perseguido dos inimigos, e com alguns companheiros já mortos, e os mais quasi todos feridos. Manoel Rodrigues Coutinho, que pelejava fóra do forte, com muito valor, e esforço, tendo aviso que o Bisminaique era já entrado, se foi recolhendo com trabalho por carregarem os inimigos sobre elle; e nas voltas que fez pera os deter, lhe déram huma espingardada, que lhe atravessou

sou

ſou as pernas, e ficára alli, ſe não fora levado pelos companheiros, que ſe arriſcáram ao ſalvar; e o Biſminaique ficou ſenhor da povoação, em que fez grandes roubos, e deſtruições.

Vendo-ſe Manoel Rodrigues Coutinho na fortaleza, com tanta gente, mulheres, e meninos, ſem agua, ſem mantimentos, e o Biſminaique com todo o poder ſobre elle, fez embarcar todas as mulheres, meninos, e homens velhos em champanas, e com ellas ſua mulher, e filhos; o que pode fazer com a maré chea, por ficar o forte ſobre o rio; e depois de deſpejado diſto, tomou parecer ſobre o que fariam, e aſſentáram que largaſſe o forte, que era hum curral de taipas, porque não havia com que o defendeſſe. E eſtas caſas (ou não ſei como lhes chamemos, a que alguns põem nome de fortaleza) deshonram muitas vezes o Eſtado, e abatem muito na reputação delle; porque largando-ſe hum curral, como eſte, ſe diz logo por todo o Oriente antre os Reys Mouros, e Gentios, que tomáram huma fortaleza aos Portuguezes, com o que todos cobram bico, e alevantam cabeça: por onde, quanto menos diſto houver, mais ſegura, e engrandecida eſtá noſſa reputação; e deixando eſta materia, poſto que não he de pequena conſideração, tornemos a noſſo fio.

Aſ-

Assentado antre todos que se largasse aquelle forte, preparou-se o Capitão pera isso, e porque a gente que estava embarcada nas champanas era muita, e não tinham arroz, nem agua, e os gritos, e prantos das mulheres, e meninos chegavam ao Ceo, mandou Manoel Rodrigues Coutinho requerer a hum Pero Tavares, que alli era chegado de Cochim, e hia pera Bengala em huma naveta sua, que recolhesse aquella gente toda, e a levasse pera Cochim, sob pena de perdimento da fazenda. O Pero Fernandes como era homem nobre, compadecido mais das miserias que vio passar áquellas gentes, (que eram pera commover, e enternecer as pedras,) que do medo das penas com que o ameaçáram, recolheo todos, os que estavam nas champanas, na sua naveta, que antre homens, mulheres, e meninos seriam perto de quinhentos, e se foi pera a das Ilhas das Lebres, onde esperou a monção pera se ir pera Cochim, padecendo toda esta gente nesta jornada infinitos trabalhos de fomes, sedes, e outras muitas necessidades: e chegou a cousa a tanto, que houve darem a meninos de colo, á falta de agua, a beber ourina; e ainda hoje nesta Cidade de Goa estam duas irmans mulheres bem honradas Portuguezas, e nobres de pai, e de mãi a quem a deram. Manoel Rodrigues

Cou-

Coutinho, depois que embarcou toda a gente, largou o forte, e se embarcou em huma fusta; e houve nisto tal detença, que vasou a maré, e ficou o navio em secco. O Bismi-naique, que estava já sobre o forte com todo o poder, acudio áquella parte; e vendo o navio encalhado, o rodeou; e posto que os nossos se defendêram mui bem, todavia foram todos tomados ás mãos, e cativos, e o forte, e a povoação entrada, e roubada de tudo o que nella ficou, em que tomáram a mór parte da substancia daquelles moradores.

Manoel Rodrigues Coutinho, depois de estar prezo quinze dias, tratou de seu resgate, e de todos os que com elle estavam, e assentáram de lhe darem cem mil fanões, que lhe mandariam de Tutucori, pera onde determinavam de se ir, e deixariam em refens hum Padre da Companhia, chamado João de Mesquita, que se pera isso offereceo, e foi tambem alli cativo, homem virtuoso, e de bom exemplo. Assentado isto, largáram a todos, e se foram pera Tutucori, onde Manoel Rodrigues Coutinho començou a ajuntar o resgate, que quiz tirar pelos Christãos, sobre o que os começou a vexar, e tratar mal; e foi a cousa de feição, que sabendo-o o Padre João de Mesquita, (que estava em refens,) lhe escreve hu-

huma carta, em que lhe pedia muito que não avexasse aquelles homens, e que se lembrasse que eram Christãos, e pobres, e que lhe não desse cousa alguma de seu cativeiro, porque elle estava nelle mui consolado, (onde deo mui grandes mostras de sua virtude, na paciencia, e soffrimento delle;) mas ficou com poucas esperanças de sahir tão cedo do poder daquelles gentios. Mas como Deos nosso Senhor não desampara seus servos, se lhe offereceo ao Padre hum Christão pera o tirar dalli, se lhe désse quinhentos fanões, o que elle acceitou, e lhe deo logo alguns que tinha, e outros que negociou; e tomando-o huma noite com os trajos mudados, (porque estava solto, e sem ferros,) o levou por caminhos escusos, e com tanta pressa, que ao outro dia chegáram a Conduturé, que eram doze leguas de Punicalle, e alli tomáram hum charatone, em que se passáram a Tutucori, onde os nossos estavàm, que festejáram muito o Padre; e logo negociáram os fanões, que ficou devendo ao que o trouxe, de que logo foi pago.

CA-

CAPITULO XII.

De como Francisco Barreto, e João Rodrigues de Carvalho invernáram em Moçambique: e do que Francisco Barreto fez todo o tempo da invernada: e de como mandou concertar a sua náo, e a de João Rodrigues de Carvalho, e dahi se partio pera o Reyno: e da perdição da náo Garça, de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho: e de como Francisco Barreto salvou toda a gente della, e tornou arribar a Moçambique.

PORque Capitulos muito grandes fazem fastio a quem os lê, faremos dous, e neste daremos conta do que succedeo a Francisco Barreto em todo o tempo que invernou em Moçambique, até que tornou a elle da segunda arribada. No primeiro Capitulo deste Liv. VIII. deixámos Francisco Barreto embarcado na náo Patifa, e João Rodrigues de Carvalho na Garça, e arribados a Moçambique, por acharem os tempos contrarios, e as náos se irem ao fundo com a agua, como fica dito no Cap. III. do VI. Livro. Agora nos cabe darmos conta do que Francisco Barreto fez o tempo que esteve invernando em Moçambique, onde tanto que chegou tratou do concerto da sua náo, e da

de

de João Rodrigues de Carvalho; o que fez com muito cuidado, e diligencia, e com muito grande despeza de sua fazenda, (cousa, que já nem os Capitães, nem os Governadores, e Viso-Reys querem fazer nos tempos presentes.) O cuidado do concerto das náos não foi causa de o deixar de ter mui particular dos Fidalgos, que hiam em sua companhia, e dos mais passageiros, e gente do mar de ambas as náos; porque todo o tempo que esteve em Moçambique (que foram mais de sete mezes e meio) proveo, e acudio a todos mui liberalmente com o dinheiro necessario, conforme á qualidade, e gastos de cada hum, por lho pedir assim sua condição, e ser hum dos mais liberaes Fidalgos daquelle tempo. E por ver que se o não fizesse assim, haviam todos aquelles homens de passar muitos trabalhos, e necessidades, por estarem em parte que não tinham quem lhas remediasse, nem de quem se pudessem valer, senão desbaratando a pobreza que traziam, que fora pera elles outro segundo naufragio, por quem tantas vezes os navegantes arriscam as vidas. E com esta liberdade, e largueza, de que usou com esta gente, fez dous bens, remedialla a ella, e a si proprio, porque de tal maneira lhes grangeou as vontades com os remediar, que sempre os achou comsigo nos móres traba-

lhos em que se vio, que foram muitos, e mui grandes, com cuja ajuda o livrou nosso Senhor de todos os perigos que teve em toda esta viagem. E assim gastou nella, no concerto das náos, e nas invernadas, mais de dezoito mil cruzados, como nos disseram pessoas muito verdadeiras, e dignas de muita fé, que se acháram presentes em todas estas cousas, e nos deram todas estas informações. De maneira, que querendo Francisco Barreto concertar as náos, em que havia de vir pera o Reyno, começou a dar ordem, e dinheiro pera isso, com ajuda de Bastião de Sá, (que então era Capitão de Çofala, e estava em Moçambique,) que mandou logo muitos officiaes, carpinteiros, e marinheiros a terra firme a cortar a madeira necessaria pera o concerto dellas, donde a trouxeram muito boa, e no rio lhes deram pendor muito grande, e foram mui bem concertadas, quanto humanamente podia ser, sem virem a monte; o que tambem se lhes fizera, se o lugar fora capaz disso.

Depois das náos estarem muito bem concertadas, e apparelhadas, foram fazendo sua aguada, e mettendo os mantimentos necessarios pera a jornada que haviam de fazer. E chegando-se o tempo de partir, se fizeram ambas á véla com a monção dos Levantes

hi-

Huma segunda feira aos dezesete de Novembro do anno de 1559., ficando os Capitães ambos concertados de irem sempre hum á vista do outro, e nunca se apartarem, pera se ajudarem em qualquer trabalho, e perigo que lhes acontecesse. Ao terceiro dia depois de partidos da barra, donde poderiam estar obra de sincoenta leguas, pouco mais, ou menos, começou a náo de Francisco Barreto a fazer muita agua, e por causa della deram aquelle dia sinco vezes a ambas as bombas, e de noite outras tantas; e ao outro dia fazia já a náo tanta, que a não podiam esgottar, com darem continuamente a ellas: pelo que mandou Francisco Barreto pôr fogo a hum falcão, e fazer sinal á outra náo, pera que arribasse sobre elle. E chegados á falla, mandou dizer por hum marinheiro ao Capitão da outra náo « que » elle hia com muito trabalho, por razão » da sua náo fazer muita agua, que lhe pe» dia muito por mercê o não desamparasse, » porque hia arribando na volta das Ilhas » do Bazaruto, que estam junto á costa de » Çofala, e com ventos escassos hiam for» çando a náo, por não poder tornar a to» mar Moçambique, por ser já entrada a » monção dos Levantes com que de lá par» tiram. »

Indo assim a não nesta volta, fez-lhe

Deos mercê de vencerem a agua da bomba, com o que pareceo bem a todos tornarem a voltar, e fazerem sua viagem pera o Cabo de Boa Esperança. Continuáram com este trabalho dous, ou tres dias, em que chegáram tanto ávante, como o Cabo das correntes, defronte da derradeira ponta da Ilha de S. Lourenço, que está em vinte e sinco gráos da banda do Sul, quasi duzentas leguas de Moçambique: foi a náo fazendo tanta agua, que havia já nella tres, ou quatro palmos della, sem se poder vencer. Pelo que forçado Francisco Barreto da necessidade presente, e receoso do perigo futuro, mandou pôr fogo a hum falcão, e fazer sinal á outra náo de João Rodrigues de Carvalho, pera que arribasse sobre elle, que hia já outra vez na volta das Ilhas do Bazaruto. O que ouvido pelo Capitão della, mandou ao Piloto, e Mestre « que seguissem » aquella bandeira de ElRey nosso Senhor, » pois aquella náo era sua, e hia em tão » grande trabalho, e perigo tão evidente, » pois não havia mais que oito dias que » eram partidos, e já arribára duas vezes. »

A este mandado do Capitão João Rodrigues de Carvalho não quizeram o Piloto, nem o Mestre, e mais Officiaes obedecer, antes lhe fizeram grandes protestos, e requerimentos « que fizesse sua viagem pera Por-

» tugal, porque aquelloutra náo se hia a » perder, e que já não tinha remedio; e que » não era razão que tambem elles se per» dessem com ella, que menor mal era per» der-se huma náo, que ambas.» E como o Capitão era só, e os outros muitos, venceo a força á razão. E seguindo elles a sua, sem darem pelo que lhes o Capitão mandava, se foram caminho do Reyno, deixando a outra náo, em que hia Francisco Barreto, com tenção de se não tornarem mais a ver.

Ao outro dia seguinte tornáram os da náo de Francisco Barreto a vencer a agua; e com esta melhoria, que sentíram na náo, fez volta, e tornáram accommetter a jornada do Cabo de Boa Esperança, tendo-a posta só em Deos, com confiança que lhes faria mercê de continuar com aquella, que lhe começára a fazer. E sabendo que naquella monção são os ventos brandos no Cabo, e os tempos menos tempestuosos, iriam (ainda que com trabalho) dando sempre á bomba até os Deos levar á Ilha de Santa Helena, onde esperariam as náos da viagem, e alli tomariam huma, ou duas, em que se mettessem com a fazenda que pudessem salvar nellas, e a artilheria da náo, e ella fazer alli a ossada. Indo esta náo de Francisco Barreto com estes intentos, seguindo o rumo da Garça, que a tinha deixado

com

com tanta deshumanidade, sem culpa do Capitão, como a náo Patifa era muito veleira, foi alcançando a outra; que com tambem o ser muito, ordenou Deos que a alcançasse a náo de Francisco Barreto, pois havia de ser o meio, e o instrumento da salvação dos que hiam na Garça, que se havia de perder.

Tanto que a náo Garça teve vista da outra náo, amainou os traquetinhos, e foi esperando por ella até chegarem á falla, que seria alli ás tres horas depois do meio dia. E chegando á náo, mandou Francisco Barreto fazer hum requerimento ao Capitão, e aos mais Officiaes « em que lhes requeria da » parte de ElRey nosso Senhor, que seguis» sem aquella náo, e a não desamparassem; » sob pena de os haver por trédos, e ale» vantados contra ElRey, e lhes encampa» va toda a fazenda, que hia nella pera El» Rey haver a sua pela delle Capitão, e de » todos os mais Officiaes, de que logo man» dou fazer hum auto. » A isto respondêram os da náo Garça, que elles seguiriam a náo, e não fariam outra cousa.

Indo assim as náos ambas á vista huma da outra, logo ao outro dia depois de feito o protesto, quasi a horas de vespera, tirou a náo Garça hum tiro, fazendo sinal que lhe acudissem, o que Francisco Barreto logo

lgo fez, mandando lançar huma manchua ao mar; e por elle não eſtar pera poder acudir em peſſoa, (por eſtar ſangrado daquella manhã,) mandou Jeronymo Barreto Rolim em ſeu lugar, a quem deo poderes, pera que ſe houveſſe algumas controverſias, ou diſſensões antre o Piloto, ou Meſtre c'o Capitão, elle com ſua prudencia os compuzeſſe; e ſendo outra couſa, a remediaſſe conforme o negocio o pediſſe, e requereſſe. Chegado Jeronymo Barreto Rolim á náo, vio a todos muito attribulados, e trabalhados, e aſſás deſgoſtoſos, revolvendo os paioes da pimenta em buſca de huma agua, que a náo fazia, de que eſtavam todos mui inquietos, por temerem que foſſe má de tomar, e que lhes déſſe ao diante muito trabalho, como deo, pois ella foi a cauſa total de ſe perder a náo. Com eſta nova ſe tornou Jeronymo Barreto Rolim pera a náo de Franciſco Barreto, a quem deo conta do que paſſava na Garça, que toda a noite paſſou com grande vigia, ſem nunca deixarem de dar a ambas as bombas. Tanto que foi manhã, lançou a náo Garça huma manchua ao mar com quatro marinheiros, e o Eſcrivão da náo, que ſe chamava João Rodrigues Paes, e veio á náo de Franciſco Barreto com hum eſcrito do Capitão pera elle, que dizia aſſim:

« Se-

« Senhor, cumpre muito ao ſerviço de » Deos, e de ElRey noſſo Senhor chegar » V. S. cá, e pela brevidade deſta veja o » que cá vai. Beijo as mãos a V. S. »

Viſto o eſcrito por Franciſco Barreto, metteo-ſe logo na ſua manchua com alguns Fidalgos da ſua náo, e foi á outra, que já eſtava muito trabalhada, por cauſa da muita agua que fazia, andando os Officiaes, e marinheiros baldeando a pimenta dos paioes de huma parte pera a outra em buſca da agua, no que ſe gaſtou todo aquelle dia, e Franciſco Barreto ſe tornou pera a ſua náo com os Fidalgos que com elle foram, todos muito triſtes por verem o miſeravel eſtado, em que a outra ficava. E em entrando Franciſco Barreto na ſua, diſſe a todos os Fidalgos, e Cavalleiros, que nella eſtavam: « Se» nhores, aquella náo eſtá em muito traba» lho, e corre muito perigo de ſe perder, » encommendemo-la a noſſo Senhor, que » por ſua miſericordia a queira ſalvar. » E aſſim paſſáram todos aquella noite ſem dormirem, pelo eſtado, e perigo em que ambas as náos eſtavam, pela muita agua; que tambem a de Franciſco Barreto fazia, e que não baſtava pera lha diminuir, lançaram della ao mar muita fazenda de partes, pimenta de ElRey, e dous mil quintaes de páo preto, com que vinha aſſás carregada de

Mo-

Moçambique, (que he a total destruição das náos, que alli invernam, o que se houvera de atalhar com grandes defezas.) Ao outro dia pela manhã fizeram sinal da Garça com hum tiro pera lhe acudirem, o que Francisco Barreto não esperou; porque quando atiráram, já elle hia bem affastado da sua náo acudir á outra com alguns Fidalgos, e soldados, que pudessem ajudar aos da náo, que já os de lá estavam sem esperanças de salvação, por fazer muita agua por parte que se lhe não podia tomar, nem vedar, porque era pelo delgado de poppa, a que chamam picas, lugar irremediavel.

Vendo Francisco Barreto com o Capitão da náo, e todos os mais Officiaes o estado em que ella estava, e que nenhum remedio tinha senão deixalla, assentáram « que se re-
» colhessem á outra as mulheres, meninos,
» e toda a mais gente, que não fosse pera
» poder trabalhar, primeiro que tudo, e
» após isso os mantimentos, que na náo ha-
» via pera remedio dos perdidos; porque
» os que vinham na de Francisco Barreto
» não podiam abastar pera tanta gente. » Pera isso lançáram logo o batel grande fóra, pera que com as duas manchuas, que já andavam no mar, se despejasse a náo mais depressa, assim da gente, como dos mantimentos, que logo começáram a levar, biscouto, ar-

arroz, carnes, e alguns barrís de vinho, que se fez em tres dias, que sempre Francisco Barreto esteve na náo Garça, por atalhar a confusão que sempre ha em casos semelhantes, e dar ordem a se trabalhar nella, porque se não fosse ao fundo, até que se tirasse della o que fosse necessario pera a viagem, que haviam de fazer. E em quanto se despejava, esteve sempre Francisco Barreto no convés della com huma espada nua na mão, sem consentir passageiro algum levar pera a outra mais, que o que cada hum pudesse metter na manga, ou algibeira, pela não carregar, que tambem se estava indo ao fundo com a muita agua que fazia. E pera isto se poder fazer com a facilidade com que se fez, usou Deos com esta gente de huma grande misericordia, que foi em todo este tempo estar o mar tão brando, como se fora hum rio de agua doce sem ondas; que a não ser assim, ou todos se perdêram, ou os que se salváram, o fizeram com muita difficuldade.

Assim que despejada a náo dos mantimentos necessarios, mandou Francisco Barreto recolher toda a gente, ficando elle ainda na Garça pera se ir na derradeira batelada, em que foi a gente do mar, que seriam oitenta homens, por estar quasi cheia de agua até a cuberta do cabrestante. E sem- do

do já apartados della hum tiro de pedra, víram do batel vir hum bogio, que todo aquelle tempo em que se a náo despejou, esteve na gavea sem vir abaixo, senão quando se vio só, então se desceo pela enxarcea, e se foi a bordo, como que pedia aos que hiam no batel, que o tomassem. O que vendo Francisco Barreto, não pode acabar comsigo apartar-se da náo sem salvar tudo o que tivesse vida; e logo disse aos que hiam remando o batel duas vezes « que tornassem » á náo, e tomassem aquelle bogio, porque » se diga em Portugal, e onde quer que se » fallar deste naufragio, que não ficou cousa » viva nella, que não salvassemos. » Ao que todos respondêram « que lhe requeriam da » parte de ElRey nosso Senhor, que não » quizesse chegar á náo, porque estava já » quasi mettida no fundo; e que quando se » sobmergisse, com o redemuinho que fizes» se levaria o batel comsigo; » o que pareceo bem a todos, e assim se affastáram da náo, ficando só o bogio nella. Quando se apartáram de todo della pera a deixarem, [illegible]ria ser ás tres horas depois de meio dia, [illegible] mais, ou menos, e ainda á boca da [illegible]via, sem se ter ido ao fundo. Re[illegible] [illegible]o Barreto com estes homens [illegible]apitão da Garça João Ro[illegible]lho, com muita tristeza, e

la-

lagrimas de verem perder-se assim huma náo sem tormenta, sendo a maior, e mais rica que até aquelle tempo houvera na carreira da India; e tanto foi o seu pezar, e tristeza pela perda da fazenda daquella gente, que foi necessario consolarem-no, como se a perda toda fora só delle. Depois de recolhida a gente della, fez Francisco Barreto hum escrito, em que dizia estas palavras:

« A náo Garça se perdeo tanto ávante,
» como o cabo das correntes, em altura de
» vinte e sinco gráos da banda do Sul, e
» foi-se ao fundo por fazer muita agua. Eu
» com os Fidalgos, e mais gente que levava
» na minha náo, lhe salvei a sua toda, e
» imos fazendo nossa viagem pera Portugal
» com o mesmo trabalho. Pedimos por amor
» de Deos a todos os fieis Christãos, que
» disto tiverem noticia, indo ter este batel
» aonde houver Portuguezes, que nos en-
» commendem a nosso Senhor em suas ora-
» ções, nos dê boa viagem, e nos leve a
» salvamento a Portugal. »

Este escrito se metteo em hum canudo e o tapáram, e breáram muito bem, zeram huma cruzeta alta no batel, o atáram, porque lhe não chegasse e deixáram o batel, que o l aonde quizessem. Foi Deos se ter dentro a Çofala, o

de Sá por Capitão, como depois se soube, quando Francisco Barreto tornou a invernar a segunda vez a Moçambique.

Depois disto feito, e recolhida a gente da náo Garça, quiz Francisco Barreto fazer alardo da que tinha na sua pera a accommodar, e lhes ordenar como fosse melhor agazalhada; e achou antre Fidalgos, soldados, gente do mar, escravos, mulheres, e meninos, mil e cento e trinta e sete almas, e com toda esta gente commetteo o caminho do Cabo de Boa Esperança, por ventarem os Levantes, que só servem pera ir a Portugal. Indo a náo fazendo muita agua, e navegando, como digo, pera o Cabo de Boa Esperança, com tempo brando, e ventos galernos, lhe deo supitamente pela proa hum Ponente tão rijo, e furioso, que lhe rompeo a véla grande por muitas partes; pelo que foi necessario dar com a verga em baixo, pera a cozerem, e remendarem, e ficar a náo arvore secca ao pairo, de que os Pilotos, e mais Officiaes dambas as náos se espantáram muito, por verem que em monção de Levantes ventáram Ponentes, o que lhes pareceo não duraria mais que aquelle só dia; mas enganáram-se, porque ventáram outros dous mais. Visto isto pelos Pilotos, e mais Officiaes das duas náos, se foram a Francisco Barreto, e lhe fizeram huma falla, em que lhe disseram:

» Que

« Que elles havia muitos annos que cur- » savam aquella carreira, (principalmente Ayres Fernandes, que era o Piloto da náo Garça, que D. Constantino trouxe comsigo, com lhe fazerem muitas honras, e vantagens, por ser já muito velho, e estar aposentado, e tinha passado o Cabo de Boa Esperança trinta e quatro vezes) « e que se não lembra- » vam em tempo de Levantes ventarem tres » dias continuos Ponentes, que aquillo pa- » recia mais permissão Divina, que curso » natural: que parece que queria nosso Se- » nhor mostrar-lhes que não era servido de » se perder aquella náo, e tantas almas quan- » tas levava. E que commetterem aquella » viagem da maneira que a náo hia, era » temeridade, e que parecia mais tentar a » Deos, que esperar nelle. Pelo que reque- » riam a sua Senhoria da parte de nosso Se- » nhor, que quizesse arribar a Moçambique, » e dahi lhe daria por sua misericordia re- » medio pera se salvarem, ou faria o de que » elle fosse mais servido. » O que visto por Francisco Barreto, e ouvidos os pareceres de todos, se foi com elles; e mandou fazer hum auto disso, que se assentou, assinado por todos os Officiaes de ambas as náos. E assim fez volta, e foi nosso Senhor servido de os levar a Moçambique; mas sempre com as mãos nas bombas, e com muito trabalho,

que

que não fôra possivel poder-se aturar, senão fora tanta a gente por quem se repartia.

Indo a náo já perto de Moçambique, lhe aconteceo outro desastre, não menos perigoso que o da agua que fazia: e foi, que estando sincoenta leguas de Moçambique, pouco mais, ou menos, e dez, ou doze da terra, costeando-a com vento de todas as vélas, indo hum filho do Piloto pescando do chapiteo de poppa, deo hum grande grito, repetindo duas vezes: « Pai, bra» ça e meia, braça e meia. » A este tempo estava Francisco Barreto na sua varanda, donde ouvio o que dissera o filho do Piloto: sahio muito depressa pera a tolda, e achou huma revolta, e traquinada, que havia em toda a náo, sem ninguem se saber dar a conselho, nem sabiam o que fizessem, por não saberem a causa de tão grande confusão, e borborinho como havia. Nesta conjunção deo a náo huma pancada, com que tremeo toda, e com ella ficou a gente em tão grande silencio, como se não estivera nella pessoa viva. Vendo o Piloto isto, subio muito depressa á gavea pera de lá mandar a via, e por ver se via diante da náo algum baixo, de que se desviasse, (o que não podia fazer da cadeira por razão das vélas, que todas hiam dadas,) e assim mandou ir a náo á orça por se affastar da terra, que logo foi per-

perdendo de vista. A causa da pancada que a náo deo, he que naquella costa de Moçambique, dez, quinze, vinte leguas ao mar ha huns penedos, que o mar cobre, com braça e meia, duas, e tres de agua, que se não vem, que se chamam Alfaques: parece que prepassando a náo por junto de algum destes, tocou com alguma das ilhargas, e foi causa daquelle abalo que fez, que se acertára de dar com a proa, ou com a quilha, alli fizera a ossada, e a gente toda se affogára sem remedio algum. Perdida a terra de vista, foram demandar a de Moçambique, onde entráram a dezesete de Dezembro de 1559., e assim puzeram nesta viagem hum mez des do dia que partíram daquelle porto até que tornáram a entrar nelle.

CAPITULO XIII.

Que trata de como Francisco Barreto, depois de chegar a Moçambique da segunda arribada, partio pera Goa pela costa de Melinde: e do que lhe aconteceo por ella: e de quando chegou a Goa, e de lá partio pera o Reyno na não S. Gião: e de como a não Patifa se perdeo em Mombaça, indo nella Bastião de Sá, que acabára de ser Capitão de Çofala: e de como D. Luiz Fernandes de Vasconcellos chegou a Goa, depois de se perder na não Gallega: e de como se foi pera o Reyno na não de Francisco Barreto.

TAnto que Francisco Barreto chegou a Moçambique da segunda arribada, determinou logo de se ir caminho da India a invernar em Goa, por não estar alli outros tantos mezes, como esteve da primeira invernada; e por estar muito despezo, e ter gastado muito de sua fazenda, e não ter dinheiro pera cumprir com as obrigações de quem era, e com o que lhe pedia a nobreza de sua condição, que era muito largo, e liberal, o que em Goa poderia fazer com mais facilidade, e a menos custo de sua fazenda. E como não havia naquella fortaleza mais embarcações, em que se pudesse ir,

que huma fusta velha de ElRey, e desconcertada, foi avisado que na costa de Melinde tinha hum homem Chatim huma fusta boa, a mandou logo com muita pressa comprar a cuja era. Chegada a fusta, a mandou logo varar, cifar, e concertar, mandando fazer o mesmo á velha, que alli estava de ElRey. Depois de estarem já as fustas concertadas, tomou huma pera si, e a outra deo a Jeronymo Barreto Rolim seu primo, pera irem nellas pela costa de Melinde, e atravessarem a Goa da Ilha de Sacotorá, o que não teve effeito, porque o fez de Pate.

Embarcados nas fustas os mantimentos, e andando-se fazendo aguada pera partirem, parece que desejando João Rodrigues de Carvalho (Capitão que fora da náo Garça, que se perdeo) de passar á India naquella companhia, pedio a Jeronymo Barreto Rolim o quizesse levar na sua fusta. Imaginou-se o Jeronymo Barreto já perdido, por se assombrar com João Rodrigues de Carvalho, por ser muito mal escançado no mar, e tão pouco ditoso nelle, que não se sabe embarcar-se vez alguma, que não se perdesse a embarcação, em que elle fosse. Respondeo-lhe Jeronymo Barreto Rolim, que o não podia levar. Parece que lhe disse algumas palavras, de que João Rodrigues de Carvalho inferio que o deixava de levar em sua

com-

companhia por ſua má fortuna, e pouca dita. Cuidando João Rodrigues de Carvalho niſto, fez nelle tanta impreſsão o não o quererem levar por aquelle reſpeito, que diſto ſe lhe gerou a morte; porque aquella noite ſeguinte, eſtando elle na cama em caſa de Pero Mendes Moreira, (que era Feitor, e Alcaide mór de Moçambique, com quem pouſava,) começou a gemer, e dar muitos ais. Diſſeram-lhe dous filhinhos de Pero Mendes Moreira, que tinha comſigo na cama meninos, hum de tres, outro de quatro annos: « Tio, (porque aſſim lhe chamavam » os meninos,) vós não dormis, e gemeis, » porque perdeſtes a voſſa náo? » De tal maneira ſentio, e o entráram as lembranças, que os innocentes lhe fizeram, que foi a cauſa de ſua morte, porque amanheceo morto na cama, ſem haver outra cauſa, a que a morte ſe lhe pudeſſe attribuir. Tanta força, e efficacia tem a paixão, e triſteza, que foi baſtante para ſe lhe cerrarem os eſpiritos vitaes, e morrer.

Acabada de fazer a aguada das fuſtas, ſe embarcou Francisco Barreto na ſua, e Jeronymo Barreto Rolim na outra, e na entrada de Março de 1560. ſe partíram de Moçambique caminho da coſta de Melinde na monção pequena, (chamam-lhe pequena, por razão das muitas calmarias que então

 ha.)

ha.) Os Fidalgos, que Francisco Barreto levava na sua fusta, eram Manoel de Anhaia Coutinho, Pedralvares de Mancellos, Francisco Alvares Provedor mór dos defuntos, Francisco de Gouvea, e hum Joáo de Araujo, a fóra outros muitos homens, que eram da obrigação de Francisco Barreto, porque os mais Fidalgos ficáram em Moçambique pera se virem na monção grande, que he em Agosto, na náo Patifa. Foi Francisco Barreto tomando os portos que havia pela costa de Melinde, onde se refazia de agua, e mantimentos. O primeiro que tomou foi Quiloa, que está em seis gráos da banda do Sul, cento e sincoenta leguas de Moçambique. Nesta Cidáde (que mostrava nos edificios que tinha ser maior, e mais habitada do que então era) esteve quatro dias surto, com quem o Rey della nunca se quiz ver. Teve Francisco Barreto noticia de huns dous monstros que alli havia, filhos de hum bogio, e de huma negra, que se dizia ser mulher de hum Xeque. Trabalhou Francisco Barreto todo o possivel pelos haver, e levar a ElRey D. Sebastião; mas como eram de ElRey de Quiloa, não os quiz resgatar. Determinou então Francisco Barreto de os mandar furtar; mas como isto não esteve tanto em segredo, que se não aventasse, sabendo-o o Rey, mandou que os puzessem em

co-

cobro, até que Francisco Barreto se fosse.

Partido daqui desta Cidade, foi tomar a de Mombaça, onde esteve oito dias espalmando, e concertando as fustas. Aqui foi (quando logo chegou) visitado do Rey com hum grande presente de refresco de vacas, carneiros, gallinhas, mel, manteiga, tamaras, limões, cidras, e laranjas, de que a Ilha (que será de sete leguas em roda) he mui abastada, e fertil. Respondeo-lhe Francisco Barreto com outro de muitos brincos, e peças ricas, e curiosas, que já levava pera isso, em que mostrava quão liberal, e grandioso era; porque, como já dissemos, era o mais liberal Fidalgo que havia naquelle tempo. Tanto, que bem se verificava nelle aquelle dito de D. Antão de Noronha, que foi Viso-Rey da India, que dizia, « que » não se podia sustentar a India com pros» peridade, senão havendo nella Capitães » doudos, que sahissem ricos de suas forta» lezas, e tornassem a gastar com soldados » tudo o que dellas tirassem. » O que aconteceo a Francisco Barreto, que tirando da fortaleza de Baçaim (de que foi Capitão) oitenta mil pardaos, assim os gastou em serviço de ElRey com soldados, que quando entrou na governança da India já devia vinte e oito mil pardaos. Daqui podemos mui-

to

to bem inferir, e do eſtado em que a India agora eſtá, quantos ſezudos tem.

E tornando a continuar com a viagem de Franciſco Barreto, depois que partio de Mombaça, foi tomando todos os mais portos, e Ilhas, que havia pela coſta de Melinde, donde ſe vio com ElRey, que por ſer muito amigo do de Portugal, e dos Portuguezes, o foi viſitar a terra, e lhe mandou hum muito rico preſente. Partido daqui, foi ter á Ilha de Pate, onde achou hum navio de huma gavea, que era de hum Chatim, e eſtava carregado pera ſe partir pera Chaul. E como Franciſco Barreto hia na fuſta muito apertado por razão da muita gente que levava, fretou o navio a cujo era, e ſe paſſou a elle com a mór parte da gente que levava na ſua fuſta, e dalli (que eſtá eſta Cidade em tres gráos da banda do Norte, e ſeiscentas leguas da barra de Goa) ſe fez á véla, e poz na viagem quarenta dias, ſendo ella de vinte e ſinco, donde paſſou muito trabalho neſte golfo, de ſedes por razão das muitas, e grandes calmarias que teve; que ſe tardáram dous dias mais, ſem tomarem a coſta da India, todos houveram de perecer á ſede, por não levarem já hum almude de agua, e haver muitos dias que ſe não comia arroz, por não haver agua com que o cozer, nem biſcouto; ſó comiam ta-

ma-

maras, e cocos, e algumas poucas vezes carne assada de huns poucos de carneiros, que vinham no batel do navio.

Indo assim neste trabalho, houveram huma manhã vista de terra da costa da India, e naquella tarde sahio de hum rio daquella costa o catur de Roque Pinheiro, que vinha do Estreito de Meca, onde o Viso-Rey D. Constantino o mandára, em companhia de Christovão Pereira Homem, a lançar em Maçuá o irmão Fulgencio Freire da Companhia de Jesus com recado ao Bispo que estava na Abassia, como dissemos no Cap. VIII. deste VIII. Livro.

Vendo Roque Pinheiro aquelle navio, se foi a elle; e sabendo que hia nelle Francisco Barreto, entrou nelle, lançando-se a seus pés com muitas lagrimas, pelo ver naquellas partes em outro estado havia pouco bem differente daquelle em que o então vio. Depois de lhe dar conta de como o Cossairo Çafar tomára o navio de Christovão Pereira Homem, provêo o navio de Francisco Barreto de agua, dando-lhe toda a que trazia, e tornou a terra com muita pressa a buscar mais, com que acabou de dar vida aos pobres, que já a não traziam; que se acertáram de não topar aquelle navio então, póde muito bem ser que aquelle fora o derradeiro dia de seus trabalhos. Ao outro pela

ma-

manhã, que foi huma sesta feira dezesete de Maio de quinhentos e sessenta, chegou á barra de Goa já com as mãos nos cabellos, bem temeroso, e receoso das primeiras ameaças do inverno, que entra mui furioso naquella costa, e com a espada na mão, como logo aconteceo. Ao outro dia seguinte, (que foi sabbado, depois de todos estarem já desembarcados, e Francisco Barreto no Mosteiro dos Reys Magos da Ordem de S. Francisco, que está em Bardes na barra de Goa, fez huma tão grande tempestade de chuva, e vento, que parecia acabar-se o mundo, e soverter-se a terra com outro segundo diluvio.

Tanto que se soube em Goa da chegada de Francisco Barreto á barra, foi logo visitado de todos os Fidalgos, e casados de Goa, e elle se embarcou em hum catur ligeiro, e se foi caminho da Cidade visitar o Viso-Rey D. Constantino, acompanhado de toda a fidalguia, e Cidadãos, e tanta mais gente, que enchia desdo caes até á fortaleza, e todo o seu terreiro. E rompendo por aquella multidão de gente, chegou a elle, que o estava já esperando, com muito grande alvoroço, e cortezias, e se foram pera dentro; onde depois de descançar, e dar conta do que lhe acontecêra na jornada, se foram cear com alguns Fidalgos parentes de

de ambos, e alli dormio aquella noite. Ao outro dia pela manhã se tornou Francisco Barreto a embarcar pera ir aos Reys Magos a cumprir huma Novena, que tinha promettido no seu naufragio; e foi acompanhado de tanta fidalguia; e nobreza, que parecia despejar-se a Cidade. Vendo o Viso-Rey D. Constantino o grande concurso dos Fidalgos, e casados de Goa, que o acompanhavam, disse aos que estavam presentes: » Quantas graças deve dar Francisco Barreto » a Deos pelo fazer tão bem quisto. »

Depois de Francisco Barreto estar no Mosteiro dos Reys Magos cumprindo sua Novena, o mandou visitar o Viso-Rey, e lhe mandou quatro mil pardaos, de que lhe fazia mercê em nome de ElRey pera ajuda das despezas do inverno. Acabada a Novena da romaria, se foi Francisco Barreto aposentar além de Santa Luzia nas casas de hum casado de Goa, que se chamava Fernão Nunes, onde esteve até meado Dezembro, correndo sempre com o Viso-Rey muito bem, que o tornou a mandar visitar, e lhe mandou dous muito formosos ginetes, que elle logo deo, hum a Luiz de Mello da Silva, seu parente, e outro a D. Filippe de Menezes seu sobrinho, filho de sua irmã Dona Brites de Vilhena, por sobrenome a Perigosa, e de D. Henrique de Menezes. E como

Fran-

Francisco Barreto não tinha náo, em que se viesse pera o Reyno, lhe deo o Viso-Rey a náo S. Gião, que invernára em Goa, e estava varada em Panelim, onde se concertou muito bem pera elle vir nella, satisfazendo a Antonio de Sousa de Lamego a Capitanía da náo.

Em quanto elle inverna, e a náo em que ha de partir pera o Reyno se concerta, daremos razão da Patifa, que ficou em Moçambique, invernando da segunda arribada, que por vir muito destroçada, a mandou Bastião de Sá, Capitão que acabava de ser de Çofala, concertar muito bem, pera se ir nella pera Goa na monção grande, que he a de Agosto, em companhia das que haviam de vir do Reyno. E como esteve concertada, mandou Bastião de Sá embarcar nella agua, e mantimentos, e toda sua fazenda; e como foi tempo, embarcou-se nella com todos seus criados, e os Fidalgos, que vieram nella em companhia de Francisco Barreto, que ficáram invernando em Moçambique, donde se fez á véla a onze de Agosto. Ao dia seguinte começou a fazer tanta agua, que se hia ao fundo; e como não podia tornar a arribar a Moçambique, foi forçado ir demandar a barra de Mombaça, onde varou em terra, e se desfez, salvando-se tudo o que levava, assim de ElRey, como

mo de partes; e Baſtião de Sá ſe embarcou em hum navio, em que foi á India, e não me ſouberam dizer ſe a invernar, ſe depois em Setembro.

Tornemos a Franciſco Barreto, que eſtava invernando em Goa, e concertando a náo S. Gião, em que ſe havia de embarcar; que depois de a ter concertada, e começando de a carregar, chegáram á barra de Goa ſinco náos do Reyno: em huma dellas vinha D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, que veio ter a Moçambique, depois de ſe perder o anno paſſado na náo Gallega, e ficar invernando na Ilha de S. Lourenço, aonde foi ter no batel da náo, em que ſe tinha ſalvado com ſeſſenta peſſoas.

Tanto que o Viſo-Rey ſoube de ſua chegada, logo o mandou viſitar com dous mil pardaos, e hum cavallo, e hum quartáo, correndo muito bem alguns dias que eſteve em Goa com o Viſo-Rey, até ſe embarcar pera o Reyno na náo de Franciſco Barreto, por ſer caſado com Dona Branca de Vilhena, ſua ſobrinha, filha de Diogo Lopes de Siqueira, que foi Governador da India, e de Dona Maria de Vilhena ſua irmã.

Eſtando já a náo S. Gião preſtes, apparelhada, e carregada, e com os mantimentos, e agua embarcados, ſe fez Franciſco Barreto á véla a vinte de Dezembro, tendo mui-

muito profpera viagem, e dando em toda ella meza aos Fidalgos, que foram em fua companhia, que eram D. Luiz Fernandes de Vafconcellos, D. João Pereira, irmão do Conde da Feira, D. Duarte de Menezes, o Narigão, que era dos da cafa de Penella, de quem já fallámos no Cap. XI. defte VIII. Liv., que fe achou em Punicale, quando o Bifminaique tomou a Manoel Rodrigues Coutinho a fortaleza da Pefcaria, e a deftruio; Garcia Moniz Barreto, natural da Ilha da Madeira, Manoel de Anhaia Coutinho, e outros, a que não foubemos os nomes. Chegou a Lisboa hum Domingo a treze de Junho de 1561., onde foi recebido de toda a fidalguia com muito alvoroço, e contentamento, pelo terem por morto, por haver tres annos que partíra da India a primeira vez; e acompanhado de toda ella, o leváram a beijar a mão á Rainha Dona Catharina, que então governava o Reyno por ElRey D. Sebaftião feu neto, que feria de fete annos de idade. Foi recebido della com muitas honras, affim pela qualidade, e valor de fua peffoa, como pelos muitos ferviços que tinha feito aos Reys de Portugal na India, e em Africa.

CAPITULO XIV.

Das grandes guerras, que se alevantáram antre ElRey de Cranganor, e o de Cochim: e da causa porque: e do grande temor, e respeito, que todos os Malavares tem ao Bemaventurado Apostolo S. Thomé: e das soberbas, e custosas festas que lhe fazem.

NO principio da V. Decada no Cap. I. temos dado larga relação dos grandes odios, e bandos, que se ateáram antre todos os Reys Malavares, e dos appellidos que tomáram os Reys de Cochim, e Calecut, que eram cabeças delles, chamando-se os de huma parte Jogerecuros, e os da outra Pai-[illegible]curos, pera por elles serem conhecidos. [illegible]les o Rey de Cranganor foi lançado [illegible]e do Çamorim; porque por hum muito antigo costume, ou lei, eram obrigados os Çamorins, e Emperadores do Malavar a casar com as Princezas de Cranganor, por cuja razão ficavam havidos por pais dos Reys de Calecut, o que nunca se quebrou, e assim elles os favoreciam em tudo como esses. Ora assim por este antigo odio, como por outros biquinhos, o Rey de Cranganor, que neste tempo reinava, fez muito cruel guerra, em quanto viveo, ao de Cochim,

que

que foi continuando muitos annos, com propósito de o destruir de todo, porque era rico, e tinha muitas rendas por causa de hum Pagode chamado Parui, que estava em suas terras, da mais antiga, e continuada romagem de todas as do Malavar, que lhe rendia cada anno huma muito grande somma de ouro, porque de todas as partes da India concorria toda a gentilidade della a se offerecer a este Pagode. E toda esta renda gastava nesta guerra, e em solicitar, e peitar os Senhores do Malavar, e ainda os vassallos de ElRey de Cochim, (por cuja causa se lhe rebelláram muitos, e se passáram á parte de Cranganor,) não achando nunca aquelle Rey, senão os Portuguezes, e os Capitães de Cochim, que sempre o acompanháram nas guerras; e com seu braço, e poder lhe entrou muitas vezes por suas terras, e lhas destruio, e queimou, e o poz em tal estado, que lhe foi necessario mandar a Portugal offerecer-se por vassallo de ElRey D. João, a fim de os Portuguezes o não perseguirem. ElRey lhe mandou passar huma larga carta de vassallagem, que alguns moradores antigos de Cochim nos disseram que víram, de que hoje nos parece que não ha já memoria; porque nem na Secretaria, nem em alguma outra parte a pudemos achar pera lançar o traslado della na

Tor-

Torre do Tombo, de que temos cuidado, e somos Guarda mór; porque estas cousas, e outras muitas desta qualidade são perdidas, e acabadas pela pouca conta que neste Estado se faz de tudo o que não são drogas, e fazendas.

E proseguindo este Rey nas guerras, e odios contra o de Cochim, e querendo o de Cochim por algumas vezes destruillo de todo, faltáram-lhe as ajudas que os Portuguezes lhe costumavam a dar, por ser contra vassallo de ElRey de Portugal; e assim ficáram neutraes, sem favorecerem a hum, nem a outro, fazendo-se elles todos os damnos que podiam; mas sempre o Rey de Cranganor o recebia maior, porque o de Cochim era o mais poderoso. E como o
dio era por natureza, e entranhavel, an-
Rey de Cranganor traçando, e fan-
todos os modos, e ardís que pode
ir estoutro, até dar em hum, que
prejudicial assim áquelle Rey, co-
tado da India, que todos os que
io lhe podia offerecer, e foi.
n este Rey de Cranganor dous so-
lhos de sua irmã, que haviam de
os do Reyno, (porque costuma-
Reys do Malavar crearem sempre
pes pera esta herança, e trazerem-
rte, pera verem, e saberem o

mo-

modo do governo; porque ſe morreſſe hum, puzeſſem logo o outro em ſeu lugar, e aſſiſtiam nos conſelhos pera ſe enſinarem.) Deſtes dous, que eſte Rey de Cranganor tinha, o ſegundo ſe chamava o Principe Branco, que era muito affeiçoado aos Portuguezes, e grande amigo do Rey de Cochim, com quem ſe communicava por recados. Succedeo agora neſte anno em que andamos, morrer o Principe mais velho, e ficar ſendo o Branco o principal, e verdadeiro herdeiro do Reyno; o que aquelle Rey ſentio em extremo, pela grande amizade que tinha com o de Cochim ſeu inimigo. E andando fantaziando, e traçando o que faria naquelle negocio, cahio em hum ardil do maior prejuizo que podia ſer, que foi concertar-ſe
com o Çamorim, que mandaſſe crear e
Cranganor os ſobrinhos, que lhe havi
herdar o Reyno, e que elle manda
a Calecut os ſeus herdeiros; e aſſi
logo eſta troca, e o de Crangan
pera Calecut outros dous ſobrinhos
outra irmã, pera lá ſe crearem, co
de desherdar o Principe Branco, p
affeiçoado aos Portuguezes. Eſta i
e maldade foi entendida de todos
Pereira, que era Capitão de Cra
ſentio muito, porque bem vio q
viam aquellas couſas de dar muit

e que se lhe hia ordenando huma guerra, que poderia ser em grande damno, e risco daquella fortaleza. Pelo que logo mandou fazer ao redor della vallos, e tranqueiras muito fortes, e cortar os matos, que por alli havia ao derredor, o que encarregou a João Alvares Pereira seu genro, mandando-lhe que não travasse guerra com a gente de Cranganor, sem de lá primeiro a não fazerem. E andando elle nesta obra, acudio a gente daquelle Rey a lha defender, e o começou a espingardear, sem o João Alvares Pereira bulir comsigo; antes lhes mandou requerer « que se affastassem, porque não » queriam romper com os vassallos de El- » Rey de Portugal; e que antes haviam de » favorecer em tudo o Rey de Cranganor, » [illegible]que o mandava assim o Viso-Rey da [illegible] » O que não bastou pera elles dei- [illegible] continuar em seus intentos. Vendo [illegible]eira, mandou pedir gente a Co- [illegible] e com a que tinha deo na de El- [illegible] de Cranganor, que estava da outra ban- [illegible] do rio, e desbaratou, e lançou fóra dalli. [illegible]or aqui ficou a guerra declarada, e começou a haver entradas de parte a parte, e ajuntarem aquelles Reys seu poder; e o de Cochim acudio, e trabalhou muito por tomar o Pagode Parui, assim por enfraquecer o inimigo na renda, como pera elle ficar

senhor daquella romagem, que elle em extremo sentia estar em poder daquelle Rey; que como se ciava delle, tinham mui bem fortificado, e provído de guarda.

E porque na festa deste Pagode succede tambem huma, que elles fazem ao Bemaventurado Apostolo S. Thomé, nos pareceo bem darmos aqui relação della, por ser em muito louvor, e gloria sua, e que pela ventura antre Christãos se lhe não faz outra tão solemne: pelo que se ha de saber que este Pagode, que assima dissemos, que se chama Parui, he tão antigo, que já muito antes da vinda de Christo era hum dos de maior romagem, e concurso de gente, que todos os destas partes, a quem costumam fazer suas festas na Lua de Março, a que acode a mór parte dos Gentios dos Reynos [illegible] nhos; e na maré da noite da conjun[illegible] por aquelle rio assima tantas em[illegible] que o entulhavam, carregadas d[illegible] e chegando ao Pagode, (que he [illegible] de Cranganor assima, perto de quat[illegible] guas,) fazem suas festas, e ceremonia[illegible] offerecem suas offertas, que rendem tanto, que pelo que montavam áquelle Rey se teve sempre pelo mais rico de todos os do Malavar. E depois que o Bemaventurado Apostolo S. Thomé passou a estas partes da India, andando por ella prégando a Lei da

Gra-

Graça, a que converteo tanto numero de Gentios, chegou tambem a eſte Reyno de Cranganor, onde fez mui grande fruto, e baptizou a mór parte dos Gentios, de que ainda hoje ha huma boa quantidade, que procedêram delles, e fundou naquella ponta (onde depois a tantas centenas de annos ſe fez a noſſa fortaleza) hum Templo, que hoje ſe vê dentro della: que tanto que alli foi alevantado, paſſando os Romeiros por alli o dia da ſua feſta, em emparelhando com a Igreja, levantava-ſe ſupitamente hum vento, e alagava-lhes a mór parte das embarcações, e lhes affogava muita gente; porque parece que o permittia Deos aſſim, porque não paſſaſſem pela porta do ſeu Templo as offertas pera o demonio, e queria que ſe [illegible]aſſem diante da Arca do Teſtamento [illegible]s de Baal: o que ſuccedeo muitos [illegible]io, pera Deos moſtrar que a obra [illegible]a, que acontecida acaſo.

[illegible]quella bruta gentilidade aquelles [illegible] tão continuos daquelles annos pe[illegible] não lhes ſuccedendo tantas centenas [illegible]annos atrás algum, nem perigando naquella paſſagem embarcação alguma, houveram que era caſtigo do Santo Apoſtolo, que eſtava irado contra elles de paſſarem por defronte da ſua caſa pera ſe irem offerecer ao ſeu Pagode; e querendo-o aplacar, or-

denáram sobre grandes torres formosos caf-
tellos de madeira mui bem lavrados, de
dous, quatro, seis, oito até onze sobrados,
de que se já víram alguns, segundo a posse
dos que os fazem, e do primeiro sobrado
até o derradeiro, cercados em roda, e cheios
de muitas luminarias; e os Romeiros, que
vam dentro, vestidos de roupas novas, e lim-
pas, com muitos tangeres, e bailos. Assim
desta maneira vam pelo rio assima todos ca-
lados; e em emparelhando com a Igreja do
Santo Apostolo, accendem as luminarias to-
das, e começão os tangeres, e bailos com
tanto alvoroço, festa, e estrondo, que pare-
ce que se desfaz o rio, e a terra em gritos;
e tanto que dobram a ponta, em que dan-
tes perigavam, cessam os tangeres, e bailos,
e se apagam as luminarias, e não q[illegible]
chegar com ellas accezas ao Pagode [illegible]
offenderem o Santo Apostolo. E[illegible]
algum de não poder passar naque[illegible]
noite, (como já aconteceo,) a[illegible]
ao sahir do Sol commette a passa[illegible]
cume do castello vai hum homem em[illegible]
huma faca na mão, e em emparelhando [illegible]
a Igreja do Bemaventurado Apostolo, faz
huma ferida no dedo, e promette ao Santo
de pera o anno lhe fazer outro castello de
mais vantagem, se o deixar passar; e assim
o fazem, e mostrám nelle mór magestade,

e

grandeza , porque realmente crem que o Santo os não deixou paſſar com os outros por eſtar delles offendido.

E como os Reys de Cochim deſejáram ſempre de mudar eſta romagem pera ſuas terras; pelo proveito que diſſo eſperavam, trabalháram todos muito niſſo, até ſucceder ElRey Ramará, que fallando-ſe com os Bramanes em ſegredo, lhes fez crer que o idolo Parui lhe apparecêra, e lhe diſſera que elle eſtava muito enfadado das guerras de Cranganor, e que lhe mandava mudaſſe ſua romagem pera o lugar de Palurte, (que era hum Pagode, que eſtava adiante de Cochim de ſima, junto dos fornos da cal.) E logo mandou fazer ao derredor do Pagode hum formoſo tanque pera os Romeiros ſe lava-[illegible] e começou no meſmo dia, que em [illegible]nor ſe faziam as feſtas, a celebrar [illegible]ito ſolemnes, em que mandou pu-[illegible]ar pel[illegible] ſeus Bramanes o apparecimento do idolo Parui. E como aquelle Rey na Religião he havido por cabeça de todo o Malavar, como Bramane mór, todos lhe deram credito; e começou-ſe aquella romagem a ſe paſſar pouco, e pouco pera Cochim, e a creſcerem as rendas daquelle Rey, e irem faltando muito ao de Cranganor, com o que veio a cahir em pobreza.

CA-

CAPITULO XV.

De como Bajazeto filho de Solimão Emperador dos Turcos fogio pera a Persia: e dos tratos que teve pera matar aquelle Rey: e de como elle o entregou a seu irmão Cilim.

SEmpre seguirei esta ordem de contar as cousas, que succederem na Persia, porque todas prejudicáram á nossa fortaleza de Ormuz, e lhe deram muito trabalho; como tambem o farei das que succederem a todos os mais Reys vizinhos a todas as mais fortalezas, e agora estas tomarei a cousa de seu principio pera se entender melhor. Pelo que se ha de saber que Solimão filho de Cilim, estando já em idade decrepita, tinha e[illegible] animo de deixar nomeado em seus I[illegible] a Cilim seu filho segundo, tendo o[illegible] lho chamado Bajazeto de mais par[illegible], e [illegible] pera governar tamanho Imper[illegible], que o outro, e sós estes dous lhe ficárão de muitos que teve. E como he costume da casa Otomana, tinha Solimão estes dous filhos separados, Cilim, a quem elle queria dar o Reino em Asia menor na Cidade de Manencia; e ao Bajazeto em Cutea tambem em Asia menor, mas apartado algumas jornadas donde o outro estava, e residia. E como o velho

lho

ó do pai o tinha cego a affeição, e amor do filho ſegundo, parece que diſſe algumas vezes que elle herdára aquelle Imperio de Cilim, e que o havia de deixar a outro Cilim. Chegou iſto ás orelhas do Bajazeto, que por conſelho de Receſtan Baxá, que o favorecia, eſcreveo ao pai huma carta com grande ſubmiſsão, em que lhe pedia » que não quizeſſe » tirar-lhe o ſeu direito, pois em idade, e » partes precedia a ſeu irmão; e que não » foſſe occaſião de chegarem ambos os ir- » mãos a eſtado de averiguar ſua juſtiça pe- » las armas, porque ficaria no mundo com » aquella infamia de injuſto, e daria conta » a Deos dos damnos que diſſo reſultaſſem. » Com eſta carta ficou o Turco mui apaixonado, e lhe reſpondeo mal; com o que determinou logo de pôr o direito nas armas, ...ou a mais gente que pode pera ir ...irmão, de que o irmão foi logo ...e fez ſeus ajuntamentos, e o pai ...era o ajudar. E entendendo o ...que na diligencia eſtava a vitoria, ...ou de dar no Cilim, primeiro que ...e o poder, porque o ſeu havia de ſer ...r pelo favor que tinha no pai; e aſſim ...tio contra elle com dezoito mil cavallos, huma tarde appareceo nos campos de Anzona, onde o Cilim eſtava, e alojou ſeu exercito em campo largo, e aberto, onde

lhe

lhe ſahíram alguns de cavallo, que o irm
mandou, pera que o não deixaſſem aloja
á ſua vontade. O Bajazeto deſpedio hum de
cavallo com recado ao irmão, que tambem
eſtava fóra em campo, em que lhe dizia,
» que pera que era deſaccommodallo, e tra-
» tar de eſcaramuças, que o deixaſſe alojar,
» e que ao outro dia entraſſem os exercitos
» ambos em batalha; e que dos damnos que
» della reſultaſſem daria ſeu pai conta, pois
» por ſua maldade chegou ſeus filhos áquell
» eſtado, e lhe queria tirar o Reyno tão in-
» juſtamente contra todas as leis naturaes. »
Cilim lhe mandou dizer que era muito con-
tente, e que ao outro dia ſe verião, porque
eſtava confiado no poder que tinha, por ter
comſigo a mór parte dos Janiçaros.

Ao outro dia em rompendo a ma
preparárão pera a batalha, pondo a
lim em ordem Muſtafa Baxá, que
deo por conſelheiro, e o de Baj
tam Baxá, e fizeram de ſua ge
quadrões na melhor ordem que
levando diante ſua artilheria, que
de romper fez ſeu officio com tant
do, terremoto, e damno, que dam
partes ficárão muitos eſpedaçados, e logo
batalhas ſe travárão; e Bajazeto ſabend
que no corno eſquerdo de Cilim hia toda a
gente nova, que ſe ajuntou pelos póvos de
der-

rredor, pouco exercitada, o foi inveſtir, e o desbaratou logo, e rompeo, e o poz em fugida; e indo-o ſoccorrer o corno direito de Cilim, onde elle não eſtava, foi commettido do eſquerdo do Bajazeto, e antre elles ſe travou huma aſpera batalha, em que o Bajazeto fez tambem tanta deſtruição, que o obrigou a ſe recolher até onde Cilim eſtava com a mór força do exercito ſem ſe bulir: o que viſto por Muſtafa Baxá, lhe requereo que entraſſe na batalha, ſenão que tudo ſe perderia. E poſto que outros lhe aconſelháram que ſe recolheſſe, que tudo era perdido, todavia elle rompeo com a ſua batalha, e inveſtio os inimigos com tanta força, que lhe fez perder terra, com o que foi neceſſario a Bajazeto acudir com ſua ba-lha, e aſſim ſe miſturárão todos com gran-eldade, durando o conflicto della quaſi ras. E quiz a pouca ventura de Ba- lhe déſſem neſte tempo (em que ava ſuſpenſa) huma eſpingardada braço, que o obrigou a ſe ſahir a, com o que o ſeu exercito ſe per-do, e dos ſeus ficáram mais de dez , e da parte de Cilim mais de l. Bajazeto ſe recolheo a Licaonia, olheo as reliquias do exercito, e juntáram outros de novo; e todavia ado de ſua ventura, ſe paſſou á Per-

ſia

sia com tres filhos, o maior de dezoito a-
nos, deixando a mulher prenhe com algu-
mas filhas, e naquelle Reyno foi recebido
não com boa graça, porque se receou de
se quebrarem as pazes com o Turco por
aquelle respeito: e todavia mandou-o aga-
zalhar, e ao seu exercito, que era de mais
de vinte mil homens. Dizem alguns que em
satisfação desta hospedaria o aconselhára hum
Baxá dos seus, que não sei se foi Raitan,
que hum dia dissimuladamente matasse aquel-
le Rey, e que pela ventura lhe abriria sua
fortuna caminho pera ser Rey da Persia, do
que aquelle Rey fora avisado; e dando con-
ta disso a seus Soltões, lhe aconselháram
que o matasse elle primeiro: o que não quiz
consentir, dizendo que isso não entrava nas
leis da hospedagem; mas por se não ficar
temendo delle, o prendêra a elle, e a
lhos, e todos os Turcos que com
ram, e poucos, e poucos os mandá
Cilim, o que ficava já com direito
adquirido, assim por vontade do
pelas armas, mandou Embaixador
sa, por quem lhe mandava pedir se
offerecendo-lhe por isso huma gra
ma de ouro: ao que o Persa não
lhas, porque foi a embaixada da
pai Solimão. Tanto, que o Solimã
dio Embaixadores, e por elles lhe

dir ſeu filho, e que ſe lho não déſſe, protestava de lhe fazer cruelissima guerra a fogo, e a ſangue: e apôs os Embaixadores deſpedio Portan Baxá com hum muito groſſo, e poderoſo exercito pera entrar pelos confins da Perſia. A eſtes Embaixadores reſpondeo logo o Perſa melhor, e lhe entregou o Principe Bajazeto, e ſeus filhos por huma grande ſomma de dinheiro com voz de pagar o Turco o que o Perſa gaſtára com ſeu filho, e netos filhos do Bajazeto. Entregues os pobres Principes aos Embaixadores, os foram affogando, ou atoſſigando pelo caminho, e o meſmo mandou o Turco Solimão que ſe fizeſſe ás filhas, que lhe ficáram, e ainda á que pario a mulher: pelo que com razão ſe póde dizer, que he melhor ſer porco do Turco, que ſeu filho. Em quanto eſ[...]ſas duráram, a noſſa fortaleza de Or[...]entio, porque lhe faltáram Cafilas, [...] remedio daquella fortaleza.

DE-

DECADA SETIMA.

LIVRO IX.

Da Hiftoria da India.

CAPITULO I.

Da grande Armada, com que o Vifo-Rey D. Conftantino partio pera Jafanapatão: e do que lhe fuccedeo até chegar lá.

TOdo o inverno gaftou o Vifo-R
Conftantino em concertar a
que havia de levar a Jafan
em ajuntar os petrechos pera aq
da; e na entrada de Agofto poz
dos os navios preftes, e apparelh
proveo de mantimentos, e muniçõ
meçou a fazer paga geral a todo
do entrou Setembro eftava tudo t
que fe embarcou o Vifo-Rey; e e
primeiro o governo a D. Pedro de
o Ruivo, que era Capitão de Goa

gimento ao Licenciado Belchior Serrão, Veador da fazenda, pera ir fazer a carga das náos a Cochim, e lhe deixou todos os poderes na fazenda pera tudo o que se offerecesse.

E porque a Cidade de Damão era ganhada de pouco, e elle hia pera longe, receando-se que os Abexins, como o vissem apartado, a quizessem commetter, e inquietar, despachou alguns Capitães com soldados pera irem residir naquella fortaleza. E dos que pudemos saber os nomes foram, D. João da Costa, Luiz Alvares de Tavora, Alvaro Dias de Sousa de Arronches, João Nunes, Estevão Fernandes, e outros, que ficáram negociando pera com seus soldados se irem metter naquella fortaleza.

Estando o Viso-Rey já na barra despa... as derradeiras cousas pera dar á vé... lo quatro de Setembro, chegou a ...ição, que o anno passado ficou ... em Moçambique, e logo ao ou... ...gáram dez, ou doze navios de Baçaim pera o acompanharem na... ...nada. Antre estes vinha D. Pedro ...meida Capitão de Baçaim, que deixou ...ortaleza entregue a Manoel da Veiga, ...eitor, e Alcaide mór. Vinha mais D. Luiz de Almeida seu irmão, e Ayres de Saldanha, e outros Fidalgos. E sabendo o Viso-Rey

Rey vir alli D. Pedro de Almeida, e qu[e] deixára a ſua fortaleza, (ſobre outros bicos, que eram paſſados, de que o Viſo-Rey D. Conſtantino eſtava arruſado,) o não quiz ver, antes lhe mandou tomar a menagem pelo Ouvidor geral, e que ſe foſſe prezo pera hum dos Paços da Ilha; e os navios, que tinham vindo neſta companhia, mandou armar de novo, e os repartio por Ayres de Saldanha, e outros. E veſpera de noſſa Senhora a ſete de Setembro ſe fez á véla com huma formoſa Armada de doze galés, e dez galeotas, e ſetenta navios de remo, antre fuſtas, e catures.

Os Capitães das galés eram, o Viſo-Rey da galé Real; D. Antonio de Noronha Catarraz, da galé Sant-Iago; Baſtião de Sá, da galé S. Luiz; Martim Affonſo de Miranda, da galé S. Miguel; André de S[illegible] filho do Veador do Cardeal D. H[illegible] da galé Vitoria; Fernão de Souſ[illegible] tello-branco, da galé Conceição [illegible] Falcão, da galé Chagas; Leonel [illegible] da galé Monſerrate; D. Leoniz [illegible] Ayres Falcão em outras duas.

Os das galeotas eram, Du[illegible] do [illegible] veral, que o Viſo-Rey levava pera ſe pa[illegible] a ella, ſendo neceſſario; D. Antonio Manoel, Franciſco de Mello irmão do Monteiro mór, D. Jorge de Menezes, que depois foi Al-

fe-

fres mór do Reyno ; Ayres de Saldanha, Martim Affonſo de Mello, de alcunha Hombrinhos ; Jorge de Moura, Fernão Gomes Cordovil, Lourenço Pimentel, em huma galeota, que foi de Rumes, e outros.

Das fuſtas eram Capitães, D. João de Caſtello-branco, filho de D. Pedro de Caſtello-branco, que foi Capitão de Ormuz, e irmão do Conde de Villa-nova, Henrique de Sá, Franciſco de Souſa Tavares o Coxo, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Franciſco de Almeida, que depois foi Capitão de Tangere, D. Filippe de Menezes, irmão de D. João Tello, que depois foi hum dos Governadores do Reyno, Alvaro de Mendoça, Pero de Meſquita, Pero Peixoto da Silva, Nuno de Mendoça, D. Paulo de Lima, [illegible] Furtado de Mendoça, D. Payo de [illegible]ha, Fernão de Caſtro, Triſtão de [illegible]lho do Governador Martim Affon[illegible]ſa, Fernão de Miranda de Aze[illegible]o de Antonio de Miranda, que [illegible] mór do mar da India no tempo [illegible]nças de Pero Maſcarenhas com [illegible] de Sampaio, D. Pedro de Caſtro, [illegible] Diogo de Caſtro, Alcaide mór [illegible] João Lopes Leitão, Manoel de [illegible] Affonſo Pereira de Lacerda, Gil [illegible]Iartim Affonſo de Souſa, Pero [illegible], a quem chamavam Larim,

por

por ſer muito magro, filho de Triſtão de Mendoça, Baſtião de Rezende, filho natural de Garcia de Rezende, o que fez a Chronica de ElRey D. João o II. Antonio Ferrão caſado com huma filha baſtarda de Nuno da Cunha, Agoſtinho Nunes, filho de Leonardo Nunes, Fyſico mór de ElRey D. João, Bartholomeu Chanoca, Secretario do Eſtado, Vicente Carvalho, Franciſco da Cunha, Luiz de Aguiar, Pollinario de Valdarrama, Eſtribeiro do Viſo-Rey, que levava os ſeus cavallos, Manoel da Silveira, André de Villalobos, Antonio Nunes de Cananor, Chriſtovão de Faria, Pero Semxemos, Duarte Ferreira, Diogo Madeira, Jeronymo de Magalhães, e outros muitos, a quem não achámos os nomes.

E ſeguindo o Viſo-Rey ſua viagem com
toda eſta frota, ſendo tanto ávante
os Ilheos de Onor, lhe deo hum
banda do Sudueſte tão rijo, que
do a toda a Armada virar-lhe
e com muito trabalho foram ferra
de Angediva, onde ſe detiveram
ou ſinco dias, até ceſſar o vento,
náram a ſeu caminho, e em
chegáram a Cochim, onde o Vi
trou pera dar ordem a muitas c
Cidade lhe fez hum muito gra
mento; mas não quiz tomar ca

[illegible]é esteve despachando muitos negocios, e despedio Fernão Gomes Cordovil pera ir á povoação de S. Thomé, e fazer passar aquelles moradores pera Jafanapatão, a quem escreveo cartas muito honradas, em que os persuadia a isso; porque nem ao credito Portuguez, nem a elles lhes convinha ficarem naquella povoação, offerecidos ás afrontas, e injurias, que cada vez que os Canarás quizessem, lhes poderiam fazer. E que o Reyno de Jafanapatão era de muitos, e bons portos, onde poderiam ter por mar seus tratos, e mercadorias; e que a terra era muito fertil, e abastada de tudo; e que elle partiria com todos de feição, que ficassem vivendo nella mais abastados, e com menos sobresaltos; e que estivessem prestes pera [illegible]do lhes elle mandasse embarcações pera [illegible]rem nellas. E ordenou ficar Bastião [illegible]osta do Malavar com a sua galé, e seis navios mais, de que eram Capitães Luiz Freire de Andrade, que foi Capitão de Chaul, naquelle memoravel, e admiravel cerco, que lhe poz o Nizamoxá, sendo Viso-Rey da India D. Luiz de Taíde; Gomes Eannes de Freitas, Gonçalo Lopes de Carvalho, Luiz Tavares de Carvalho, Domingos de Coimbra, e Diogo Lourenço.

Dada ordem a todas as cousas, se sahio o Viso-Rey pera fóra, e em sua companhia

o Bispo de Cochim D. Jorge Themudo
huma galeota, que o quiz acompanhar naquella jornada, por ser da sua jurdição aquella Ilha, e sinco, ou seis navios mais, que se armáram naquella Cidade. Com toda esta Armada passou o Cabo Comorim, e foi até os baixos de Chilao; e pelos não poderem passar as galés, as despedio pera Cochim, entregues a Vicente Correa, Patrão mór da India, e o Viso-Rey se passou á galeota de Inofre do Soveral, e os Capitães das outras galés a outros navios de remo, e só Ayres Falcão foi passando na sua galeota; e indo todos no meio dos baixos, só elle encalhou nelles á véla; e dando-lhe hum mar por poppa mui grande, que vinha encapellando, a tornou a alevantar, e com aquella furia os passou da outra
sem perigar, e dalli foi com toda
da surgir sobre Jafanapatão.

CA-

CAPITULO II.

Do conselho que o Viso-Rey D. Constantino teve sobre o modo da desembarcação: e de como sahio em terra, e ganhou a Cidade: e das cousas, que na entrada della passáram.

SUrto o Viso-Rey sobre a Cidade de Jafanapatão, se deteve dous dias em tomar conselho no modo que se teria na desembarcação, sobre o que houve antre os Capitães differentes pareceres, e todos votáram conforme as informações, que tinham tomado de homens que sabiam a terra « que affir- » mavam não ter a Cidade mais que duas » partes por onde se podia desembarcar. [illegible] primeira, e mais commua, que se cha- [illegible] caes dos Elefantes, que fica na en- [illegible] a Cidade, assim como está o caes » da pedra em Lisboa, ou o caes da Al- » fandega em Goa, que aquelle Rey tinha » mui fortificada com tranqueiras, e artilhe- » ria. A outra era dalli a meia legua affas- » tada da Cidade, que ainda que fosse de » mór trabalho, que seria de menos risco, » porque não se receava della aquelle Rey. » Por esta parte votáram os mais do conselho, que se havia de desembarcar.

Assentado em ser por esta parte, deo o

Viso-Rey ordem á desembarcação, e f[illegible] alardo de toda a gente, e não achou mai[illegible] que mil e duzentos homens, recebendo soldo em Goa mais de quatro mil, (por ser costume, quando os Viso-Reys se embarcavam, pagarem geralmente a todos até os Officiaes Portuguezes, e casados, e embarcarem-se os que quizessem; porque com esta largueza, e liberalidade se engrandeceo, e sustentou sempre este Estado.) De toda esta gente fez o Viso-Rey D. Constantino sinco bandeiras de duzentos homens cada huma, de que fez Capitães Luiz de Mello da Silva, a que tinha dado a dianteira daquella jornada, D. Antonio de Noronha o Catarraz, Martim Affonso de Miranda, Gonçalo Falcão, e Fernão de Sousa de Castello-branco, e o Viso-Rey ficou pera ir na reta-g[illegible] com a bandeira de Christo, com to[illegible] Fidalgos aventureiros, e gente [illegible]dinaria, que fazia hum muito arrezoado corpo.

Posto tudo em ordem, mandou o Viso-Rey armar hum Altar em huma Ilheta, que alli estava, em que se disse huma mui devota Missa a nossa Senhora, em que elle, e a mór parte dos Fidalgos, e gente da Armada commungáram com muita devoção, e o Bispo de Cochim os absolveo geralmente, e concedeo os grandes, e plenarios jubi-

bileos, que os Summos Pontifices passáram á instancia de ElRey D. Manoel pera todos os que na India fossem mortos na guerra, pelejando pela Fé de Christo. Acabado este santo, e divino acto, jantáram, e das duas horas por diante commettêram a desembarcação; e ao pôr dos pés em terra, lhes veio o Principe herdeiro do Reyno dar vista com dous mil homens, e elle se conheceo diante com hum escudo todo branco, fazendo suas algazaras, e roncas, como homens, que se punhão em som de defender a desembarcação. Mas em os navios pondo as proas em terra, os varejáram com os falcões de feição, que largáram o campo, e se foram recolhendo pera os matos, sem apparecer mais hum só, e os nossos tiveram tempo de se pôrem em terra muito á sua vontade; e o primeiro Capitão, que saltou nella, foi Gonçalo Falcão, por huma desconfiança com que ficou de certas palavras, que no conselho teve com o Viso-Rey sobre a desembarcação.

Postos todos os nossos em terra, ordenáram suas bandeiras, e diante de todas se alevantou no ar a de Christo crucificado, que hum Padre de S. Domingos levava em huma comprida hastea, pera que fosse vista de todos os que á sombra della haviam de pelejar, e alli foi adorado de todos, e acclamado com geraes vozes. Logo começou

Luiz

Luiz de Mello da Silva, que tinha a dianteira, a marchar pera a Cidade, guiado da gente que sabia o caminho, e logo apôs elle D. Antonio de Noronha o Catarraz, que se foi desviando, e atravessando huns matos; de maneira, que quando tornou a sahir ao campo, se achou diante de Luiz de Mello da Silva; e parando, lhe mandou dizer « que » passasse ávante, porque elle se hia deten- » do pera o acompanhar: » e assim foram até haver vista da Cidade, que tinha pera aquella parte huma formosa rua, e no meio della estavam duas peças de artilheria grossas, cubertas com folhas de palmeira pera os nossos as não verem.

E commettendo Luiz de Mello da Silva a rua, lhe disse D. Fernando de Menezes o Narigão (que hia diante) « que visse como » hia, porque aquillo que apparecia, era ar- » tilheria. » E ainda não tinha acabado de o dizer, quando se desparou huma das peças: e quiz nosso Senhor que sobrelevasse, porque lhe puzeram o ponto alto, e foi passando por sima, sem fazer damno. Vendo Luiz de Mello da Silva aquillo, mandou dizer a todos que se encostassem ás casas de huma, e outra banda, que todas tinham grandes alpendres lançados pera fóra, e debaixo delles se foram acolhendo, o que não pode ser tão apressado, que não viesse pela

rua

rua abaixo o outro pelouro com grande eſ-
trondo, e terremoto; e como vinha mais
raſteiro, tomou o Alferes da bandeira de
Luiz de Mello da Silva (que era hum João
Sardinha) pelas pernas, e lhas quebrou,
cahindo logo alli morto, e de paſſagem
levou outras duas peſſoas, em que entrava
hum Caſtelhano; e parece que alguma pe-
quena de ferrugem alcançou a Luiz de
[illegible]ello da Silva pela maçã do roſto, que
[illegible]z huma pequena ferida, de que lhe
[illegible] muito ſangue pelas formoſas, e com-
[illegible]s barbas, que o fazia mais formoſo,
gentil-homem. Ao meſmo tempo que o
Alferes cahio com a bandeira, acudio João
Peſſoa, filho de Antonio Peſſoa, que hia alli
perto, e alevantou logo a bandeira no ar,
e começou a marchar pela rua adiante, até
a pôr ſobre as peças da artilheria; e toda-
via primeiro veio o outro pelouro, que le-
vou quatro, ou ſinco homens da companhia
de Ayres de Saldanha, que hia neſta de Luiz
de Mello da Silva.

Ganhada a artilheria, mandou Luiz de
Mello da Silva recado ao Viſo-Rey, e elle
paſſou adiante, rompendo por nuvens de
fréchas, e pelouros, de que alguns ficáram
eſcalavrados. A D. Filippe de Menezes deo
hum pelouro no nó da garganta; e foi tão
venturoſo, que reſvelou, ſem lhe fazer mais
da-

damno, que deixar-lhe na cabeça do nó huma nodoa muito vermelha, e formosa.

O Principe de Jafanapatão acudio áquella rua por onde os nossos hiam, e teve com elles huma briga, que durou pouco, porque ás lançadas o foram levando até o cabo da rua, e se metteo por outra, que vinha sahir áquella, por onde tomou Gonçalo Falcão com a sua bandeira, e deo com a gente do Principe, com quem teve huma arrezo batalha, e com muito risco; porque ma dos telhados, e dos quintaes das fréchavam os nossos á sua vontade.

O Viso-Rey vinha já entrando a rua grande em sima de hum formoso cavallo á estardiota, armado de boas armas, com o guião de Christo diante, e cercado de muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e chegando-lhe novas que Gonçalo Falcão estava em aperto, disse áquelles Fidalgos, e Capitães que o soccorressem, e foi a tempo que chegava a elle D. Antonio de Noronha o Catarraz com sua bandeira; e ouvindo, lhe disse: Eu, Senhor, basto pera isso; e virando, foi pela rua adiante, até chegar á parte, onde Gonçalo Falcão estava apertado, e com sua chegada se largou logo a rua, onde estava huma peça de artilheria, que os nossos viráram pela rua abaixo, que hia pera o caes dos Elefantes, onde estava ElRey com todo o poder;

e dando-lhe fogo, foi fazer antre elles grande destruição.

ElRey vendo as cousas tão mal paradas, e que a Cidade estava entrada dos nossos, se foi recolhendo com todo o poder pera os seus Paços (que era huma fortaleza arrezoada) com tenção de se defender nella. Luiz de Mello da Silva foi entrando por huma rua muito larga, que hia ter ao terreiro dos Paços, e no cabo della se deteve, ...dou recado ao Viso-Rey pera saber ... queria que fizesse, e elle se abalou ... a cavallo, até chegar a Luiz de Mello da Silva, a quem disse palavras muito honradas. E por ser já isto sobre a tarde, assentou com os Capitães, que passassem alli aquella noite, e que ao outro dia commetteriam as casas de ElRey, onde já sabia que estava fortificado. E logo ordenou o modo que se teria na guarda da rua, e da noite, e repartio as ruas, que hiam sahir ao terreiro, pelos Capitães das bandeiras, pera nas bocas dellas se fortificarem, como começáram a fazer, derribando pera isso algumas casas; e todas as mais, que havia por aquellas ruas, que eram cubertas de palha, as mandáram descubrir, porque os inimigos lhes não puzessem o fogo pelos não embaraçar. O Viso-Rey ficou na boca da rua grande sobre hum baileo, onde lhe lançáram

ram huma alcatifa com algumas almofadas em que paſſou toda a noite armado, e dalli deſpedio hum Capitão á Armada pera lhe trazerem mantimentos, e munições; o que ſe fez com muita preſſa, ſem acharem quem lho eſtorvaſſe. Alli paſſáram os noſſos toda a noite com grande vigia, e com as armas ſempre nas mãos, e o Viſo-Rey lançou algumas eſpias fóra pera ſaber o que ElRey fazia, e ſe bullia comſigo.

O Principe não ſe quiz recolher c... pai na fortaleza, antes ficou de fór... toda ſua gente; e tanto que vio os ... fortificados nas bocas das ruas, determin... logo de lhes dar pelas coſtas no quarto dante alva, pera o que lançou tambem algumas eſpias, pera verem o modo de como os noſſos eſtavam. E deſtas, huma dellas foi pera huma rua, onde D. Antonio de Noronha eſtava com ſua companhia, e de longo das paredes muito encubertamente ſe foi chegando pera as eſtancias; e quiz Deos que andaſſe vigiando na meſma rua, paſſeando affaſtado da gente, hum ſoldado, que ſe chamava Franciſco da Coſta, (que ainda hoje vive, caſado neſta Cidade de Goa, rico, e honrado,) e acertou de enxergar huma peſſoa; e indo-ſe chegando pera ella, a eſpia que o vio, pera mór diſſimulação, ſe poz em cócaras, como que fazia ſuas neceſſidades,

pe-

pera que cuidaſſe na ſegurança com que eſtava, que era moço da companhia. E chegando Franciſco da Coſta a elle, lhe perguntou quem era, e ainda lhe lançou a mão a hum braço; ao que o negro quiz eſcapulir, mas não pode, porque o Franciſco da Coſta ſe liou logo com elle, e nos braços o levou a D. Antonio de Noronha, e lhe deo conta do eſtado em que o achára; e elle lhe diſſe, que o levaſſe ao Viſo-Rey, que o tomára, pera que elle lho agradeceſſe, e aſſim o fez. O Viſo-Rey o mandou [illegible]rar, e pôr a tratos, e no primeiro confeſſou « que o Principe mandára por elle » eſpiar o modo de como eſtava, porque » determinava de dar nelle no quarto dante » alva, que tinha lançadas outras oito, ou » dez eſpias, e que ElRey eſtava forte nos » ſeus Paços, e que o Principe eſtava com » dous, ou tres mil homens eſperando reca» do das eſpias pera dar nos noſſos. »

O Viſo-Rey depois de ſer informado do que quiz, mandou aviſar todos os Capitães, pera que eſtiveſſem preſtes, e não houveſſe deſcuido. Com o que todos ſe puzeram em pé, e com as armas nas mãos, aguardando a hora, e aſſim eſtiveram até amanhecer ſem haver rebate algum; porque parece que ao recolher das eſpias, que o Principe tinha lançado fóra, faltou eſta; e

ima-

imaginando que poderia ser tomada, e que os nossos estariam sobre aviso, desistio da sua determinação, e foi-se pera ElRey, que com as novas, que lhe elle deo, assentou de não esperar alli o Viso-Rey. E mandando tirar dalli com muita pressa as cousas de mór importancia, tanto que o quarto dalva entrou, deo fogo aos Paços, e se foi recolhendo pera huma fortaleza, que estava dalli legua e meia, toda de adobes, com s[illegible] baluartes, e cubellos, mui bem feita, [illegible] zoadamente forte.

O Viso-Rey vendo aquelle fogo, [illegible] lhe pareceo o que podia ser, e não qu[illegible] que se bullisse em cousa alguma até amanhecer de todo, que vio o incendio dos Paços, e logo teve aviso de tudo o que era passado; e ordenando suas bandeiras na fórma em que até alli foram, foi entrando a Cidade, que era grande, e a acháram despejada, porque seus moradores se recolhêram ás aldeas vizinhas, e assim ficáram os nossos senhores della, e do caes dos Elefantes, onde estava a mór parte da sua artilheria, e de algumas cousas, que os soldados ainda acháram. E de hum seu principal Pagode leváram ao Viso-Rey hum dente encastoado, a que commummente chamavam de bugio, que era havido antre aquelles Gentios todos pela mais religiosa cousa de to-

das

das as de ſua adoração; do que o Viſo-Rey foi logo aviſado, e lhe affirmáram que era o mór theſouro que podia haver, porque lhe haviam de dar por elle grande ſomma de ouro.

Haviam aquelles Gentios que aquelle dente era do ſeu Budão, (que he aquelle ſeu grande Santo, de que já démos conta nas outras Decadas, quando fallámos na pégada pico de Adão, e na povoação da Cida- Pegú.) Eſte Budão tem elles em ſua , que depois que ſe foi de Ceilão an- pelas partes de Pegú, e por todos aquelles Reynos, convertendo Gentios, e fazendo milagres; e que quando quiz morrer, arrancou da boca aquelle dente, e o mandou a Ceilão por mui grande reliquia ſua. E aſſim era havida por tão grande antre elles, e antre toda a gentilidade dos Reynos de Pegú, que não havia couſa, que ſobre todas mais eſtimaſſem; e tanto, que achando-ſe ElRey D. João da Cota em neceſſidade, fingio hum dente falſo, e o engaſtou em ouro, e lhe mandou fazer huma charola muito cuſtoſa em que o metteo, e o mandou muito eſcondido dos Portuguezes a ElRey de Pegú, que o recebeo com as móres feſtas, que ſe podem imaginar, de que adiante com o favor Divino na VIII. Decada daremos mais larga relação; e aquelle Rey lhe

lhe mandou huma formoſa náo carregada de mantimentos, e de outras couſas de preſente com a náo, e tudo o que nella vinha: e aſſim affirmáram ao Viſo-Rey que aquelle Rey lhe daria por aquelle dente hum theſouro grande.

CAPITULO III.

De como o Viſo-Rey D. Conſtantino foi co tra a fortaleza, onde ElRey eſtav a achou deſpejada, e mandou algu pitães em ſeguimento de ElRey: e tremo em que o puzeram, até chegar commetter partidos.

VEndo-ſe o Viſo-Rey D. Conſtantino ſenhor da Cidade, e ſabendo por eſpias que ElRey ſe tinha acolhido a huma fortaleza dalli legua e meia, determinou de ir ſobre elle, e primeiro deo ordem a algumas couſas. E antre ellas foi mandar ás aldeas vizinhas ſeguros reaes, e lançar pregões, pera que os naturaes lhe levaſſem os mantimentos que tiveſſem, que lhos pagaria muito bem; e que os moradores da Cidade ſe vieſſem morar em ſuas caſas, e lhes fariam todos os favores, e dariam todas as liberdades que quizeſſem; com o que começáram a vir, e os Aldeãos a trazer gallinhas, frangãos, manteiga, figos, e outras couſas

mui-

muitas em grande abundancia. E porque faltava arroz, despedio logo huma embarcação com cartas pera João Fernandes Correa, Capitão de Negapatão, em que lhe rogava que o soccorresse com todo o arroz que pudesse: e deo ordem pera se ajuntarem todas as embarcações que havia na terra, e por aquella costa, que foi huma mui grande somma, e as mandou a S. Thomé pera se em-[illegible]carem nellas os moradores daquella po-[illegible]o, a quem de novo escreveo cartas [illegible] honradas, em que lhes pedia, e ro-[illegible] se passassem pera aquelle Reyno, on-[illegible]e viveriam fartos, ricos, e sem sobresaltos, como lá tinham cada dia; e que com todos partiria as terras, e aldeas, que eram muito prosperas, e abundantes as que lhes queria entregar.

Despachadas estas cousas, e outras, tratou o Viso-Rey de ir em pessoa contra aquelle Rey, e de o acabar de destruir de todo pera mais segurança daquellas terras; porque era tão máo, e cruel, que á porta dos seus Paços acháram os nossos hum cepo mui façanhoso, em que mandava cada dia degollar muitos dos seus vassallos: e pera o fazer não eram necessarios muitos processos, nem provas de crimes, porque bastava pera isso hum muito pequeno mexerico, e ainda huma suspeita, imaginação, ou sonho. Depois de ter pres-

preſtes todas as couſas, que lhe eram neceſ-
ſarias pera a jornada, deixou alguns Capi-
tães de navios em guarda da Cidade, e do
Biſpo de Cochim, que alli ficou com o Cuſ-
todio de S. Franciſco, e alguns Religioſos
de ſua Ordem, que com aquelle zelo, que
ſempre tiveram pera as couſas de noſſa Re-
ligião, e augmento de noſſa Santa Fé Ca-
tholica, começáram a converter alguns na-
turaes, e bautizar com grande amor, e c
ridade. O Viſo-Rey foi marchando p
fortaleza na meſma ordem com que
na Cidade, levando Luiz de Mello da
a dianteira, e no meio toda a bagagem,
artilheria, com que ſe havia de bater a for-
taleza; e chegando á viſta della, lhe ſahí-
ram as eſpias, que tinha lançado diante, que
lhe diſſeram, que áquella hora ſe partíra El-
Rey dalli, porque não ouſava ao eſperar, e
que a fortaleza eſtava deſpejada.

Com eſte alvoroço entrou o Viſo-Rey
D. Conſtantino na fortaleza com grandes feſ-
tas, e ſalvas de arcabuzaria, e mandou ar-
vorar a bandeira das armas de Portugal
ſobre as ameias, tomando pacificamente poſ-
ſe della, como já o Duque D. Gemes ſeu
pai fizera á famoſa Cidade de Azamor em
Africa. Aquelle dia ſe apoſentou na fortale-
za; e ao outro ordenou por conſelho geral
que ſe ſeguiſſe ElRey, pois hia desbaratado,

até

até o haverem ás mãos, e que fossem a isso quatro Capitães, Luiz de Mello da Silva, Martim Affonso de Miranda, Gonçalo Falcão, e Fernão de Sousa de Castello-branco. E porque sobre o mando, e governo começou antre elles haver duvidas, e differenças, lhes entregou o Viso-Rey tres dados, e lhes mandou, que cada dia lançassem sortes; e áo que lhe cahisse maior, esse governasse esse dia, com o que se aquietáram, levando aquelle primeiro Luiz de Mello da Silva a dianteira, e o governo sem sorte, por assim o consentirem todos.

Assim foram caminhando, guiados de algumas espias, que os foram desviando do caminho, que ElRey levava, de pura malicia; e de volta em volta lhes fizeram gastar tres dias, até chegarem a hum rio, que divide as terras de Jafanapatão das do Reyno de Trinquinimalle, que seria caminho de oito leguas da fortaleza. Alli acháram novas ser ElRey passado á outra banda, o que elles tambem fizeram logo, e da outra parte acháram perto de quarenta homens descabeçados, que pareciam Chingallás mortos daquelle dia, porque parece que hia ElRey perto, e não se soube o que aquillo seria; mas como era cruel, e máo, presumio-se que tomaria delles alguma suspeita, e por isso mandaria fazer nelles aquella carniçaria.

E da outra banda do rio deram em hum caminho largo, por onde marcháram até darem em outros estreitos, que acháram entupidos com grandes arvores, que os inimigos foram cortando de huma, e outra parte pera entreterem os nossos, e por elles passáram com grande trabalho. E tanto que anoitecia, assentavam o seu arraial na parte que lhes melhor parecia, onde passavam toda a noite com grandes vigias. Desta maneira caminháram sinco dias, achando por todo aquelle caminho muitas aldeas, onde compravam vacas, leite, gallinhas, e outras cousas.

No cabo destes dias a horas de jantar houveram vista do arraial de ElRey, que estava no cabo de humas varzeas, com as costas em hum grande, e espesso mato; e tão de supito o tomáram, que não teve mais tempo que de se pôr em hum Elefante, e caminhar, e após elle todos os seus, deixando no lugar onde estavam as panellas com o comer ao fogo. Os nossos Capitães, que hiam com aquelle desejo de se encontrarem com elle, tanto que víram o arraial, cuidando que ElRey os esperasse, o foram demandar postos em ordem de batalha; e chegando áquelle lugar, acháram tudo o que elles tinham pera jantar, e o arroz ainda quente, que os nossos estimáram muito.

E

E porque era o Sol grande, repousáram alli, e descançáram do trabalho do caminho; e tomando conselho sobre o que fariam, assentáram, que se fortificassem muito bem alli, e se deixassem ficar, e mandassem recado ao Viso-Rey de tudo o que passava, e que o que elle determinasse, se faria, porque alli ficavam seguros, e pelas aldeas que estavam perto havia vacas, e outras cousas, de que se poderiam sustentar até o Viso-Rey os prover. E assim o fizeram, despedindo logo o recado apressado; que tanto que o Viso-Rey o teve, logo mandou por todos os marinheiros da Armada muito arroz, munições, e outras cousas, e lhes escreveo que se deixassem alli estar até seu recado, e elles assim o fizeram.

Vendo-se aquelle Rey com o Reyno perdido, e elle perseguido dos nossos, até o lançarem fóra das suas terras, houve por melhor conselho mandar pedir pazes ao Viso-Rey, e conceder-lhe o que pedisse, antes que perder tudo, e assim despedio seus Embaixadores logo, que o Viso-Rey ouvio; e vindos a concertos, assentáram-se as pazes com as condições, e apontamentos seguintes.

« Que elle Rey ficasse no seu Reyno co-
» mo dantes, e jurasse a seu modo vassalla-
» gem a ElRey de Portugal, com certas
» pareas, de que não achámos lembrança,

» e que lhe entregaria logo todo o thesou» ro que tomou a Tribulli Pandar, e sua » nora mulher de ElRey da Cota; e que » em refens de cumprir isto, entregaria o » Principe herdeiro.» Assentados, e assinados os concertos, entregou logo o Principe, que o Viso-Rey mandou pera a Armada a bom recado. Em quanto isto se tratou, que foram mais de quinze dias, passáram os nossos Capitães, que foram no alcance de ElRey, tamanhas fomes, e necessidades, por se lhes ter gastado o arroz que lhes mandáram, e despovoado as aldeas com medo, que foi necessario aos Capitães espalharem os soldados em magotes pera irem pelas aldeas buscar algumas cousas pera comerem; e assim da fome, como do trabalho adoecêram a mór parte delles, e não escapáram a estes trabalhos os que ficáram na Cidade, nem os da companhia do Viso-Rey, que nisso proveo o melhor que pode, e mandou recolher todos os enfermos na fortaleza, onde morrêram muitos, e os mais convalecêram muito devagar, por lhes faltarem os remedios.

Entregue o Viso-Rey do Principe, se passou pera o rio no cabo das terras, e mandou recolher os Capitães, que estavam da outra parte, e elle se deteve alli mais de quinze dias, em que lhe foram fazendo a en-

entrega das cousas, que por contrato de pazes promettêra aquelle Rey, que poderiam montar perto de oitenta mil cruzados; e assim entregou algumas olas, em que estavam postas lembranças das partes, em que na Costa tinha enterrados os thesouros de Tribulli Pandar. Neste tempo foi ter com o Viso-Rey João Fernandes Correa, Capitão de Negapatão, que depois que lá teve as cartas do Viso-Rey, lhe mandou logo muitas embarcações carregadas de arroz, de que a Armada se proveo, e após isto partio elle em alguns navios pera se achar naquella jornada, que o Viso-Rey recebeo bem, e lhe fez honras, e mercês.

Quasi no mesmo tempo chegáram tres moradores da povoação de S. Thomé dos mais honrados, e antigos com a resposta das cartas, que lhes o Viso-Rey escreveo sobre a mudança pera o Reyno de Jafanapatão, por quem lhe mandavam todos grandes desculpas de não fazerem o que lhes mandava pedir; porque quando tratáram ultimamente de se embarcarem, foi muito duro a todos de deixar suas casas, hortas, chãos, e quintas, que foram de seus antepassados, e que elles tinham grangeado de tantos annos a esta parte: « E que tambem não era justo » se despovoasse aquella terra, onde estava » o corpo do Bemaventurado Apostolo S. » Tho-

» Thomé, que cada dia resplandecia com
» milagres novos, com o que elles viviam
» contentes, e consolados, pedindo-lhe dis-
» so grandes perdões. » E como o Viso-Rey
estava já avisado de tudo por cartas de Fer-
não Gomes Cordovil, não quiz ver, nem
fallar a estes homens, e no cabo de muitos
dias os despachou mal.

CAPITULO IV.

Do alevantamento que houve contra os nossos em Jafanapatão: e do cerco que puzeram á fortaleza: e de como o Viso-Rey escapou da conjuração, e se recolheo por mar á Armada: e do soccorro que mandou á fortaleza, de que foi por Capitão mór D. Antonio de Noronha: e do que lhe aconteceo na jornada.

ESTando as cousas neste estado, esperando o Viso-Rey que aquelle Rey lhe acabasse de fazer entrega dos thesouros do Tribulli Pandar, (porque pela informação que tinha, esperava de haver mais de trezentos mil cruzados,) ordenáram os naturaes de todo o Reyno huma conjuração geral contra os nossos: e a causa, nem o author della se soube nunca; mas foi desta maneira. Estando todos bem descuidados, deram de supito em hum mesmo dia, e tempo em todas

as

as partes em que os noſſos eſtavam, e todos os que achàram foram mettidos á eſpada, ſem perdoarem a algum. O Biſpo D. Jorge Themudo, que eſtava na Cidade, milagroſamente eſcapou de ſer tomado ás mãos, e com grande trabalho, e riſco de ſua peſſoa ſe recolhéo aos navios, ficando todavia alli alguns dos noſſos mortos, e nas aldeas vizinhas todos os que por lá achàram, (ſendo a mór parte Chriſtãos da terra moços de Portuguezes, e compradores.) Os que foram dar na fortaleza, e nas aldeas, que por alli havia, achàram o Cuſtodio de S. Franciſco com alguns Religioſos companheiros, que andavam fazendo Chriſtãos, e todos foram mettidos á eſpada, padecendo glorioſo martyrio pela Fé de Chriſto noſſo Senhor; porque tão ſoffrego andava o Biſpo neſta converſão, que não conſentia tocarem-lhe nos catecúmenos; e ſe alguem lhes fazia algum nojo, ou aggravo, pelejava, e agaſtava-ſe muito, dizendo que lhe não tocaſſem em ſeus Anginhos; o que lhe elles pagáram tão mal, que trabalháram muito pelo haverem ás mãos.

Depois que eſtes conjurados deram em todas as partes, e fizeram os damnos que temos dito, ajuntáram-ſe todos, e foram pôr cerco á fortaleza, onde já eſtava Fernão de Souſa de Caſtello-branco, que o Viſo-Rey D. Conſtantino tinha mandado por Capi-

pitão della, que tambem foi doente, e lhe começáram a dar muitos assaltos. Os que ficáram pera dar no lugar, onde estava o Viso-Rey D. Constantino, tiveram tal ardil, que lhe lançáram alguns negros, poucos dias antes que se tinham feito domesticos, no seu arraial; e como sabiam que era o Viso-Rey D. Constantino affeiçoado á caça, por ter alguns dias ido a ella ahi á roda, o dia da conjuração geral lhe fizeram crer que alli em hum mato perto estavam alguns veados, pelo levarem pera aquella parte, onde lhe havia de arrebentar a cillada; e como o Viso-Rey era muito curioso disto, foi-se com poucos a buscar os veados, onde andou a mór parte do dia, e se recolheo sobre a tarde, sem lhe acontecer desastre algum; e depois que souberam da conjuração geral, se entendeo que escapára o Viso-Rey naquella ida que fez fóra, ou por não o ousarem accommetter de medo, ou pelas espias errarem o dia. Mas o mais certo he, que Deos nosso Senhor os cegou, e livrou o Viso-Rey; porque se deram nelle, tudo se perdêra, e nenhum dos nossos escapára, de quantos estavam naquelle Reyno, como tambem não escapáram os tres moradores de S. Thomé, que atrás dissemos, que o Viso-Rey D. Constantino despachou mal, e aquelle mesmo dia se apartáram delle, e

no

no caminho foram mortos com toda ſua familia.

De tudo iſto eſtava o Viſo-Rey bem deſcuidado, quando ao outro dia pela manhã ſoube a verdade, e certeza da deſaventura ſuccedida; e receando-ſe de outras traições, deſpedio os Capitães das bandeiras pera ſe irem de longo do rio, caminho deſviado do ordinario, e elle ſe embarcou em algumas manchuas, que alli ſempre tinha pera o ſerviço, por lhe ficar dalli a ſerventia da Armada mais perto, porque naquella parte ſe hia encolhendo a terra pera dentro, e fazia huma enſeada, com o que lhe ficava o mar em menos diſtancia que por terra.

E depois de chegar á Cidade, que ſoube o que era paſſado, e como a fortaleza eſtava cercada, e em muito aperto, deſpedio logo D. Antonio de Noronha o Catarraz com quatrocentos homens repartidos em bandeiras, de que eram Capitães João Fernandes Correa, Capitão de Negapatão, e André de Villalobos pera irem ſoccorrer a fortaleza, dando-lhes por regimento « que re» colheſſem tudo o que nella havia, e a deſ» pejaſſem, porque ſe aſſentou em conſelho, » que já que os moradores de S. Thomé » não queriam vir povoar aquella Cidade, » que não havia pera que ſe penhoraſſem em » couſa, que depois déſſe trabalho ao Eſtado.»

E

E pera recolher tudo o que na fortaleza eſtava, levava D. Antonio de Noronha todos os marinheiros, ſervidores, e eſcravos da Armada, (porque havia na fortaleza mais de duzentos doentes, que ſe não podiam recolher por ſeus pés.) E em quanto D. Antonio de Noronha caminha, daremos conta das couſas, que ſuccedêram na fortaleza neſte tempo.

Cercada ella por todos os alevantados, determinâram de a tomar á eſcala viſta, porque bem entendêram que o Viſo-Rey a havia de mandar ſoccorrer; e primeiro que o fizeſſe, quizeram averiguar eſte negocio, pera o que ordenáram eſcadas mui compridas de arequeiras; e em quanto as faziam, chegáram alguns de noite á falla com os noſſos, e lhes diſſeram « que o Viſo-Rey era » morto com todos os que com elle eſta» vam, que por iſſo não eſperaſſem ſoccor» ro, e que ſe entregaſſem, que lhes dariam » as vidas, ſenão que ſoubeſſem que a todos » haviam de eſpedaçar.» De ſima lhes reſpondêram « que mentiam pera perros, cães, » que elles tinham já novas do Viſo-Rey, » (o que não era, nem ſabiam o que lá hia,) » e que elles eram os que haviam de pagar » aquelle atrevimento muito cedo. » E porque eſtes, que falláram com os noſſos, eram os que eſtavam na obra das eſcadas, que ſe fa-

faziam hum pouco desviado donde o arraial estava, ordenou Fernão de Sousa huma noite sessenta homens encamizados pera se conhecerem huns aos outros, que no quarto dalva sahíram em muito silencio; e dando de supito nelles, os cortáram á sua vontade, com tanta presteza, que primeiro elles sentíram a morte que os nossos, e lhes tomáram as escadas, com que se recolhêram a seu salvo.

D. Antonio de Noronha, que os hia soccorrer, foi caminhando, levando a dianteira João Fernandes Correa, e por todo o caminho foram pelejando com os inimigos, que lhe sahíram de emboscadas; e levou tal ordem, que não deixou desviar soldado algum, até haver vista da fortaleza, (que foi ao outro dia que elles amanhecêram com a vitoria das escadas.) Os inimigos vendo o soccorro, se affastáram. Aquelle dia, e noite passou D. Antonio de Noronha em dar ordem ao despejo da fortaleza nas cousas que se haviam de levar, que eram muitas, pera conforme os servidores que havia as haver de repartir.

Ao outro dia pela manhã entregou os doentes aos marinheiros que pera isso escolheo, e tirou fóra toda a artilheria que havia, tirando sómente huma peça de ferro grande, que não foi possivel levar-se, que man-

mandou encher de polvora até boca, a que se deo fogo; e porque não arrebentou, a mandou lançar em hum poço fundo, por se não servirem della os inimigos. E antre as cousas, que D. Antonio de Noronha achou na fortaleza, foi hum estrado imperial, que servia áquelles Reys nas suas mais solemnes festas, que era de muitos degráos, e todos lavrados, e marchetados de marfim, e de tão custosa, e curiosa obra, que o tinha o Viso-Rey mandado guardar a muito bom recado pera o trazer a ElRey D. Sebastião pera o dia que tomasse o Sceptro; por ser assento imperial, e de muita magestade, e como tal o encommendou muito a D. Antonio de Noronha, que trabalhou tudo o que pode pelo trazer inteiro; mas não foi possivel, por ser huma máquina muito grande. E por trazer alguma cousa della pera final de sua grandeza, mandou tirar o alto de sima, (que era o mais custoso,) e o entregou a pessoas de confiança que o trouxeram.

Repartidas estas cousas pelos servidores, começou D. Antonio de Noronha a marchar nesta ordem: Fernão de Sousa de Castello-branco na vanguarda com sua bandeira, e D. Antonio de Noronha na reta-guarda, e no meio toda a bagagem, e doentes, e mais atrás João Fernandes Correa, Capitão de Ne-

Negapatão, que foi com elle Ayres Falcão, e de fóra o Ouvidor geral Henrique Jaques com huma copia de escravos pera ajudarem aos que cansassem. Assim foram caminhando, e os inimigos detrás ladrando, desparando muitas bombas de fogo, e espingardadas, e grandes almazens de fréchas, não deixando os nossos o seu compasso, posto que alguns soldados trabalhâram por pegar com elles.

E atravessando huma formosa varzea, por onde sempre os inimigos os foram perseguindo, no cabo della, onde se faziam huns vallos, se deixâram da outra banda ficar trinta, ou quarenta soldados amparados com elles: e como os inimigos víram passar as bandeiras adiante na ordem que levavam, não se temendo dos vallos, foram apôs elles; e chegando aos vallos, começando-os a passar, deram os emboscados nelles tão de supito, que sem se poderem revolver, matáram mais de sincoenta; e acudindo Ayres Falcão, que hia detrás como manquejando, por ver ficar os nossos, deo nelles, e os acabou de pôr em desbarato, e dalli por diante não apparecêram mais. O Viso-Rey recebeo muito bem D. Antonio de Noronha, e a todos os mais, e logo tratou de se embarcar, mandando lançar ao Principe de Jafanapatão, que estava em refens, huns for

mo-

mosos grilhões forrados de veludo carmesim, pera o ter mais seguro, e o deo em custodia a hum Capitão de hum navio.

CAPITULO V.

Da Armada que este anno de sessenta partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge de Sousa: e do primeiro Arcebispo, e Inquisidores que passáram á India: e do que aconteceo ás náos desta Armada na viagem: e de como o Viso-Rey D. Constantino fez huma fortaleza na Ilha de Manar, e se foi pera Cochim.

EStando o Viso-Rey ultimamente pera se embarcar, por não ter já alli que fazer, por a terra estar alterada, víram da terra vir duas náos muito formosas com todas as vélas dadas, huma diante da outra, e logo as víram amainar de romania, e surgirem, sem saberem que náos eram. E primeiro que tratemos destas náos, (que eram do Reyno,) daremos conta da Armada, que este anno de sessenta ElRey mandou á India, e das cousas em que mandou prover. Pelo que se ha de saber, que sendo tempo de ElRey entrar em despacho das cousas da India, na entrada deste anno de sessenta em que andamos, deixou todas as mais por entender nellas, e mandou dar muita pressa ás

náos,

háos, que havia de mandar, que eram seis, de que deo a Capitanía mór a D. Jorge de Sousa, e despachou o Arcebispo, o Mestre D. Gaspar pera ir nellas, porque já o anno atrás passado deixára de se embarcar por falta de tempo, e assim a dous Inquisidores Apostolicos, que tinha ordenado irem á India; porque por cartas que tivera destas partes fora avisado, que havia nellas muitos Christãos novos, que judaizavam, e tinham synagogas separadas, de quem lhe mandáram o anno atrás passado alguns dos principaes, com os autos de suas culpas, por não haver quem nella os sentenciasse; e com isso havia outras muitas cousas contra a honra de Deos, e bons costumes Christãos, a que era necessario acudir-se com diligencia, porque não fossem por diante, pera o que houve logo rescrito do Summo Pontifice pera mandar a santa Inquisição a estas partes; e elegeo pera primeiros Inquisidores Apostolicos dous Letrados leigos, Canonistas, chamados, hum Aleixo Dias Falcão, outro Francisco Marques Botelho, e assim podemos contar este anno antre os notaveis, por nelle passarem a estas partes o primeiro Arcebispo, e Inquisidores, mandados por hum Rey tão Catholico, e tão zeloso da honra de Deos nosso Senhor, e em tempo de hum Viso-Rey tão bom Christão, e tão temente a Deos.

Des-

Defpachadas eftas coufas, e preftes as náos, por lhes faltar o tempo pera fahirem pera fóra, o fizeram já em quinze de Abril, e as náos eram eftas. A náo Caftello, em que hia embarcado D. Jorge de Soufa Capitão mór. A náo S. Vicente, de que era Capitão Vafco Lourenço de Barbuda, onde fe embarcáram o Arcebifpo, e Inquifidores, e alguns Fidalgos, em que entráram D. Francifco Deça, defpachado com a Capitanía de Malaca, e D. Pedro da Guerra feu irmão. A náo Rainha, de que era Capitão Jorge de Macedo. O galeão Drago, de que era Capitão Lourenço de Carvalho. A náo S. Paulo, que o anno paffado tinha arribado ao Reyno, de que era Capitão Ruy de Mello da Camara; e o galeão Cedro, de que era Capitão Francifco Figueira de Azevedo. Dadas as vélas, foram todos feguindo fua viagem; e por acharem logo contraftes, arribou a náo Cedro ao Reyno, e a náo S. Paulo foi invernar ao Brazil, onde já invernou outra vez, e as mais foram feguindo fua viagem até paffarem o Cabo de Boa Efperança já tão tarde, que lhes foi forçado tomarem a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, por onde tiveram trabalho, e lhes morreo muita gente, e na entrada de Novembro foi a náo Rainha ferrar Cochim. E o galeão S. Vicente tambem paffou mui-

tos

dos trabalhos, e em quinze do mesmo mez foi haver vista da terra de Panane com muita gente morta, e muita falta de agua; e chegando-se á terra, surgíram; e negociando o batel, o mandáram a Cochim com recado, e cartas do Arcebispo pera o Capitão Henrique de Sousa Chichorro, e pera a Cidade, e por ser perto, chegou ao outro dia; e vendo as cartas, e sabendo o trabalho em que estava, negociáram com muita pressa seis navios de remo, mui bem petrechados, pera irem buscar o Arcebispo, e Inquisidores, e a Cidade lhes mandou hum arrezoado presente de refrescos, que elles estimáram muito, e ás toas leváram estes navios a náo a Cochim, onde o Arcebispo, e os mais foram muito bem recebidos daquella Cidade, e o Veador da fazenda Belchior Serrão lhes negociou huma galé das da Armada do Viso-Rey pera o Arcebispo, e Inquisidores se irem pera Goa, onde aquella Cidade lhes fez hum muito solemne recebimento.

As duas náos Castello, e Drago tambem passáram muito trabalho, e já no fim de Novembro foram haver vista da terra do Cabo Comorim pera dentro; e por parecer ao Piloto que estava de Panane pera Cochim, foi governando ao Sul á vista da terra, indo diante o galeão Drago sondando o fundo;

e como já hia quasi sobre os baixos de Manar, deo em sinco braças, pelo que logo deo com muita presteza com as vélas em baixo, e surgio quasi na ponta do baixo; e a náo Castello, que hia atrás, vendo que o Drago dava com as vergas em baixo, fez o mesmo com a mesma pressa, e deo fundo, e milagrosamente escapáram de vararem sobre os baixos. Estas eram as náos que os nossos víram de terra; e o Viso-Rey D. Constantino despedio com muita pressa alguns navios ligeiros, que á toa as tiráram pera fóra; e dando á véla, se foram pera Cochim já em Dezembro, e o Veador da fazenda Belchior Serrão deo logo ordem ao concerto dellas, e á carga que haviam de trazer.

E porque o Capitão mór D. Jorge de Sousa trazia muita fazenda, e o tempo era muito curto, assentou de ficar na India com a sua náo, e se foi nella pera Goa, depois do Viso-Rey chegar a Cochim; que depois que não teve que fazer em Jafanapatão, se passou á Ilha de Manar, que era pegada áquella costa, onde desembarcou, e notou o sitio della; e assentou com os Fidalgos do conselho fazer nella huma fortaleza, e passar pera ella o Capitão da costa da Pescaria com todos os moradores de Punicale. E logo mandou pôr mão á obra, e mandou re-

ca-

tado a Manoel Rodrigues Coutinho Capitão da Pescaria, que se fosse com todos os moradores de Punicale, por aquelle Naique lhe não fazer outras affrontas, como as que ha pouco contámos, e logo mandou correr com a obra; e recebendo Manoel Rodrigues Coutinho o recado do Viso-Rey D. Constantino, se passou com todos os moradores de Punicale com muito gosto, e alegria pera aquelle lugar.

E depois que o Viso-Rey deo alli regimento pera a nova fortaleza, em que ficáram os Religiosos de S. Francisco, e da Companhia de Jesus, que fundáram suas casas, e tem feito grande fruto na Christandade, deixando tudo mui bem negociado, se partio pera Cochim a escrever pera o Reyno, e despedio Balthazar Guedes de Sousa pera Capitão da fortaleza de Columbo, e Ceilão, onde estava D. Jorge de Menezes Baroche, que mandou vir, e por elle mandou ao Rey da Cota a avó, e parentas, que o Rey de Jafanapatão lhe entregou, e o Principe mandou levar pera Goa, entregue a Pero Lopes Rebello. E depois de prover em tudo como era necessario, deo á véla pera Cochim, aonde chegou em poucos dias; e nelle o deixaremos por hum pouco, porque he necessario continuarmos com as cousas, que neste tempo succedêram em Ceilão, por seguirmos a ordem da historia.

CAPITULO VI.

Das cousas que neste tempo succedêram em Ceilão: e da guerra que D. Jorge Baroche fez ao Madune: e dos recontros que tiveram, e casos que succedêram: e de alguns feitos honrosos, que nelles acontecêram a alguns dos nossos.

NÃo nos deixam as cousas deste anno, que são muitas, continuar por ordem com ellas; e estas, que foram em principio deste verão, as não podemos arrumar em outro lugar senão neste, porque assim nos cahíram melhor. Não deixou o Madune de continuar na guerra contra o Rey da Cota seu irmão, a quem tinha odio entranhavel, e desejava de lhe tomar o Reyno, (como algumas vezes dissemos,) em que os nossos favorecéram sempre o da Cota. E agora Affonso Pereira de Lacerda, Capitão de Columbo, andava de continuo em campo pera defender que o Madune lhe não entrasse em suas terras, tendo com os seus Capitães muitos recontros, em que houve damno de ambas as partes, (de que não fazemos menção, porque foram tão miudos, que será cousa infinita dizerem-se.) Basta que teve sempre o encontro ao inimigo, pera que não chegasse a pôr cerco áquella Cidade da Cota, em que ElRey es-

java com alguns Portuguezes, e tudo á força de assaltos, de dia, e de noite, em que os nossos padecêram muitos trabalhos; porque como os inimigos estavam em suas terras, e tinham todos os provimentos de casa, reformavam-se cada vez que queriam; e se perdiam dez homens, tornavam a refazer em seu lugar cento, o que os nossos não tinham, porque os provimentos lhes vinham da India por monções, e com trabalho; e se matavam, ou feriam alguns, não havia outros pera se pôrem em seu lugar, antes os que ficavam suppriam aquella falta de maneira, que passavam as móres necessidades, e riscos, que se podiam imaginar, levando sempre adiante a guerra, porque se não perdesse tudo. E em hum encontro, que Affonso Pereira de Lacerda teve antes de chegar D. Jorge Baroche, esteve de todo desbaratado, e perdeo alguns soldados, pelo que lhe foi necessario mandar pedir soccorro a Manar, donde lhe acudio Jorge de Mello o Punho, Capitão daquella fortaleza, com alguns soldados, em que entravam João de Abreu o Diabo, e tres irmãos Diogo, André, e Christovão Juzarte, filhos de João Juzarte Tição, e D. Manoel de Castro, Gaspar Pereira o Comprido, que depois foi despachado com a Capitanía de Chaul, que não quiz ir servir; Fernão Peres de Andrade,

de, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que nesta guerra se assinaláram bem, e fizeram cousas dignas de eterna memoria.

Neste estado estavam aquellas cousas, quando em Outubro passado chegou áquella Ilha D. Jorge Baroche, que o Viso-Rey D. Constantino tinha despachado com aquella Capitanía, como atrás fica dito, que levou muitos mantimentos, munições, e provimentos, e perto de duzentos homens, em que tambem entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros, a que não soubemos os nomes. E tomando posse da fortaleza de Columbo, passou-se logo com toda a gente que havia na Cota, aonde estava ElRey, com quem communicou as cousas da guerra. E sabendo que o Madune estava na tranqueira Mapitigão sobre o rio de Calane, foi-se com todo o poder que havia seu, e de ElRey, pór da outra banda, e foi continuando a guerra, dando assaltos aos inimigos, em que lhes fez muito damno, e não sem algum da nossa parte, porque sempre houve escalavrados.

Ficou assim sendo esta guerra tão importuna, arriscada, e trabalhosa, e sobre tudo D. Jorge tão incansavel, e mal soffrido com os soldados, que lhe começáram a fugir poucos e poucos pera a Cota. Era este Fidalgo muito bom cavalleiro, como algumas ve-

vezes temos dito ; mas tão arrebatado , e colerico, que de todos era havido por muito máo de soffrer; e sobre isto era tão vão, que a alguns soldados , que lhe fallavam por Senhoria, gabava muito, e dizia que muito bem parecia a cortezia. Acerca disto se conta huma galanteria de hum soldado, chamado Antonio Nicolaz, bom cavalleiro, que se achou em seu tempo nestas guerras de Ceilão, que estando o Viso-Rey D. Constantino em Cochim, este verão que embora vem da tornada de Jafanapatão , (de que logo adiante daremos razão,) foi este Antonio Nicolaz á sua galé a pedir-lhe alguma mercê, e acertou de ser em tempo que achou com elle D. Jorge Baroche ; e fallando o soldado com o Viso-Rey em alguns negocios, lhe fallou sempre por mercê; e dando a D. Jorge por testemunha de seus serviços, disse pera o Viso-Rey: Aqui está sua Senhoria , apontando pera D. Jorge , que sabe isto muito bem , e me vio pelejar ; o que o Viso-Rey festejou muito , porque já sabia de suas vaidades, e natureza. Tinha na guerra muitas bizarrias muito galantes, de que na sexta Decada dissemos algumas, e agora não passaremos por huma, que he muito cortezã ; e foi. Que andando elle por Capitão de huma galé, indo apôs huns paraos, sendo horas de almoço , pedio hum sol-

ſoldado ao diſpenſeiro huma cebolla; e ouvindo-o D. Jorge, reſpondeo com muita colera: Que he iſſo, ſoldado? Pedis mimos na minha galé? Nella não ha ſenão pelouros, e polvora. Mas com tudo iſto foi eſte Fidalgo hum dos bons Capitães, e cavalleiros, e ſervidor de ElRey, que á India paſſáram.

E tornando ao fio de noſſa hiſtoria. Vendo D. Jorge Baroche que os ſoldados ſe lhe hiam poucos e poucos, deixando Jorge de Mello o Punho em ſeu lugar, ſe foi á Cota pera fazer tornar a gente; e em quanto ſe lá deteve, quiz Jorge de Mello dar hum aſſalto em os inimigos; e fazendo-ſe preſtes, huma madrugada partio com muito ſilencio, e deo nas eſtancias do Rajú, filho baſtardo do Madune, e á força de braço as entrou, e fez em os inimigos hum grande eſtrago, matando-lhes os principaes Modiliares que alli tinha, e tomando-lhes muitas armas, e outros deſpojos, com que ſe recolheo muito a ſeu ſalvo. Eſtas novas chegáram a D. Jorge Baroche; e dando-lhe a inveja de tamanha vitoria, ajuntou os mais ſoldados que pode, e partio-ſe muito apreſſado pera o arraial; e achando os ſoldados contentes, e com a mão folgada do ſucceſſo, ſe paſſou logo á outra banda do rio em as fuſtas, e commetteo outra madrugada as tranquei-

ras,

ras, que o Rajú tinha já mui bem reformadas; e com aquelle furor, e desejo que levava de ganhar alguma honra, as entrou logo, e á espada fez tal destruição em os inimigos, que em breve espaço lhe matou mais de duzentos, em que entravam os principaes Modiliares, e Araches, e a tranqueira poz toda por terra, e a assolou. E com este tão bom successo, que lhe não custou mais de alguns poucos feridos, se recolheo *D. Jorge Baroche tão contente, e ufano,* que logo tratou de commetter a tranqueira de Mapitigão, em que estava todo o poder do Madune, primeiro que se enxugasse o sangue nas espadas dos seus soldados, porque foi avisado que os inimigos ficáram com aquelles dous toques mui quebrantados, e medrosos; porque se entendia que se ganhasse aquella tranqueira, e se fortificasse nella, ficava sendo Senhor dos caminhos de Ceitavaca, em que o Madune residia, e que só com estar nella o teria de cerco, e lhe faria toda a guerra que quizesse. Pera isto mandou fabricar dous Castellos de madeira em sima de algumas embarcações, que andam naquelles rios, que se chamam Padás, e metteo nelles alguns soldados com muitas panellas de polvora, bombas de fogo, e outros artificios, e materiaes pera irem pelo rio investir a tranqueira, e elle com todo o

po-

poder se passou da outra banda, deixando ordem pera as fustas darem toas aos Castellos, até os abordarem á tranqueira. E fazendo o final á hora de commetter, começáram as fustas a remar pelo rio assima com os Castellos; e indo já perto da tranqueira, lhe atiráram com hum camelo, que tomou a fusta, que hia diante pela proa, e foi o pelouro varando pelo meio della até a poppa, levando mais de vinte marinheiros que tomou enfiados, alando por humas roqueiras, e os fez todos em pedaços. Com isto paráram os navios, e D. Jorge lhes mandou capear que se tornassem, o que elle tambem fez, porque entendeo que haviam de ir todos os dos Castellos medrosos daquelle successo.

CAPITULO VII.

De outro assalto, que D. Jorge deo aos inimigos, em que esteve de todo desbaratado: e de alguns feitos honrosos que nelle succedêram a alguns dos nossos.

ALguns dias se deixou ficar D. Jorge alli esperando huma boa conjunção, até ser avisado que o Rajú estava em huma varzea junto da tranqueira com tres, ou quatro mil homens. E desejando de se ver com el-

elle em campo, mandou fazer prestes a sua gente hum dia no quarto dalva, e huma hora antes que amanhecesse deo de supito nas suas estancias, e de tal maneira foram commettidas dos nossos, que primeiro que os sentissem, sentíram o fio de seu ferro mais de cento, que alli ficáram estirados, e os mais com aquelle sobresalto deixáram as estancias; e o Rajú com os que pode ajuntar, se foi recolhendo pela varzea, indo-lhe D. Jorge Baroche seguindo o alcance, em que a nossa arcabuzaria derribou outro golpe delles, até os lançarem fóra do campo, e os encurralarem em hum boqueirão, onde se elles fizeram fortes. D. Jorge Baroche chegou alli; e vendo o lugar, em que o Rajú se quiz fortificar, determinou de o entrar, e acabar de arrematar a vitoria. Mas chegou a elle hum soldado, chamado Pero Jorge, e lhe disse « que se contentasse com a mercê que lhe Deos tinha feito, e se recolhesse, porque já faltavam munições, e não havia com que carregar as espingardas, e que não quizesse que lhe acontecesse hum desastre. » Mas D. Jorge Baroche, como estava soffrego daquella vitoria, lhe respondeo muito agastado « que carregassem as espingardas com arêa, ou que acabassem de vencer á espada; » e querendo commetter o passo, vio que os seus

sol-

soldados se começavam a retirar, (porque na verdade já não tinham polvora, nem pelouros;) e não podendo elle fazer outra cousa, os foi seguindo, e ordenando, porque os via já ir desarranjados. O Rajú, que era Capitão sagaz, e conhecedor dos casos, entendendo o modo de que os nossos hiam, arrebentou com os seus apôs elles, e com tanta força, e presteza os commetteo, que os foi pondo em desbarato: pelo que foi forçado a D. Jorge Baroche, com os Fidalgos, e Cavalleiros que o seguiam, fazer muitas voltas aos inimigos, pera que se não perdesse de todo. E neste trabalho chegou a hum passo, que se fazia no cabo da varzea, que achou impedido com grandes arvores, que os inimigos alli cortáram, e atravessáram pera os embaraçar. Aqui se deteve D. Jorge em mandar abrir o caminho, o que não pode ser tão depressa, que não chegassem os Elefantes de peleja, que o Madune já tinha mandado de soccorro ao filho, e hum delles chegou a D. Jorge pera o levar na tromba; mas hum soldado chamado Pedralvares Freire, natural de Lamego, vendo o Elefante sobre D. Jorge, remetteo a elle com alguns peães que levava, dizendo-lhes: Aqui, filhos; e pondo o arcabuz no rosto, o desparou sobre o do Elefante, e o fez virar pera trás com a dor da

fe-

ferida sobre os seus, atropelando alguns delles, e D. Jorge teve tempo de escapar. Aqui chegáram outros Elefantes, (que elles foram os que desbaratáram os nossos;) e remettendo hum com o Alferes da bandeira de D. Jorge, virou elle o pique em que levava a bandeira, e lho poz nos testos, onde lho quebrou; mas nem por isso pode escapar: porque como elle hia com aquella furia, lançou-lhe a tromba, e deo com elle por esses ares, e o fez em pedaços. Outro Elefante chegou a outro soldado, chamado Gregorio Botelho, soldado velho da India, e nascido nella, que vendo-o sobre si, virou a elle com grande animo, e lhe poz huma alabarda nos testos com tanta força, que com a dor da ferida o fez deter, com o que elle teve tempo de se pôr da outra banda do vallo.

Aqui nesta passagem se perdêram muitos dos nossos, que pelejáram muito valorosamente, tomando antes muito grande vingança da morte, que lhe haviam de dar. E ainda este trabalho deste passo fora mais soffrivel, e de menos perigo; mas como os inimigos eram tantos, desviáram-se alguns Araches com suas companhias, e foram por outros passos a talhar o caminho aos nossos, e assim se achéram cercados naquella passagem, com o que D. Jorge se deo de todo

por

por perdido ; mas quiz Deos que fosse já isto no cabo da varzea, e que désse elle animo, e acordo a hum soldado, a que não pudemos saber o nome, que vendo o perigo em que todos os nossos estavam, arremetteo a hum berço, que alli tinham os nossos deixado, e lhe poz fogo ; e foi o pelouro tão bem encaminhado, que entrou pelo meio dos inimigos, e foi derribando huns poucos: o que visto pelos mais, cuidando que aquillo era sillada, que lhes alli tinham armada, detiveram-se, com o que D. Jorge (que não perdeo o animo) tornou a ajuntar os seus, e teve tempo de chegar aos navios, que estavam perto, em que se embarcou, e se passou da outra banda, ficando-lhe por aquelle caminho da varzea mais de sessenta mortos, em que entravam alguns Fidalgos, de que só de João de Mello, filho de Tristão de Mello, nos lembra o nome. E D. Jorge se passou ás suas tranqueiras, tão magoado daquella perda, e desastre, que se lançou pelo chão, esbravejando, e dizendo mal á sua ventura. Dalli por diante se deixou ficar naquelle lugar, continuando na guerra, e defensão dos passos, pera que o Rajú não pudesse entrar nos limites do Reyno da Cota, sobre o que teve alguns recontros com os inimigos, em que sempre houve escalavrados de ambas as partes.

CA-

CAPITULO VIII.

De como o Madre Maluco tentou de ſe ir ſobre a fortaleza de Damão: e do eſtratagema, de que D. Diogo de Noronha uſou pera homiziar o Cedemecan com o Madre Maluco, por onde o fez matar: e de outras couſas.

ATrás no Cap. II. do Liv. III. temos dado conta, como o Rey moço de Cambaya fugíra de Madre Maluco pera o Ithimitican, por invenções que o outro teve; que vendo-ſe ſem ElRey, ſe foi pera a ſua Cidade de Baroche, que com as Villas, e lugares, e mais terras que poſſuia, era hum Eſtado, que pudera contentar qualquer peito, por muito cubiçoſo que fora, (ſe póde haver algum, que ſe ſatisfaça alguma hora;) e como ſe reſentio da poſſe, que o Ithimitican ficava tendo com o Rey, foi-lhe tão máo de ſoffrer, que determinou de buſcar modos pera vir ainda a ſubir á Monarquia daquelle Reyno, (porque naturalmente era de animo grandioſo, e cubiçoſo de muito;) e como a fortuna anda ſempre com o olho ſobre eſtes grandes, e he muito natural ſeu de hum erro levallos a outro maior, trouxe logo á imaginação deſte, que pera ſubir ao que queria, lhe era neceſſario fazer-ſe Senhor do

do Eſtado de Surrate, que era de Cedemecan ſeu cunhado, filho de Coge Çofar; que com o que poſſuia ficava com muito arrezoado Eſtado, e ainda Reyno: e com iſſo ficaria com poſſe, e poder pera ſe fazer Senhor do Imperio Guzarate, que tantos annos floreceo neſte Oriente. E pera córar a cubiça de fazer guerra ao cunhado, tomou occaſião de pequenos achaques, (que não faltão nunca a quem os buſca,) e começou a ajuntar gente, e Capitães pera eſta jornada. Eſtando já de todo preſtes, ſe metteo de permeio ſua mulher, irmã do Cedemecan, que o tirou deſte propoſito, e ainda fez com o marido que caſaſſe huma filha, que tinha de outra mulher, com o irmão; e ſe concertou logo o caſamento, pera depois ſe celebrarem as bodas com muitas feſtas.

Vendo-ſe pois o Madre Maluco com o poder junto, e as deſpezas feitas, e que o Viſo-Rey era partido pera Jafanapatão, tão longe, que não podia vir ſenão em Fevereiro, tratou com ſeus Capitães de ir ſobre a Cidade de Damão, e tornalla a tomar, e fazer-ſe Senhor della, e de ſuas terras, que eram de muita importancia, e logo ajuntou as mais achegas, que pera iſſo lhe parecêram neceſſarias, e ordenou artilheria de bater. E porque Surrate ficava mais perto de Damão, aſſentou com ſeus Capitães de pedir

dir hum bazalisco ao cunhado, pera com elle arrazar os entulhos de Damão.

De tudo isto foi logo avisado D. Diogo de Noronha por pessoas, que trazia em casa do Madre Maluco, (como as tinha tambem na de ElRey, e do Cedemecan,) que peitava grossamente, pera que lhe dessem conta de tudo o que antre elles se passava, (porque estas eram as mercadorias que este Capitão sempre fez nas fortalezas em que esteve;) e vendo que o Viso-Rey era em Jafanapatão, tão longe, que o não podia soccorrer, receando que lhe désse aquelle negocio mui grande trabalho, e o puzesse em desesperado aperto, porque não via donde pudesse ser soccorrido; não perdendo com tudo o animo, despedio cartas apressadas a D. Pedro de Menezes Capitão de Goa, em que lhe dava conta daquellas cousas, affirmando-lhe, que se o não soccorresse com muita pressa, gente, e munições, se perderia aquella fortaleza; e com isto se começou a fortificar o melhor que pode. E traçando no seu entendimento o que faria sobre aquelle negocio, que era muito grande, offereceo-lhe Deos nosso Senhor o mais certo, e apressado remedio que podia ser, que foi usar com aquelles Capitães de hum estratagema, com que os homiziou, e fez matar a todos; e foi este.

Era elle muito grande amigo do Cedemecan, e mandava-o visitar a miude com cartas, e brincos, que elle estimava muito. E depois que D. Diogo de Noronha foi avisado, da expediencia, com que o Madre Maluco tratava, e ordenava este tão grande mal contra elle, continuou mais vezes esta visitação; e tanto que soube de certo que o inimigo estava em campo pera se abalar, despedio Diogo Pereira em hum navio com vinte e sinco homens a visitar o Cedemecan, e por elle lhe escreveo huma carta em [illegible]seo, em que lhe dizia « que se não fiasse de » seu cunhado Madre Maluco, porque sa» bia de certo que vinha com aquelle poder » pera lhe tomar a fortaleza de Surrate, e » que pera o segurar lançava fama que era » contra Damão; e que pera final desta ver» dade, tanto que elle chegasse com seu » campo a Surrate, lhe havia de pedir hum » bazalisco emprestado pera bater os entu» lhos de Damão; e que como o tivesse, o » havia de fazer á sua fortaleza de Surrate, » e que estivesse sobre aviso, e acautelado, » porque o Madre Maluco era manhoso, e » de artificios, e atreiçoado; e que pela ami» zade que ambos tinham, ficava negociando » alguns navios pera lhe mandar pelo rio » dentro de soccorro, porque sabia que o » Viso-Rey disso havia de levar muito gosto. »

De

De tudo isto deo D. Diogo de Noronha conta a Diogo Pereira só, por ser homem de quem se elle fiava em tudo, por ser prudente, e de bom conselho; e lhe disse mais: » Que se o Cedemecan lhe désse conta do » que na carta lhe escrevia, se fizesse de no- » vas, por fazer mais a seu caso o segredo » daquelle negocio. »

Chegado Diogo Pereira a Surrate, foi muito bem recebido do Cedemecan, (que tambem era seu amigo,) e lhe deo a carta de D. Diogo de Noronha, que elle leo huma, e muitas vezes; e como pera todos os Mouros basta qualquer pequena suspeita, quanto mais hum aviso, que lhe importava a vida, e o estado, dado por hum Capitão, de que elle tinha tão grande opinião, foi-lhe muito facil de crer tudo, e logo se começou a negociar, e preparar. Poucos dias depois de Diogo Pereira chegou o Madre Maluco, (que foi no Outubro passado,) e foi assentar seu campo ao longo do tanque de Surrate; e tanto que o Cedemecan teve recado certo de sua vinda, mandou chamar Diogo Pereira, e lhe fez queixume de seu cunhado, affirmando-lhe « que vinha com tenção de » lhe tomar seu Estado, que fora de seu » pai, que lhe pedia o aconselhasse no que » faria sobre aquelle negocio. » E como o Diogo Pereira hia sobre aviso, fazendo-se

de novas, lhe respondeo que não podia ser aquillo; ao que lhe atalhou o Cedemecan, dizendo-lhe: « Que elle estava avisado de » boa parte, e lhe pedio que da sua fosse » visitar o Madre Maluco, e lhe dissesse que » logo após elle o iria fazer em pessoa, e » que visse nas praticas se podia alcançar » alguma cousa dos pensamentos com que » vinha. » Diogo Pereira chegou ao arraial de Madre Maluco, acompanhado de trinta, ou quarenta Portuguezes muito bem trajados; e como elle era muito seu amigo, o recebeo com muitas honras, e caricias, e o assentou apar de si, onde esteve hum bom espaço em conversação, perguntando-lhe o Madre Maluco muitas cousas, a que lhe elle respondeo sempre muito a proposito, sem nunca lhe dar a entender que sabia a jornada que fazia contra Damão, (porque tinha elle lançado fama que hia contra Tafalcão, que se tinha alevantado com o Reyno de Verara.) E depois de muitas praticas lhe disse Diogo Pereira « que seu cunhado esta» va tímido delle, porque de Amadabá o » avisáram, que vinha com determinação » de lhe tomar a fortaleza. » A isto se rio Madre Maluco, dizendo « que se espantava » muito de elle crer aquillo; que se elle ti» vera trinta fortalezas, tantas lhe dera, » quanto mais tomar-lhe aquella, que seu

» pai

» pai lhe deixára : que o fosse segurar na-
» quella materia , e lhe dissesse que o fosse
» visitar, affirmando-lhe que com nenhuma
» cousa mais folgaria que vello » e de final
daquella vontade lhe deo o seu annel, pera
que lho levasse. Com isto se despedio Diogo
Pereira; e indo pera a fortaleza, achou já
no caminho o Cedemecan com tres mil de
cavallo, Turcos, Persas, e Abexins, gente
muito custrosa, e a melhor de Cambaia,
(que elle trazia a soldo,) e sinco, ou seis
mil de pé, e diante delle quinze Elefantes
armados, e elle muito galante, e custoso,
que depois que despedio Diogo Pereira com
a visita a Madre Maluco, assentou de ir visitar
o cunhado, primeiro que Diogo Pereira
de lá partisse; porque como ambos estavam
com ruins pensamentos, determinou de
o segurar com o visitar em pessoa, pera o
que determinava de fazer.

Diogo Pereira voltou com elle, e foram ambos juntos praticando, e dando-lhe elle conta do que passára com o cunhado; e pera fazer mais ao caso, nas suspeitas de D. Diogo de Noronha, lhe affirmou que não vinha o cunhado com bom animo. Nestas praticas chegáram ao arraial, e o Madre Maluco o sahio fóra delle a receber, e o levou pela mão até sua tenda, onde ambos sós se assentáram hum bom espaço; e o Madre

dre Maluco nas praticas lhe disse « que se » espantava muito de elle crer o que delle » lhe diziam, sabendo elle muito bem que » o amava como filho. » E então lhe déo conta da jornada, que hia fazer contra Damão, pera o que lhe pedio lhe emprestasse hum bazalisco pera desfazer os entulhos, que eram grandes. Ao que o Cedemecan lhe disse, que de boa vontade, e que ainda lhe daria tudo o mais que tivesse, mostrando-se muito liberal naquelle negocio, pera maior dissimulação do que logo conceb[...] no animo; porque como vio que o conselho de D. Diogo de Noronha lhe sahia verdadeiro, e que o final do bazalisco fora certo, logo determinou de se vingar do cunhado, e ao despedir lhe pedio que quizesse ir cear com elle, porque todo o dia não tinham comido ambos, por ser a festa do seu Ramedão, (que era como a nossa Quaresma, em que elles não comem mais que huma vez ao dia, e essa ainda de noite.) O Madre Maluco como estava innocente dos tratos, lhe respondeo « que de muito boa » vontade iria acceitar o seu banquete, e » ainda levaria todos os seus Capitães. » E despedidos dalli, foi-se o Cedemecan fazer prestes pera aquelle banquete, que havia de ser o ultimo, que na vida havia de ter o Madre Maluco. Que tanto que foram horas

se foi pera a fortaleza, levando comsigo Mustafá Carman, e todos os Capitães, e pessoas principaes, que seriam perto de cento, que o Cedemecan veio receber á porta da fortaleza, onde todos se apeáram, ficando os cavallos da banda de fóra, e elle os foi levando até hum formoso pateo, que se fazia á entrada da primeira sala, onde tinha muitas alcatifas, e almofadas em baileos que havia, e alli se assentáram em conversação hum bom espaço.

E parecendo já horas de cêa, se alevantou o Cedemecan, pedindo licença ao cunhado pera ir fazer prestes, e foi entrando por huma porta, que ficava á mão esquerda no mesmo pateo; e ainda elle não era dentro, quando por outra da mão direita sahíram duzentos homens armados, e endireitando com os hospedes, os começáram a banquetear de feridas taes, e tão mortaes, que em mui pouco espaço os mandáram pera o inferno, onde tiveram bem differente banquete do que esperavam; o que se fez tão prestes, e com tão pouco estrondo, que não foi ouvido dos criados, que ficavam de fóra da fortaleza com os cavallos. E sendo antre as onze horas, e a meia noite, bateo hum Baneane á porta de Diogo Pereira, que pousava fóra da Cidade; e assomando elle a huma janella, lhe disse « que visse como

» es-

» estava, porque Madre Maluco com todos » os seus Capitães eram mortos » do que elle ficou sobresaltado, e mandou bater logo com muita pressa á porta do Camereiro do Madre Maluco, que pousava defronte, (que se foi pera alli, por serem muito amigos;) e assomando á janella, lhe perguntou Diogo Pereira se tinha algumas novas do que hia na fortaleza? Ao que lhe respondeo, que não; mas que lhe parecia que Madre Maluco ficava lá toda a noite, porque havia pouco mandára lá; e que acháram ainda cavallos á porta. Então lhe disse Diogo Pereira o que lhe dissera o Baneane, advertindo-o que estivesse sobre aviso, porque não sabia o que seria: do que o Mouro ficou tão sobresaltado, que logo sem aguardar mais, se poz em hum cavallo, e se foi ao exercito, onde não havia novas de cousa alguma.

Diogo Pereira toda a noite esteve com as armas nas mãos, e seus companheiros; e tanto que amanheceo, ouvio disparar toda a artilheria da fortaleza, e era que o Cedemecan mandava bater o exercito, e depois sahio ao campo com toda sua gente posta em armas, e mandou chamar Diogo Pereira, que logo veio, e o achou em hum formoso cavallo acubertado, e com hum final na cabeça de sua mór alegria, que era huma

tou-

touquinha de ſeda preta por ſima de outra muito alva. E chamando Diogo Pereira junto de ſi, lhe diſſe, rindo: « Diogo Pereira, » quem vos quizer matar, que lhe fareis? Diogo Pereira lhe reſponde: « Fallo-hia eu » primeiro, ſe pudeſſe. Pois (diſſe o Cede» mecan) aſſim o fiz eu a meu cunhado, » que tanto trabalhava por me matar, e to» mar o meu Eſtado. » E dalli ſe abalou contra o exercito, (onde já havia novas de tudo;) e os que nelle eſtavam, não ouſando de eſperar, ſe foram acolhendo a unha de cavallo, e o Cedemecan ſe ſenhoreou delle, e de todo o ouro, e joias, e riquezas do Madre Maluco, que eram muitas, e ſe recolheo com tudo pera a fortaleza.

CAPITULO IX.

De como Chinguiſcan, filho de Madre Maluco, foi contra o Cedemecan, e o cercou: e da Armada que D. Diogo de Noronha mandou de ſoccorro a Surrate: e do que lhe lá ſuccedeo: e de como faleceo D. Diogo de Noronha: e de ſuas partes, e qualidades.

FUgida a gente de Madre Maluco, foi-ſe pera Baroche, e deram a nova a Chinguiſcan ſeu filho, que era já homem muito valoroſo, grande Capitão, e de muita poſ-

ſe,

se, porque lhe ficáram todos os Estados do pai, e os thesouros, de que logo lançou mão, em lhe dando as novas de sua morte. E vendo que tinha alli junta aquella gente, que eram sinco mil de cavallo, e dez mil de pé, e com toda a que mais pode ajuntar, partio logo pera tomar satisfação da morte do pai, e entrou pela Cidade de Surrate, que o Cedemecan lhe não pode defender, porque se recolheo á fortaleza com toda a gente de armas, e mantimentos, que lhe parecêram necessarios, deixando a Cidade com os Officiaes de mecanica, e os mercadores, com que o Chinguiscan não bullio, porque parece que lhe deram alguma cousa. E passando adiante, assentou seu exercito sobre a fortaleza naquelle baluarte, que fica pera a parte da Alfandega, e logo se fortificou, e cercou de vallos, e fossos, e prantou sua artilheria, com que a começou a bater mui furiosamente.

O Cedemecan, que estava mui bem apercebido de tudo, se defendeo com muito valor; e porque o poder do inimigo era grande, receando-se de algum trabalho, se quiz valer dos Portuguezes, despedindo recado a D. Diogo de Noronha, pedindo-lhe muito » que o soccorresse com huma Armada, » porque se receava que o Chinguiscan lhe » mandasse tomar a barra do rio com alguns

» na-

» navios , que em Baroche tinha mandado » armar com muita pressa.» D. Diogo de Noronha pera a sua arte foi aquillo alvitre, porque havia que da desavença daquelles dous inimigos sempre resultaria ao Estado da India proveito , e quietação , como já lhe tinha resultado do ardil de que usou pera homiziar os cunhados, de que procedeo aquella quebra. E logo com muita pressa mandou negociar dez navios , e pagar soldados, elegendo pera esta jornada Luiz Alvares de Tavora , dando-lhe hum muito largo regimento do que havia de fazer , cuja substancia era « que se deixasse estar no rio » á vista dos inimigos , e que tivesse com » ambos intelligencias secretas , pera lhes fa- » zer entender que vinha em favor de cada » hum ; e que por outra parte os induzisse » a odios , pera que os chegasse ao derra- » deiro estremo , e visse se lhe abria o tem- » po occasião pera lançar mão de Surrate.» E mandou com elle Coge Abraham , Judeo prudente , e astuto pera correr com estes negocios , por ser antre todos muito conhecido. Luiz Alvares de Tavora foi surgir naquelle rio á vista do exercito , e da fortaleza , e dalli despedio o Judeo de noite com recado ao Cedemecan , com as cartas de D. Diogo de Noronha , em que lhe dizia « que lá lhe » mandava aquella Armada pera tudo o que

» lhe

» lhe fosse necessario; e que se mais lhe » cumprisse, que tudo lhe mandaria; » e o mesmo fez por outras cartas mandadas por pessoas de confiança, e de muito segredo ao Chinguiscan; de maneira que a ambos fez crer que era vinda em seu favor, e com ambos se tratou sempre em segredo. O cerco foi por diante, e o Chinguiscan hia apertando com a fortaleza, e com proposito de se não levantar de sobre ella até a não tomar. Estando nesta obra, lhe vieram novas mui apressadas, que Alucan, hum dos Regedores de Cambaia, lhe entrára pela Cidade de Veredora, que era sua, e se apoderára della, e que vinha com tenção de lhe tomar todo o Estado; porque como vio o Madre Maluco morto, houve que lhe seria muito facil. Estas novas sentio Chinguiscan muito, e determinou de acudir ao seu, porque muitas vezes o vinha hum homem a perder por pertender o alheio. E por não ficar com aquellas despezas feitas, veio a concerto com o Cedemecan por meio de Capitães de ambas as partes, e elle lhe deo cem mil Mamudes de prata, sinco cavallos Arabios, e hum Elefante; e alevantando o campo, se foi pera Baroche.

Luiz Alvares de Tavora, tanto que se elle foi, mandou pôr tendas em terra, (por lho mandar assim pedir o Cedemecan, que

se

se quiz ir ver com elle;) e como Coge Abrahão hia todos os dias á fortaleza a negocios com o Cedemecan, e levava sempre alguns soldados pera sua companhia, foi hum dia antre estes Luiz Alvares de Tavora em trajos mudados, porque desejou de ver a fortaleza, que notou mui bem, e vio que era de dous muros, e de cavas dobradas, e que tinha pelos baluartes, que eram mui fortes, muita, e grossa artilheria; e o dia que tinham assentado verem-se ambos, o Cedemecan o esperou á porta da fortaleza da banda de fóra. E Luiz Alvares de Tavora foi por mar com todos os navios embandeirados, e desembarcou no caes ao som de muitas bombardadas, e espingardadas, e alli se víram ambos, e praticáram em algumas cousas, no que elle achou o Cedemecan mui desembaraçado, e bom cortezão. Era então mancebo de vinte annos, tão alvo, e louro, e gentil-homem, que parecia Alemão; e não era muito, porque seu pai, e mãi eram naturaes de Otranto. Depois de gastarem algum espaço em cumprimentos, se despedio Luiz Alvares de Tavora de todo pera se partir pera Damão; e ao outro dia lhe mandou o Cedemecan muitas peças ricas, e brincos curiosos pera o Viso-Rey, e pera D. Diogo de Noronha, a quem escreveo cartas de muitos cumprimentos, e

Luiz

Luiz Alvares de Tavora não ficou com as mãos vazias.

Dada á véla, chegou a Damão, e achou D. Diogo de Noronha enfermo de humas febres, de que em poucos dias veio a falecer com grande mágoa, e dor de todos pelas muitas, e boas partes, e qualidades de sua pessoa, e pela grande perda que o Estado da India toda recebeo. Faleceo em idade de quarenta e quatro annos. Foi filho legitimo de D. Alvaro de Noronha, filho de D. Fernando de Noronha, e neto de D. Pedro de Noronha, Arcebispo que foi de Lisboa, filho do Conde Gijon. Sua mãi se chamou Dona Mecia da Silveira, filha de Diogo da Silveira, e de Dona Maria de Tavora, irmã de Pero Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro. Em moço cahio huma queda, de que ficou quebrado pelas costas, pelo que foi sempre anojado; por este defeito o mandou seu pai aprender letras, com proposito de o fazer Clerigo; e sendo já homem, succedeo huma pressa em hum dos lugares de Africa, a que acudíram muitos Fidalgos do Reyno, e elle o fez tambem, porque desejou de se começar a mostrar no serviço de ElRey. Depois de estarem lá, cessou a occasião, e ElRey escreveo ao Capitão « que de sua parte désse os agradecimentos aos Fidalgos que lá foram, e

» que

» que lhes disseſſe que bem ſe podiam tor-
» nar pera o Reyno, e que lhes não eſcre-
» via pela preſſa. » O Capitão ſatisfez ao que lhe ElRey mandou, e o diſſe a todos, e ainda lhes moſtrou a carta de ElRey, com o que logo ſe embarcáram, excepto eſte D. Diogo de Noronha, que dizendo-lhe o Capitão que bem ſe podia ir pera o Reyno, reſpondeo « que bem ſabia ElRey que eſta-
» va elle naquella fortaleza, que quando el-
» le foſſe ſervido de o mandar ir, elle lho
» eſcreveria. » O Capitão aſſim o eſcreveo a ElRey, que vendo a conta que D. Diogo de Noronha tinha comſigo, e com ſeu ſerviço, o eſtimou muito, e logo lhe eſcreveo huma carta muito honrada, em que lhe mandava que foſſe pera Lisboa, porque tinha neceſſidade delle pera outras couſas. Daqui ficou havido por homem aviſado, e de muita opinião, e ficou ſeguindo a Corte com determinação de mudar o propoſito na vida. Depois paſſou á India, como temos dito, onde ElRey teve ſempre tanta conta com elle, que neſtas náos do anno de ſeſſenta lhe mandou a Capitanía de Ormuz pera logo entrar. Nunca caſou. Teve na fortaleza de Dio (ſendo Capitão della) hum filho em huma mulher formoſa, a que poz nome D. Alvaro, como ſeu pai, que mandou em huma verba do ſeu teſtamento que lho levaſſem

lo-

logo pera o Reyno, (como se fez,) e lá foi entregue a sua mãi Dona Mecia da Silveira, que o mandou crear muito honradamente no insigne Mosteiro de Alcobaça da Ordem de S. Bernardo, onde se fez Religioso, e foi Letrado, e Prégador. Foi D. Diogo de Noronha homem virtuoso, prudente, acautelado, muito verdadeiro, e hum dos mais esforçados Capitães que teve o Estado da India, e tão pouco cubiçoso, que lhe acháram por sua morte quinze mil pardaos, com haver sido Capitão de Dio, e daquella fortaleza de Damão. Estes mandou despender em esmolas, e em pagas dos serviços de seus criados. Mandou que seus ossos fossem levados a Goa, e que se depositassem na Igreja de nossa Senhora da Serra, onde estavam os de seus tios Affonso de Albuquerque, e D. Antonio de Noronha, (que matáram na tomada de Goa;) e ainda hoje estão estas tres sepulturas, a de Affonso de Albuquerque na Capella, e as outras duas nas paredes da banda de fóra, em sepulturas de pedra muito bem lavradas, e curiosas.

Por sua morte succedeo naquella Capitanía Diogo da Silva, que era Feitor, e Alcaide mór daquella fortaleza de Damão, Cavalleiro velho muito honrado, (e que teve huma filha casada com Manoel de Sousa Coutinho, que depois foi Governador da In-

India,) que D. Diogo de Noronha nomeou no testamento, por ser conforme ao regimento de ElRey, (em que manda que succedam os Alcaides móres por morte dos Capitães,) o que se hoje guarda tão mal, que a primeira cousa que os Capitães pedem aos Viso-Reys, he Provisão pera nomearem Capitão, falecendo. Disto teve tambem culpa a devassidão que depois houve nos despachos dos cargos da India; porque naquelle tempo davam-se a Cavalleiros muito honrados, e que muitos delles podiam ser Capitães das mesmas fortalezas; e depois chegou isto a tanto menos, (assim por se darem os cargos mais por aderencias, que por merecimentos, como pelas traspassações que hoje correm,) que nos não espantamos do pouco que hoje os homens se estimam em seus officios; porque estão alguns tão mal afforados, que por huns se vem a estimar pouco os outros, que ainda os ha de merecimentos pera tudo.

CAPITULO X.

Do que aconteceo ao Viso-Rey D. Constantino em Cochim: e de como se vio com o Rey do Chembé, e fez com elle pazes: e do soccorro que mandou a Cranganor: e de como Luiz de Mello da Silva entrou a Ilha do Primbalão, onde estava todo o poder do Çamorim, e o desbaratou, e entregou aquella Ilha a ElRey de Cochim: e da sua chegada a Goa.

CHegado o Viso-Rey D. Constantino a Cochim, (como atrás dissemos no Cap. V. deste IX Liv.) deo logo pressa á carga das náos, e á escritura do Reyno; e de tal maneira abbreviou tudo, que a quinze de Janeiro derão á véla tres náos, a Rainha, S. Vicente, e Drago. Este galeão por achar ruins tempos arribou a Moçambique, onde invernou, e as duas náos chegáram ao Reyno a salvamento; e quizemos assim abbreviar com ellas, porque temos muitas cousas pera que haver mister o tempo.

O Viso-Rey, tanto que despedio estas náos, tratou de se ir ver com o Rey da Pimenta, por lhe ter mandado pedir por seus Embaixadores que o fizesse, mandando-se desculpar por elles das cousas que tinha passado com D. Affonso de Noronha, e

Vas-

Vasco da Cunha, (de que no fim da VI. Decada, e no principio desta VII. démos larga relação,) deitando-lhe a elles a culpa, que elle só tinha; porque se assentou em conselho que se lhe dissimulasse tudo, e lhe concedesse pazes pela necessidade que havia de sua amizade por causa da pimenta que corria por seus rios, que elle impedia, sobre o que o Estado tinha despendido muito em Armadas, (como pelo decurso de nossas Decadas temos dito.)

Assentado isto, partio-se logo o Viso-Rey com toda a Armada, assim de galés, como de fustas, e levou comsigo o Capitão da Cidade com a mór parte dos moradores, que se embarcáram em manchuas, tones, e outras embarcações, com que foi pelo rio assima surgir defronte do Pagode de Vaiqueta, e mandou logo a terra Christovão de Azevedo, Alcaide mór de Cochim, a visitar ElRey, e a lhe pedir, que abbreviasse o mais depressa que pudesse aquellas vistas, porque era tarde, e lhe era necessario partir-se pera Goa. ElRey recebeo bem a visitação, e mandou dizer ao Viso-Rey, que dahi a dous dias se veria com elle. Mas como estes Gentios por nenhuma cousa da vida traspassão seus ritos, e costumes, nem fazem cousa alguma sem eleição de dias, e de horas, e de notar os sinaes máos, ou bons, (como

mo algumas vezes dissemos,) andou com dilações; porque o dia que prometteo de vir, deixou de o fazer, porque lhe passou a gralha atravessada, e ao outro disse que lhe cantára a osga; e ao outro que lhe huivára o cão; e assim com outras semelhantes brutalidades, sem nenhum fundamento, foi dilatando sete, ou oito dias, de que o Viso-Rey se vio tão enfadado, que esteve pera se tornar, até que o diabo deparou áquelle Rey hum dia de bom agouro, que senão sou mal lembrado, porque me achei nesta jornada, foi quarta feira de Cinza, que he pera todos os Christãos o de melhores, e mais necessarios finaes que póde ser, porque nelle nos desengana a Santa Madre Igreja de nossas vaidades, e nos mostra que somos lodo, e terra. E neste dia, que elle achou bom, partio aquelle Rey de sua casa acompanhado de mais de quinze mil homens, e se foi pera o Pagode, que estava hum pouco affastado da agua, onde tinham ordenado verem-se. O Viso-Rey tanto que teve recado, preparou-se pera a desembarcação, (posto que foi contra vontade, e parecer de muitos, pela muita gente que ElRey trazia,) e mandou que se embandeirasse a Armada, e que as fustas estivessem com os esporões em terra, e toda a gente da Armada se estendesse em fileiras ao longo da praia

praia com ſeus Capitães de bandeiras. E eſtando tudo a ponto, partio o Viſo-Rey da ſua galé em huma manchua toldada de borlado, e elle acompanhado do Capitão de Cochim, e de todos os Fidalgos da Armada, veſtido muito cuſtoſamente; e chegando a terra, deſembarcou nella ao ſom de muitas bombardadas, e ſalvas de artilheria; e antes de chegar ao Pagode, o ſahio ElRey a receber; e depois de paſſadas as cortezias, aſſim em pé aſſentáram brevemente as pazes, e as juráram a ſeu modo, de que ſe devia fazer aſſento em algum livro, que hoje não parece.

Acabadas as ceremonias, ſe deſpedio o Viſo-Rey, e ſe foi pera a ſua galé, e ao outro dia mandou apregoar as pazes por toda a Armada; e ElRey fez o meſmo na ſua Cidade, e por todo o Reyno. E porque já era tarde pera os muitos negocios que tinha, ſe tornou pera Cochim, onde lhe deram cartas de João Pereira, Capitão de Cranganor, em que lhe dizia « que os Principes » de Calecut, que ſe haviam de vir crear » em caſa de ElRey de Cranganor, eram » chegados, e que elle lhes tinha tomados » os paſſos por onde haviam de entrar, a » que acudia muita gente do Çamorim, que » tinham tomada a Ilha de Primbalão, que » era de ElRey de Cochim, e ficava da

» ou-

» outra banda, e que todos os dias peleja-
» vam muito asperamente: pelo que lhe era
» necessario acudir áquelle negocio, porque
» ficava por alli caminho aberto pera se po-
» der perder aquella fortaleza.» O Viso-Rey vendo a importancia do caso, despedio logo D. Francisco de Almeida (que depois foi Capitão de Tangere) com dez, ou doze navios, cheios de muita, e mui lustrosa soldadesca, pera irem soccorrer João Pereira, e tomar os passos aos Principes, e favorecer ElRey de Cochim.

Estes navios foram pelos rios de Cranganor assima com muito trabalho, risco, e perigo, porque a gente do Çamorim ficava da outra banda, que era estreito, e descarregáram sobre elles nuvens de pelouros, e settas, com que encraváram muitos dos nossos, e empenáram os navios, mastos, e vergas, que era huma cousa formosa de ver; mas por meio de todos estes impedimentos passáram adiante até onde João Pereira estava em defensão dos passos, e alli os ficáram tomando, e pelejando com os inimigos, que eram tantos, que cubriam a terra. O Viso-Rey tinha aviso todos os dias do que se lá passava; e sabendo o perigo, e trabalho em que os nossos estavam, e que cumpria ao Estado deitar os inimigos fóra da Ilha Primbalão, despedio Luiz de Mello da Silva

com

com quinhentos homens mais, pera com a gente que lá eſtava deſimpedir aquella Ilha; e pelos rios dentro foi com o meſmo perigo, e trabalho até o paſſo em que os noſſos eſtavam; e vendo-ſe com ElRey de Cochim, (que tambem eſtava em outros paſſos á bateria com os inimigos,) aſſentáram ambos de commetter a Ilha, e deitar della a gente do Camorim, pera o que mandou preparar os Capitães. E hum dia de madrugada commettêram os noſſos a Ilha, onde deſembarcáram com muito grande reſiſtencia, acudindo alli todo o poder, que era de mais de doze mil homens, com quem os noſſos traváram huma muito aſpera batalha, em que todos ſe aſſinaláram bem, e fizeram couſas muito notaveis; e aſſim apertáram com os inimigos, que os foram arrancando do campo, e ganhando a terra, até que de todo amanheceo, que ſe víram huns aos outros mais deſcubertamente, em que o perigo, e damno começou a ſer maior, ficando todos baralhados, e a crueza creſcendo tanto, que paſſavam por ſima de corpos mortos, que eram tantos, que quaſi impediam a paſſagem aos noſſos. Neſte conflicto deram huma eſpingardada a Luiz de Mello da Silva por hum braço em ſima de hum encontro pegado ao hombro, que lhe quebrou os oſſos; e ſentio-ſe tanto della, que

ſe

ſe deixou ficar, dizendo aos ſeus que paſſaſſem adiante; e aſſim o fizeram com tanto valor, e animo, que foram paſſando avante, perdendo algumas vezes terra; mas logo a tornavam a ganhar. E tanto fizeram, que a poder de mortes, e eſtragos deitáram os inimigos fóra da Ilha, e com tanta preſſa, que muitos ſe lançáram ao rio, onde perecêram.

Deſpejada a Ilha, ſe deixáram os noſſos ficar nella até vir recado do Viſo-Rey, capitaneando D. Franciſco de Almeida em lugar de Luiz de Mello da Silva, que ſe foi pera Cochim a ſe curar; e o Viſo-Rey o foi viſitar a ſua caſa, moſtrando grande ſentimento de o ver aſſim, porque receou que ſe eſcapaſſe, ficaria aleijado. E ſabendo do modo em que as couſas ficavam, logo deſpedio Martim Affonſo de Miranda, pera ir acabar de concluir aquelle negocio, dandolhe por regimento, que entregaſſe aquella Ilha pacifica a ElRey de Cochim, e que ſe tornaſſe pera elle. Chegado Martim Affonſo de Miranda á Ilha de Primbalão, mandou pelos navios, e manchuas dar tantos aſſaltos na gente do Çamorim, que eſtava da outra parte do rio, que de todo os fez recolher, e deixar os paſſos, ficando tudo deſalivado, e ſem impedimento algum. E por não haver mais que fazer, entregou a Ilha

a ElRey de Cochim, (que ſempre eſteve á viſta dos noſſos em todos eſtes tranſes,) e voltou pera o Viſo-Rey, que vendo concluida aquella guerra tanto em bem, e credito do Eſtado, mandou pagar geralmente a todos os ſoldados, e deſpedio alguns Capitães com gente pera Ceilão, por ſer já chegado D. Jorge de Menezes Baroche, que deixava aquella Capitanía entregue a Balthazar Guedes de Souſa, que foi continuando na guerra contra o Raju, como adiante melhor diremos. E aſſim proveo o Viſo-Rey a fortaleza de Cranganor de Capitães, e gente pera ſua ſegurança, que foram, D. Franciſco de Mora, Nuno de Mendoça, Jeronymo Taveira, Jorge Homem, Manoel de Sá, Jeronymo Carvalho, D. Martinho Rolim, Ruy de Sá, Franciſco de Meſquita, e outros; e deixou dinheiro pera a paga dos ſoldados, e provimentos pera as mezas, que lhes haviam de dar. Provídas eſtas couſas, e outras, ſe embarcou o Viſo-Rey pera Goa, aonde chegou quaſi na entrada de Março, e a Cidade lhe fez muito grande recebimento.

CA-

CAPITULO XI.

De alguns Capitães, que o Viſo-Rey D. Conſtantino deſpachou pera fóra: e da grande Armada que mandou a Ormuz, de que foi por Capitão mór Baſtião de Sá: e de outra, que foi de ſoccorro a Surrate em favor de Cedemecam, de que foi por Capitão mór D. Antonio de Noronha Catarraz: e do que ſuccedeo a eſtas Armadas.

CHegado o Viſo-Rey D. Conſtantino a Goa, intendeo logo nos provimentos das fortalezas, e no deſpacho dos Capitães, que haviam de ir pera fóra, e porque achou Embaixadores do Rey, que foi de Baçorá, e dos Senhores das Ilhas Gizares, (do que na VI. Decada no Cap. XV. do IX. Livro temos dado larga conta,) os ouvio, e elles lhe deram ſuas cartas, em que lhe pediam os quizeſſe ſoccorrer com huma Armada, porque tinham os Turcos de cerco na fortaleza; e em tanto aperto, que lhe não faltava mais pera lha tomarem, que huma Armada, que lhes defendeſſe por mar os provimentos; e que elles ſe obrigavam a dar pera ElRey de Portugal a fortaleza, que eſtava ſobre o mar, e ametade do rendimento daquella Alfandega, (como já outra vez pro-

mettêram, quando D. Antão de Noronha áquelle negocio, como na mesma Decima fica dito, Cap. V. e Liv. IX.) que pera segurança disso elles entregariam logo, em o Capitão mór chegando, refens bastantes, e a seu contentamento.

Estas cousas poz logo o Viso-Rey em conselho; e debatido o caso, se assentou que se lhes mandasse a Armada que pediam, porque aquelle era o mais importante negocio, que então na India havia; assim pelo muito que importava ao Estado da India tirar dalli tão ruim vizinhança, como a fortaleza de Ormuz tinha, sendo Baharem de Turcos, como pelo grande proveito que se esperava daquella Alfandega, que por tempos podia vir toda ao Estado, como a de Dio; e que além disso se segurava toda a India com aquella fortaleza na garganta do Eufrates, por onde não podia entrar, nem sahir cousa alguma de Turcos, e que ficava o caminho aberto pera por alli se passar adiante, quando Deos nosso Senhor offerecesse occasião pera isso.

Assentado isto, mandou o Viso-Rey ordenar huma Armada de nove vélas grossas antre galeões, e caravellas, quatro galeotas Latinas, e sete fustas, e elegeo pera esta jornada Bastião de Sá, que começou a correr com os provimentos della, e paga dos sol-

da-

dados, que haviam de ser mil e quatro tos homens. Em quanto esta Armada se zia prestes, despachou o Viso-Rey a D. de Taíde pera ir acabar o tempo que faltava da sua Capitanía de Ormuz, por estar já livre das culpas, por que o tiráram della; e D. Antão de Noronha, que lá estava, acabava o seu tempo no Abril seguinte, e deo á véla por fim de Março. No mesmo tempo despachou tambem o Viso-Rey a D. Francisco Dorea pera ir entrar na Capitanía de Malaca; porque tambem acabava João de Mendoça que lá estava, e em sua companhia foi o galeão da carreira de Maluco com provimentos pera aquella fortaleza, e huma náo pera as Ilhas de Banda por contrato, que de novo fez o Viso-Rey com o Capitão, que era provído destas viagens. E porque he necessario declarar a causa, por que estas viagens se extinguíram, e o pouco proveito que ElRey dellas tinha, será necessario determo-nos hum pouco em o dizermos; e passa desta maneira.

Costumavam os Reys a prover estas viagens, como faziam ás de Maluco, que andáram sempre em Fidalgos muito honrados, (que não nomeamos por não fazermos comprida a historia,) porque importavam muito; e pera esta viagem costumavam levar a maior náo que ElRey tinha na sua ribeira; (por

(por ſer a carga que de lá trazia de mór volume, que do cravo;) de maneira, que a náo pera eſta viagem, officiaes, artilheria, munições, e cabedal montava huma grande ſomma de dinheiro, de deſpezas á fazenda de ElRey; e recolhia tão pouca couſa, que muitos annos ficava pondo (como lá dizem) as linhas de ſua caſa, aſſim pelas deſordenadas mercês, que os Viſo-Reys, e Governadores faziam dos terços, e choques, que vinham a ElRey, como pelos roubos que os Capitães das viagens, e dos de Malaca, e mais Officiaes faziam: no que ſe houvera juſtiça, e verdade, pudera montar pera ſua fazenda mais de trinta mil pardaos cada anno, ſem ElRey metter mais cabedal, que as deſpezas dos galeões; porque o ordinario que eſtas náos carregavam em Bandá eram mil e duzentos bares de nóz, e maſſa, de que cada bar tem ſinco quintaes, huma arroba, e dez arrateis do pezo da terra; e os Capitães, e Officiaes que o carregavam em ſuas liberdades, tiravam em Malaca tres quintaes, duas arrobas, dez arrateis do pezo daquella Cidade, e ficavam a ElRey forras pera elle ſete arrobas, e quaſi era o terço, de que os Viſo-Reys faziam mercês a ſeus parentes, e criados. E ainda paſſava eſta deſordem mais adiante, que davam licenças a outras peſſoas pera mandarem a Bandá trazer

tan-

tantos bares de nóz, e massa no galeão de ElRey, e que não pagassem mais que a cinta por cento, como os Officiaes, e ainda depois lhes faziam baixa; e aos outros passavam Provisões pera mandarem trazer certos bares comprados com a fazenda de ElRey, porque sempre mandava cabedal, de que as pessoas tomavam o risco, e depois lhes passavam Alvarás de quita, e mercê, por onde sempre ElRey ficava sem cousa alguma. Do que informado o Viso-Rey D. Constantino, vendo quanta mais obrigação tinha que muitos outros, de accrescentar a fazenda de ElRey, e não diminuir nella, ordenou já o anno passado de não mandar náo de ElRey, e de arrendar a viagem (como fez ao Capitão provído della) por trezentos bares de nóz, e até sincoenta de massa, forros pera ElRey, sem lhe dar ordenado, nem mercê alguma, e nem isto se pode colher. Pelo que este anno se concertou com o Capitão da viagem, e lhe deo dez mil pardaos seccos pera elle, sem outro algum interesse, concertando-se á mesma razão com os Officiaes, pera ver se podia colher algum fruto daquellas viagens; e mandou huma náo muito formosa com cabedal, pera vir toda a carga pera ElRey, que tornou de lá, sendo Viso-Rey D. Antão de Noronha, como na VIII. Decada diremos,

se

se nos lembrar : e segundo as informações que temos , tambem não montou cousa alguma. E por isto , e porque a terra estava alterada com as desordens dos Capitães, que a ellas hiam, cessáram estas viagens, e ficou aquelle commercio livre aos Jáos , que todos os annos vão áquellas Ilhas, e carregão muitos juncos seus , e os levam a Malaca, e ao Achem. E porque no preço desta droga fallámos já no Cap. XII. do VIII. Livro da nossa IV. Decada, pelo primeiro contrato que os nossos fizeram naquellas Ilhas, o deixámos de pôr aqui agóra. A todos estes provimentos , e despachos deo o Viso-Rey a mór pressa que pode.

E porque chegou tarde de Cochim , e as cousas que se lhe offerecêram foram muitas, não pode despachar a Armada de Ormuz , em que Bastião de Sá hia por Capitão mór , senão a doze de Abril , em que deo á véla com os nove galeões que dissemos, de que eram Capitães , a fóra o General, que hia no galeão S. Lourenço, Ayres de Sousa, filho de Christovão de Sousa de Santarem, que este anno tinha vindo do Reyno na náo Castello; Francisco de Mello irmão do Monteiro mór , D. Francisco de Almeida , que depois foi Capitão de Tangere, D. Filippe de Menezes , D. João de Castello-branco, João Lopes Leitão , Luiz

Frei-

Freire de Andrade, que foi Capitão de Chaul naquelle ſoberbo, e eſpantoſo cerco; e D. Diogo de Souſa, que depois foi Commendador da Ordem de S. João, e Baylio de Acre. Das quatro galeotas Latinas eram Capitães, D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór do Reyno; Ayres de Saldanha, que depois foi Viſo-Rey da India; Jeronymo Correa, filho de Antonio Correa Barem; e Henrique Moniz Barreto, filho de Ayres Moniz, irmão mais velho de Antonio Moniz Barreto, que foi Governador da India. Os Capitães dos ſete navios de remo eram Antonio de Noronha, Alexandre de Souſa, Pero Homem da Coſta, Ruy Freire, Pero Lopes Rabello, Eſtevão Pires, e Coſmo Faia.

Dada eſta Armada á véla, ſendo mais de cento e ſincoenta leguas affaſtada da coſta da India, na altura das Ilhas de Maldiva, lhe deo hum tempo contrario tão tormentoſo, que fez virar a todos em poppa, e com muito riſco, e trabalho foram correndo á vontade dos ventos, e quaſi destroçados ferráram a coſta de Carapatão até Baçaim eſpalhados, e cada hum ſe recolheo no porto que pode alcançar; e o Capitão mór com os mais dos navios de alto bordo foi tomar Chaul, onde por ſer tarde, e não haver já monção pera Ormuz, determinou de inver-

velhas alli, e mandou desapparelhar os navios, e escreveo ao Viso-Rey o que lhe succedêra; perdendo-se, por partir tarde esta Armada, huma occasião tamanha, e ficando com as despezas feitas, que foram muito grandes, o que acontece cada dia na India, por se não fazerem as despezas necessarias a tempo: e onde isto faz mais nojo he no Reyno, onde por não entrarem hum mez antes no despacho das náos, e das cousas da India, se perdem tantas, tanta gente, e fazendas pela tardança de dez dias.

Pouco depois desta Armada partida de Goa, chegáram cartas ao Viso-Rey de Cedemecan, Senhor de Surrate, em que lhe fazia a saber que ficava cercado de seu sobrinho Chinguiscan, que o tinha em muito aperto; e que pois estava tão arriscado a perder aquella fortaleza, que antes a queria entregar a ElRey de Portugal, e aos Portuguezes, em que sempre achou amor, e amizade, que lhe pedia mandasse hum Capitão a tomar posse della, porque logo lha entregaria, e que não queria mais que porem-no em salvo com sua familia, e thesouros na parte que elle escolhesse.

Vendo o Viso-Rey a importancia do negocio, e que Diogo da Silva Capitão de Damão lhe escrevia a certeza do caso, affirmando-lhe que se não acudisse, que se per-

deria aquella fortaleza, que era a mais importante cousa que se podia offerecer. (Porque além de se esperar muito grande rendimento de sua Alfandega, pela commodidade do porto segurava as terras de Damão, e Baçaim, e acabava de deitar huma braga áquella enseada, e a todo o Reyno de Cambaya, com huma ponta em Dio, e outra naquella fortaleza.) Pondo o Viso-Rey este negocio em conselho, se assentou nelle, que com muita brevidade acudisse a cousa tão necessaria, e importante; o que elle logo fez, sem embargo do Estado estar muito despezo pelos excessivos gastos que tinha feitos naquelle anno, assim na sua ida a Jafanapatão nas guerras de Ceilão, Cranganor, e provimentos das fortalezas, como na grande Armada de Bastião de Sá, de que ainda não tinha novas. E logo com muita brevidade mandou armar quatorze navios de remo, que em dous, ou tres dias poz no mar, com muitos provimentos, e soldados; e elegeo pera aquella jornada a D. Antonio de Noronha o Catarraz, que se fez á véla aos vinte dias do mez de Abril.

Os Capitães que o acompanháram em os navios, foram D. Lopo da Cunha, irmão de D. Pedro da Cunha, Capitão mór das galés do Reyno, D. Pedro de Castro, Alvaro Pires de Tavora, Ruy Pires de Tavo-

vol a seu irmão, D. Miguel da Gama, filho do Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama, e neto do primeiro Conde Almirante, que descubrio a India, e aquelle anno tinha vindo do Reyno; Fernão de Miranda de Azevedo, filho de Antonio de Miranda de Azevedo, Capitão mór que foi do mar da India nas differenças de Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas, Christovão de Sousa, filho bastardo de Antonio de Sousa, o Langara de alcunha, porque era manco, Fernão de Castro, João Gomes da Silva, Diogo de Sousa, André de Magalhães, André Taveira de alcunha o Cavalleiro triste, e outros.

Nesta companhia despachou tambem o Viso-Rey a Luiz de Mello da Silva para ir entrar na Capitanía de Damão, e a Simão Vaz Tello pera Feitor, e Alcaide mór della; e soltou D. Pedro de Almeida, que até então esteve prezo, e o despachou pera ir acabar a sua Capitanía de Baçaim. D. Antonio de Noronha se deo tanta pressa, que em breves dias foi surgir sobre Damão, onde estavam a mór parte das galeotas da companhia de Bastião de Sá, que eram Ayres de Saldanha, D. Jorge de Menezes o Baroche, (com quem eu fui embarcado,) Henrique Moniz, e Pero Lopes Rebello, que sabendo da jornada, a que D. Antonio hia,

determináram de o acompanhar, e se fizeram prestes pera isso: e assim mesmo outros Fidalgos, que estavam naquella fortaleza, que foram, Ruy Gonçalves da Camara, e Tristão Vaz da Veiga, que todos foram tomar D. Antonio de Noronha na barra de Surrate, que elle recebeo bem, e estimou muito, porque lhe acabáram de fazer huma Armada de grande representação, e de mais gente, porque de Goa não trazia mais que duzentos homens, por serem os soldados, embarcados em outras Armadas.

E primeiro que entremos nas cousas, que succedêram a D. Antonio de Noronha, nos pareceo bem dar conta das cousas do Cedemecan, e Chinguiscan para melhor entendimento da historia. Atrás no Cap. VII. deste IX. Livro temos dito, como estando o Chinguiscan sobre Surrate, por vingar a morte do pai, se alevantou de sobre aquella fortaleza, por acudir a seu Estado, que lhe entrava por elle Alucan, e lhe tinha tomado a Cidade de Veredora: agora continuaremos com o que mais succedeo.

Chegado o Chinguiscan a Baroche, ajuntou toda a mais gente que pode, e foi buscar o Alucan, que estava em Veredora com grande poder; e assentando seu exercito, começáram ambos a ter escaramuças custosas, que duráram quasi todo este verão, e por

fim

fim ficou o Chinguiſcan com a vitoria, e tornou a tomar a ſua Cidade. Agora vendo-ſe outra vez deſimpedido, com a mão folgada, com a gente contente, e victorioſa, determinou de tornar contra o tio, e não ſe alevantar de ſobre Surrate ſem ſe ſatisfazer da morte do pai; e poſto que tinha pera iſſo exercito baſtante, quiz ir com mais poſſe, e mandou a Cambayete convidar pera aquella jornada a Berancan, e o Cem Mirzas, ambos irmãos, filhos de hum irmão mais moço do Hecbar Rey dos Magores, que andavam fugidos daquelle Rey, porque os pertendia matar, de quem já nas outras Decadas démos mais larga relação, quando tratámos do alevantamento de todos os Governadores das Provincias de Cambaya pela morte de ElRey Soltão Mahamude, que o Ithimitican dizem que matou; e ficáram eſtes dous irmãos com tres, ou quatro mil Magores que traziam, vencendo o ſoldo de ElRey de Cambaya. Eſtes mandou o Chinguiſcan (como hiamos dizendo) convidar pera ſe acharem com elle naquella empreza, e lhes offereceo muito liberaes pagas, que elles aceitáram, e ſe vieram pera elle com toda a gente de ſua companhia. E na entrada deſte mez de Abril do anno de ſeſſenta foram aſſentar ſeu campo ſobre a fortaleza de Surrate, e plantáram muita, e formoſa ar-

artilheria, que de novo trouxe, contra o baluarte, que fica pera a parte da Alfandega, onde fizeram fortes bastiães, e armáram grandes cestões de terra, e foram continuando a bateria com tanto terror, e espanto, que encheo de medo todos os de dentro, derribando-lhes todos os altos do baluarte até o arrazarem por sima: e por outra parte foram fazendo huma formosa mina por o[illegible] de alguns Turcos, grandes Of[illegible] pera isto trouxe, que lhe tão [illegible] passava por baixo da cava, que era bem alta. O Cedemecan vendo-se tão apertado com hum poder tão grosso sobre aquella fortaleza, e que não tinha donde se valer, entendendo que não podia deixar de perder a fortaleza, e a vida com ella, a quiz antes entregar aos Portuguezes, que tomar-lha o inimigo, e a mandou offerecer (como temos dito) ao Viso-Rey D. Constantino em nome de ElRey, que deixou de vir a nosso poder por não ser vivo D. Diogo de Noronha, que de sua natureza, e zelo se entendia que acudíra áquelle negocio em pessoa, e com tempo; porque a elle com mais gosto, que a nenhum outro Capitão, a entregára o Cedemecan sem os receios com que andou.

CA-

CAPITULO XII.

Do que aconteceo a D. Antonio de Noronha em Surrate: e dos recados que passáram antre elle, e o Cedemecan: e de como ganhou huma estancia ao Chinguiscan, e lhe tomou a artilheria: e da batalha que lhe deo em campo, em que o desbaratou, e lhe fez alevantar o cerco, que tinha posto aquella fortaleza.

DEixámos neste Capitulo atrás D. Antonio de Noronha chegado ao rio de Surrate, que logo no primeiro poço surgio com toda a Armada, e mandou armar tendas em terra até o outro dia, que chegáram os navios de Damão, e alli fez alardo de toda a gente da Armada, e achou pouco mais de quatrocentos homens: e a primeira cousa que fez foi despedir logo Coge Abraham em hum catur ligeiro com recado ao Cedemecan, como era chegado, e a saber o modo que queria ter naquelle negocio da entrega da fortaleza, e lhe mandou as cartas do Viso-Rey, em que lhe dizia, como mandava D. Antonio de Noronha com aquella Armada pera o favorecer, e ajudar, e pera o pôr com toda sua casa, e familia na parte onde quizesse, muito a seu salvo, e que a elle podia entregar a fortaleza, como lhe ti-

tinha promettido, porque levava ſeus poderes, fazendo-lhe muitos offerecimentos, e promeſſas, cumprindo o que lhe tinha mandado offerecer; e ao Judeo advertio, que notaſſe mui bem tudo o que hia na fortaleza, e o que entendia do Cedemecan, pera que lhe ſoubeſſe dar razão de tudo o que viſſe. O Judeo foi a Surrate, e o Cedemecan o recebeo bem, e praticou com elle em ſegredo, e ſós ſobre a entrega da fortaleza, porque ſe não tinha fiado em aquelle negocio de peſſoa viva, por ſe não alterarem os ſeus, por recear que o prendeſſem, e o entregaſſem ao Chinguiſcan. E diſſe ao Coge Abraham, que ſe foſſe o Capitão mór com toda a Armada ſurgir defronte da fortaleza, como que hia em ſeu favor, pera o Chinguiſcan alevantar o cerco, e o deſapreſſar; e que fazendo-o, então huma noite o mais ſecreto que pudeſſe lhe entregaria a fortaleza, e ſe embarcaria em alguns navios pera ſe paſſar a Jaquete.

Com eſte recado foi o Capitão mór D. Antonio de Noronha pelo rio aſſima até o poço do Pagodinho, (que eſtá mais de huma legua da barra, da banda do Abexim,) e alli ſurgio, por ſer aviſado que o Chinguiſcan era alli chegado do dia dantes; e que tinha ſobre o canal plantadas eſtancias antre humas hervas leiteiras, em que havia

mui-

muita artilheria, com tenção de lhe defender a passagem, como de feito assim era; porque tanto que o Chinguiscan vio a nossa Armada no rio, receando-se que o Cedemecan quizesse entregar aquella fortaleza aos Portuguezes, deixou as estancias assim como estavam, batendo a fortaleza com quinze, ou dezeseis mil homens de guarda; e elle com tres, ou quatro mil de cavallo, e os dous primos do Rey dos Magores, se foi pôr na Aldea dos Abexins, e mandou pôr nas hervas leiteiras junto ao Pagodinho nove peças de artilheria de metal, que eram cães, e camelos, pera com elles defender a passagem á nossa Armada.

Tanto que o Capitão mór surgio hum pouco antes da estancia, sabendo da determinação do Chinguiscan, se foi pera a galeota de Ayres de Saldanha, (por ser muito grande, e de dous baileos,) e alli chamou a conselho todos os Capitães; e dando-lhes conta do negocio, se assentou, que se não bullisse com o Chinguiscan, (que era até então nosso amigo, e que ainda se não tinha declarado, e que passasse toda Armada pera a fortaleza,) e que atirando-lhe das estancias, então desembarcassem, e as tomassem; mas que fosse elle o primeiro que quebrasse a paz.

Com esta resolução se metteo o Capitão mór

mór em huma galueta, e foi correndo a Armada a dar-lhe aviso do que haviam de fazer. E prepassando pela galeota de D. Jorge de Menezes, chamando por elle, lhe disse aquellas palavras do Romance velho: *Vamonos dixo, mi tio, a Pariz essa Ciudad*; dando-lhe a entender que estava assentado passar ávante pera a fortaleza. E D. Jorge de Menezes lhe respondeo muito apressado com o mesmo Romance: *Non en trajes de Romeros, porque no os conozca Galuan.* E mettendo-se com elle na galueta, o foi acompanhando até a sua galeota, ficando assentado, que ao outro dia pela manhã, no começo da enchente da maré, tanto que elle fizesse sinal com huma bombardada, se levassem, e fossem caminhando pelo rio assima com as armas nas mãos; e que se da tranqueira lhe atirassem bombardadas, puzessem as proas em terra, e lhes ganhassem aquella estancia: e assim toda aquella noite gastáram os nossos em fazer munições, e em alimpar as armas; e tanto que amanheceo, que a maré começou a subir, ouvíram o sinal do Capitão mór, e se leváram todos os navios, tomando o remo em punho pera passarem pera a fortaleza.

Estavam surtos defronte da estancia da artilheria diante de toda a Armada os navios de D. Jorge de Menezes, Ayres de Saldanha,

nha, D. Miguel da Gama, Pero Lopes Rebello, e Henrique Moniz Barreto, (que eram os melhores navios, e da melhor, e mais limpa soldadesca de todos os da Armada,) que levando a ancora ao final, em començando a remar, dispararam das estancias algumas bombardadas, e da primeira carga deram huma na galeota de D. Jorge de Menezes, onde eu estava embarcado, que tomou o navio pela proa por baixo do jugo, e levou as pernas a sinco, ou seis marinheiros; e outra passou por alto, e tomou pelas tisouras da galeota, e foi varando fóra, sem fazer mais damno. E na galeota de Ayres de Saldanha deram outra, que lhe matou dous, ou tres homens, e outros tantos no navio de D. Miguel da Gama, e os mais não ficáram sem quinhão. Apôs esta carga veio outra, que tambem fez assás de damno; com o que embaraçou os marinheiros de feição, que alguns deixáram o remo, ficando os navios atravessados ás bombardadas.

Vendo os Capitães dos navios o damno que tinham recebido, mandáram aos Catureiros que puzessem as proas em terra, porque menor damno se esperava, que estarem alli á barreira, e assim endireitáram pera ella; e pondo as proas abaixo das barranceiras, saltáram os soldados logo em terra,

e

e com grande animo, e valor commettêram as estancias, que ás cutiladas ganháram muito depressa, e logo sobre a artilheria se arvoráram algumas bandeiras. E como os do navio de D. Jorge Baroche foram dos primeiros, que isto fizeram, (e eu hia com elles, que era então de dezoito annos, desejoso de ganhar honra,) chegando á estancia dos Mouros, achei huma carreta de campo com huma formosissima peça de artilheria, e dous bois muito grandes que a tinham; e lembrando-me de huma machadinha de Rumes que levava na cinta, (que os soldados então costumavam,) com ella jarretei os bois pelas pernas; e depois de cahirem, e com alguns companheiros dos que se alli acháram, virámos a peça de artilheria pera o campo, onde os Mouros estavam em hum mui formoso esquadrão, e varejámo-los com ella mui arrezoadamente; e os bois, que eram maiores que os de Alemtéjo, mettemos na nossa fusta, que nos foi boa matalotagem.

O Capitão mór, que vinha a remo, ouvindo as bombardadas, e vendo os nossos navios com as proas em terra, não quiz passar adiante, e desembarcou na parte em que hia, (que ficava a tiro de berço, onde estavamos;) e formando seu esquadrão mui bem ordenado, com a bandeira de

Chri-

Christo no meio, foi marchando pela borda da barranceira por hum formoso, e espaçoso campo, e os navios todos ao longo da praia por costas. O Chinguiscan, que hia já acudindo ás estancias, (porque aquella briga que nella tivemos foi mui abbreviada,) vendo o Capitão mór em terra, foi-se estendendo em huma meia lua, cujas pontas hiam fechar nas barranceiras sobre o rio de huma, e outra parte, ficando os nossos no meio. E os desta ponta, que ficava abaixo dos nossos, se adiantáram alguns aventureiros dos inimigos, e foram travar escaramuça com os nossos, de que tambem se adiantáram alguns, e antre estes foi o primeiro Ruy Gonçalves da Camara, filho do Capitão da Ilha da Madeira; e foi tão venturoso, que vio hum daquelles Magores romper nelle o encontro, que elle esperou a pé quedo com huma alabarda nas mãos; e ao passar o Magor, o levou Ruy Gonçalves da Camara na ponta da alabarda, e deo logo com elle morto em terra; e depois se soube que era hum dos principaes Capitães do exercito, chamado Ceifel Maluco: os companheiros tambem se acolhêram escalavrados da nossa arcabuzaria, de que alguns foram mortos em sima dos cavallos, (porque costumam andar percintados nelles pera não ficarem antre os inimigos;) e assim depen-

du-

durados dos cavallos os viamos ir pelo campo desenfreados, e desatinados. Os nossos navios, que hiam de longo da praia, com a maré (que assim como hia subindo, e crescendo) hiam elles descubrindo mais o campo, de feição que tiveram tempo pera pararem os falcões antre os inimigos, que com elles fizeram muito damno, e os nossos foram caminhando mais desalivados, até chegarem á tranqueira onde nós estávamos: e a primeira cousa que o Capitão mór fez, foi mandar embarcar a artilheria pelos marinheiros dos navios, estando o nosso exercito sempre no campo fóra das leiteiras á vista dos inimigos, por lhes mostrar quão pouca razão tinham pera os recear.

O Chinguiscan vendo aquella confiança dos nossos, ficou algum tanto quebrado da sua; e todavia despedio os dous irmãos Magores com mil e quinhentos cavallos da sua cevadeira, por lho elles pedirem, porque desejavam de provar a mão com os Portuguezes, que com grande determinação commettêram. O Capitão mór os esperou em hum esquadrão fechado, e bem ordenado, com os Capitães postos á roda, ficando elle de fóra capitaneando; e como era homem mui grande, e membrudo, e andava vestido em huma roupeta, e calções de cetim aleonado, tudo espeguilhado douro, e por sima trazia

hu-

huma formosa saia de malha, e hum montante nas mãos, andava tão formoso, que não havia mais que ver; e assim rodeando o seu esquadrão, andou sempre de fóra delle, porque os seus se não desmandassem. E chegando os Magores a tiro de arcabuz, dispararam os nossos nelles huma, e duas cargas tão bem empregadas, que dellas ficáram mais de oitenta estirados no campo, a fóra os que os cavallos leváram: e todavia como vinham com aquelle impeto na primeira commettida, ficáram baralhados com os nossos, e atropeláram alguns, que se sahíram do esquadrão, por muito que o Capitão mór trabalhou pelos ter. E destes atropelados foi hum soldado chamado Antonio Nicolas, que esperou hum daquelles Magores com huma espada, e rodella, e cahindo no chão virou o Mouro sobre elle pera o matar; mas assim de costas, e quasi por debaixo do cavallo lhe deo tantos golpes, que lhe cortou huma perna, e deo com elle no chão; e levantando-se com muita pressa, matou o Mouro, estando já soccorrido dos nossos; e logo lhe tirou hum terçado de prata com sua guarnição de talabartes, que lançou ao pescoço, e assim andou pelejando com muito valor, porque andava já a cousa muito travada á espada, e os nossos mui accezos na peleja, em que

to-

todos fizeram taes cousas , que os inimigos de escandalizados se foram recolhendo pera onde estava o Chinguiscan , bem desconfiados aquelles dous Principes Magores , e enfadados daquelle mal esperado successo ; porque elles foram occasião do Chinguiscan quebrar as pazes que tinha com o Estado , por dizerem muitas vezes que desejavam de se ver em campo com os Portuguezes , pela fama que tinham antre todas as nações da India : e assim víram logo experiencia em os seus , porque os mais dos que morrêram foram Magores , que por mais soberbos , e atrevidos se adiantáram.

Recolhidos elles pera o Chinguiscan , se puzeram todos no campo em hum muito formoso esquadrão á vista dos nossos , onde parece estiveram tomando conselho sobre o que fariam ; e entre tanto lhe mandáram lá os nossos alguns pelouros de duas peças , que ficáram carregadas , que foram as derradeiras que se embarcáram , cujos pelouros levantáram antre elles grandes nuvens de poeira , e desfizeram o conselho. Todavia parece que de affrontados , e magoados assentáram de commetter os nossos , e tornáram a rebentar pelo campo com grande furia , lançando diante muitas bombas de fogo , que no meio dos nossos se desfizeram , sem perigar mais que hum só. E como os nos-

sos

ſos eſtavam com a mão folgada do ſucceſſo paſſado, deo-lhes pouco delles, e aſſim eſperáram os inimigos com grande determinação, e antre todos ſe travou huma aſpera batalha, que durou pouco, porque a noſſa artilheria pelas ilhargas, e a arcabuzaria por diante aſſim os eſcandalizou, que ſe tornáram a recolher pera o cabo do campo, onde Chinghiſcan ficou, que deſconfiado daquelles ſucceſſos, determinou de ir pelejar com os noſſos a pé quedo, pera o que ſe deſceo, e fez pôr todos a pé, e formou outro eſquadrão com propoſito de ir morrer antre os noſſos, ou ſatisfazer aquella quebra. Eſtando com eſta furia, ſe chegou a elle hum homem de ſua obrigação, e lhe pedio, que não quizeſſe arriſcar ſua peſſoa com os Portuguezes, que pelejavam como deſeſperados, e que ninguem havia de levar delles a melhor; e ainda ſe liou com elle, pedindo-lhe que não paſſaſſe dalli. Eſtando niſto, lhe chegou hum recado de ſua mãi, (que ficava nas eſtancias,) em que lhe mandava pedir pelo amor que lhe tinha, e pela lei do ſeu profeta Mafamede, que ſe recolheſſe, e não quizeſſe pelejar com aquelles Cafres, (que aſſim nos chamam elles por deſprezo, que tanto quer dizer como Cafres,) porque lhe dizia o coração que ás ſuas mãos havia de morrer, como ſeu avô Coge Çofar. Com

este recado da mãi tornou elle a cavalgar; e ajuntando os seus, se foi recolhendo pera as estancias, e não se deteve nellas mais, que em quanto mandou recolher toda a artilheria, com que se foi pera fóra da Cidade, porque se receou que se ajuntassem os nossos com Cedemecan, e lha tomassem.

Os nossos se fizeram senhores do campo; e depois de se embarcar toda a artilheria, se recolhêram aos navios; e todo aquelle dia, e noite passáram no mesmo pouso junto de huma formosissima náo chamada a Rupaia, que quer dizer, náo de prata, porque cada anno vinha de Meca com huma grande somma della, e doutras riquezas, por ser embarcação, em que se embarcavam os mais ricos mercadores de todo o Reyno de Cambaya; e todos os da Armada a julgámos por maior que todas as que andavam na carreira da India; e nella entrámos quasi todos os soldados da Armada, e nos provemos de chumbo em duas ancoras de ferro que tinha, com huma guarnição delle no remate das unhas, parece que pera pezo, e ainda todos o não pudemos esgotar.

CAPITULO XIII.

Dos recados que se passáram antre D. Antonio de Noronha, e o Cedemecan: e de como o Capitão mór a sua petição commetteo a Cidade, pera lançar della o Chinguiscan: e de como D. Antonio de Noronha se vio com o Cedemecan sobre a entrega da fortaleza, e as causas que houve pera a não entregar: e de como a Armada sahio do rio, e D. Antonio de Noronha se foi pera Goa, e o Viso-Rey D. Constantino o mandou prender.

AO outro dia pela manhã se levou o Capitão mór com toda a Armada embandeirada, e foi surgir defronte da fortaleza, e mandou saber do Cedemecan o que determinava, e o que queria que fizesse; e elle lhe mandou pedir, que desembarcasse em terra, e mandasse desfazer as estancias dos inimigos, pera se segurar mais, e que depois lhe entregaria a fortaleza. D. Antonio o fez assim, e se poz debaixo da fortaleza em terra com toda a gente em armas, e derredor dos muros fez hum muito bem ordenado esquadrão, dando huma formosa, e soberba salva de arcabuzaria, e a Armada de artilheria: o que fez representar a todos outro maior, e mais poderoso exercito de

gente, do que era, porque aquella pouca encheo os olhos de todos aquelles Mouros, que ainda que se mostrem amigos, sempre os põem nos Christãos com odio, e aborrecimento. Com esta ordem foi o Capitão mór até ás estancias do Chinguiscan, e mandou pelos marinheiros da Armada desfazer os cestões, e derribar os vallos, e trincheiras, e arrombar, e entulhar as minas; e em quanto se isto fazia, andava o Cedemecan no baluarte da bateria com muitos Officiaes concertando, e repairando todas as ruinas de feição, que tornou naquelle dia, e no outro seguinte ao pôr no estado em que dantes estava. E tanto que as estancias foram derribadas, mandou o Cedemecan dizer ao Capitão mór, que o Chinguiscan estava ainda dentro na Cidade, (que era hum tiro de bésta affastado da fortaleza,) que lhe pedia o fosse lançar della, pera elle mais livremente se poder embarcar, e entregar-lhe a fortaleza; e pera isso lhe mandou alguma gente de pé, que seriam até quatrocentos, e algumas trombetas, e atabales em camelos, e muitos soldados dos seus armados de mui grossas malhas, forradas de fortes laminas daço pelos peitos, e os mais com armas do corpo.

Estas dilações do Cedemecan (segundo alguns entendêram) foram pera gastar o tem-

tempo, que era em fim de Abril, em que se esperava pelo inverno, pera a nossa Armada se ir dalli, porque já estava em estado defensavel; mas o que depois se teve por mais certo, foi, que se não atreveo declarar aos seus a entrega que queria fazer da fortaleza aos Portuguezes, porque se receou, que o matassem, e assim nunca tratou os recados senão só, e em segredo com Coge Abrahão, com tanto resguardo, e cautelas, que nunca lho entendêram. D. Antonio de Noronha tambem cuidou que aquillo eram entretimentos, e que mandar-lhe pedir que lançasse o Chinguiscan fóra da Cidade, era invenção; mas porque não cuidasse o Cedemecan que por medo do Chinguiscan deixava de fazer o que lhe pedia, quasi desconfiado lhe mandou dizer, que logo faria o que lhe mandava, e que pera aquelle negocio não havia mister gente sua; e tornou-lha a mandar. E na mesma ordem em que estava foi marchando pera a Cidade, levando sempre a Armada de longo da ribeira á sua vista, o que se lhe estranhou muito, porque se foi metter em huma Cidade muito grande, e de muitas ruas, e becos, onde lhe pudera acontecer hum grande desastre, e desaventura. E entrando por ella, foi pela rua grande, que corre defronte da Alfandega, em que vinham dar outras muitas ruas,
por

por onde lhe deo moſtra huma copia de gente de cavallo, com que os noſſos travåram huma eſcaramuça de eſpingardaria; e andando aſſim travados, deram rebate ao Capitão mór D. Antonio de Noronha, que o Chinguiſcan vinha com todo o poder, por ſaber que andavam os noſſos dentro na Cidade. E receando-ſe D. Antonio de Noronha que lhe tomaſſem as ruas á volta, o que ſeria cauſa de ſua perdição, por não moſtrar que voltava com algum receio, ou virava as coſtas com temor, não quiz voltar pela meſma rua, mas fello pela primeira que achou ſobre a mão eſquerda pera a banda do mar. E na meſma ordem foi marchando devagar até ſahir ás coſtas da Alfandega, onde a Armada eſtava ſobre o remo, e foi voltando até ás eſtancias dos inimigos, onde ſe embarcou muito a ſeu ſalvo, deixando a noſſa arcabuzaria alguns Mouros eſtirados por dentro das ruas, e foi ſurgir defronte da fortaleza, onde ſe deixou ficar aquelle dia, em que corrêram recados delle pera o Cedemecan ſobre a entrêga della; e por fim vieram a concluir, que foſſe o Capitão mór D. Antonio de Noronha ao outro dia verſe na ponte da fortaleza com o Cedemecan com ſós quatro, ou ſinco homens, e que elle lhe viria alli fallar, e concluiriam naquelle negocio.

Ao

Ao outro dia ſe embarcou o Capitão mór em huma manchua, veſtido em huma roupa de cetim roxo, e calções do meſmo, todos guarnecidos de ouro, e por baixo huma muito fina ſaia de malha: levava na cabeça gorra com huma medalha, e plumas muito formoſas, e tres pagens, hum com hum montante nú, outro com hum eſcudo d'aço, e o outro com hum murrião, e elle com hum baſtão na mão; e das quatro, ou ſinco peſſoas que comſigo levava, não ſou lembrado. Chegado á ponta do caes, eſperou até ſe abrir a porta da fortaleza, e ſahir por ella o Cedemecan, que vinha veſtido em huma cabaia de veludo carmeſim guarnecida de ouro, e trazia na cabeça huma muito fina, e formoſa touca, e hum rico Camarabando cingido, e na cinta hum punhal de ouro, e diante alguns pagens, hum com o terçado, outro com hum coſo de aço, e outro com hum arco, e coldre com fréchas. Vinham mais com elle ſinco, ou ſeis Capitães, que o rodeavam, (era então mancebo de vinte e quatro até vinte e ſinco annos, alvo, louro, e de muito boa diſpoſição,) e foi caminhando pera o caes. O Capitão mór logo deſembarcou, e no meio da ponte ſe encontráram, e nas viſtas tiveram muitos cumprimentos; e apartados ambos com Coge Abrahão, falláram ſobre a en-

entrega da fortaleza. O Cedemecan lhe disse, que eſtava muito preſtes pera cumprir o que tinha promettido ao Viſo-Rey, e a elle; mas que o não podia fazer ſenão com muita ordem, e ſegredo, porque até então o tinha encuberto aos ſeus, por recear haver antre elles algumas alterações, ſenão levaſſe a couſa no meſmo ſegredo, em que eſtava até á hora da entrega da fortaleza. Que lhe pedia ſe deixaſſe eſtar mais dous, ou tres dias com ſua Armada, em quanto elle negociava ſua embarcação, e recolheſſe ſeus theſouros; e que tanto que tiveſſe tudo preſtes, na meſma hora de ſua embarcação lhe entregaria a fortaleza. E depois de ſobre eſte negocio praticarem muito devagar, e D. Antonio de Noronha lhe dar alguns aviſos de como havia de proceder naquelle negocio, ſe deſpedíram, e o Capitão mór foi ſurgir no meio do rio, onde ſe deixou eſtar, até o Cedemecan lhe mandar recado pera ir tomar entrega da fortaleza. E quando eſperava por iſſo, foi aviſado que havia nella grandes alterações antre os Capitães reinoes, que eſtavam dentro, e tinham tomadas as portas ao Cedemecan, porque ſe não concertaſſe com o Capitão mór, porque depois daquellas viſtas ficáram com receio, e ſuſpeitáram o negocio, e traziam grandes eſpias ſobre elle.

Ven-

Vendo o Capitão mór aquelle feito tão mal parado, chamou todos os Capitães a conselho, e deo-lhes relação de tudo o que tinha passado com o Cedemecan, e do estado em que aquelle negocio estava; e como os da fortaleza andavam quasi alevantados contra o Cedemecan, porque suspeitavam, ou foram avisados deste negocio, e que já não esperava bom fim áquellas cousas, que lhes pedia seus pareceres, constando a brevidade do tempo. E sendo debatido o caso conforme ás informações de Coge Abrahão, votáram quasi todos conformes, dizendo, » que eram quinze de Maio, e que pela » conta ordinaria não tardaria o inverno » mais que até alguma chea, em que com» mummente costumava a entrar naquella » enseada; e que sendo caso que os tomasse » dentro naquelle rio, ficavam arriscados a » se perderem, e vir aquella Armada a po» der de Chinguiscan, com que poderia fa» cilmente tomar aquella fortaleza, e depois » a Cidade de Damão; porque tomando-os » alli a invernada, não havia onde se pro» vessem, e que por força se haviam de en» tregar á fome; e que ainda a tudo isto se » poderiam arriscar, se houvesse esperanças » de o Cedemecan poder cumprir sua pala» vra; mas que tudo era trabalho perdido, » porque se a sua tenção fora entregar aquel-

» la

» la fortaleza , já o pudera ter feito livre-
» mente, e sem risco algum; e que bem se
» deixava entender que a necessidade em que
» se vio , o fez tão liberal nas promessas;
» pois que tanto que se vio desapressado do
» inimigo, tratou tantas dilações; e que as
» alterações que diziam, podiam ser artificio
» pera sua escusa; e que pedir aquella Ar-
» mada bem claro estava que foi mais pera
» se valer della , que por vontade que ti-
» vesse de fazer aquella entrega; e que pois
» a cousa estava neste estado, não havia que
» esperar, senão deixar tudo, e não arriscar
» huma Armada , cheia de tantos , e tão
» bons soldados, e de tão nobres Fidalgos,
» a cousas tão duvidosas. »

Assentado isto, levou-se logo o Capitão mór, e foi surgir no poço da barra , e na maré da noite se sahio pera fóra com tanto risco, e perigo, que esteve a mór parte da Armada perdida nos canaes; e sahidos pera fóra, deram á véla , e ao outro dia foram tomar Damão , onde quasi todos aquelles Capitães se recolhêram a invernar; e assim este inverno foi o em que naquella fortaleza invernou a melhor soldadesca, e mais Fidalguia, e Nobreza, que nunca se vio em alguma outra fortaleza da India, porque foram mais de dous mil homens pera quem se ordenáram sinco mezas, de que eram Capi-

pi-

pitães D. Jorge de Menezes Baroche, Ruy Gonçalves da Camara, D. Francisco Henriques, Fernão de Castro, e Tristão Vaz da Veiga, a fóra outros, que em suas casas, e á sua custa deram mezas a muitos soldados, como foram Ayres de Saldanha, D. Miguel da Gama, D. João da Costa, Alvaro Dias de Sousa, e outros; e a toda esta gente pagaram este inverno geralmente dous quarteis, além de suas mezas.

Huma das cousas que me embaraça muito, he ver que no tempo, em que se estas cousas faziam, não rendia o Estado da India pera ElRey mais que setecentos mil pardaos, com que os Viso-Reys (além dos gastos que tenho dito) faziam pagas geraes, quando se embarcavam; e a fóra a Armada do Malavar, mandavam outra ao Estreito de galeões, e galeotas, e soccorros de fortalezas; e hoje que a India rende em dobro, faltão as mais destas cousas. E deixando isto, tornemos ao Capitão mór D. Antonio de Noronha, que foi passando pera Goa, aonde chegou em tres dias; e da barra mandou recado ao Viso-Rey D. Constantino do successo desta jornada, que assim se enfadou por perder aquella empreza, que cuidava tinha nas mãos, que mandou dizer a D. Antonio de Noronha, que se fosse prezo pera hum passo, dando-lhe por culpa o vir-se

sem

ſem ſua licença ; mas depois de lhe paſſar a colera , e paixão , o ſoltou , e teve com elle muitas ſatisfações , porque ſoube a verdade do caſo.

CAPITULO XIV.

De como os Mouros , que eſtavam na fortaleza de Surrate , quizeram matar Cedemecan pelos tratos que teve com D. Antonio de Noronha , e elle lhes fogio : e de como foi morto por ordem de Chinguiſcan.

POr muito grande ſegredo que o Cedemecan teve naquelles tratos , em que andou com D. Antonio de Noronha ſobre a entrega da fortaleza , não deixou de vir á noticia dos ſeus , e ſempre ſe receáram depois que víram a noſſa Armada naquelle rio. E como já traziam olho nelle , acabáram de ſe ſegurar em ſuas ſuſpeitas o dia que ſe vio com D. Antonio de Noronha na ponte ; e lançando ſuas eſpias , e intelligencias , ſouberam que ſe negociava com grande preſſa , e ajuntava ſuas joias , e theſouros , (como de feito aſſim era ,) porque ſempre ſua tenção foi entregar a fortaleza , e cumprir ſua palavra ; e todas aquellas dilações com D. Antonio de Noronha foram por ſe não atrever a declarar , por ſe recear que como os ſeus o ſoubeſſem , ſem dúvida o haviam de ma-

matar, ou entregar ao Chinguiſcan. E querendo elle ultimamente entregar a D. Antonio de Noronha a fortaleza, o meſmo dia que elle ſe affaſtou della, acudíram os Mouros Nacteas de Reinel, que eſtavam com elle na fortaleza, e quizeram lançar mão delle, e prendello, porque os não entregaſſe aos Portuguezes com ſuas mulheres, e filhos, de quem eram tão inimigos, que antre todas as nações do mundo eſtes Nacteas, que ſeguem os Arabios em ſuas ſeitas, são os que mór mal lhes querem que todos, e aſſim elles são cauſa de o Çamorim, e todos os Reys do Malavar quebrarem ſempre as pazes com o Eſtado, porque todos os que habitam naquella fralda toda, são deſta caſta. O Cedemecan ſentindo a alteração nelles, teve modo com que lhes eſcapou, e huma noite ſe ſahio da fortaleza com quinze de cavallo; e deſviando-ſe do exercito do Chinguiſcan, foi caminhando apreſſado pera as terras do Vergi, (que são aquellas, que jazem antre o Reyno de Cambaya, e as do Decan, que he hum Reyno muito aſpero, e de ſerras muito fortes, e intrataveis, por ſer aquelle Rey da caſta dos antigos Reys de Cambaya, com quem corria em muito grande amizade.) E aqui o deixaremos hum pouco, por darmos conta do que ſe paſſou na fortaleza, depois que elle ſe ſahio della.

Ao

Ao outro dia, tanto que amanheceo, acháram os de dentro o Cedemecan menos; e vendo que nos Paços lhe ficáram suas mulheres, e thesouros, não tocáram em cousa alguma, e tratáram de defenderem a fortaleza, se o Chinguiscan tornasse sobre ella; que logo foi avisado da fogida do tio, e da ida da Armada, com o que se tornou a abalar contra a fortaleza, e assentou suas estancias onde dantes as tinha. E querendo pôr em ordem a bateria, lhe chegáram novas, que o Alucan tornava outra vez sobre a Cidade de Veredora com grande poder; e largando logo tudo, acudio lá, e defendeo mui bem sua Cidade, durando antre aquelles dous Capitães a guerra todo o inverno, em que houve muitos recontros, e assaltos, que deixamos, porque nos não servem, e temos muito que tratar.

O Cedemecan, que deixámos partido de Surrate, foi pela posta ter á Corte do Vergi, e lhe deo conta de seus trabalhos, e lhe pedio ajuda pera se passar á Corte de Cambaya, a Cidade de Amadabá, a se ver com ElRey. E como o Vergi era grande seu amigo, o consolou, e o teve comsigo alguns dias, e depois lhe deo duzentos homens de cavallo, e cem mil cruzados, e joias de muito preço, com que se partio pera a Corte, e se vio com ElRey, e com

o

o Ithimitican ſeu Regedor, e lhes deo conta de ſeus trabalhos, que elles ſentíram muito, e lhe promettêram de o favorecer, e ordenar todas ſuas couſas, pera que paraſſem em bem: pelo que ſe deixou ficar na Corte todo o inverno.

O Chinguiſcan teve logo rebate da chegada do Cedemecan á Corte; e deſejando de vingar a morte de ſeu pai, fallou com dous Mouros de ſua caſa, que foram da creação de Coge Çofar, e ſe creáram com o meſmo Cedemecan, hum delles de nação Cherques, chamado Roſtomocan, manco de huma perna, e o outro Abexim Eunuco, por nome Biſiliſcan, ambos homens muito determinados, a quem o Chinguiſcan peitou groſſamente, pera que ſe foſſem metter com o Cedemecan, e trabalhaſſem pelo matar. Eſtes dous homens foram ter á Corte, como que hiam a negociar, e viſitáram o Cedemecan, como homens de ſua creação, e o ficáram acompanhando, ſem ſe elle temer delles pela creação que tiveram. E andando hum dia á caça com elles, indo correndo a hum veado, metteo o ſeu cavallo huma mão em huma abertura da terra, e ficou tão embaraçado, que ſe não podia bullir. Vendo-o os dous traidores daquella maneira, e ſó, arremettêram a elle, e ás cutiladas o matáram, ſem ſe elle poder defender; e toman-

mando a posta, se foram pera Baroche, onde acháram o Chinguiscan vitorioso do inimigo, que os festejou muito. As novas da morte de Cedemecan chegáram a Surrate; e sabendo-as os seus, mandáram chamar Linguircan, por outro nome Caracem, casado com huma irmã do Cedemecan, pera que fosse tomar posse da fortaleza, que lhe pertencia, por não ficarem filhos ao Cedemecan, o que elle logo fez; e correndo o tempo, se concertáram elle, e o Chinguiscan, que eram cunhados, e ficáram correndo em tanta amizade, que nascendo hum filho ao Chinguiscan, foi o Caracem festejallo a Baroche, onde o eu visitei, por me achar então naquella Cidade, e por ser muito seu amigo, por lermos ambos o Italiano, e lhe eu mostrar Dante, Petrarcha, Bembo, e outros Poetas, que elle folgou de ver. Assim ficáram por então as cousas, sem nunca mais se offerecer outra occasião pera os Viso-Reys lançarem mão de Surrate, que tanto importava ao Estado.

CA-

CAPITULO XV.

Do que neste tempo aconteceo em Maluco: e de como aquelle Rey desistio do Reyno nas mãos do Capitão daquella fortaleza: e de outras cousas que mais succedêram.

DEixámos o verão atrás passado de 1560. partido Manoel de Vasconcellos pera Maluco, com quem não houve até agora tempo de continuar, e por isso o faremos agora brevemente. Este Capitão foi tomar Malaca, onde deixou os provimentos daquella fortaleza; e como foi tempo, deo á véla pera Maluco, aonde chegou com todos os navios juntos, e tomou posse daquella fortaleza, e logo prendeo Antonio Pereira Brandão, e lhe mandou escrever a fazenda por provisões que levava pera isso. ElRey o visitou, e se lhe offereceo pera todas as cousas que fossem necessarias do serviço de ElRey de Portugal seu Senhor. E passados os primeiros dias de visitações, tratou Manoel de Vasconcellos de pôr por obra outra provisão que levava. Esta era: « Que fizesse desistir ElRey Aeiro do Reyno de » Maluco, pera tomar posse delle por El- » Rey de Portugal, como verdadeiro Se- » nhor, e herdeiro delle, pela verba do » tes-

» testamento de ElRey D. Manoel, que
» morreo em Malaca, (como fica dito no
» X. Cap. do X. Liv. da V. Decada,) onde
» de deixava a ElRey de Portugal, e a todos
» dos seus descendentes por herdeiros da-
» quelle Reyno de Maluco. E posto que já
» Jordão de Freitas tinha tomado posse des-
» se por virtude da dita verba, foi necessa-
» rio fazer-se de novo esta solemnidade pe-
» ra ficar melhor direito naquella herança.»
Estas provisões, autos, e papeis que levou, por que fez esta diligencia, nem os que de lá mandou, não achámos neste Estado, nem homens daquelle tempo, que soubessem dar disto verdadeira informação, mais que humas lembranças, que estão em nosso poder, de Gabriel Rebello, que daquellas Ilhas escreveo algumas cousas curiosamente: e por isso escrevemos isto assim confusamente, sendo ellas de tanta substancia, que houveram de estar em muito viva lembrança. Em fim assim em somma: o Capitão mandou hum dia chamar ElRey á fortaleza, estando com todos os Officiaes, e moradores presentes, e então lhe notificou a provisão que levava, por cuja virtude ElRey logo sem contradicção alguma desistio do Reyno nas mãos do Capitão, dizendo «que dalli por diante
» não conhecia outro Rey por Senhor da-
» quelle Reyno, senão ElRey de Portugal,

» co-

» como verdadeiro herdeiro delle, por vir-
» tude da verba do teſtamento de ElRey
» D. Manoel ſeu irmão, em que o declara-
» va por tal» do que hum Tabellião públi-
co foi fazendo ſeus termos, e aſſentos de tudo, em que todos ſe aſſignáram; e depois de tudo feito, juráram a ElRey D. Sebaſtião de Portugal por Rey de Maluco com as ſolemnidades coſtumadas no Reyno.

Acabados todos eſtes autos, tornou o Capitão a entregar o Reyno ao meſmo Rey Aeiro, como Governador delle, com o meſmo nome, promettendo elle logo vaſſallagem pelo coſtume do Reyno de Portugal, promettendo de o tornar a entregar a quem ElRey de Portugal ſeu Senhor mandaſſe, todas as vezes que diſſo foſſe ſervido: do que tambem ſe fizeram outros aſſentos, ficando aquelle Rey governando como dantes, moſtrando-ſe muito bom, e leal ſervidor de ElRey de Portugal. E com o favor do Capitão foi proſeguindo na guerra contra o Rey de Tidore, pera tornar a cobrar os lugares que lhe tinha tomados com côr de o ajudar, como já temos dito. Neſta guerra o ajudáram Diogo da Silveira, e Henrique de Vaſconcellos; e tanto fizeram, e trabalháram, que o tornáram a reſtituir a todo ſeu Eſtado; no que ſe paſſáram muitas miudezas, que não ſervem de mais que de en-

fadar os que as lerem; e como houve monção de se partirem pera a India, despachou o Capitão o galeão da carreira, de que era Capitão D. João Coutinho, com a carga de cravo; e o mesmo fez ás caravelas de Diogo da Silveira, e Henrique de Vasconcellos; e foi entregue no galeão Antonio Pereira Brandão, pera o entregarem na India prezo, ficando a terra de paz, e quieta, e todos muito satisfeitos de Manoel de Vasconcellos.

Mas como elle era bom homem, e virtuoso, não o pode soffrer o máo clima da terra, veio a adoecer, e faleceo em poucos dias, e por sua morte succedeo na Capitanía Bastião Machado, Feitor, e Alcaide mór, que tambem estava bem quisto na terra, por ser bom homem, e bom cavalleiro. E assim tanto que tomou posse da fortaleza, começou a correr tão direitamente com todas as cousas de sua obrigação, que deo de si muito grande satisfação. E sabendo elle que a fortaleza de Geilolo no Morro (que Bernaldim de Sousa derribou, como no Cap. XII. do IX. Liv. da VI. Decada fica dito) a tornava aquelle Sangage (que já se tornava a intitular Rey) a alevantar; e que tinha tomado, e creado bico com o nome de Rey, receando que se tornasse a fazer tyranno, como dantes, quiz atalhar aquelle tão grande mal, logo no principio, onde se cortão
com

com menos difficuldade; porque nenhuma cousa tem desbaratado o Estado da India, senão dissimular-se com ellas, e acudir-lhes a tempo que já não tem remedio; ou se o tem, he com muita difficuldade, de que puderamos trazer muitos exemplos.

Pelo que pedio aquelle Capitão a ElRey de Ternate as suas corocoras com gente, e munições pera aquelle effeito, em que tambem lhe hia muito; e com alguns navios que mais armou, fez Capitão daquella jornada a Jorge Ferreira, que se houve tão prudente, e cavalleirosamente, que tornou a lançar os inimigos fóra della, e derribou a fortaleza de todo; e com isto ficáram as cousas pacificas, e quietas.

E porque não passemos pelas de nossa Religião Christã, que naquellas Ilhas hiam em grande crescimento, he de saber, que cada dia se convertiam muitos á Fé de nosso Senhor Jesus Christo por meio das prégações dos Padres da Companhia de Jesus. E neste anno em que andamos vieram pedir o Sacramento do santo Bautismo dous Regedores principaes de Luzabatá, terra de Amboino, que o Padre Nicoláo Nunes, Reitor daquelle Seminario, bautizou, a quem o Capitão fez muitas festas: e porque em todo este anno não houve mais, ficáram assim as cousas de Maluco até seu tempo.

CA-

CAPITULO XVI.

Do que aconteceo á náo S. Paulo: e de como se foi perder na Ilha Camatra: e do que passou a gente della.

DEixámos a náo S. Paulo, da Armada de D. Jorge de Sousa, arribada ao Brazil, onde se proveo de agua, e mantimentos, agora he necessario continuarmos com ella. Vendo o Capitão, e Officiaes, que pera invernar alli, haviam de gastar sete, ou oito mezes, e que a agua, e gusano corrompem brevemente a madeira das náos, ajuntando-se com os Pilotos da terra diante do Governador, praticáram se haveria ainda tempo pera seguirem sua viagem, e ir invernar á India, no que fariam proveito á náo, e a suas fazendas; e de commum parecer assentáram, que se partissem dalli em Setembro, e fossem por muita altura buscar a Ilha de Camatra, pera della em Fevereiro voltarem com a monção, com que vem as náos de Malaca, e China. E tomando tudo o que lhes foi necessario, partíram em quinze de Setembro; e achando os tempos prosperos, foram á vista do Cabo de Boa-Esperança em fim de Novembro; e por acharem os tempos brandos, se foram pondo em muita altura, porque lá os haviam de achar

mais

mais espertos, e assim se foram pôr em quarenta e dous gráos da banda do Sul, onde acháram os tempos mais frescos; e por esta altura foram correndo mais de hum mez, até lhes parecer que seria bom diminuirem, e irem buscar a Ilha Camatra. E assim o foram fazendo com ventos brandos, até se pôrem debaixo da Equinoccial; e sendo vinte de Janeiro, dia do Bemaventurado Martyr S. Sebastião, á boca da noite se acháram tão abarbados com a terra, por causa da grande corrente das aguas, que por muito que trabalháram por se fazer em outra volta, não puderam, antes lhes foi crescendo o vento travessão tão rijo, que não teve a náo por onde correr; e como estavam perto da terra, e as aguas tambem tiravam por ella, foram varar nella, sem lhe poderem valer: e quiz Deos que foi em parte, onde ficou a náo encalhada, e todos nella até pela manhã, que lançáram o batel ao mar, e se passáram a terra, onde todos se puzeram com suas armas, sem cousa alguma entender com elles, por ser a gente dalli mesquinha, e tão domestica, que acudíram logo a lhes vender algumas cousas; e posto que assim não fora, os da náo eram setecentos homens, todos muito sãos, e bem dispostos, e armados, que puderam atravessar toda aquella Ilha, se antre elles houve-

ra

ra ordem, e governo. E vendo-se em terra, assentáram de fazer alguns batelões, em que se pudessem ir pera Malaca; porque já que estavam em parte segura, não quizeram passar dalli, porque era melhor não se bullirem muito, e assim logo fizeram estancias, e cabanas pera se agazalharem; e desembarcáram da não todas as fazendas, mantimentos, vinhos, azeites, e tudo o mais que puderam, e desfizeram a não, e tiráram della toda a pregadura, madeira, cordoalha, e tudo o mais que lhes foi necessario, e armáram duas embarcações, e concertáram, e alevantáram o batel. Nesta obra trabalháram todos com muito gosto, e presteza, servindo de ferreiros, serradores, carpinteiros, e de todos os mais officios, como se sempre o usáram; e assim em breve tempo as acabáram, e lançáram ao mar, que seria em pouco mais de mez e meio, e fizeram sua aguada em abastança, e recolhêram nellas todas as armas, mantimentos, e alguns berços, e falcões, por não serem as vasilhas capazes de móres peças, porque quasi eram a modo de barcaças; depois de tudo preparado, se partíram as embarcações por esta maneira.

Huma dellas se deo a Diogo Pereira de Vasconcellos, hum Fidalgo que alli trazia sua mulher, que se chamava Dona Francis-

ca

ca Sardinha, (que foi huma das formoſas mulheres de ſeu tempo,) e huma filha que tinha doutra mulher, chamada Dona Conſtança, que depois foi mulher de Thomé de Mello de Caſtro. Outra tomou Ruy de Mello Capitão da náo; e a terceira nos parece que deram a Antonio de Refoios, hum cavalleiro muito honrado, que vinha deſpachado com a Capitanía de Coulão. E repartindo-ſe a gente por ellas, não coube em cada huma mais, que cento e ſetenta homens, ficando cento e ſetenta, que por nenhum caſo ſe puderam agazalhar: pelo que aſſentáram, que eſtes caminhaſſem por terra de longo da ribeira á viſta dos batéis, pera lhes ſoccorrerem em alguma neceſſidade. E elegêram antre elles hum Capitão, e repartíram por eſtes todas as eſpingardas que havia, porque os que hiam nas embarcações não tinham neceſſidade dellas; e aſſim começáram a caminhar de longo do mar, e os batéis ſempre á ſua viſta; e tanto que era noite, eſcolhiam lugar pera deſcançarem, e dormirem, e ſurgiam os batéis com as proas em terra, e o meſmo faziam a horas de jantar, em que tomavam a refeição ordinaria; e aſſim foram caminhando neſta ordem, ſem lhes acontecer deſaſtre algum.

E havendo poucos dias que caminhavam, houveram viſta de quatro embarcações a modo

do de balios, a que foram correndo, e ellas trabalhando tudo o que podiam por lhes fugir; e atirando-lhes de huma embarcação destas nossas com hum falcão, que lhes foi zonindo pelas orelhas, lhes poz tão grande medo, e espanto, que logo se lançáram ao mar, e deixáram os navios, que os nossos acháram carregados de farinhas de saguum, (que he o principal mantimento de todas aquellas Ilhas,) de que se os nossos provêram em abastança, e recolhêram nestas embarcações toda a gente que hia por terra, com o que ficáram mais descançados. E sendo já em tres gráos da banda do Sul, hum dia antes de Lua se recolhêram a hum formoso rio, que achåram pera nelle a segurarem; e foi ella tão ruim, que os deteve doze dias, sem lhes dar jazigo pera poderem navegar, desembarcando todos elles em terra pera se recrearem, e dormindo tambem nella as mais das noites com tanto descuido, e segurança, como se a terra fora sua. E até Diogo Pereira de Vasconcellos se agazalhou com sua mulher em hum baileo, parecendo ella á gente da terra, que a hia ver muito formosa, e muito ricamente tratada, cousa que elles nunca víram, do que andavam como pasmados.

Era esta terra do Rey de Manancabo, amigo do Estado, donde todos os annos hiam

hiam muitas embarcações carregadas de ouro a Malaca a fazer resgate de roupa, e de outras fazendas, por haver naquellas partes muito grandes minas delle; e foi isto antigamente tão prospero, que ainda hoje ha pessoas, que se lembram entrarem na Cidade de Malaca seis, sete, e mais candiż de ouro, de que tres fazem hum moio. E assim neste tempo havia Chelis, (que são mercadores Malaios,) que tinham doze, e quinze bares de ouro. E como os nossos viviam em terra com tanto descuido, deram occasião aos Manancabos pera desejarem de levar aquella mulher ao seu Rey; e assim deram huma noite nas suas estancias, e matáram perto de sessenta pessoas, e leváram Dona Francisca Sardinha, em cuja defensão fez o Mestre da náo espantosas cousas, até que o matáram. O Diogo Pereira salvou a filha, e outras mulheres, com que se recolheo á sua embarcação muito anojado desta desaventura, que lhe aconteceo por sua sobeja confiança.

Dalli se partíram os nossos de longe da costa, que era mui limpa, com muito mais tento, porque aquelle desastre os espertou a não se fiarem mais da gente da terra, e assim embocáram o boqueirão da Sunda, e foram tomar a Cidade de Patá, aonde acháram quatro náos Portuguezas, de que era Capitão

tão mór Pero Barreto Rolim, que alli estava carregando de pimenta pera a China; porque lhe tinha dado o Viso-Rey D. Constantino a viagem de Japão que hia fazer. E recebeo toda esta gente muito bem, e a repartio pelas náos, e proveo a todos bastantemente: e parte delles se passáram á China, e parte pera Malaca, e dalli pera a India, onde ainda hoje vivem algumas pessoas casadas, como he Francisco Paes, Provedor mór dos Contos, e o irmão Antonio de Afonseca da Companhia de Jesus.

CAPITULO XVII.

De como ElRey de Pegú mandou prometter huma somma de ouro ao Viso-Rey D. Constantino pelo dente do Bugio, que trouxe de Jafanapatão: e do que os Theologos sobre isso assentáram: e de como se queimou: e das partes, e qualidades deste Viso-Rey.

EStava no Reyno de Pegú Martim Affonso de Mello com huma náo sua fazendo seu negocio, quando o Viso-Rey D. Constantino veio de Jafanapatão; e sabendo aquelle Rey como elle levava aquelle dente, que toda aquella gentilidade tinha em tamanha religião, mandou chamar Martim Affonso, e pedio-lhe, que pois hia pera a India,

dia, fizesse com o Viso-Rey lhe désse aquelle dente, e que lhe daria tudo o que por elle pedisse. E affirmavam os homens que sabiam de Pegú, e da grande veneração em que elles lá tinham aquella reliquia do demonio, que daria por ella trezentos, ou quatrocentos mil cruzados. E por conselho de Martim Affonso ordenou huns Embaixadores pera irem em sua companhia ao Viso-Rey sobre aquelle negocio, e lhes deo poderes pera assentarem com elle tudo o que lhe parecesse, e que elle cumpriria tudo o em que ficassem.

Chegado Martim Affonso a Goa este Abril passado, mandou o Viso-Rey receber bem os Embaixadores, e agazalhallos, e depois os ouvio sobre aquelle negocio a que hiam mandados do seu Rey, e elles lhe deram sua embaixada, pedindo-lhe da parte de ElRey aquelle dente; e que além de lhe darem por elle tudo o que quizesse, ficaria em perpetua amizade com o Estado, e se obrigaria a prover a fortaleza de Malaca de mantimentos, todas as vezes que delles tivesse necessidade, com outros muitos cumprimentos, e promessas. O Viso-Rey lhe disse, que logo lhe responderia. E communicando aquellas cousas com alguns Capitães velhos, e Fidalgos, todos foram de parecer, que devia de acceitar tamanha cousa, como era

a que lhe offereciam , porque com isso remediaria o Estado, que estava empenhado, e em necessidades ; e tanto disseram sobre isso, que o tiveram quasi rendido.

Tanto que estas cousas chegáram ás orelhas do Arcebispo D. Gaspar, logo acudio ao Viso-Rey , e lhe disse , que não podia resgatar aquelle dente por nenhum thesouro do mundo , porque era contra a honra de Deos nosso Senhor, e dar occasião áquelles Gentios a idolatrarem, e darem áquelle pequeno osso, o que só se devia a Deos. E sobre isso lhe fez muitas lembranças, e ainda o prégou pelos pulpitos em presença do Viso-Rey, e de toda a Corte; e como D. Constantino era muito Catholico, e temente a Deos nosso Senhor, e obediente aos Prelados , não quiz ir por diante naquelle negocio, nem fazer nada sem conselho de todos. Pera o que ajuntou o Arcebispo, Prelados, e Theologos das Religiões, Capitães, e Fidalgos velhos , e Officiaes da fazenda, e perante todos propoz o caso , e o muito dinheiro que por aquelle dente lhe promettiam; e apresentou as grandes necessidades, em que o Estado estava , que todas se podiam remediar com aquelle resgate. E debatida a materia entre todos aquelles Theologos, que já a levavam bem estudada, assentáram, que se não podia entregar aquelle

le dente, porque era dar occasião a grandes idolatrias, e offensas de Deos nosso Senhor; e que era hum peccado aquelle, que se não podia commetter, ainda que se arriscasse o Estado, e o mundo todo. Os principaes Theologos, que nisto foram, foi o Arcebispo, os Inquisidores, o Padre Fr. Antonio Pegado, Vigairo geral de S. Domingos, Fr. Manoel da Serra da mesma Ordem, Prior de Goa, o Padre Custodio de S. Francisco, e outro Theologo da mesma Custodia, o Padre Antonio de Quadros da Companhia de Jesus, Provincial da India, o Padre Francisco Rodrigues o Manquinho da mesma Companhia, e outros.

Assentado isto, e feito hum Termo, em que todos se assignáram, cujo traslado está em nosso poder na Torre do Tombo, mandou o Viso-Rey ao Thesoureiro que trouxesse o dente, e o entregou ao Arcebispo, que alli presentes todos o lançou em hum almofariz, e com sua propria mão o pizou, e desfez em pós, e os deitou em hum brazeiro, que pera isso mandou trazer, e as cinzas, e carvões mandou lançar no meio do rio á vista de todos, que se assomáram ás varandas, e janellas, que cahiam sobre o mar. Disto se murmurou muito do Viso-Rey, dizendo alguns, que pera os Gentios idolatrarem não lhes faltavam outros idolos,

e

e que de qualquer pedaço de osso podiam fazer outro dente em memoria daquelle, a quem dessem a mesma veneração; e que tanto ouro como lhe davam, era muito bom pera as despezas do Estado, que estava muito necessitado: e assim nos contáram que em Portugal se estranhára muito de algumas pessoas consentir aquillo. Mas por hum emblema, ou tenção, que aqui poremos, que lá lhe deitáram sobre este caso, (segundo me parece feito pelos Padres da Companhia, approváram o que fez, e lho notáram a grande Christandade, e zelo da honra de Deos,) e o emblema he o seguinte. Fizeram huma tarja, e dentro nella pintáram o Viso-Rey, e o Arcebispo em huma meza, e ao redor todos os Prelados das Religiões, e Theologos, que se acháram alli presentes, e no meio de todos hum grande brazeiro accezo, e alguns Gentios com bolsas nas mãos cheias de dinheiro, que as deitavam sobre elle, e sinco letras, como a primeira, do nome de D. Constantino, como estas, e logo debaixo dellas estas sinco palavras

C C C C C

Constantinus, cœli, cupidine, cremavit, crumenas.

Cu-

Cuja verdadeira ſignificação he, deixando a conſtruição: *Conſtantino com os intentos no Ceo, engeitou os theſouros da terra.* E tornando a continuar com o Viſo-Rey, todo eſte inverno gaſtou em acabar huma náo, que fez defronte dos ſeus Paços, pera ſe ir nella pera o Reyno por eſperar em Setembro por ſucceſſor, a que poz nome as *Chagas* pela devoção que tinha ás de Chriſto, que foi a couſa que aſſim na India, como em Portugal lhe remordêram mais que todas. E tanto, que lhe contrafizeram aquelle Romance velho, que diz: *Mira Nero de Tarpeya a Roma como ſe ardia*, em *Mira Nero da janella la nave como ſe hazia.* No que não tiveram nenhuma razão, porque nem a elle lhe cabia tal nome, por ſer muito alheio, e differente de ſua natureza, nem a ſua náo foi feita com encargos com que outras depois ſe fizeram por alguns Capitães, nem com os apparelhos, e madeiras das ribeiras de ElRey, como alguns falſamente diſſeram, nem os Officiaes ficáram clamando que lhes não pagára ſeus jornaes; mas foi feita com o que poupou de ſeus ordenados, e com empreſtimos de amigos, que depois pagou mui bem; e com tão poucos embaraços, e com tantas bençãos, como ſe póde conjecturar do muito que durou, e das proſperas viagens que ſempre fez. Porque deſde

eſte anno de ſeſſenta e hum até o de oitenta e ſinco, que o Viſo-Rey D. Duarte de Menezes, ſenhor da caſa de Tarouca, veio nella, fez nove, ou dez viagens tão bem eſcançadas, que nunca lhe aconteceo deſaſtre, antes foi acabar no rio de Lisboa feita cabrea. E porque na entrada de Setembro chegou á barra de Goa o Conde do Redondo por Viſo-Rey, com quem logo continuaremos, nos pareceo bem concluirmos neſte Capitulo com todas as couſas deſte Viſo-Rey.

Foi D. Conſtantino quarto filho de D. James, quarto Duque de Bragança, e de ſua ſegunda mulher Dona Joanna de Mendoça, filha de Diogo de Mendoça, Alcaide mór de Mourão. Foi homem de meia eſtatura, groſſo, eſpadaudo, barbaſſudo, gentil-homem, brando, affabil, muito favorecedor das couſas da Religião, muito amigo da juſtiça, verdadeiro, caſto, ao menos foi ſempre tão cauto, que nunca deo eſcandalo. Deixou ſervir ſeus cargos aos Officiaes, que os tinham com grandes liberdades, com ſer muito grande olhador, e poupador da fazenda de El-Rey; tanto, que por ſaber que havia deſordens na Alfandega, a mandou paſſar pera onde hoje eſtá a ribeira das galés, pera das ſuas janellas ver tudo; o que ſe lhe taxou tanto, que logo em chegando o Conde do

Re-

Redondo, a mandou tornar a ſeu lugar. Fez muitas, e groſſas Armadas pera o Malavar, e pera o Eſtreito, em que entráram duas, em que ſe embarcou em peſſoa pera Damão, e Jafanapatão; e neſtas vezes fez paga geral a todos os homens; e em todas as fortalezas mandou pagar a gente ordenada pera ellas, principalmente Damão, e Dio, onde invernáram todo ſeu tempo mil e quinhentos homens em cada huma, e dar-lhes mezas; e o meſmo fez na Cidade de Goa, com não render o Eſtado então mais de ſetecentos mil pardaos, em que nada diſto, ou muito pouco ſe deſpendeo.

Foi D. Conſtantino pobre pera o Reyno, porque não levou mais que a ſua náo ſobre quem ainda devia muito dinheiro; e não embarcou nella outras fazendas mais que eſcravos de todas as nações, e officiaes de todas as mecanicas, e outras curioſidades. O mór emprego que de fóra levou, foram dez, ou doze mil cruzados de pedraria, que não quiz arriſcar na ſua náo, e embarcou-a em outra entregue a hum Meſtre pera no Reyno pagar ſuas dividas; e chegando a Lisboa, foi mexericado que levava grandes riquezas, e theſouros, e que roubára a India. Pelo que lhe deram na náo, em que hia aquella pedraria, e a tomáram, e leváram á caſa da India, onde vendo-ſe a pouquidade, e que

em tudo fora o Rey enganado, mandáram que pagasse os direitos, e levasse sua pedraria. Ao que D. Constantino mandou dizer aos Veadores da fazenda, que pois lhe mandavam pagar direitos de cousa tão pouca, que devia ElRey seu Senhor de estar em necessidade; e que se tal era, que elle lhe fazia serviço de toda a pedraria, com o que por vergonha lha tornáram.

Estava Portugal naquelle tempo tão mimoso, que foi o seu governo então muito estranhado; mas depois se entendeo que fora dos melhores, que desde então até hoje houve: e pelo que delle temos escrito, e adiante escrevermos, se verá isto muito bem. E na residencia, que lhe ElRey mandou tomar pelo Presidente da alçada, que mandou á India o anno de setenta e dous, cujo traslado temos em nosso poder, a mór culpa que lhe puzeram dous homens, que não eram seus amigos, foi, que deixára Cananor de guerra, e se fora a Damão, e que melhor era acudir á fortaleza cercada, que conquistar outra de novo. No que mostráram paixão, e quão pouco gostavam delle; porque na guerra de Cananor tinha elle mui bem provído, como nesta Decada se póde ver; e a tomada de Damão foi tão importante, que com aquella Cidade se segurou Baçaim; e se aposentáram nella, e em suas

Ta-

Tanadarias perto de quatrocentos moradores, que comem groſſas aldeas. E o que ſe mais deve de eſtimar, he a grande conversão, que por todas aquellas terras ſe tem feito, e cada dia faz, e os formoſos, e ricos Templos, que por todas ellas ſe levantáram ao Altiſſimo Deos, onde cada dia he honrado, e venerado ſeu Divino Nome, e de cujos ſacrificios eſte bom Viſo-Rey deve ter na gloria (aonde Deos noſſo Senhor o levaria por ſeus merecimentos) muito bom quinhão. E tanto ſe teve o ſeu governo, como hia dizendo, por muito bom, que dizem, que quando ElRey D. Sebaſtião mandou por Viſo-Rey da India a D. Luiz de Ataíde a primeira vez, lhe encommendára que governaſſe tão bem como D. Conſtantino. E depois o anno de ſetenta e hum o mandou ElRey D. Sebaſtião chamar a Almeirim, e o commetteo pera tornar a eſtas partes da India com ſua mulher pera nella reſidir em quanto viveſſe, e lhe dava hum Titulo muito honrado, que elle engeitou por ſe quietar, e eſtar já mui pezado. Depois de chegar ao Reyno, requereo o cargo de Camareiro mór, que ſe lhe não deo, porque por reſpeitos que pera iſſo houve ſe aſſentou ſe ſerviſſe ElRey de quatro Sumilheres. Deram-lhe a Capitanía de Cabo Verde, que arrendou por ſeiscentos mil reis cada

da anno. E porque isto era trabalho, pedio a ElRey aquelles seiscentos mil reis na Villa de Estremoz, que lhe elle deo, e nella se aposentou com sua mulher Dona Maria, filha de D. Rodrigo de Mello, Marquez de Ferreira, e de sua segunda mulher Dona Brites de Menezes. E porque não teve della filhos, fez herdeiro de tudo o que tinha D. Constantino, filho do Marquez de Ferreira, por ter o mesmo nome, e ser seu sobrinho filho de sua irmã.

DE-

DECADA SETIMA.

Da Historia da India.

LIVRO X.

CAPITULO I.

...omo foi eleito pera Viso-Rey da India ...Francisco Coutinho Conde do Redondo: ... Armada, com que partio no anno ...61: e do que lhe aconteceo até che- ...a Goa: e de como o Viso-Rey D. Const- ...o lhe entregou a governança da In- ... e se embarcou na sua não pera o ..., aonde chegou com muito prospe- ...gem.

EM principio deste anno de sessenta e hum, em que entramos, a Rainha, e o Cardeal, Tutores do menino Sebastião, entráram em despacho das cousas da India; e vendo que havia tres annos que nel-

nella estava D. Constantino, determináram de o mandar ir pera o Reyno; e tratando da pessoa que haviam de eleger pera succeder a D. Constantino, escolhêram D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, que então servia de Regedor da Casa da Supplicação por falecimento do Regedor João da Silva, pessoa, em que estava bem o cargo de Viso-Rey da India pelas muitas partes que nelle havia de aviso, prudencia, e esforço, de que havia muita, e mui larga experiencia, que de todas estas cousas [illegible] dado, assim na Corte, como em Ar[illegible] onde foi Capitão. Eleito elle, negociá[illegible] se sinco náos pera irem á India, e d[illegible] cháram alguns Fidalgos, e Cavalleiro[illegible] provêram em muitas cousas pera o bo[illegible] verno daquelle Estado. E tanta pressa[illegible] a esta Armada, que a quinze de M[illegible] fez toda á véla, indo o Conde em[illegible] na náo Sant-Iago, e das mais ná[illegible] Capitães Gonçalo Correa, de Fl[illegible] mar; Manoel Jaques, de Santo [illegible] Francisco Figueira de Azevedo, d[illegible] e Pedralvares Vogado, da Algarav[illegible] esta Armada teve tão bons tempos, [illegible] tomou Moçambique a quinze de Julho, e o Viso-Rey desembarcou em terra, e se aposentou na fortaleza, que pera isso lha tinha despejada Dona Luiza de Vasconcellos, mulher

lher de Pantaleão de Sá, que era Capitão, por elle ser ido a Çofala. Alli esteve o Conde provendo as náos do necessario até seis dias de Agosto, em que se fez á véla pera a India com todas as náos, e foram juntas surgir na barra de Goa a sete de Setembro, vespera da Natividade de nossa Senhora. Os Vereadores da Cidade o foram logo visitar, e lhe pedíram se detivesse em Pangim alguns dias, até lhe prepararem seu recebimento, que foi o melhor que puderam, e o Viso-Rey D. Constantino lhe entregou logo o governo na fórma costumada, e tirou seus instrumentos do estado, em que deixava a India, e se foi pera Panelim, onde tinha a sua náo, a que fez dar grande aviamento pera ir tomar a carga a Cochim. E em quanto se não foi, correo o Conde com elle muito pontualmente, fazendo-lhe no aviamento da náo muitos favores, e em fim de Outubro se fez á véla pera Cochim.

Entregue o Conde do governo, a primeira cousa, em que entendeo, foi em despachar alguns Capitães pera suas fortalezas. Estes foram Henrique de Sá pera a de Maluco, que deo á véla em quinze de Setembro, porque achou já provído o galeão de tudo por D. Constantino, por lhe terem vindo novas em fim de Abril, que Manoel de Vasconcellos, Capitão daquella fortaleza, era fa-

falecido. E logo aos vinte e tres do mesmo mez despachou o Conde a Martim Affonso de Miranda com a Capitanía de Dio, por Filippe Carneiro, que lá estava por Capitão, largar hum anno que ainda tinha por servir, porque determinava ir-se pera o Reyno, onde esperava fazerem-se-lhe outras maiores mercês, assim por seus serviços, e merecimentos, como por ser sobrinho de Pero de Alcaçova Carneiro, que era Secretario, e valia muito com ElRey. E no mesmo tempo despachou o Conde a Garcia Rodrigues de Tavora pera a Capitanía de Damão, onde Luiz de Mello da Silva estava por Capitão, tendo o Garcia Rodrigues de Tavora havia pouco acabado de ser Capitão de Chaul, donde sahíra muito rico. E porque os homens viam ser-lhe o Viso-Rey muito affeiçoado, e dar-lhe a Capitanía, em que Luiz de Mello da Silva estava havia pouco, suspeitáram que o queria o Conde casar com huma filha.

Despachadas estas cousas, tratou o Conde de fazer huma execução, que lhe a Rainha mandou, e encommendou muito, que era mandar-lhe prezo em ferros Gonçalo Falcão, porque desafiára Francisco Barreto, quando acabou de ser Governador; e chegando-lhe isto á noticia, fez pronunciar contra elle sentença: « Que fosse riscado dos

» li-

» livros de ElRey, e perdesse as mercês que
» tivesse, e que a mesma pena tivesse quem
» o favorecesse, ajudasse, e defendesse. »
Porque tem os Reys por cousa mui necessaria
castigarem-se com muito rigor atrevimentos,
que alguns Fidalgos tomam pera desafiarem
os que acabam de governar os Estados,
em que representão a pessoa do Rey, que
os poz nelles. Desta sentença foi logo avisado
Gonçalo Falcão em chegando o Conde
á India, pelo que se recolheo a casa de Alvaro
Paes de Sotomaior, donde determinou
embarcar-se pera o Reyno. E tratando o
Conde de o prender, vendo que o não achava,
mandou publicar as provisões que trazia,
que mettêram tamanho medo, e terror
em todos, que aquella noite o tomou Alvaro
Paes em muito segredo, e o levou ao
Collegio dos Reys Magos, que está na barra
de Goa, onde esteve alguns dias sem Fidalgo
algum, parente, ou amigo lhe valer
em cousa alguma, nem elle ter modo pera
se embarcar pera Cochim. E quiz sua boa
ventura que chegasse á barra de Goa hum
navio de remo, de que era Capitão, e senhorio
hum Belchior Correa, soldado velho,
honrado, e grande seu amigo, que sabendo
o trabalho em que estava, chegou de noite
aos Reys Magos, e o recolheo comsigo, e
deo á véla pera Cochim; e chegando a Cana-

na-

nanor de noite, o foi lançar na praia da Cidade dos Mouros, e se partio logo por não saberem delle; e o Gonçalo Falcão se foi metter em casa do Ade Rajao, que era grande seu amigo, em quem cabendo a virtude que faltou em muitos amigos, e parentes de Gonçalo Falcão, o mandou levar a Cochim, em hum navio seu, que o lançou no Achequeimal, que era couto, donde se embarçou pera o Reyno. E chegando a elle, se recolheo em casa de Diogo Lopes de Sousa o Diabo, que logo lhe houve seguro pera se livrar, e poz suas cousas na Meza da Consciencia, onde o houveram por livre, por ser muito antes de se publicar o sagrado Concilio Tridentino sobre este negocio dos desafios. E depois dahi alguns annos lhe perdoou ElRey D. Sebastião, e o despachou, pera que fosse entrar na sua fortaleza de Çofala, que elle não logrou, porque morreo logo, não ficando desta geração neste Estado mais que Ayres Falcão, filho de seu irmão Luiz Falcão, que ElRey D. João o III. favorecia tanto, que quando despacháram este Gonçalo Falcão com a fortaleza de Çofala, disse ElRey que lha dava, porque seus antepassados ajudáram a ganhar aquella Cidade de Lisboa aos Mouros; e que pois que de todos os Falcões não havia já mais que aquelle, que era razão se sustentasse,

por-

porque de todo se não perdesse aquella tão boa, e antiga raça delles.

As náos depois de tomarem a carga em Cochim deram á véla pera o Reyno, e foram nellas os Fidalgos, e Capitães seguintes. Bastião de Sá, que acabou de ser Capitão de Çofala, na náo Sant-Iago, e com elle D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór; Ruy Gonçalves da Camara, Luiz Freire de Andrade, que depois foi Capitão de Chaul, D. Affonso Henriques, e outros. Em outra náo foi D. Antonio de Noronha de alcunha o Catarraz, que fora Capitão de Dio, que com ser pobre levou todos os que com elle quizeram ir. E em outra náo foi D. Antão de Noronha, que aquelle verão viera de servir a Capitanía de Ormuz. E em outra náo foi Filippe Carneiro, Capitão que foi de Dio. Estes Capitães levavam muitos Fidalgos, e Cavalleiros á sua conta, porque primeiro que partissem de Goa, mandáram pôr escritos pelos lugares públicos, pera que todo o que quizesse ir nas suas náos, soubesse que lhe dariam de comer até o Reino, porque assim o costumavam naquelle tempo os Capitães que sahiam de suas fortalezas, com ellas lhes darem então ametade menos, do que agora dão ao deste tempo, em que não ha nenhum, ou são muito poucos os que dão de comer a

hum

hum soldado: e assim á falta disso deixam muitos mui honrados de ir ao Reyno requerer seus serviços. Foi tambem nesta companhia D. Jorge de Sousa, Capitão mór da Armada do anno passado, que tinha ficado na India com a sua náo Castello, que por não abater a sua bandeira a D. Constantino, se desviou logo delle; mas encontrando-se ambos sós em Santa Helena, não quiz D. Jorge enrolar a sua bandeira, sobre o que mandou D. Constantino pôr a sua artilheria em sima, e por rageiras chegar huma náo a outra com tenção de metter a de D. Jorge no fundo, ou lhe entrar a náo, e o levar prezo na sua até o Reyno. E tendo tudo prestes, mandou notificar a todos os Fidalgos, Cavalleiros, e Officiaes da sua náo, que se fossem pera terra sob pena do caso maior, o que todos fizeram logo. E D. Jorge mudou o parecer; e tomando melhor conselho, abateo a bandeira, e mettendo-se no batel da sua náo, se foi ver com D. Constantino, reconciliou-se com elle, e dalli até o Reyno o acompanhou sempre, e salvou todos os dias. E chegado a Cascaes, tendo já ElRey aviso do caso por outra náo que chegou primeiro, por se encontrarem todas nas Ilhas Terceiras, o mandou desembarcar prezo pera o Castello, onde esteve alguns tempos até lhe perdoarem.

CA-

CAPITULO II.

De como vieram novas que o Coſſairo Cafar era ſahido com tres galés a eſperar as náos de Ormuz: e de como o Conde do Redondo Viſo-Rey mandou a D. Franciſco Maſcarenhas com huma groſſa Armada buſcallo: e do que lhe ſuccedeo.

POr navios, que chegáram de Ormuz em Outubro, teve o Conde Viſo-Rey aviſo de como era ſahido do Eſtreito de Meca com tres galés o Coſſairo Cafar (de quem algumas vezes démos conta) com tenção de ir eſperar as náos, que haviam de vir de Ormuz pera Goa, como já fizera o verão, que D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha, tomou as galés em Maſcate, como no fim da VI. Decada no Cap. X. do X. Livro, e em principio deſta ſe diſſe. E querendo o Conde prover, e acudir áquelle damno, e atalhar as prezas que aquelle Coſſairo pertendia fazer, mandou com muita brevidade negociar huma Armada de remo pera o mandar eſperar. E elegeo pera eſta jornada a D. Franciſco Maſcarenhas, que depois foi Capitão dos ginetes, e da guarda de ſua Mageſtade, e Conde de Santa Cruz, e Viſo-Rey da India, que com elle tinha vindo do Reyno deſpa-

cha-

chado com as fortalezas de Çofala, e Moçambique, e com titulo de Capitão mór do mar da India, que se deo tanta pressa, que aos quinze de Novembro se fez á véla com vinte e tres galeotas, e fustas, e dous galeões mais, em que levava seiscentos e sincoenta soldados dos melhores da India, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros mui honrados.

Os Capitães destes navios que o acompanháram, foram Eytor da Silveira o Drago, filho do Coudel mór; D. Lourenço de Sousa, D. Diogo de Sousa seu irmão, que agora he Commendador de S. João, e Bailío de Acre; D. Diogo Fernandes de Vasconcellos, sobrinho do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes; Pero da Silva de Menezes, Pero de Mendoça, de alcunha o Larim, João de Mendoça seu irmão, João Lopes Leitão, Fernão de Miranda de Azevedo, filho de Antonio de Miranda de Azevedo, que fora Capitão mór do mar da India em tempo das desavenças de Lopo Vaz de Sampaio com Pero Mascarenhas; D. Francisco Lobo, João Gomes de Castro, hum Fidalgo Gallego, que foi do Infante D. Luiz, Francisco Vaz de Siqueira, Rodrigo da Silva, Gaspar Velho, João Correa de Brito, Gonçalo Teixeira, Manoel Rodrigues, Pedralvares de Cananor, Antonio Fer-

nan-

nandes, e Luiz Ribeiro. E dos navios grossos eram Capitães Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha Fios Seccos, e Jeronymo Teixeira de Macedo.

Dada esta Armada á véla, despedio o Conde Viso-Rey a Manoel Travassos por Capitão mór de sete, ou oito navios pera andarem com a Cafila da costa do Canará pera trazer mantimentos a Goa; e em quanto carregava delles naquelles portos, mandou dar huma vista ao Malavar, por haver novas de alguns Cossairos. E porque lhe não succedeo todo este verão cousa notavel, acabaremos aqui com elle, porque he necessario continuar com a Armada de D. Francisco Mascarenhas. Que partido de Goa, foi com toda a Armada em breves dias tomar Baçaim, onde mudou alguns navios, e tomou outros melhores, e dalli atravessou a Dio, e de longo da costa de Pór, e Mangalór, foi ter á enseada de Jaquete; e por ir falto de agua, a foi tomar na Ilha das Vacas, o que foi causa de perder as galés; porque em quanto se alli deteve em a fazer, foram passando adiante algumas cotias, que hiam em sua companhia pera o Cinde, que deram com as tres galés do Cafar, que tambem hiam com tenção de fazerem aguada na mesma Ilha das Vacas. E chegando o Cafar a ellas, soube da nossa Armada; pelo

que tomando-lhe alguma pouca da agua que lhe achou, tornou a voltar com tanta pressa, e desattento, que huma das galés foi dar á costa, e o Cafar com as duas que lhe ficáram, se affastou della; e correo tão largo, que se engolfou, e houve por seu conselho tornar-se pera Mocá, como fez. Depois de D. Francisco Mascarenhas fazer aguada, foi seguindo sua derrota; e como levava o tempo prospero, em poucos dias tomou Ormuz, onde espalmáram os navios, e os alimpáram; e recolhendo comsigo todas as náos, que haviam de ir pera Goa, voltou com ellas, indo-lhe dando guarda. E tanto se apressou, que na entrada de Janeiro deste anno de 1562. em que com o favor Divino entrámos, chegou a Goa; e porque o Malavar estava sem Armada, o despedio logo o Conde Viso-Rey pera aquella costa com quasi todos os navios que levou, e outros alguns mais, que se armáram de novo.

Despedida esta Armada, receando-se o Conde que na monção de Março tornasse o Cossairo Cafar a sahir fóra esperar as náos de Ormuz, mandou armar tres galeões, e alguns navios de remo, assim pera lhe irem impedir a sahida, como pera tomarem as náos, que haviam de ir do Achem, Tanaçarim, Cambaya, e de outros portos pera aquelle Estreito com pimenta, drogas, e ou-

tras

tras fazendas, sem levarem salvoscondutos. E elegeo pera esta jornada a Jorge de Moura, Collaço do Principe D. João, pai de El-Rey D. Sebastião, que alguns dias andados de Fevereiro se fez á véla com os tres galeões, de que a fóra elle eram Capitães, Pero Lopes Rabello, e Antonio Cabral; e os das fustas não se acham os nomes a mais que a Diogo Ferreira do Principe, e a Bastião criado de Abreu.

Partida esta Armada, entrou o Conde Viso-Rey no negocio dos provimentos das fortalezas, e despachou D. Diogo Pereira, filho bastardo do Conde da Feira, pera Maluco, por ser provídos daquellas viagens, e lhe deo hum galeão carregado de roupas, munições, e mantimentos. E juntamente despachou D. Fernando de Lima em outro galeão pera Bandá, e não sabemos com que partidos, e ambos deram á véla de quinze de Abril por diante; e proveo as mais fortalezas todas de gente, dinheiro, e munições. Despachadas estas cousas, recolheo-se D. Francisco Mascarenhas do Malavar, onde andou aquelles tres mezes guardando a costa, e defendendo que não sahissem náos pera Meca, nem Paraos a roubar, e recolheo comsigo huma grande Cafila de navios, e náos de Bengala, da China, Malaca, Maluco, Costa de Choromandel, e de outras

partes; e depois de tudo recolhido, se cerrou o inverno.

CAPITULO III.

Do que aconteceo a Jorge de Moura no Estreito do mar Roxo: e de como Pero Lopes Rabello pelejou com huma poderosa nao de Rumes: e de como ambos se abrazáram: e de outras cousas.

PArtido Jorge de Moura de Goa, (como no Capitulo atrás acabámos de dizer,) foi atravessando aquelle grande golfo, que vai da Costa da India até a da Arabia, e em vinte dias foi haver vista da Cidade Caxem hum dia pela manhã; e em se alevantando o Sol, descubríram da gavea do galeão de Pero Lopes Rabello, que ficava muito atrás, huma muito formosa náo com todas as vélas enfunadas, que levava a derrota do Estreito de Meca, que na grandeza, e apparato que fazia lhe pareceo do Reyno. Pero Lopes virou logo a ella, e a foi seguindo, e fazendo sinal á Armada, que quasi se não enxergava, e todavia ouvíram a bombardada, e da gavea do galeão de Antonio Cabral o víram ir naquelle bordo, e logo lhe pareceo que víra alguma cousa. E voltando no mesmo bordo, fez sinal ao Capitão mór, e metteo todas as vélas, e varredeiras, e

o Capitão mór fez o mesmo, e o foi seguindo.

Esta náo, de que os nossos houveram vista, era do Achem, e tamanha, que levava gavea, e sobregavea, que já partíra o anno passado pera Meca; e por achar tempos contrarios, arribou a Tanaçarim, donde tinha partido em Janeiro; e vinha tão rica, e prospera, que affirmavam depois trazer mais em si de hum milhão de ouro, afóra hum palanquim, que o Achem mandava pera a pessoa do Turco, com tanto ouro, e pedraria, que diziam valer duzentos mil cruzados. Trazia a náo em si sincoenta peças de artilheria de bronze, e quinhentos homens de armas, Turcos, Abexins, Fartaquins, e de outras nações bellicosas. Pero Lopes Rabello, que a hia seguindo, foi todo aquelle dia sempre á vista quasi no mesmo compasso; e tanto que anoiteceo, fez farol pera que os outros galeões o vissem; o que visto pelos da náo, tambem lhe fizeram outro pera se lhe amostrar, porque hiam tão confiados em sua potencia, que lhes não dava cousa alguma da Armada, nem a estimavam, e assim se deixava ir seu caminho muito segura. Pero Lopes Rabello foi-se sempre compassando com ella; e tanto se apressou, que quando foi o quarto da modorra, rendido a alcançou; e ella em o vendo

do tão perto, virou a elle com todas as vélas enfunadas com tenção de passar pelo galeão, e de pancada desapparelhallo, e voltar seu caminho; e assim com toda aquella furia lhe poz a proa por gilavento, e lhe lançou dentro muito fogo. Pero Lopes Rabello como hia já lestes, e preparado pera aquelle negocio, em ella dando a pancada, lhe lançou dentro alguns arpeos, com que ambas as náos ficáram atracadas. E como os nossos hiam com as armas nas mãos, commettêram logo a entrada, lançando-lhe dentro muitas panellas de polvora; porque estavam tão sofregos, e animosos com a cubiça das prezas, que imaginavam já ter nas mãos, que desestimáram a potencia da náo, e assim tratáram de a render á espada, pera lhes ficar a vitoria mais formosa, e o sacco mais seguro. Os Mouros, que eram muitos, e escolhidos, vendo a determinação dos nossos, defenderam-lhes a entrada com tanto esforço, e valor, que os fizeram deter, travando-se de bordo a bordo huma asperissima batalha com grande damno de ambas as partes.

E estando neste conflito, chegou o galeão de Antonio Cabral, que sempre seguio os faroes; e como a escuridão da noite era grande, e não pode differençar as náos, com aquella furia com que hia, poz a proa no galeão de Pero Lopes Rabello, cuidando

que

que a punha na náo dos Mouros, e com a pancada foi virando, e ficou atraveſſado por poppa de ambas as náos, em que havia tamanho rumor, e rugido das armas, que parecia huma batalha de grandes exercitos. O galeão de Antonio Cabral ao traveſſar, que fez por poppa dos outros, teve tal acordo hum ſoldado, por nome Manoel da Coſta, que eſtava ſobre o bordo do galeão, que com a eſpada cortou as cordas do leme da náo dos Mouros, (porque ſe governam todas com huns aldropes pelas ilhargas pela banda de fóra,) com o que o leme ficou deſgovernado, a que os Mouros acudíram pela tornar a preparar, e entre tanto trabalháram pera verem ſe ſe podiam deſafferrar, e ſahirem-ſe pera fóra, pera o que andavam com as eſcotas do traquete, mas ficou-lhes tudo em vão; porque como eſtavam atracados, não ſe podiam deſviar pera nenhuma parte. Já neſte tempo era o fogo tanto no galeão de Pero Lopes Rabello, que foi neceſſario a Antonio Cabral lançar-ſe nelle com alguns companheiros, pera que o ajudaſſem a apagar; porque chegou a couſa a eſtado, que largáram os noſſos as armas pera acudirem ao fogo. Com iſto tiveram os Mouros lugar de ſe deſafferrarem, deixando os noſſos galeões ambos abordados, dando tamanhas pancadas, que ſe desfaziam, e a re-

vol-

volta era tamanha nelles, que se não entendiam; porque huns acudiam ao fogo, porque os não abrazasse; outros a se desafferrarem, por se não fazerem em pedaços, de sorte que tudo era huma confusão. A náo dos Mouros como hia já affastada, tomou-lhe o traquete vento; mas faltando-lhe o leme, deo huma volta em roda, e tornou a cahir sobre os galeões com a proa, onde dantes tinha a poppa. E posto que os nossos estavam naquelle grande conflito, e trabalho, em que tratavam de apagar o fogo, em que o galeão estava ateado, vendo outra vez a náo dos Mouros sobre elles, lançáram-lhe tanto fogo dentro, que a abrazáram em chammas, anteando-se-lhe pelas vélas, e enxarceas com tanta braveza, que era espanto. E foi o fogo crescendo de feição, que se ateou no galeão de Pero Lopes, sem os nossos o poderem apagar, onde se foi accendendo com tanta furia, que sem lhe poderem valer, começou a arder juntamente com a náo. Pelo que foi forçado a Antonio Cabral mandar cortar as rajeiras ao seu galeão, porque não ardessem todos, e perecessem.

Vendo-se Pero Lopes Rabello perdido, e o seu galeão sem remedio, passou-se ao de Antonio Cabral com os que puderam, por ser a pressa tamanha, que muitos se lançáram ao mar, porque se não queimassem,

fi-

ficando o galeão de Pero Lopes, e a náo dos Mouros ardendo já em labaredas. Os Mouros vendo-se tambem perdidos, lançáram-se ao batel; e os que nelle couberam foram-se acolhendo, e todos os mais ficáram pelo mar a que se lançáram, porque a náo era já toda fogo. Tanto que Pero Lopes Rabello se vio affastado, metteo-se no batel de Antonio Cabral, e foi recolher os seus soldados, que andavam pelo mar a que se tinham lançado, e de passagem foram matando e cativando todos os Turcos, que achou a nado; e antre estes que recolheo, foi hum com sete espingardadas, que logo morreo.

Feito isto, recolheo Antonio Cabral a Pero Lopes Rabello na sua camara, e lhe deo ametade de toda a sua roupa, e o mesmo fizeram os seus soldados aos outros de Pero Lopes, porque não salváram mais que o que tinham nos corpos. A este tempo chegou o Capitão mór, que vio arder aquellas duas náos com tamanho terremoto, e estrondo, que parecia queimar-se huma grande Cidade, porque com a escuridão da noite causava aquelle fogo muito grande espanto, e temor. E vendo hum só galeão affastado, chegou á falla, e soube ser Antonio Cabral, e do desastre de Pero Lopes Rabello, que sentio em extremo, e deixou-se ficar bordejan-

jando até amanhecer, que se descubríram a náo, e o galeão consumidos até o lume da agua.

Estando assim vendo aquelle miseravel espectaculo, appareceo outra náo; e dando ás vélas, a foram seguindo, deixando as outras entregues ao fogo de tudo consumidor. E se se deixáram ficar até se elle acabar, por sem dúvida se tem que do porão da dos Mouros se pudera tirar muito ouro, prata, e outras fazendas, que lá em baixo jazia, a que o fogo não podia chegar; mas a golodice, e cubiça da outra náo que víram, cuidando tella nas mãos, lhes fez deixar tudo, e ir forçando as vélas, tanto que a alcançáram sobre a tarde; e sendo a tiro de bombarda, lhe atirou o Capitão mór a amainar, o que ella fez, e foram os nossos galeões preparando hum cabo pera lhe lançarem; e por cuidar o Capitão mór que a tinha segura, mandou amainar as vélas do seu galeão: e foram os seus Officiaes tão descuidados, que ao deitar do cabo ficáram por gilavento da náo sem o cabo a prender. Vendo os Mouros os nossos no tomar das vélas tão embaraçados, e que o galeão lhes hia ficando por poppa, não perdendo o acordo, alçáram depressa as vélas, e foram preparando a náo, e mettendo de ló tudo o que puderam por tomarem o balravento aos nossos

na-

navios, que deixáram amainados; e quando acudíram a dar á véla pera seguirem a náo, hia ella já tão alongada, e desviada delles, que houveram por escusado seguilla, o que todavia fizeram até anoitecer, que ella mudou o rumo, e se foi seu caminho. Os nossos ao outro dia pela manhã ao sahir do Sol mandáram descubrir o mar, e já o não víram, pelo que se fizeram na volta da boca do Estreito; e a monte de Felix andáram esperando as náos que haviam de vir demandar aquella paragem, aonde os navios de remo foram ter com elles, porque não puderam aturar as náos. E em quanto alli estiveram, (que foi mais de hum mez,) houveram vista de mais de sincoenta náos por vezes, sem lhes poderem chegar; porque coco elles estavam á terra, e ellas vinham de mar em fóra enfunadas, não foi possivel chegarem-lhes, nem seguirem-nas pera dentro, por se não metterem com ellas no Estreito a risco de se perderem; e sendo o tempo já gastado, se recolhêram pera Ormuz, onde levavam por regimento fossem invernar, pera virem dando guarda ás náos, que haviam de ir a Goa.

CAPITULO IV.

Do que mais succedeo nas guerras dantre Abexins, e Mouros: e do grande soccorro dos Turcos que entrou em Baroá: e do que o Emperador passou com os Portuguezes.

ATrás temos deixado o Barnagais proseguindo na guerra contra os Mouros, de quem tinha havido algumas victorias, o que lhe deo ousadia pera ir accommetter o Baxá, que estava em Baroá, em hum forte de pedra, e barro, com as costas em huma serra mui ingreme, e por diante como cava huma formosa ribeira, que trazia tanto pescado, que podia sustentar muita gente em hum prolongado cerco. E pera isto mandou chamar seu-pai Radiasgana, homem velho, grande cavalleiro, e de muito bom conselho, que trouxe comsigo hum esquadrão de humas gentes, que se chamam Tigares, grandes ladrões, e juntos ambos foram cercar o Baxá no forte, e em sua companhia foi Diogo de Alvellos com alguns Portuguezes, com cujo conselho o Barnagais fazia todas as cousas; e como não tinham artilheria, não puderam fazer mais que defender-lhes os mantimentos, no que puzeram toda a diligencia. E estando assim as cousas,

entráram pela tenda do Barnagais tres arrenegados, que vinham fogindo da fortaleza, hum chamado Alexandre, Calabrez de nação, outro João Maria, Genovez, e o terceiro Ungaro de nação, e se offerecêram ao Barnagais a lhe darem ordem pera tomar a fortaleza, fazendo-lhe o negocio facil, e dando-lhe relação de tudo o que antre os Turcos passava, que o Barnagais estimou muito, e os agazalhou, e todavia com os olhos nelles; e logo se poz em feição de accommetter a fortaleza, pela ordem que os fogidos lhe deram, pera o que mandou fazer muitas hasteas grossas, como de chuças, com ferros de arados, e outros petrechos que lhes mais parecêram; e o dia do assalto repartio toda sua gente em duas partes, elle com a sua, e seu pai com os Tigares; e no quarto dalva commettêram a fortaleza por duas partes com aquellas chuças de ferros de arados, e começáram a desfazer as paredes muito facilmente, porque eram de pedra, e barro; e por alguns portilhões que fizeram entráram dentro, e matáram muitos dos Turcos, que se lhes puzeram em defensão, e o Baxá com os mais se recolhêram a hum castello, que tinham sobre a rocha. Os Tigares da companhia do pai do Barnagais, como eram ladrões, logo se mettêram pelas casas a roubar, e a carregar de

fa-

fato, e ainda ſobre elle vieram a pelejar huns com os outros. O Turco, que eſtava no caſtello, vendo aquella occaſião, ſahio com quinhentos Turcos, e deo nelles com tanta preſſa, que primeiro que acudiſſem ás armas matou muitos, e o pai do Barnagais eſcapou de ſuas mãos bem mal tratado, e com eſta vitoria foi demandar o Barnagais, que como era cavalleiro, mandou pôr o fogo a todo o fato, e ás caſas; e ajuntando a gente que pode em hum batalhão, ſe foi ſahindo da fortaleza, pelejando muito valeroſamente, e muito a ſeu ſalvo ſe foi recolhendo a ſeu arraial, e o levantou logo muito apaixonado contra o pai por não prover na deſordem dos ſeus.

Neſte meſmo tempo chegou a Maçuá hum genro do Baxá, que lhe vinha de ſoccorro, com oitocentos de cavallo, e mil de pé, e meio conto de ouro em moeda, com muitas munições, e petrechos que o Turco mandava, pera lhe correrem com a conquiſta daquelle Imperio, porque o pertendia ſenhorear todo, e logo ſe foi ajuntar com o ſogro, que eſtava em Baroá, com aquella vitoria havida dos Tigares. Eſtas novas chegáram á Corte do Emperador, que mettêram em todos grande temor, e eſpanto, e o Emperador ſe preparou pera acudir áquelle negocio em peſſoa, e começou a ajuntar

gen-

gente, e petrechos. E como era muito dado a ſuperſtições de feitiços, e agouros, parece que mandou por alguns Aruſpices, e feiticeiros conſultar o demonio ſobre o que lhe ſuccederia naquella jornada, do que lhe elles não deram boas eſperanças, affirmando-lhe, que lhe não convinha commetter aquelle negocio, e que deixaſſe os Turcos, porque humas gentes ſem nome os haviam de deſbaratar de todo. Com iſto ſe deixou o Emperador ficar ſem dizer a ninguem a cauſa, o que os noſſos Portuguezes ſentíram muito, porque viam eſtar aquelle Eſtado em grande riſco, e elles de ſerem todos cativos com ſuas mulheres, e filhos.

E ajuntando-ſe aquelles, que foram em companhia do Biſpo, que eram Antonio de Goes, Jorge Vaz, Jorge Carneiro, Pero Martins, Diogo Gonçalves, Franciſco Dias Machado, e Gonçalo Soares Cardim, hum dia depois de cêa tomáram hum tambor, ceſtros, e pandeiros, com ſuas eſpadas nas cintas, e rodelas lançadas ſobre as coſtas, e as eſpingardas cevadas, e aſſim chegáram á cerca das tendas do Emperador, e começáram a foliar, e a cantar muito alto; e aſſim foliando com grande eſtrondo, foram entrando pelas portas, que os porteiros lhes largáram. O Emperador ouvindo a matinada ſahio fóra com a Rainha, e ſuas Damas, e mais

mais de trinta tochas accezas, e paráram a ouvir a folia, que os nossos hiam continuando; e o que cantavam era isto:

Viva o Rey de Preste João,
Que pera os Turcos he hum leão.

E acabando a folia, desparáram as espingardas; e chegando ao Emperador, lhe disseram que mandasse abater as tendas, e fosse contra os Turcos, porque elles sós bastavam pera os destruirem diante delle; e levando das espadas com aquelle fervor, começáram a esgrimir com muita ligeireza. A Rainha, e as Damas estavam como pasmadas de ver aquillo, que foi cousa que muito estimáram; e disseram humas pera as outras: « Isto são » Anjos, e não homens. » A esta matinada se alvoroçou todo o arraial; e acudindo ás tendas do Emperador, entráram todos os Portuguezes dentro; e vendo andar os outros naquella batalha, deo-lhes o furor, e levando das espadas, fizeram o mesmo. E depois se foram ao Emperador, e se lhes offerecêram pera morrerem diante delle em defensão de seu Reyno. O Emperador, que estava muito contente de ver aquillo, disse contra os Portuguezes antigos: « Este dia não era vos» so, senão destes noveis, (pelos que vieram » com o Bispo,) e por certo tenho, que » todos sois meus amigos. » E logo mandou

tra-

trazer quatro garrafas cryſtallinas de collos altos cheias de vinho, e algumas conſervas, com que os convidou, e os mandou repouſar.

Mas como o Emperador eſtava medroſo do que lhe os feiticeiros tinham dito, não ouſava a ſe abalar; antes hum dia depois diſto entrou na tenda do Biſpo Xumo Caſalou, caſado com huma irmã da Rainha, e lhe pedio deſpejaſſe todos; e ficando ſós, lhe diſſe, como os Turcos vinham muito poderoſos, que pedia lhe diſſeſſe o que feria do Emperador, ſe foſſe áquella jornada, (porque tem os Abexins por coſtume perguntarem a ſeus Prelados pelos ſucceſſos das couſas.) O Biſpo vendo aquelle deſpropoſito, tomou huma vara que tinha na mão, e a poz com a ponta no chão direita, e diſſe contra o Caſalou: « Vês eſta vara aſſim di» reita? eu a largo; ſe cahir, morrerá o » Emperador na guerra; e ſe ficar em pé, » vencerá:» e largando-a o Biſpo, cahio no chão, de que Xumo Caſalou ficou triſte, e o Biſpo muito rozado. Poucos dias depois diſto mandou o Emperador chamar todos os Portuguezes; e eſtando elles de fóra das tendas, abaixou hum panno da cerca, e ficou deſcuberto até os peitos; e fallando com os noſſos, com os olhos cheios de lagrimas, lhes diſſe eſtas palavras:

« Coitados de vós, depois que eu mor-
» rer. » Os nossos ouvindo isto leváram das
espadas, e disseram: « Primeiro todos mor-
» reremos diante de V. Magestade, e des-
» truiremos os Turcos nossos inimigos. »
E proseguindo o Emperador a pratica, disse:
» Sabei que sou com vós-outros como gal-
» linha com os filhos, que quando vem o
» milhano, os recolhe debaixo de suas azas.
» Em Ethiopia não tendes senão a mim por
» amigo, todos vos querem mal; aconselho-
» vos que sejais como linhas juntas, que
» quando estão unidas, fazem hum cordão,
» com que prendem hum leão; e apartadas,
» qualquer cousa as desfaz: digo-vos isto,
» porque tenho pouca vida. » Isto disse este
Emperador; porque depois que seu pai fal-
leceo, e que elle succedeo no Reyno, os
móres desgostos que teve com sua mãi, e
com os Grandes, foi, por não querer degra-
dar os Portuguezes pera esses sertões da
Ethiopia, donde não pudessem ter commu-
nicação com o mar, nem recado da India;
porque estando o pai pera morrer, lhos en-
commendou muito, e lhe poz pena de sua
maldição, se os não amasse como irmãos,
e senão gratificasse a ElRey de Portugal seu
pai (com lhe dar a metade do seu Reyno,
se o quizesse) os grandes beneficios que delle
recebêra; porque se lhe não mandára o soc-
cor-

correo por D. Christovão da Gama, (como fica dito no Cap. XI., do VII. Liv. da V. Decada.) sem dúvida se perdêra aquelle Imperio. Os nossos, que víram o Emperador tão triste, e melancolizado, lhe disseram muitas cousas sobre aquillo, e se recolhêram; e nós o faremos por hum pouco, porque temos muitas cousas com que continuar, e depois a seu tempo tornaremos a estas.

CAPITULO V.

De huma breve relação das cousas do Bemaventurado Apostolo S. Thomé, de sua morte, e milagres: e das grandes maravilhas de huma pedra, que se achou no lugar em que o matáram: e de huns padrões, que os Reys daquelle tempo passáram de rendas pera a Igreja que alli fez.

PORque não he bem que passemos pelas cousas, que neste tempo acontecêram na Casa do glorioso Apostolo S. Thomé, Padroeiro da India, faremos dellas huma breve relação pera gloria de Deos nosso Senhor, louvor do seu servo, e edificação nossa. Florecendo, e indo cada dia em grande crescimento os milagres deste Santo Apostolo na Cidade Meliapor, que agora se chama S. Thomé, onde os Portuguezes tem huma muito formosa, e prospera Colonia, de que

já algumas vezes fallámos, succedeo o anno de quarenta e sete quererem os moradores com o Vigario da Casa do Santo Apostolo alevantar a Ermida do monte grande, que tinha cahido seis, ou sete vezes, e havia muitos annos estava no chão, por ser o principal lugar, e Oratorio, onde o Santo costumava ir orar, e onde foi acabar sua vida gloriosa. E porque o lugar, e modo de sua morte andam escritos confusamente, diremos aqui a verdade disto, conforme as muitas diligencias que sobre isso fazemos, e a opinião geral que corre entre os Gentios antigos daquella Cidade, em cuja memoria lhes ficou quasi como tradição antiga, pelo que ouvíram a seus pais, e avôs.

Costumava o Santo Apostolo sahir-se da povoação, onde ordinariamente gastava a mór parte do tempo na conversão das gentes, e ir-se a orar a hum monte affastado quasi huma legua da Cidade, que naquelle tempo se chamava *Antenodur*, onde tinha dous Oratorios: hum logo na entrada do monte, onde agora estam os Padres da Companhia, que se agora chama o *Monte pequeno*, que era huma pequena furna cavada em huma rocha viva, em que tinha feito na mesma pedra hum pequeno Altar, onde devia de ter alguma Cruz, ou retabolo; e o outro Oratorio era mais assima, onde agora

cha-

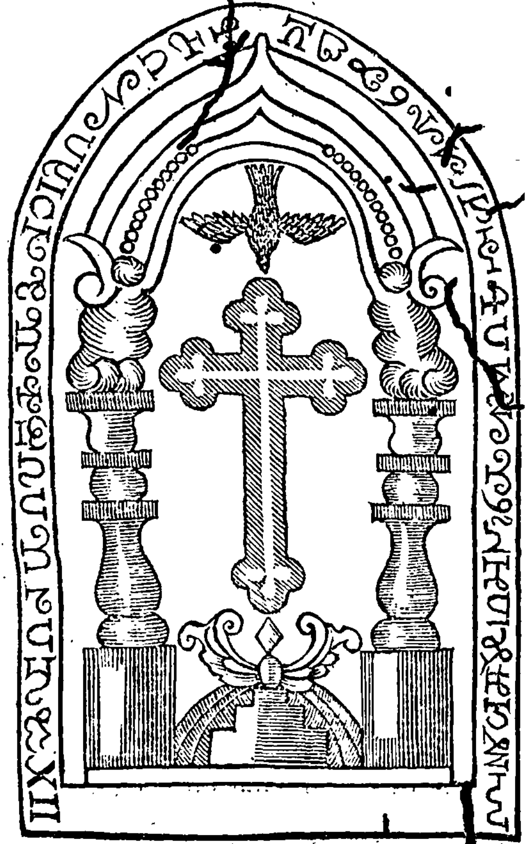
chamam o Monte grande, e onde eſtá a Caſa de noſſa Senhora, de que logo fallaremos, que ſerá de hum ao outro diſtancia de pouco mais de hum tiro de berço. E eſtando hum dia o Santo Apoſtolo em o Oratorio debaixo affervorado em oração, vieram os Bragmanes, que andavam já conjurados contra elle, por não poderem ſoffrer ſua rara virtude, e exemplo de vida, com que todos andavam deſacreditados diante do Rey; e ſentindo-o dentro na lapa, foram-ſe por huma ilharga, onde tinha huma pequena freſta, que fizera pera claridade, e eſpreitando-o por ella, o víram eſtar de joelhos, com os olhos fechados, em hum rapto tão profundo, que parecia morto; e mettendo a lança pela freſta, lhe deram huma lançada. O lugar certo por onde foi ſe não tem averiguado, ainda que todos concordam que foi por huma ilharga. E foi ella com tanta força, que parece que ao acordar do Santo, e ao bullir do corpo, quebrou o ferro aſſima do alvado quaſi meio palmo; e ao gemido que o Santo deo com a dor, foram todos fogindo, e elle com aquellas anſias da morte ſe ſahio pela porta fóra, e tomou o caminho do Monte grande, aonde tinha o principal Oratorio, e onde eu preſumo que eſtariam ſeus diſcipulos, e que os iria o Santo buſcar pera o remediarem. Mas como hia mortalmente ferido, che-

chegando á Ermida, se abraçou com hum retabolo de pedra, em que tinha huma Cruz, e alli encommendando sua alma a seu Mestre, sahiria daquelle santissimo corpo a gozar daquellas bemaventuranças eternas, e daquellas cadeiras de gloria, que Deos tinha apparelhadas pera seus Santos Apostolos, em que apparecerão no ultimo juizo pera juizes das gentes. Os discipulos do Santo, depois de chorarem sua morte, e apartamento, levaram-no a enterrar na Capella, que na povoação tinha feita daquelle monstruoso madeiro, que ainda hoje está em pé na mesma fórma; e com elle enterráram huma grande panella de barro, em que recolhêram todo aquelle sacratissimo sangue, e ferro da lança, que se achou assim, quando no anno de vinte e tres descubríram a sepultura, e corpo do Santo Apostolo o Capitão Manoel de Faria, e o Padre Penteado, que ElRey D. Manoel de gloriosa memoria mandou a este *negocio*, pera saber a verdade do corpo do Santo Apostolo, como se verá melhor na III. Decada de João de Barros, e em outras partes das minhas.

Em fim, tornando a nosso proposito, a Ermida, em que o Santo foi morrer no Monte assima, foi sempre renovada por seus discipulos, em quanto vivêram, e depois pelos Christãos, que sempre alli ficáram, até que o

o tempo veio a apagar tudo. E todavia, depois que entrámos na India sempre os Reys Catholicos de Portugal mandáram ter muita conta com esta Casa, que foi muitas vezes renovada; mas de feição, que por tempos tornou a cahir, como esteve até o anno de quarenta e sete, em que os moradores com o Vigario da Casa tratáram de a alevantar de feição, que não cahisse por muitos tempos. E pondo as mãos na obra, abrindo os antigos alicerses, a huma terça feira, acháram nelles huma pedra de maravilhosa feição de côr parda clara, de quatro palmos de alto, e tres de largo, e nella feito de meio relevo hum portal ao modo Gotico, e no meio huma Cruz da feição das de Avís, e em sima na cabeça huma pomba, assim como se pinta, quando o Espirito Santo appareceo á Senhora, e aos Apostolos. E no circulo do portal tinha humas letras de tão antigos caracteres, que não houve em toda aquella Cidade quem as conhecesse; e a pedra por dentro, e meio della tinha humas manchas como de sangue. E parecendo a todos que aquella pedra era milagrosa, a levâram com grande veneração pera a Igreja da Cidade, em quanto hiam com a obra por diante, com determinação de a mudar pera aquella casa; e a feição da pedra he a seguinte.

E



E desta feição são todas as Cruzes, que o Santo Apostolo mandou fazer em todas as par-

partes; e ainda hoje se vem na sua Igreja, e Capella, e no Oratorio do Monte pequeno, e em algumas columnas, donde ha pouco tempo trouxeram huma pera o Convento de S. Francisco de Goa, que os Padres tem em huma Capellinha na crasta, que abríram pela cabeça, e lhe fizeram hum vão com hum espelho, onde tem mettido hum pedaço do ferro da lança, com que matáram o Santo Apostolo. E esta columna he ao modo oitavado da côr da mesma pedra do milagre, senão quanto he no tacto mais aspera, e no meio della tem hum pequeno portal entalhado na mesma pedra, e no meio huma Cruz como esta. Outra columna está na povoação de Negapatão mettida no chão com varões de ferro, por se recearem os Gentios que os Portuguezes lha tomem; e pera se mais segurarem, a recolhêram pera junto de hum seu pagode de muita veneração, e a cercáram á roda de parede, ficando alli em hum pateo. Tem esta columna hum gallo talhado na pedra de huma parte, e da outra huma corda, e huma véla, e anda de boca em boca das gentes de muitas centenas de annos a esta parte, que esta columna viera pelo mar huma noite, e que aquella véla vinha acceza; e vista por huns pescadores aquella claridade, foram ver o que era, e acháram aquella pedra milagrosa, que por si-

ſima da agua hia pera a terra até encalhar nella; e dando rebate ao Gentio, acudio todo á praia; e achando aquella maravilhoſa columna, levaram-na com muita veneração pera junto daquelle pagode, tendo-ſe ſempre depois que os noſſos entráram naquella povoação de lha tomarem. E deixando nós noſſo juizo ſobre eſta pedra, nos parece que foi das columnas, que S. Thomé mandou pôr em alguma parte de Meliapôr, e onde achou aquelle eſpantoſo madeiro, que era doze leguas donde hoje eſtá ſua caſa, e anda em memoria de todos os Gentios de avôs a netos, que quando ElRey dera aquelle páo ao Santo pera fazer huma caſa naquella Cidade, onde o páo ſe achou, que então era ao longo do mar, e doze leguas onde hoje eſtá ſua caſa, diſſera, que não havia de edificar Templo, ſenão onde o páo por ſua vontade foſſe parar, porque aquella Cidade, e muitas leguas adiante ſe havia ainda de cubrir de mar: e o páo foi dalli a doze leguas parar no lugar, onde hoje eſtá a caſa do Santo Apoſtolo. Pelo que nos parece que quando o mar comeo toda aquella terra, eſta columna, que eſtaria naquella parte, ſeria milagroſamente levada pelo mar até aquelle lugar, onde hoje eſtá, e onde eſperamos em noſſo Senhor pelos merecimentos do ſeu Santo Apoſtolo, que havemos

ain-

ainda de ver huma muito prospera Cidade; cheia, e povoada toda de Christãos; e que aquelle pagode, onde aquella columna está, ha de ser ainda convertido em hum muito formoso Templo, em que Deos nosso Senhor seja honrado, e venerado.

E tornando a nosso fio da pedra do milagre, acabada a Ermida, que dedicáram a *N. Senhora do Monte*, passáram pera ella a pedra com grandes festas, e regozijos, e a puzeram sobre o Altar, e mandáram fazer hum auto do modo de como se achou, e mandáram tirar a fórma, e debuxo della, que se levou a ElRey D. João, que a estimou muito; e encommendou por suas cartas ao Governador D. Duarte de Menezes, que trabalhasse muito por se buscar quem declarasse as letras pera por ellas saberem a certeza daquella pedra. E pela instancia, com que ElRey encommendou este negocio, trabalháram todos os Governadores, e encommendáram aos Capitães daquella povoação que com toda a diligencia possivel se buscasse pessoa, que declarasse aquellas letras: e assim todos mandáram trazer desse sertão a muitos Bragmanes velhos, e doutos pera isso, sem se achar quem tivesse noticia daquelles tão antigos caractéres. E querendo Deos nosso Senhor mostrar já ao mundo aquelle segredo por honra do seu Santo Apos-

to-

tolo, pera que os homens não perdessem a veneração, e acatamento em que a tinham, permittio que o anno de sincoenta e hum, o dia, que se celebra a festa da Expectação de nossa Senhora, a que chamam do Ó, que cahe sempre a dezoito de Dezembro, pera onde mudáram a da Santa Cruz, que na mesma Ermida ordenáram que se celebrasse, em começando o Vigario, que dizia a Missa, as primeiras palavras do Santo Evangelho: *Missus est Angelus Gabriel à Deo, &c.*, começou a pedra maravilhosa a se mudar de huma côr ferrenha, e pouco e pouco se foi cerrando, e fazendo preta, e luzida, como se estivera untada de oleo, e logo tornou outra vez á sua côr natural, e começou a suar gottas de agua; e a huma parte, onde estavam mais claras as manchas de sangue, se mostrou muito formosa e rosada.

Estes effeitos fôram vistos de todo aquelle povo, que começou a engrandecer, e louvar em altas vozes ao Altissimo Deos, e a seu Santo Apostolo, porque lhe quizera mostrar a virtude daquella pedra. E estas mesmas maravilhas, e milagrosos sinaes se víram depois no mesmo dia certos annos, ainda que interpolados, até o passado de sessenta e hum, em que sendo Capitão daquella povoação Pero de Taíde Inferno, e Vigario

da-

daquella casa o Padre Gaspar Coelho, que trabalháram todo o possivel por descubrir quem declarasse as letras daquella pedra, até que lhe trouxeram do Reyno Canará hum Bragmane muito antigo, e muito douto na seita dos Bragmanes, e nas letras antigas de suas escrituras, que pela fama que delle tiveram, o mandáram buscar. E mostrando-lhe a pedra, vendo-a, e notando as letras, as conheceo, e disse que eram tão antigas, que já se não usavam; e que eram sinco sortes, e differenças dellas, e de lingua; e que cada letra daquellas continha vinte, ou mais letras, conforme aos antigos Geroglyficos dos Egypcios, que punha huma letra por huma parte, e esta por muitas; e que as letras eram trinta e seis com tres pontos, que tambem significavam suas partes: e dando-lhe juramento conforme á sua lei, com suas ceremonias acostumadas, pera que bem, e verdadeiramente declarasse o que ellas diziam, se subio em alto pera as notar bem, e as foi escrevendo nas letras, que então se costumavam antre elles, que affirmava serem mais de setecentas; e pondo-as em sua ordem com muito tento, e vagar, e depois as foi interpretando por hum experto lingua, e hum Tabellião do público Judicial, as foi tomando em sua lembrança pera as lançar em suas notas; e o que continham he o seguinte.

» Em

« Em tempo do filho de ElRey Sagad
» Gentio, que reinou trinta annos, hum só
» e verdadeiro Deos veio á terra, e tomou
» carne no ventre de huma Virgem, e tirou
» a lei dos Judeos, de cujas mãos por sua
» vontade tomou castigo pelos peccados dos
» homens, depois de andar no mundo trin-
» ta e tres annos, e ensinar a doze criados
» a verdade, que andou prégando. E hum
» destes veio a hum lugar chamado Majalle
» com hum páo na mão, e trouxe hum
» grande madeiro chamado Bagad, que veio
» pelo mar, de que fez huma Igreja, com
» que toda a gente folgava. Hum Rey de
» tres Coroas Cheralacone, Indalcone, Cus-
» pandiad, e ElRey Alexandre do Reyno
» Ertinabarad com Catharina sua filha, e
» muitas Virgens, e seis generos de castas
» por suas vontades tomáram a Lei de
» Thomé, por ser a da verdade, e elle
» lhes deo o sinal da Cruz pera adorarem.
» E elle subia ao lugar de Antenodur, on-
» de hum Bragmane lhe deo huma lança-
» da, e elle se abraçou com esta Cruz,
» que ficou manchada de seu sangue, e
» os discipulos o leváram a Majalle, e o
» enterráram na sua Igreja com a lança
» no corpo: e porque nós os Reys assi-
» ma nomeados vimos isto, fizemos estas
» letras.

Don-

Donde inferimos que todos aquelles Reys foram feitos Christãos por elle, e que eram Regulos de differentes Provincias dalli perto, que se ajuntáram a ouvir sua doutrina, e a se bautizarem pela fama de sua vida. Este anno, que nosso Senhor quiz certificar áquelles moradores a virtude desta pedra, não fez ella o sinal acostumado, do que todos ficáram desconsolados; mas o seguinte de sessenta e dous, em que andamos, querendo elle acabar de certificar a todos com maiores sinaes da verdade daquella pedra, lhos manifestou o mesmo dia de nossa Senhora do O, por esta maneira.

Estando o Vigario Gaspar Coelho dizendo a Missa, em começando o santo Evangelho, começou-se a cubrir a pedra de huma nuvem subtil, que logo se desfez, e a víram ir mudando a côr, e manchar-se de preto, e cardeno, até ficar assim toda de huma côr desacostumada, e tão luzidia, como se estivera untada de oleo; e acabado o Evangelho, se cubrio toda de hum suor, que parecia que orvalhava sobre ella, o que durou toda a Missa; e acabando o Vigario de consumir, subio-se em joelhos sobre o Altar perante todo o povo, e com o sanguinho, que tinha as sinco chagas lavradas de seda vermelha, alimpou aquelle humor de pedra, ficando o sanguinho todo molhado, e com hu-

humas nodoas de huma agua vermelhaça, como de lavaduras de carne fresca; e depois disto antre as onze, e as doze horas, tornou a pedra a suar de feição, que pela ponta de hum braço da Cruz estillava gotta, e gotta de agua, que o Padre Vigario hia recolhendo no sanguinho, o que durou por espaço de meia hora, que se tornou aquelle humor a resolver, e a pedra ficou parda, clara, e graciosa, e onde tinha as manchas de sangue se enxergou muito claro.

De tudo isto se fez logo alli hum auto, em que se assignáram o Capitão, Vigario, e pessoas principaes do povo, que se mandou ao Bispo de Cochim D. Jorge Themudo, que de novo mandou tirar hum summario de testemunhas, de que foi Enqueredor o Vigario, e Escrivão Diogo Pereira, presente o Capitão, de que o Padre Fr. Duarte Chanoca, que foi Guardião de S. Francisco de Goa, e muito antes tinha sido Guardião da mesma Casa de S. Thomé, nos deo o traslado.

E posto que na interpretação das letras da pedra vá alguma cousa desviado de alguns que escrevêram, conforme as informações que tiveram muito depois de mim, quero ir atado ás que tivemos, e ás diligencias que fizemos como de presente, e aos autos, e traslados, que de S. Thomé nos

man-

mandáram. Porque quem os informou tão mal, como foi em dizerem que no anno de 1572 entregáram o Padre Penteado, e o Padre Alonso Cypriano ao Vigario, e Visitador do Bispo de Cochim o traslado de humas doações, que os antigos Reys concedêram pera a Casa do Santo Apostolo, que elle tambem recita muito desviado dos mesmos traslados, que em nosso poder estam, que logo abaixo poremos; sendo certo que em Cochim nunca houve Bispo, senão o anno de 1559. em que veio D. Jorge Themudo, que foi o primeiro que aquella Cidade teve, tambem o podia informar assim nas outras cousas.

E pois fallamos nesta materia, não podemos deixar de nos queixar de alguns delles, por tomar da nossa V. Decada, que ha sete, ou oito annos temos no Reyno, o onzeno, e dozeno Capitulo, que toca na Religião do Gentio da India enganos, e superstições dos Bragmanes, que nos custou infinito trabalho, e despeza da fazenda mandar trazer de suas mesmas escolas do Reyno Badagá, e de irmos em pessoa ver o hospital dos passaros de Cambaya, e notar cousas, que os homens, que lá passam de differente profissão, não sabem, ou não querem notar: negando-nos a benevolencia que se deve no citar dos escritores, e mais quando

nós neste Estado estamos escrevendo por authoridade da Mageftade Real de ElRey D. Filippe. E quem quizer ver se me queixo com razão, lêa os Capitulos atrás allegados, e o II., III., e IV. Cap. do VI. Livro da minha V. Decada, que já deve de estar impressa, ou muito perto de se imprimir, e verá se na mór parte dos outros não vai pelas minhas proprias palavras, e particularidades, que eu só na India notei: e deixando esta materia, em que eu não hei de ficar em obrigação de restituição a ninguem, porque em todas as minhas Decadas dou o seu a seu dono, como pelo decurso dellas se poderá mui bem ver.

Tornemos á nossa ordem: já que atrás nos penhorámos com os padrões, será bem darmos relação na realidade delles, porque servirá pera que vejamos a liberalidade daquelles Reys nascidos, e creados nas entranhas da gentilidade, que tiveram pera aquelle Templo do Santo Apostolo; e passa assim. O anno de sincoenta e dous, sendo Vigario da Casa do Apostolo S. Thomé o Padre Antonio Penteado, foi ter com elle hum Bragmane velho, e lhe disse: « Que se lhe » pagasse bem, elle lhe descubriria huns pa- » drões, que os Reys, ou do tempo, ou » pouco depois do Apostolo S. Thomé, lhe » passáram de terras, e rendas que deram

» de

» de esmola pera a sua Casa, que lhe an- » davam sonegadas, e estavam escondidas » em parte, que elle só sabia. » Vendo o Padre Antonio Penteado aquillo, concertou-se com elle em trezentos xerafins, que ajuntou pelos moradores, e os depositou em mão de pessoa abonada que lhos désse, trazendo elle os padrões, que logo vieram. E eram tres taboas de metal de palmo de alto, e meio de largo cada huma, feitas ao modo de como se pintam os escudos das Armas das linhagens, e todas tinham de huma parte hum letreiro, e da outra huma Cruz, e hum Pavão. Disto tomáram alguns motivo pera affirmar, que a ave, que está na ponta de sima da Cruz da pedra do milagre, era tambem Pavão, no que se enganáram, porque nestas taboas puzeram-se os Pavões como sellos das Armas daquelles Reys, e o Santo não as havia de pôr na cabeça da Cruz; e na cabeça das taboas tinha cada huma dellas huma argola, por onde se penduravam. Vendo-as o P. Vigario Antonio Penteado, mostrou-as aos Gentios antigos, como os da pedra da Cruz, sobre o que fizeram suas diligencias. E pela fama que havia de hum Bragmane douto nas terras do Canará, o mandáram trazer, que vendo as taboas, conheceo as letras, e declarou-as ao Notario que escrevia, e o que continham he o seguinte.

A primeira taboa dizia:

« Em nome de Deos, que fez o Ceo,
» e a terra, a que se não sabe principio,
» nem fim, a quem me encommendo, e
» debaixo de cuja mão estão o Sol, e as
» estrellas, e tem poder pera cortar todo o
» mal. Este Senhor fez huma joia, que he
» ElRey nosso Senhor, a quem deo poder
» neste mundo pera fazer o que quizesse.
» Este Rey alumiam suas obras como estrel-
» las; em tempo que nascêram as pedras
» preciosas, então nasceo elle contra todos
» seus inimigos, e pera favor, e amor dos
» bons, que tem muita caridade. O avô
» deste Rey se chamava Atela Rajá, e seu
» pai Campella Rajá, e elle Boca Rajá, e
» tem dous filhos chamados hum Marapa,
» e outro Matapa. E este Rey he tamanho
» cavalleiro como huma alimaria, a que
» chamam Chigsão, que he Rey de todas,
» e he maior que todo o outro Rey, e como
» hum dos sinco Reys, que vencêram no-
» venta e nove Reys, e que tem tanta força
» como hum dos oito Elefantes sobre que
» o mundo está. Este reina em seu Reyno,
» e tem outros tres, que tomou por armas,
» que são Otia, Tulcão, e o Canará, e este
» he Rey, e Senhor dos Senhores, que seus
» inimigos venceo, e fez em postas com
» sua espada. »

A

A segunda taboa continha o seguinte:

« Passada a era de 1255. annos, no pri-
» meiro anno, que se chama Icarrana Ra-
» chaa, aos doze dias da Lua nova do bom
» anno, deo de esmola Abidara Modeliar
» Sante para a sua Igreja as terras abaixo
» declaradas, que partem do Chandegari
» com Paliorcota, Cotur, e Meliapor, onde
» choveo terra, e foi despovoada; e este
» lugar de Meliapor parte com o Palepate,
» e com o de Cotur da banda do Nascente,
» e além do rio da banda do Sul, e da ou-
» tra parte com o mar, e da do Norte com
» Frivanor. Entre estes lugares ha hum, que
» se chama Urur, e outro Cateparede, e
» outro Catetangul, e outro Perogum Rey,
» que he cabeça delles. E estes lhe dou Abe-
» dara Modeliar pera ajuda de alumiar a sua
» casa. E todos estes lhe dou com suas casas,
» sementeiras, hortas, rios, aguas de pre-
» zas, thesouros, rubís, e todas as mais
» pedras preciosas, que se acharem por sima,
» e por baixo da terra, e todo o navio, e
» cousas que vierem de mar em fóra quebrar
» em seus termos, e toda a madeira, e os
» direitos de alguma náo que alli carregar,
» tirando algum pedaço de terra, se antes
» disto estiver dada a algum Pagode. E estes
» lugares lhe dou, jurando sobre hum Pago-
» de, que se chama Ampisiviri passa de Ve-

» re-

» rede: o que lhe dou em quanto o Sol,
» e Lua durarem, pera que a sua Igreja os
» tenha, e possua pera sempre. E ao ...
» tudo dizia: Em nome de Deos; e então
» o final de ElRey.

A terceira taboa dizia assim:

« Este he o final de esmolas pera alcan-
» çar o Paraiso; e todos os Reys, que o
» cumprirem, alcançaráõ muitas mais; e
» quem as desfizer, estará sessenta mil annos
» no inferno com os bichos. Porque esta
» esmola que faço, he pera sempre, e pera
» todos os Reys a cumprirem, a quem o
» peço muito. » Destes padrões infiro eu que as terras foram dadas ao mesmo Apostolo S. Thomé em sua vida naquellas palavras da segunda taboa, onde diz: *Dá de esmola a Abedarrá Modeliar Santo pera a sua Igreja*; porque se fora já morto, e feita a esmola a algum de seus discipulos, houvera de dizer que dava a esmola pera a Igreja do Santo. E naquella dignidade de Modeliar, por que o intitula, se póde tambem conjecturar esta verdade, e ainda mais em lhe chamar Santo, porque o titulo de Modeliar era então o mais honrado na Corte daquelles Reys: e o nome de Abedarrá, por que o nomea, deve de ser alguma excellencia sua; e muitas duvidas que podem recrescer, como na era que nomeam da fei-

tu-

tura das taboas, e dos nomes daquelles mezes, podem deitar a culpa aos curiosos daquelle tempo, que não souberam perguntar por ellas. E posto que nós agora queiramos descubrir isto, já não devem de haver aquelles Bragmanes doutos, e antigos, como os que declaravam as letras da pedra do milagre, e dos padrões, porque as guerras, e o tempo tem consumido, e gastado tudo.

Outras taboas como estas se acháram tambem no Reyno de Cranganor de doações, que aquelles antigos Reys fizeram pera a Igreja, que os discipulos do Apostolo S. Thomé alli fundáram, de que já démos relação no II. Cap. do I. Liv. desta VII. Decada. E porque nos não fique huma cousa muito pera notar, o faremos aqui de passagem, porque em outros lugares a relataremos mais de proposito; e he, que em quanto houve verdade, justiça, e pouca cubiça, e sobre tudo Christandade, mostrava Deos nosso Senhor nesta pedra as maravilhas que dissemos pera gloria sua, e honra de seu Santo; e o tinham os casados daquella povoação por tão particular mercê de Deos, porque com aquelles sinaes lhe entravam tantas enchentes de sua misericordia, que andavam com os olhos na pedra, e esperavam aquelle desejado dia como o de sua salvação: e assim se lhe faltava algum anno, haviam-

no pelo mór castigo da vida, mas depois que na India entrou tanta cubiça, onzena, injustiça, e tanta outra cousa desta qualidade, trocou Deos nosso Senhor o sinal de misericordia em sinal de castigo; porque nestes annos (e em outra parte diremos a certeza de quantos pera cá) o anno que a pedra mostra aquelle maravilhoso effeito, logo succede na terra algum desastre, ou perda notavel: e tem os homens já isto por tão averiguado, que em se vendo o sinal, logo esperam por algum grande trabalho. E assim como de antes pediam a Deos lhes manifestasse na pedra o sinal de sua misericordia, agora pedem lhe esconda o de seu castigo.

CAPITULO VI.

Das mais cousas, que acontecêram na Ethiopia: e de como o Capitão Isac se ajuntou com o Baxá dos Turcos, e alevantáram outro Rey: e do que aquelle Emperador fez sobre isso.

FIcáram as cousas da Ethiopia deste anno passado naquella vitoria, que o Emperador houve contra o Capitão Isac, e contra o Rey, que elle tinha alevantado, e elle reconciliado com o Bispo, e desejoso de o fazer com o Isac, por escusar mais perturbações, e lhe mandou pera isso perdões

reaes,

reaes, que elle não quiz acceitar, antes tratou de lhe fazer todo o damno que pudesse, pera o que se reformou, e tornou a ajuntar a si os Portuguezes, que com elle escapáram. Sabendo o Baxá do Turco (que estava em Arquicó) estas cousas, parecendo-lhe que seria grande lanço sanear-se com o Isac, e fazerem ambos guerra áquelle Emperador, até o destruirem de todo, porque depois lhe ficava melhor occasião pera o que pertendia: e assim tratou isto por meio de hum Mouro, Senhor da Ilha de Lacá, grande amigo deste Capitão Isac, que carteando-se com elle, veio aos conformar, e assentáram que se vissem ambos, e o Turco lhe mandou hum filho seu pera lhe ficar em refens, em quanto durasse a liga que faziam. E assim dia de S. Sebastião passado se ajuntáram em huma ribeira seis leguas de Arquicó, levando o Isac só comsigo Francisco Jacome, e o Capitão Arabo; e nas vistas assentáram as amizades, e juráram de juntos, e confederados ambos fazerem guerra ao Emperador. E pera fazerem esta expedição com alguma côr, assentáram que se alevantasse por Emperador hum menino de oito annos chamado Marcos, filho do Abiticon Acob, em que muitas vezes temos fallado, que o Isac trazia comsigo, com sua mãi, e outro irmão bastardo chamado Fasalates, e huma irmã, que

o Isac casou com hum filho seu chamado Tagala Micael. E assim foi logo alevantado o moço, e lhe fizeram as ceremonias costumadas naquelle Imperio, e lhe puzeram nome Alefisegit, e o Baxá lhe deo logo alli algumas peças ricas, e cavallos formosos, e logo ordenáram seu campo pera irem buscar o Emperador Adamas Saged; e o Baxá negociou algumas peças de artilheria de campo pera a jornada. O Isac tomou comsigo o Emperador menino, e em sua companhia seu pai, e o Capitão Arabo com alguns Portuguezes, e toda a gente que puderam ajuntar, que não passou de cento de cavallo Abexins, e mil de pé, e o Baxá outra tanta gente. E com só este pouco poder começáram de caminhar pera onde estava o Emperador, que logo foi avisado da liga, e determinou de ir buscar os alevantados, pera o que ajuntou suas gentes, e se poz em campo pera ir buscar os inimigos.

Vendo Affonso de França que tinha o Emperador necessidade de ajuda dos Portuguezes, pedio-lhe de mercê, que mandasse soltar os que tinha prezos por favorecerem o Isac, promettendo-lhe que naquella jornada o haviam de servir com grande amor, e lealdade: e que como os inimigos soubessem que elle levava mais de sincoenta Portuguezes, que se podiam ajuntar, haviam de

de recealo muito; mas o Emperador não lho quiz conceder, dizendo-lhe: « Que não » queria victoria alcançada com traidores, e » que sem elles lha daria Deos. » E logo se poz em campo com seiscentos de cavallo, e dez mil de pé, em que entravam duzentos de espingardas, e mandou buscar o Bispo, e Padres da Companhia pera os levar comsigo; e com este exercito começou de marchar até se ir avizinhando com os inimigos, com quem se encontrou em hum campo muito formoso, onde assentou seu exercito, ficando-lhe entre elles, e os inimigos huma grande serra.

Tanto que o Baxá teve novas do Emperador, fortificou-se em hum tezo do monte, e prantou sua artilheria, e mandou espiar o campo do Emperador pelo pai do Isac, e Gonçalo Soares Cardim com mais quatro Turcos de cavallo em muitos bons cavallos, que estiveram notando o modo de como o Emperador estava, e víram que se hia recolhendo pera hum campo, que ficava entre duas grandes serras, que não tinha mais que huma só entrada muito estreita. E naquella retirada, que o Emperador fez, entendêram os que o foram espiar, que arreceava a batalha. Mas tambem o Gonçalo Soares Cardim não deixou de sentir medo nos Turcos, porque ouvio fallar huns com

os

os outros em sua lingua, que elle entendeo bem, e diziam: « Que os Portuguezes não » desbaratáram ElRey Gradaamet em tempo » de D. Christovão da Gama com muitos » cavallos, senão com muito fogo; porque » disseram os companheiros, que trazia o » Emperador pouca gente de cavallo. » E dando conta ao Baxá do que víram, que por ver tudo com o olho, cavalgou em hum formoso cavallo, e elle vestido em hum roupão de borcado, foi ver o campo do Emperador; e depois que notou o sitio, disse ao Isac, que elle o desalojaria mui depressa. O Gonçalo Soares Cardim, parecendo-lhe que a parte dos Turcos estava muito de vantagem, persuadio aos Portuguezes, que estavam com elle, que se passassem pera o Emperador, a quem todos tinham muita obrigação, e em cuja companhia andava o seu Bispo; mas nunca os pode dobrar, nem render a que o fizessem, e elle deixou de o fazer por ser só. E todavia avisou o Bispo por huma carta de algumas cousas, que lhe levou hum Mouro, que peitou pera isso; mas elle, nem os Padres a não quizeram tomar por se não fiarem do Mouro, nem saberem o sobre que seria.

O Baxá pelo que notou do sitio, em que se o Emperador recolheo, entendeo que o podia entrar, e logo se poz em ordem de

de o commetter, e fubio á ferra pelo meio com muito trabalho por caufa da artilheria; e depois de fer em fima, foi defcendo até fe pôr em baixo, ficando ambos os exercitos naquellas eftreituras, e no cabo da ferra fe fortificou, e prantou fua artilheria: e ao outro dia, que foi a derradeira Oitava da Pafcoa, começou a bater as eftancias do Emperador com tamanho terror, e efpanto, que os Abexins de medo fe puzeram em desbarato, e o Emperador com elles, e no alcance foram os Turcos cativando muitos; e entre elles foram o Padre Manoel Fernandes, Reitor da Companhia, e o Padre Gonçalo Cardofo; o Bifpo, e o irmão Antonio Fernandes fe falváram milagrofamente, ficando tambem cativos os mais dos Portuguezes.

Acabado o alcance, recolheo-fe o Baxá com o Ifac aos alojamentos do Emperador, onde acháram muitas prezas, que tudo mandáram recolher, e levar ás coftas dos cativos; e indo o Padre Reitor com hum folle de farinha ás coftas, e o Padre Gonçalo Cardofo com huns páos de huma tenda, defpidos, e maltratados com grande paciencia, e humildade, fendo viftos por Gonçalo Soares Cardim, foi-fe logo ao Ifac, e Baxá, e pedio-lhes de mercê, que lhe elles concedêram, e com elles todos os mais Portuguezes cativos, e algumas mulheres.

Com

Com esta vitoria ficáram os Turcos tão soberbos, que determináram entrar pela terra dentro, ficando os nossos algum tanto desacreditados. Pelo que nunca mais aquelles Emperadores se quizeram fiar delles, nem pedir mais soccorro de gente aos Viso-Reys da India. E porque o que mais succedeo neste negocio he do tempo da VIII. Decada, nella se verá, porque foi necessario pararmos aqui por seguirmos a ordem da historia.

CAPITULO VII.

Da Armada que este anno de sessenta e dous partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge Manoel: e das cousas em que o Conde Viso-Rey proveo: e de como D. Pedro de Sousa foi entrar na Capitanía de Ormuz, e levou comsigo Babuxa, que foi succeder naquelle Reyno: e das pazes que concedeo ao Çamorim.

ANtes que o inverno se cerrasse chegáram a Goa alguns Embaixadores do Çamorim a visitar de sua parte o Conde, e a dar-lhe os parabens de sua vinda; e a voltas disso a tratar de pazes, porque estava aborrecido das guerras pelas perdas, e damnos, que dellas tinha recebido. E da mesma maneira vieram ao proprio negocio outros Em-

Embaixadores do Idalcan, porque era costume mandarem visitar os Viso-Reys novos. E cômo todos estes Mouros são sagazes, queriam-nos apalpar, e ver o que nelles tinham. E assim depois de Martim Affonso de Sousa pera cá, que as terras de Salsete, e Bardes se deram á Coroa de Portugal, como dissemos no Cap. XI. do Liv. IX. da nossa V. Decada, o principal requerimento seu depois da visitação, era que lhe largasse as terras, porque lhe não tinham cumprido o contrato com que as dera; o que tambem requerêram ao Conde estes Embaixadores: e á visitação lhe respondeo em fórma ordinaria; mas ao mais, que naquelle negocio não podia fazer nada sem primeiro dar conta delle a ElRey; e assim ficáram as cousas em cumprimento de parte a parte.

Os Embaixadores do Çamorim tratáram o negocio das pazes, sobre o que o Viso-Rey ajuntou alguns Capitães a conselho, e antre elles se praticou algumas vezes, e pareceo aos mais que se lhe deviam conceder, e que fosse o Conde Viso-Rey no verão seguinte a Cochim, e de passagem se visse com o Çamorim, e com elle as assentasse, e jurasse pera mór segurança dellas, com o que o Viso-Rey deteve os Embaixadores em Goa, onde foram bem aposentados, e provídos das cousas necessarias. Pera es-

esta jornada mandou o Conde Viso-Rey reformar toda a Armada, e ajuntar achegas pera ella, e escreveo ás fortalezas do Norte sua determinação, pera que os Fidalgos, e Cavalleiros, que por ellas residiam, o viessem acompanhar. No concerto, e aparcebimento da Armada gastou o Conde todo o inverno, e nelle metteo de posse da Capitanía de Goa a Lopo Vaz de Siqueira, filho bastardo de Diogo Lopes de Siqueira, Governador que foi da India, por acabar seu tempo D. Pedro de Menezes o Ruivo. E logo nos primeiros dias de Setembro surgíram na barra de Goa seis náos, de que era Capitão mór D. Jorge Manoel, filho de D. Nuno Manoel, e irmão de D. Fadrique Manoel, que vinha embarcado na náo S. Martinho, que Antonio Moniz Barreto fez em Baçaim, sendo Capitão daquella fortaleza. As outras náos eram a Esperança, de que era Capitão Fernão Martins Freire, que vinha despachado com a Capitanía de Çofala pera entrar logo; S. Vicente, de que era Capitão Antonio Mendes de Castro; a náo Tigre, em que vinha Fernão Coutinho; a Rainha, de que era Capitão Luiz Mendes de Vasconcellos; e da náo Cedro D. Rodrigo de Castro. Vinham nesta Armada perto de tres mil homens, gente toda mui escolhida; porque parece que naquelle tempo,

ro, em que Deos tinha postos os olhos na India, pariam os montes, e valles homens, e náos.

O Conde festejou muito esta Armada pera a jornada, que pertendia fazer; e logo mandou ordenar mezas aos soldados pera entre tanto, porque tambem parecia que aos Viso-Reys daquelle tempo lhes nascia dinheiro pera tudo no thesouro, de que elles nunca tiveram a chave, (por quão puros, e desinteressados corriam,) senão os mesmos Officiaes; e depois que se lhe veio a arrancar das mãos, e que houve tanto poupar, parece que tudo se começou a sumir, e tudo veio a faltar; porque como os pensamentos dos homens daquelle tempo estavam menos occupados da cubiça, favorecia-os Deos em tudo.

Em fim o Conde foi dando pressa aos despachos das náos pera irem tomar a carga a Cochim, e á sua Armada, que determinava de ser toda a que a India pudesse dar de si. E concluio com os Embaixadores do Çamorim as pazes que pediam, assim como se fizeram com o Viso-Rey D. Garcia de Noronha. E o Çamorim se obrigou por seus Procuradores a mandar logo cortar os esporões a todos os navios, que em seus portos houvesse, e que se alevantariam, e fariam de carga, pera que não pudessem servir mais

pera roubar. E que de nenhum porto dos seus sahiria mais cossairo algum, antes o mar sería seguro, e franco pera poderem navegar por elle todos os navios grandes, e pequenos: e que o Conde Viso-Rey iria a Calecut a jurar as pazes diante do Çamorim pera mór gosto, e alegria dos vassallos de ambos.

E andando já o Viso-Rey pera se embarcar, lhe chegáram novas que nas terras de Damão eram entrados alguns Capitães de Cambaya com muita gente de cavallo, e acompanhados dos Abexins, e que andavam pelas aldeas fazendo grandes estragos, e destruições. A isto mandou logo acudir o Conde com alguns Capitães, e soldados, que áquelle negocio foram em navios ligeiros: e mandou fazer paga geral a toda a gente da India, soldados, e casados, pera o acompanharem naquella jornada, pagando dous quarteis a cada pessoa.

Tinha chegado nas náos do Reyno D. Pedro de Sousa despachado com a Capitanía de Ormuz, de que a Rainha Dona Catharina lhe fez aquelle anno mercê por huma Patente, que lhe mandou, que a não amostrasse ao Viso-Rey, mas que lhe requeresse a Capitanía por huma carta missiva, que lhe deo pera elle, em que lhe mandava que metesse logo de posse a D. Pedro de Sousa

da

da fortaleza de Ormuz. E o intento da Rainha em mandar a D. Pedro, que não usasse pera a entrada da fortaleza da Patente, senão da carta missiva, foi, porque tinha prometido Ormuz a D. Francisco Mascarenhas Palha, e a Luiz de Mello da Silva, e que aquelle anno lhes mandaria as Patentes, que de necessidade se estes Fidalgos haviam de aggravar, antepondo-lhes D. Pedro na Patente, e quiz que entrasse por virtude da carta sem mostrar Patente; o que D. Pedro de Sousa fez, tanto que chegou á India; mas o Conde lhe reteve a carta com tenção de mandar a Ormuz D. Francisco Mascarenhas Palha.

Vendo D. Pedro de Sousa que o Conde se fazia prestes pera ir pera fóra, e que lhe não deferia ao seu negocio, estando hum dia com o Viso-Rey, perguntou-lhe, porque lhe não deferia á carta missiva, que lhe dera da Rainha? A que o Conde se fez de novas, dizendo-lhe, que se não lembrava de tal carta. Entendendo D. Pedro de Sousa o negocio, como hia já precatado, metteo a mão na algibeira; e tirando della a Patente, apresentou-a ao Conde, que tanto que a vio, ficou sobresaltado, e não pode fazer mais que pôr-lhe nella o *Cumpra-se*, como logo fez, mandando-lhe que se fizesse prestes pera ir entrar na sua fortaleza. Co-

meçou logo isto de correr por Goa, e ja dizerem os homens muitas cousas conforme á soltura, e natureza da terra; e o peior he, que houve alguns, que disseram publicamente que D. Pedro peitára muito. E tanto que o rumor destas cousas lhe chegou ás orelhas, levado D. Pedro de Sousa da colera, disse em alguns lugares públicos: que porque a Rainha tivera novas de virem Turcos sobre Ormuz, o mandára a elle entrar naquella fortaleza, porque sabia que lha havia D. Pedro de Sousa de defender muito bem. Em fim elle se embarcou em huma náo muito formosa, e levou comsigo Babuxa, filho de Torunxa, que foi Rey de Ormuz, a quem elle foi succeder no Reyno.

E porque nos não fique por dar conta deste Principe, pois adiante havemos de tratar delle, dallo-hemos aqui a conhecer. Pelo que se ha de saber, que o Governador Nuno da Cunha mandou trazer de Ormuz pera Goa a este Babuxa com hum irmão seu, que foi pai de ElRey Torunxa, e fez isto por escusar alterações naquelle Reyno. E quando Luiz Falcão foi entrar naquella fortaleza de Ormuz, que levou Torunxa pera succeder naquelle Reyno por morte de ElRey Xargolxa, como fica dito no Cap. I. do Liv. X. da V. Decada, ficou este Babuxa em Goa, onde esteve perto de quarenta annos.

E

E, vendo elle que se fazia D. Pedro de Sousa prestes pera Ormuz, sentindo-se muito decrepito, por ser de noventa annos, pedio licença ao Conde Viso-Rey pera se ir com elle, porque desejava de ir morrer na sua natureza, e enterrar-se na cova de seus avôs, que lhe elle concedeo por ver que daquella idade se não podia já esperar alguma alteração; e assim se embarcou. E no mar disse algumas vezes (como por graça) que a mesma noite que se embarcára sonhára que havia de ser Rey de Ormuz; e assim o foi, como adiante na VIII. Decada se verá. E pela ventura que dissesse isto zombando por não ter já idade pera nada, e que o attribuisse a sonho, em que estes Mouros todos crem. E quando se embarcou, levou tambem comsigo hum filho chamado Ferragoxa, que houve em Goa em huma Moura de Dabul, que por sua morte veio a succeder naquelle Reyno, como adiante se verá. Neste mesmo tempo despachou o Conde Viso-Rey a Tristão de Mendoça pera ir entrar na Capitanía de Chaul, que fora de seu irmão mais velho, que deixou de a vir servir por cegar dos olhos. Nesta Capitanía estava Alvaro Paes de Sotomaior, que acabava seu tempo; e em quanto o Conde dá pressa á sua embarcação, trataremos das cousas, que succedêram em Damão.

CA-

CAPITULO VIII.

Que dá conta dos Capitães, que entráram pelas terras de Damão: e de como Garcia Rodrigues de Tavora, Capitão daquella fortaleza, os foi buscar, e os desbaratou.

MUitas vezes temos dito das grandes alterações, que ficáram no Reyno de Cambaya entre os Capitães depois da morte de Soltão Mahamude, e dos bandos em que todo o poder se repartio; porque os grandes tomáram muito mal a posse, que o Ithimitican ficou tendo com ElRey ficar em seu poder. E era-lhes máo de soffrer verem-se governados por elle, e assim os de mais posse se affastáram, e lançáram mão do que puderam, como no Cap. XVI. do X. Liv. da VI. Decada fica dito. E todos os mais andavam como em cabildas, comendo, e senhoreando as terras, que achavam sem cabeças. E destes era hum Abexim chamado Cide Meriam, homem havido por grande cavalleiro, e que tinha quinhentos de cavallo de sua cevadeira, que desejando de haver a Cidade de Damão pera se nella aposentarem, ou ao menos comerem todas suas parganas, que importavam muito, solicitou alguns Capitães, que lhe acudíram com suas gen-

gentes; e com a que elle tinha, ajuntou oitocentos de cavallo, e quasi mil de pé, em que entrayam quatrocentos arcabuzeiros, e outros tantos bombeiros, e todas as munições, e petrechos de guerra, e mais cousas, que lhe parecêram necessarias pera aquella jornada, pera sustentar a Cidade de Damão, que cuidava levar nas mãos na primeira commettida.

E tendo tudo prestes, poz-se em campo com todos, e lhes fez huma breve falla, em que os persuadio a se quererem achar todos com elle com bom animo naquella jornada. Porque não era honra do Reyno de Cambaya consentirem seus Capitães possuirem os Portuguezes aquella Cidade, e terras a despeito de todos, que nella, e nas suas Tanadarias se poderiam agazalhar todos os que alli estavam, porque com todos havia de partir igualmente, e que assim deixariam de peregrinar. E que aos que lhe não parecesse bem aquella determinação, se deixassem ficar, porque elle queria antes commetter aquelle negocio com trezentos voluntarios, que com dez mil forçados; e que por isso os que o quizessem seguir, e acompanhar, havia de ser com tamanha determinação, que ou morressem todos na demanda, ou ganhassem aquella Cidade, e suas terras, e lançassem dellas os Portuguezes. Todos lhe respondêram

ram que eſtavam preſtes pera morrer com elle; e que pera ſinal daquella vontade queriam fazer voto em huma meſquita de o não largarem; e aſſim logo o fizeram todos com grande ſolemnidade. E pera maior ſegurança rapáram as barbas, que era o derradeiro ſinal de ſe offerecerem á morte, a que commummente chamavam Amoucos.

Acabada eſta ceremonia, abaláram logo contra as terras de Damão em principio do mez de Outubro, e entráram por ellas com grande eſtrondo, ſenhoreando-ſe logo das parganas Bouticer, e Puari, e foram paſſando pera a noſſa Cidade de Damão, achando já as mais das aldeas deſpovoadas, porque ſeus moradores tinham recolhido ſeu gado, mulheres, filhos, e mais couſas á ſombra das tranqueiras de Damão. Tendo Garcia Rodrigues de Tavora, Capitão daquella fortaleza, novas de como aquelles Capitães ſe abalavam contra elle, deſpedio recado a Goa, e a todas as fortalezas vizinhas pera que o ſoccorreſſem, como aquelles Capitães fizeram, acudindo muitos Fidalgos, e Cavalleiros com navios, e ſoldados á ſua cuſta, com o que ſe vio Garcia Rodrigues de Tavora com poder pera ir buſcar os inimigos, e dar-lhes batalha; porque achou quinhentos homens de pé, de que os mais eram de eſpingardas, e cento e oitenta de

ca-

cavallo, que poderiam levar comsigo, a fóra a gente, que havia de ficar em guarda da fortaleza. E como todos os dias era avisado do estrago, que os inimigos andavam fazendo pelas terras, e tinha certeza de seu poder, ajuntou os Capitães, e pessoas principaes a conselho, e lhes deo relação de tudo, declarando-lhes, que sua tenção era ir buscar os inimigos; porque se o deixasse de fazer, ficariam elles tão affoutos, e atrevidos, que lhe iriam bater as adargas ás portas da Cidade; e que pois tinham tanta gente, e tão valorosos Capitães, e esforçados soldados, que sahissem a buscallos, porque a determinação era começo de vitoria. E logo alli mandou trazer as espias, pera que diante de todos dessem relação do poder dos inimigos, o que elles fizeram muito particularmente. Ouvido por todos o que lhes dizia, aprováram-lhe sua tenção, affirmando-lhe, que estavam todos muito alvoroçados pera se verem já ás mãos com os inimigos.

Com esta resolução proveo Garcia Rodrigues de Tavora na guarda, que havia de ficar na Cidade, e logo se passou da outra parte do rio, onde se poz na ordem, em que haviam de caminhar, e do modo, em que haviam de commetter os inimigos. E ao outro dia de madrugada começáram a mar-

marchar, levando diante alguns corredores em cavallos ligeiros com as espias pera descubrirem o campo, e o avisarem. E antes de chegarem a Parnel, meia legua, lhes sahio de huma aldea hum Abexim de cavallo com huma bandeirinha branca na ponta de hum arremessão, que foi levado ao Capitão, a quem deo huma carta de Cide Merião, em que lhe dizia: « Que elle fora avisado
» que o hia buscar, que lhe fazia a saber
» que nos campos de Parnel, que eram mui
» largos, e formosos, o esperava, porque
» desejava de se encontrar com elle em lu-
» gar espaçoso pera o poder servir como
» desejava. » Garcia Rodrigues de Tavora fez gazalhados ao Abexim, e lhe disse:
» Que bem podia dizer a seu Capitão, que
» elle hia pelo caminho, e que muito cedo
» lhe cumpriria aquelles desejos, porque
» elle tambem hia mui alvoroçado pera o
» servir. » E assim foi caminhando posto em ordem de batalha mui fechado, e ordenado; e aquelle dia sobre a tarde chegou á vista dos inimigos, que estavam no lugar, em que a carta dizia o esperava, e estavam já postos em ordem de batalha, e tinham tomado do campo, o que lhes melhor pareceo, e estavam nesta fórma. Os bombeiros diante, e os frécheiros em hum esquadrão, e o Cide Merião com toda a gente de cavallo

vallo em dous batalhões de huma, e de outra parte.

Tanto que Garcia Rodrigues de Tavora entrou no campo, parou, e esteve notando a fórma, em que os inimigos estavam, pelo que tornou a ordenar sua gente, e da de pé fez dous esquadrões, e da gente de cavallo fez o mesmo, que repartio pelas ilhargas. E depois de tudo bem ordenado, e lembrar a todos a obrigação que tinham, arvorou hum Padre de S. Domingos em huma hastea de lança hum devoto Crucifixo, que foi visto de todos, e adorado dos mesmos com grande devoção. E posto o Padre diante de todos, foi caminhando pera os inimigos, chamando pelo Nome de Jesus, e pelo Apostolo Sant-Iago, e logo se tocáram os tambores, e pifaros a romper batalha, pera que se começáram a alvoroçar os ginetes, e a brandir as lanças os cavalleiros, que nelles hiam, e os soldados de pé a negociar sua arcabuzaria com grande animo, e alvoroço. Cide Merião, Capitão dos inimigos, vendo abalar os nossos, o fez tambem; e sendo já perto, despparáram os seus bombeiros huma somma de bombas, que se foram desfazer entre os nossos, de que derribáram sete, e entre elles foi o Padre de S. Domingos, que levava o Crucifixo, que logo alevantou hum soldado muito animoso, a

que

que não soubemos o nome; e chamando pelo Nome de Jesus, e do Apostolo Sant-Iago, foi passando ávante até se metter em meio dos inimigos de pé, com quem já os nossos começavam a pegar, e a espingardaria a laborar de huma, e de outra parte. E neste conflicto deram huma espingardada no braço do Crucifixo; ao que o soldado, que o levava, levantou a voz, dizendo: » Aqui, Cavalleiros de Christo, vinguemos » a affronta, que seus inimigos fizeram á » Imagem de nosso Deos, e Senhor. » E alevantando todos os olhos, vendo a Christo dependurado de hum braço, e com o outro quebrado, accendêram-se em tamanha ira, e furor, que pareciam leões, e como taes se mettêram em meio dos inimigos, fazendo nelles grandes estragos. Cide Merião ao encontrar das batalhas de cavallo adiantou-se dos seus hum espaço, vindo armado em humas armas mui luzentes, e em hum formoso cavallo acubertado com muitas plumas na testeira; e brandindo a lança, chamou pelo Capitão Garcia Rodrigues, que em o ouvindo, que tambem hia na dianteira dos seus de cavallo, em vendo aquelle Mouro, que o chamava, entendeo que era o Cide Merião, enrestou a lança; e batendo as pernas ao cavallo, endireitou com o Abexim, que já vinha pera elle; e quiz sua ventura, que

o

o tomasse por baixo da vizeira hum pouco com tanta força, que deo com elle no chão de pernas acima; e ao barafustar dos cavallos recebeo o seu tamanha pancada, que desatinou, e foi cahindo, ficando Garcia Rodrigues de Tavora no chão com o Abexim quasi a hum mesmo tempo. E alevantando-se, achou já o Mouro sobre si com o alfange em alto pera lhe dar; e ficou tão perto, que lhe lançou Garcia Rodrigues as mãos, e liou-se com elle, ficando ambos a braços. Os nossos como Garcia Rodrigues se abalou contra o Abexim, logo foram tambem encontrar os de cavallo, e acertáram tão bem seus encontros, que daquella primeira pancada derribáram oitenta, não cahindo dos nossos mais que oito, ficando todos baralhados em batalhas, e os Capitães liados hum com outro a pé, cercados já de muitos de huma, e outra parte, que acudíram pera os soccorrer, sobre o que fizeram algumas cousas muito notaveis. Mas hum soldado, a que não pudemos saber o nome, pondo-se por huma ilharga, tomou o Cide Merião atravessado com huma lança, que lha varou á outra parte, cahindo logo morto; e os nossos trabalháram tanto, que puzeram o seu Capitão a cavallo, que se foi logo metter na batalha, que andava muito travada por todas as partes; e começou a pelejar,

e

e animar os ſeus com muito valor, e con-fiança; e andando aſſim baralhado, come-çou a correr a voz da morte do Cide Me-rião, com o que os ſeus começáram a affra-car, e a ſe retirar. O que viſto pelos noſſos, arrebentáram apôs elle com grande furia, appellidando *Vitoria*, *Vitoria*; com o que os acabáram de pôr em desbarato, e levar de arrancada. E aſſim lhes foram ſeguindo o alcance mais de duas leguas, fazendo nelles tamanho eſtrago, que foi eſpanto, cativando muitos delles, e tomando muitos cavallos, armas, e outros deſpojos, que elles foram largando por mais deſembaraçados ſe ſalvarem; e depois dos noſſos bem ſatisfeitos, tornáram-ſe a recolher pera Damão, onde foram muito bem recebidos.

E porque não he razão que paſſemos por hum caſo muito gracioſo, que logo aconteceo, o relataremos brevemente; e paſſa deſta maneira. Ao outro dia pela manhã, depois dos noſſos recolhidos, chegáram tres mancebos Magores de cavallo, que deviam de ſer da obrigação do Cide Merião, que partíram de Surrate muito depois delle; e deſencontrando-ſe no caminho, e achando todas as aldeas deſpejadas, ſem quem lhes déſſe razão do que paſſava, tiveram pera ſi que ſem dúvida os ſeus eſtavam de poſſe de Damão; e com eſta confiança, e ſoberba che-

chegáram ao rio, onde acháram o Taurim, que he barca de paſſagem, em que andavam huns marinheiros Mouros, e *hum Chriſtão* da terra, que não havia de ſer parvo; e chegando a elle, lhe perguntáram *pela ſua* lingua, ſe eſtava já o Cide Merião na fortaleza de Damão, com huma facilidade, como ſe não houvera ahi mais que chegar, e entrar nella. O Chriſtão barqueiro, que ſabia a lingua, lhe reſpondeo que já lá eſtava. Ao que logo ſem aguardarem mais ſe embarcáram no Taurim, e ſe paſſáram a Damão; e em chegando á praia, onde algumas peſſoas andavam, lhe diſſe o barqueiro o que paſſava. E logo os Magores foram prezos, e levados ao Capitão, que lhes fez perguntas, e confeſſáram o caſo aſſim como aconteceo, que não foi de pouco goſto. E pera que a vitoria foſſe mais regozijada, mandou-os entregar aos rapazes, que tiveram com elles outra batalha, em que ficáram eſpedaçados. Os naturaes das noſſas aldeas, que eſtavam fogidos dos Mouros, tornáram logo pera ſuas caſas, e grangearias, ſem haver quem mais os inquietaſſe.

CA-

CAPITULO IX.

Da grande Armada, com [redacted]o Redondo Viso-Rey partio pera Cochim: e da formosa vista que deo ao Çamorim: e de como juráram as pazes: e do que lhe succedeo até se ir pera Goa: e da viagem que as nãos fizeram até o Reyno, e se perdeo a não S. Martinho, em que hia o Capitão mór.

CHegadas a Goa as novas da vitoria de Damão, festejou-as o Conde muito, porque estava já embarcado, e ficava-lhe aquelle cuidado, que o houvera de cançar. E logo entregou o governo ao Arcebispo, e ao Capitão da Cidade com outros adjuntos, e na entrada de Dezembro se fez á véla com mais de cento e quarenta navios, em que entravam oito, ou dez galés, em que levava mais de quatro mil homens, a mais limpa, e lustrosa gente que nunca sahio de Goa. E posto que esta jornada não foi de mais effeito, que das vistas com o Çamorim, que o Conde Viso-Rey quiz que fossem com a mór magestade, e apparato, que a India pode dar de si, todavia pareceonos justo que os Capitães, que nesta jornada o acompanháram, não fiquem em esquecimento, e assim faremos memoria de todos

os

ções que vieram á noſſa noticia, ſem guardarmos ordem, nem preminencia, nem de fazer diſtinção de navios grandes, ou pequenos, como até aqui temos feito pelo decurſo de noſſas Decadas, por não haver queixoſos, e aggravados.

Hia o Conde Viſo-Rey em huma galé Real; D. Franciſco Maſcarenhas, Capitão mór do mar da India, que depois foi Conde de Santa Cruz, e Viſo-Rey da India, e Governador de Portugal, Luiz de Mello da Silva, D. João Pereira, Alvaro Paes de Sotomaior, D. João de Caſtello-branco, D. Jorge de Menezes Baroche, Ayres Telles de Menezes, D. Diogo de Menezes, D. Pedro de Caſtro, D. Leoniz Pereira, Ayres de Saldanha, D. Franciſco Henriques, André de Souſa, D. Pedro de Menezes, Eytor da Silveira o Drago, Alvaro Pires de Tavora, Luiz Alvares de Tavora ſeu irmão, D. Franciſco de Moura, Simão de Souſa, Manoel de Mendanha, Manoel Freire, D. Tello de Menezes, D. Luiz Maſcarenhas, Luiz da Silva, filho de Franciſco Barreto, Governador que foi da India, D. Franciſco Lobo, Pero de Mendoça, D. Miguel da Gama, Franciſco de Miranda Henriques, Eytor de Sampaio, Ayres de Souſa, João de Mendoça, filho de Triſtão de Mendoça, D. Diogo Fernandes de Vaſconcellos, D.

 Mar-

Martinho de Castello-branco, Antonio Botelho, Fernão de Sousa de Castello-branco, Manoel Pereira da Silva, Pero Lopes Rabello, Gil de Goes, Francisco de Siqueira, Jorge Cabral, Manoel Travassos, Francisco de Brito, Jeronymo Dias de Menezes, Jeronymo de Carvalho, Jorge de Moura, Jeronymo Correa, Jorge Barreto, Gaspar de Sá, Jeronymo de Sá de Ribafria, Fernão de Miranda de Azevedo, Christovão de Brito, Jorge Toscano, Diogo Soares de Albergaria, Henrique Moniz Barreto, Manoel Freire, Antonio Correa, Jeronymo de Hollanda, Antonio Ferrão, que foi casado com huma filha do Governador Nuno da Cunha, Vicente Carvalho, Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos, Ruy Godinho de Cananor, Roque Fernandes, Pedralvares, Fernão Farto, Antonio Martins, Polinario de Val da Rama, Balthazar da Costa, Braz Fragoso, Bernardo Rodrigues, D. Theodosio Embaixador de Ceilão, Manoel Leitão Secretario, Belchior Serrão Veador da fazenda, Henrique Jaques Ouvidor geral, Domingos de Mesquita, Alvaro Monteiro, Diogo Borges de Avelar, Antonio Rodrigues, Antonio Martins, e outros muitos.

E com toda esta Armada passou por Cananor sem o tomar, do que foi murmurado por passar com aquella potencia sem dar

hum

hum grande castigo aos Mouros daquelle Reyno, que foram causa da guerra, que atrás contámos no Cap. IV. do VI. Livro, e ainda não estavam nem castigados, nem arrependidos. E a tenção que o Conde nisso teve não a sabemos, que he de crer que havia de ser licita, (o que muitas vezes acontece aos Viso-Reys, e Governadores em algumas materias, que por não chegarem as causas ao povo, murmuram do que não entendem.) Em fim o Conde com toda aquella Armada, que enchia aquelle mar, a mais formosa cousa que os Mouros nunca víram por aquella costa, foi surgir em Tiracolle, onde o Çamorim estava, e onde tratou de se verem, e logo corrêram recados sobre o modo que nisso teriam: e assentáram que fosse á borda da agua; e sobre o dia em que havia de ser, houve detenças, e dilações por causa de seus agouros, e superstições, até que os seus Bragmanes acháram hum bom sinal, e assignáram o dia, pera que o Conde já estava preparado; e em lhe dando recado, se embandeirou toda a Armada, e os navios, e galés se cubríram de toldos de differentes, e alegres cores, e os Capitães, e soldados se vestíram de ricos, e mui lustrosos vestidos, levando debaixo delles suas armas. E abalando a Armada pera a terra, poz nella a proa, e lançou fóra

a gente, que ſe recolheo ás Capitanías, e bandeiras, que o Conde pera iſſo tinha ordenado, que ſe eſtendêram em fileiras des da praia pera o ſertão, pera onde eſperavam que o Çamorim vieſſe, que abalou de ſua caſa com quarenta mil Naires, que tambem ſe eſtendêram em fileiras, por cujo meio elle foi paſſando acompanhado de ſeus Regedores, Caimaes, e Punicaes, e apar delle vinham os Bragmanes, que são os Miniſtros de ſuas ſeitas. Tanto que o Conde teve recado que ElRey ſe vinha chegando, abalou da ſua galé em huma manchua toldada até a agua de borcado, com bandeiras, e guiões de ſuas cores, e elle ricamente veſtido á Heſpanhola com plumas, collar, eſpada, e adaga de ouro, e com elle os Fidalgos, e Capitães velhos: e ao abalar da galé lhe deo toda a Armada a mais formoſa ſalva de artilheria, que ſe nunca vio dar naquellas partes, porque ſe ouvio dos da terra com hum grande terror, e eſpanto; e foi tal, que ficou toda a Armada eſcondida em huma eſpeſſa nuvem de fumo, e o ar eſcurecido todo até o vento a tornar a eſpalhar. O Conde poz a proa em terra, onde deſembarcou rodeado de cem eſpingardeiros de ſua guarda, Porteiros, e Officiaes de ſua caſa ricamente veſtidos, e com grande continencia foi entrando pelas fileiras, que o foram ſalvando de hu-

ma,

ma ; e outra parte com tamanho eſtrondo, que parou o Camorim, que vinha já chegando aos noſſos; porque os noſſos quatro mil ſoldados, que eſtavam em ſuas ordenanças, luſtravam mais, e faziam maiores carrancas, que os ſeus quarenta mil.

Paſſada aquella coriſcada, tornou ElRey a andar até entrar por noſſas fileiras, e o Conde ſe apreſſou até ſe encontrar com elle; e parando ambos, fizeram ſuas cortezias a ſeu modo, e depois ſe ajuntáram, e tiveram os cumprimentos ordinarios brevemente; e após elles aſſim em pé lhe leo o Secretario os apontamentos das pazes, que lhe o lingua hia declarando, que o Çamorim ouvio com muito tento; e reſpondeo, que era muito contente de os guardar, como ſeus Procuradores em ſeu nome promettêram, e logo alli os jurou a ſeu modo, e com ſuas ceremonias ordenadas pelos ſeus Bragmanes; e acabando elle, as jurou o Conde ſobre hum Miſſal, e hum Crucifixo. E acabado eſte acto, tocáram-ſe todos os inſtrumentos militares, e logo a eſpingardaria tornou a relampadejar, e a Armada a vaporar fogo, e atroar os ares com trovões artificioſos, e coriſcos tempeſtuoſos, que não ſó os que eſtavam preſentes, mas pela terra dentro, e pela coſta abaixo, e aſſima cauſou eſpanto; e metteo medo tão grande, que não

ſa-

ſabiam por onde ſe foſſem eſconder. O Ça-
morim ficou tão aſſombrado, que ſe deſve-
dio do Conde muito apreſſado, e logo man-
dou apregoar na Cidade as pazes com ſeus
regozijos acoſtumados perante os Officiaes,
que o Conde mandou, de que ſe fizeram
autos ſolemnes, que lhe trouxeram: e o
Conde tambem ſe embarcou, e as mandou
pregoar por toda a Armada com todos os
inſtrumentos alegres, e com novas ſalvas,
e alegrias de todos. Ao outro dia mandou
o Conde viſitar o Çamorim com hum for-
moſo, e rico preſente, e os ſeus Regedores
não ficáram ſem ſeu quinhão, porque he
natural deſtes eſtarem ſempre com o olho no
que lhes dão, porque nada fazem ſenão com
o intento no intereſſe.

Feito iſto a goſto de todos, deo o Con-
de á véla pera Cochim, deixando naquella
coſta D. Franciſco Henriques por Capitão
mór com huma galé, e alguns navios de re-
mo; e chegando áquella Cidade, foi della mui
bem recebido, e tomou caſas em terra, e
mandou dar preſſa á carga das náos, e co-
meçou a eſcrever pera o Reyno; e como a
gente da Armada era muita, e andava ocio-
ſa, começáram-ſe a atear em brigas huns
cos outros, e a haver deſafios particulares
de feição, que ſe matáram mais de ſincoenta
homens, em que entrou D. Tello de Me-
ne-

nezes, hum Fidalgo mancebo muito gentil-homem, e bom cavalleiro, que foi morto em hum desafio. E assim mais D. Rodrigo de Castro, Capitão da náo Cedro, que outro Fidalgo matou por humas palavras, que tinham havido havia muitos annos. Em fim tomada a carga deram as náos á véla até quinze de Janeiro, e no caminho desappareceo a náo S. Martinho, em que hia D. Jorge Manoel Capitão mór, e com elle Belchior Serrão, que fora Veador da fazenda, sem nunca se saber como, nem onde se perdêram: as mais náos chegáram ao Reyno a salvamento. Depois do Conde dar despacho a muitas cousas, embarcou-se logo por arrecear os Noroestes, deixando por Capitão em Cochim D. Jorge de Castro; e chegando a Goa, entrou logo no despacho dos provimentos das fortalezas; e pera a de Maluco foi Jorge de Moura, Collaço do Principe D. João, que estava provído daquellas viagens. E por elle mandou duas Provisões, huma pera Malaca, em que mandava, que das náos, que alli fossem ter de Maluco, e Bandá, se não desembarcasse nenhum cravo, noz, ou maça, sob pena de se perder, e que tudo fosse pera Goa. E a outra Provisão pera lá se não venderem terços, nem choques de ElRey; e que toda a pessoa que os comprasse, os perdesse, por evitar muitos

rou-

roubos, e defafforos, que nefte negocio havia.

Neftas náos efcreveo o [redacted] Francifco Deça, Capitão de Malaca, huma carta em muito fegredo, em que lhe mandava, que no Outubro feguinte o foffe efperar na cofta do Achem com toda a Armada, e gente que pudeffe ajuntar, e que lhe tiveffe efpiado o poder, e fitio daquella Cidade, porque lhe mandava ElRey, que o foffe deftruir por tirar aquelle vizinho da fortaleza de Malaca. Com efta carta fe preparou D. Francifco Deça em fegredo; e no tempo em que lhe mandou, partio com onze navios mui bem negociados de gente, e munições, e fe foi pôr na cofta do Achem na paragem, que o Conde havia de ir demandar, e alli andou até a entrada de Dezembro, que fe recolheo por fer paffada a monção, em que o Conde podia ir. Defpachados os provimentos pera as fortalezas do Sul, e do Norte, cerrou fe o inverno, em que o Conde ordenou em Goa quatro mezas pera darem de comer aos foldados, como era coftume.

CAPITULO X.

Da or[illegible]ntigos Emperadores do Malavar, chamados Perimais: e do titulo de Çamorim: e de todos os Reynos que ha no Malavar: e do principio, e origem delles.

PRimeiro que ſaiamos deſte Çamorim nos pareceo razão dar deſtes Reys huma nova relação, porque tudo o que delles eſcrevêram os Eſcritores vai mui deſviado do que hoje temos averiguado por ſuas proprias eſcrituras. Pelo que ſe ha de ſaber, que em toda eſta coſta do Malavar, que começa dos fins do Reyno de Cananor até o Cabo Çamorim, em que ſe incluem perto de cento e ſincoenta leguas de comprido, e quinze pera o ſertão até o pé das ſerras, houve ha mais de dous mil annos vinte e ſinco Senhores iſentos, a fóra outros ſomenos, com titulo de Caimaes, Naoborins, e Panicaes, tambem iſentos em jurdição; mas acoſtados a alguns deſtoutros vinte e ſinco, que lhes ficavam mais vizinhos, que são os ſeguintes. Cananor, Tanor, Moringur, Cranganor, Parum, Mangate, Repelim, Cochimi, Diamper, Rey da Pimenta, Turungul, Maturte, Porcá, Marta Pitimene, Cale Coulão, Changernate, Gundra, e Travancor,

cor. Eſtes (como diſſe) foram ſempre iſentos, e ſem conhecerem ſuperioridade a algum; mas vindo a cubiça a [illegible] por tempos ſeu officio, começou a haver antre elles algumas contendas ſobre jurdições. Pelo que de commum conſentimento elegêram huma cabeça, que foſſe como Juiz de ſuas differenças; e eſte não foi de caſta Naire Bragmane, nem de nenhum dos intitulados, ſenão de caſta humilde, ſem Eſtado, nem Senhorio, porque ſe não alteraſſe com a dignidade, e que ſempre entendeſſe que elles que o conſtituíram naquella dignidade, o poderiam depôr, e tirar della; e que naquella dignidade (de que logo fallarei) não ſuccedeſſe filho, ſobrinho, nem parente, ſenão que por ſua morte ſe elegeſſe outro, aſſim como ſuccede nas eleições dos Emperadores de Alemanha. E a eſte eleito ſobre todos deram titulo de Xarão Perimal; e pera ſeu aſſento lhe deram a Cidade de Calecut. E correndo muitos annos eſta eleição, e vindo os eſtrangeiros da Europa por via do Cairo, e da Perſia buſcar á India as drogas, hiam tomar eſta Cidade Calecut por ſer porto do mar, onde concorriam tambem os mercadores de todas as partes da India. E aſſim ſe vieram eſtes Senhores a engrandecer tanto, e fazerem-ſe tamanhos, e tão ricos, como as hiſtorias contão.

Du-

Durou esta dignidade de Emperador em Emperador até quasi os annos do Senhor de trezentos e quarenta e sete pela conta dos Bragmanes de Calecut, e de Cochim até os de quinhentos oitenta e oito, em que imperava o derradeiro Xarão Perimal, que foi o mais famoso de todos, e o melhor homem delles, e tão affeiçoado aos Christãos do Apostolo S. Thomé, que viviam em Cranganor, que não fazia nada sem elles, porque então havia homens mui santos, e de boa vida, como procedidos das primeiras plantas do Santo Apostolo; e assim se lhe affeiçoou, que por meio delles se converteo á nossa Fé, em que viveo alguns annos; e já depois de velho por induzimento dos Christãos se foi offerecer á casa do Santo Apostolo a Meliapor com tenção de nella morrer, e nella se enterrar. E assim tratando de se embarcar pera lá, deo conta disso a todos aquelles Reys, de que fez chamamento, e se despedio delles, e lhe levantou a menagem, que lhe tinham dado até elle tornar, affirmando-lhe que seria cedo. E por consentimento de todos deixou na Cidade Calecut hum pagem, que elle creou, chamado Manuchem Herari, natural de huma aldea chamada Baluri, tres leguas de Calecut, que já era tão valoroso, que mandando este Emperador cercar a Cidade Madalagão, tendo já feito o muro por

tres

tres partes da outra , por onde pousava este Manuchem , mandou ficassem assim , dizendo estas palavras em Malavar: *Manuchem madelu curabeda* ; que querem dizer : « Onde vive Manuchem , não ha mister mais muro que elle. »

Em fim partido este Emperador pera Meliapor morreo lá , e nisto concordão as escrituras Caldeas dos Christãos das serras do Malavar, e as Olas de Cranganor. Pelo que não tenho dúvida ser o seu corpo hum daquelles tres , que se achâram na Capella do Bemaventurado Apostolo S. Thomé, quando Manoel de Faria por mandado de ElRey D. João a descubrio, como João de Barros, e eu tratamos nas nossas Decadas; porque como este Emperador Christão foi em romaria á sua casa , e lá morreo , verosimil he que os Christãos o enterrassem alli, porque se lhe devia por Emperador de todo o Malavar. Esta ida deste Emperador succedeo nos annos que já disse de trezentos quarenta e sete, ou no de quinhentos oitenta e oito pelas Olas de Cochim ; e vindo dahi a mais de trinta annos os Mouros Arabios a esta costa do Malavar em suas náos a buscar as mercadorias do Oriente, assentando na terra , e sabendo depois do desapparecimento do Perimal, e achando entre aquella gente bruta, que se embarcára em huma náo , e fora

a

a huma romaria, fizeram-lhe crer que fora ter á casa de Meca a offerecer-se ao seu Sancarão, e que lá morrêra, e assim o escrevêram em seus livros, onde os Escritores estrangeiros o acháram, e por isso affirmáram que o Perimal se fizera Mouro. Não computando estes barbaros Malavares o tempo, porque quando o grão Perimal desappareceo não era Mafamede ainda nascido no mundo, porque este nasceo na era de Christo de quinhentos noventa e tres, segundo a mais commua opinião, posto que Ilhescas, Garibai, e Fr. Jeronymo Romão em suas Republicas o põem alguma cousa mais adiante. E fogio da Cidade Zidem pera a de Medína Denelbi no anno de seiscentos trinta e tres, em que começou a prégar sua seita, e deste tempo por diante contam os Arabios suas eras, a que chamam Hegerat, que quer dizer fogida, e morreo nos annos de seiscentos sincoenta e seis de idade de sessenta e tres: claro se vê que este Perimal faleceo primeiro que Mafamede nascesse, por onde não podia ser ir-se á casa de Meca, como os Mouros semeáram entre os Malavares.

Partido o grão Perimal pera Meliapor, e vindo dahi a alguns annos as novas de sua morte, não querendo estes Senhores Malavares ser mais sujeitos a ninguem, ficáram co-

como antes da eleição dos Emperadores isentos; e ainda fizeram mais, que tomáram o titulo de Reys, ficando o Manuchem Herari na Cidade Calecut, onde se veio a fazer rico, e poderoso com o trato, e commercio, e ainda usurpar o titulo de Emperador por este nome de Çamorim, que he o mesmo, e a sujeitar alguns Senhores mais vizinhos, como os de Tanor Chalé, succedendo-lhe no Estado os sobrinhos, como em todos os mais Reynos, sempre com este nome Çamorim, como ainda hoje o conservam. E ha-se de saber, que des que se foi o grão Perimal até hoje reináram em Calecut noventa e oito Çamorins; e neste titulo (como disse) não lhe succedem filhos, senão sobrinhos; e estes tanto que nascem, não lhes podem pôr mais que hum destes tres nomes, Manuchem, Mana, Bequerevem, e Vira Rainon, e ainda destes aquelle, que lhes cabe em sorte, e eleição, que fazem os seus Bragmanes com grandes ceremonias. E tanto que chegam a herdar o Reyno, logo lhes põem o titulo de Çamorim; e esta he a razão, por que se não faz catalogo destes Reys, porque todos tem este nome de Manabeden, ou de Çamorins. Mas sabe-se de certo por suas Olas, que depois de Perimal morto, ou depois de Manuchem Herari succeder no Reyno Calecut, que ha 1263. an-

nos,

nos, são paſſados noventa e oito Reys; e affirma-ſe, e aſſim dizem ſuas Olas, que nenhum deſtes Çamorins reinou mais de vinte e quatro annos, e nenhum menos de tres.

Faltando a eſtes Reys de Calecut herdeiros legitimos, que hão de ſer ſobrinhos, e não filhos, pela razão que logo direi, tem por obrigação perfilharem os Heraris de Baluri, parece que porque deſcendem de algum parente do primeiro Manechem, que o Çamorim deixou em Calecut, e deſtes elegem pera perfilharem em herdeiros os mais idoneos, e não os mais velhos, nem os mais chegados; ainda que as mais das vezes elegem os de menos idade pera crearem em ſeu Paço. Já muitas vezes faltáram neſte Reyno herdeiros legitimos, e ſó depois que os Portuguezes entráram na India lhes faltou por tres vezes; porque o Rey, que recebeo Vaſco da Gama, e ſeu anteceſſor ambos foram perfilhados. A elles ſuccedeo hum legitimo filho de huma das Princezas, que foi o que poz o grande cerco á noſſa fortaleza de Calecut em tempo do Governador D. Henrique de Menezes o Roxo.

Na era de 1549. o Rey, que reinava em Calecut, não tendo herdeiro mais que hum irmão, perfilhou tres irmãos Heraris de Baluri; porque pelo menos hão de ter ſempre quatro herdeiros vivos. Eſte Rey fa-

faleceo aos doze annos do seu reinado, e succedeo-lhe o irmão; e dos outros tres Principes, que estavam perfilhados; (que não deixam de ficar, posto que outro Rey succeda,) faleceo hum delles, que era o do meio; e os dous por serem máos, e perversos, e fazerem muitos aggravos, e avexações aos povos, os desherdou ElRey, e ainda os mandou matar por se recear de alguma traição; e em seu lugar perfilhou outros tres irmãos tambem Heraris de Baluri, porque não podem ser outros. Succedeo isto no anno de 1570.; e falecendo este Rey depois de ter reinado dezesete annos, lhe succedeo o irmão maior destes tres perfilhados, que viveo dez annos no Reyno; e por sua morte, que foi nos annos do Senhor de 1587. succedeo outro irmão, que he este, que hoje reina, que nesta era de 1610. vai em vinte e dous annos que governa. Tem este Rey hum Principe irmão seu, immediato successor, chamado Vira Rairon; e a fóra elle ha outros oito Principaes de linha legitima, filhos de Princezas, que nascêram depois dos tres perfilhados, e o maior passa de vinte annos, e os outros são de dezesete, dezeseis, dez, seis.

CA-

CAPITULO XI.

Do modo que se tem nas succesſões de todos eſtes Reynos do Malavar: e dos que ſão ſeus verdadeiros herdeiros: e do abuſo que ha nas Nairas ſerem communas a todos: e de outras couſas muito novas, e curioſas.

MUito ſabido he aquelle torpe, e brutal coſtume, que todos eſtes Reys do Malavar tem de lhes não herdarem os Reynos os filhos machos, ſenão os ſobrinhos filhos de ſuas irmans; e não nos havendo, herdarem os filhos das parentas até o ultimo gráo, por dizerem que ſeus filhos, ſejam de quem forem, ſempre são de ſangue Real por via feminina, por terem as mulheres por ſuſpeitoſas, e os filhos dos Reys ficam ſendo Naires, que vivem privada, e pobremente; não vendo eſtes barbaros, que aſſim como o filho deſſe Rey póde ſer filho de outro qualquer homem, tambem ſuas filhas, cujos filhos são ſeus herdeiros, podiam tambem ſer adulterinos, e não terem os herdeiros nenhum ſangue Real por nenhuma das partes, e aſſim lhes fica o meſmo impedimento pera a herança que tinham os filhos. Mas deixando iſto, continuemos com o modo que niſto tem.

Succede hum no Reyno, recolhe suas irmans em suas casas logo em nascendo; e tanto que são de idade pera casarem a mais velha, o fazem; e pelo mesmo modo as mais, que forçado hão de ser de quatorze annos, manda o Rey chamar hum dos Principes, que se criam pera herdeiros de qualquer outro Reyno vizinho, e com elle esposa a irmã, e lhe faz grandes festas, que duram trinta e tres dias, e no cabo delles deita este Principe a linha de Bragmana á esposa ao pescoço, e logo, sem consummar Matrimonio, se partem pera o seu Reyno, e ao outro dia entregam esta Princeza a hum Naire de huma casta a que chamam Naburis, de que logo darei relação, que consumma com ella o Matrimonio; e passado aquelle acto, se vai aquelle martyr do diabo fóra daquelle Reyno, sem mais poder apparecer nelle, porque o matáram. Dalli por diante tem esta Princeza liberdade pera tomar outro Naire dos da casta Naburins, qual ella quizer, e quantos lhe vier á vontade, e com elle communica até emprenhar; e tanto que se sente pejada, a levam a huma terra, que pera isso tem em cada Reyno, e alli espera até parir. E ha-se de saber que com esta Princeza não póde communicar senão a pessoa, que ella mandar chamar; e se algum fosse tão ousado que a commettesse, logo se-

feria morto. Postas estas Princezas prenhes nas terras que disse, manda ElRey lançar pregões por todo o Reyno, que todas as mulheres de Fidalgos, e Naires de sangue Real, que são os que procedem dos filhos dos antigos Reys, que se acharem prenhes daquelle mesmo tempo, sejam levadas pera onde está a Princeza, e alli parem; e tem amas, que lhes criam os filhos, e as filhas. E os machos que estas Princezas parem, se criam pera herdeiros do Reyno, e as filhas pera Princezas, porque dellas hão de proceder outros herdeiros; e os filhos, que são os que se criam pera emprenharem as Princezas, e destes como disse, escolhem as Princezas os de quem hão de emprenhar; mas estes hão de nascer no proprio dia com ellas, e pelo menos no setimo, e os demais tambem são chamados pera seus gostos, e passatempos depois de prenhes. Muitas superstições, e bestialidades ha mais neste negocio, que por honestidade calo; porque não he licito dizerem-se todas as que ha.

Pera tirarmos a abusão que ha pelo mundo das Nairas do Malavar serem commuas a todos, e que os que entram com ellas deixam ás portas as rodelas em final que estam dentro, pera que vindo os maridos não commettão a entrada da casa, direi o

que paſſa neſte negocio. Os Naires do Malavar são todos tão pobres, que poucos dias comem arroz pelo não terem, e ſuſtentam-ſe os mais delles com hum coco, huma pouca de jagra, (que he o açucar que dá a palmeira,) avela, que he arroz torrado, e o betere; e iſto naſce de não ſerem mercadores, nem officiaes, nem terem creações, porque ſó ſeguem as armas; e dos ſoldos, que são bem poucos, e de quatro palmeiras ſe ſuſtentam. E como antre elles não ha eſte contrato de caſamentos nem por lei, nem por obrigação, ajuntam-ſe tres e quatro, e tomam huma mulher de que uſam, que todos ſuſtentam. Eſta mulher eſtá em caſa ſobre ſi; e quando algum delles a quer communicar, deixa a rodela á porta, pera que vindo qualquer dos outros, ſaiba que eſtá a caſa occupada; e iſto corre entre elles com tanta ſingeleza, que nunca ſe achou ſerem tocados da raivoſa peſte dos ciumes. E por iſſo louvando o noſſo Luiz de Camões eſte coſtume nas ſuas Luſiadas, diz: *Ditoſa condição, ditoſa gente, que não he de ciumes offendida.* E todavia ſe houver Naire, que poſſa ſuſtentar huma mulher, converſa-a com tantas guardas, e cautelas, que ſe não póde ella furtar aos direitos, por mais que faça, e trabalhe. Mas tem eſtes huma couſa, que como ſe enfadam dellas, lhes dam huma

Ola,

ella, como carta de repudio, pera fazerem de si o que quizerem. Daqui tomáram os Escritores (que não souberam estas particularidades) occasião pera fazerem estas mulheres communas a todos; e se algumas ha destas, são as Princezas, como tenho dito; mas não pera quem as quer, senão pera quem ellas querem: e assim como entram muitos nesta sementeira, não se póde verificar qual dos grãos espigou.

E deixando estas cousas, depois do Conde se embarcar, se fez á véla pera Cochim, aonde chegou em breves dias, e foi muito bem recebido daquella Cidade, que já pera isso estava preparada com caes feito sobre o mar. E ao desembarcar foi tomado debaixo de hum rico palio, e lhe fizeram huma breve oração da parte da Cidade, em que lhe dava os parabens daquella entrada, e lhe fizeram as lembranças ordinarias de lhe guardar seus foros, privilegios, e liberdades. Depois do Conde aposentado, se veio ver com elle ElRey de Cochim, cujas vistas se fizeram ou dentro na Sé, ou no terreiro. Era novamente alevantado por Rey Rama Brama Unicornem, por ter falecido aquelle anno seu tio Vira Galao Gago, Rey bem conhecido, que foi morto pelos Moures Amoucos do Rey da Pimenta, depois de ter reinado vinte e quatro annos, e foi o ter-

terceiro Rey dos que conhecêram os Portuguezes des que descubrimos a India. O primeiro se chamou Unicormacoul, que foi o que Pedralvares Cabral achou vivo, e viveo até os annos de 1502. O segundo foi Uniramacoul, que foi o que agazalhou os nossos Portuguezes, e o que por isso teve perdido o Reyno, que o Çamorim pertendeo tomar-lhe; este viveo trinta e hum annos, e faleceo nos de 1537. O terceiro foi o Vira Galao Gago, que assima disse. O quarto he este Rama Brama, que o Conde agazalhou muito bem, e lhe confirmou o Reyno em nome de ElRey de Portugal.

CAPITULO XI.

De algumas cousas destes Reys de Cochim, de que nossas historias não tratam, que são mui importantes saberem-se.

PEla partida do grão Perimal ficáram estes Reys de Cochim isentos, e sem obrigação alguma ao Çamorim; mas como o tempo de cento em centannos muda quasi todos os Estados, vieram elles com força, e violencia a opprimir estes Reys de Cochim, e a fazellos seus sujeitos em certo modo, mas todavia sem pareas; porém depois que nós entrámos na India, que pelas traições de que os Çamorins usáram com as nos-

noſſas Armadas, e pelo recebimento, e recolhimento, que os de Cochim deram aos noſſos, que hiam delles eſcandalizados, e pela muita, e grande lealdade que ſempre moſtráram ao ſerviço de ElRey de Portugal, os tomáram elles á ſua conta, e os puzeram no eſtado, em que hoje eſtam de livres da ſujeição dos Çamorins, e de mais ricos que elles; porque antes diſſo todos os Çamorins, quando ſe coroavam, havia de ſer ſobre aquella pedra, que primeiro eſtava no Pagode de Rama Ceram junto da Cidade de Cochim: e tanto que alli chegavam, logo o Çamorim deſapoſſava do Reyno ao Rey de Cochim, pelo tempo que as feſta[illegible] [illegible]avam, e depois o tornava a inveſtir; e ainda [illegible]n alguns que ſe quizeſſem o não faria, e poria outro. E eſte coſtume nem os proprios Reys de Cochim ſabem donde teve principio, o que durou até o tempo de ElRey Uniramacoul, que não quiz entregar os Portuguezes ao Çamorim, que elle o deſtruio, e lhe tomou o Reyno, e tirou a pedra do Pagode Rama Ceram, e a paſſou á Ilha Repelim, aonde ſe eſtes Emperadores hiam depois coroar, por não entrar nos limites do Reyno de Cochim. Deſta Ilha (como já diſſe) a tirou Martim Affonſo de Souſa, ſendo Capitão mór do mar da India, e a entregou a ElRey de Cochim, com o

que

que deixáram os Çamorins de se coroar sobre ella, e se coroavam em hum Pagode de Calecut. Em fim com o favor dos nossos Reys se isentou este de Cochim de todas estas sujeições.

Desta sujeição que os Reys de Cochim tinham aos Çamorins, dizem alguns que nasceo aquella promessa, que o nosso Viso-Rey D. Francisco de Almeida fez ao Rey de Cochim, quando o coroou com a coroa de ouro, que ElRey D. Manoel de felice, e gloriosa memoria lhe mandou, como se vê na Chronica deste mesmo Rey, que fez Damião de Goes no Cap. VIII. do II. Livro, dizendo-lhe em lhe pondo a Coroa na cabeça, » que o investia da posse daquelle Reyno » pera o ter, e reger como vassallo de El- » Rey de Portugal, que ficava obrigado a » sustentar, e defender nelle de quem o qui- » zesse offender. » Ao que o Rey de Cochim respondeo: « Que faria tudo o que ElRey » de Portugal seu irmão lhe mandasse; por- » que senão fora seu favor, e ajuda, já » aquelle Reyno fora junto ao de Calecut. » Esta vassallagem, que ElRey alli prometteo, não consta della mais que por esta Chronica de Damião de Goes, que não havia de escrever sem fundamento isto, e que havia de ver o auto que disso se fizesse, que senão está na Torre do Tombo de Lisboa, devia

de

de ficar por mãos dos Secretarios, onde se perderia, porque na India não ha memoria disto, nem da menagem, que o Rey que hoje reina deo, cujo assento ficou na Camara de Cochim, e se não tem mandado a esta Torre do Tombo de Goa, tendo-a eu mandado pedir por algumas vezes: e destes descuidos Portuguezes tem nascido a falta de todas as cousas muito importantes pera a historia da India, que vou continuando.

A outra razão, por que o Viso-Rey D. Francisco de Almeida fez aquellas promessas aos seus Reynos, de quem o quizesse offender. Foi este o primeiro Rey de Cochim chamado Unicorma Couli. Tinha hum Principe chamado Matata Bari Coulmar, que lhe havia de succeder no Reyno, que vendo as grandes guerras, que o Çamorim fazia a ElRey de Cochim, por ter recolhidos na sua Cidade os Portuguezes, que Pedralvares Cabral alli deixou, parecendo que se não poderia defender, e que sem dúvida perderia o Reyno, pedio a ElRey muitas vezes, que entregasse os Portuguezes pera cessarem aquellas guerras. E porque ElRey o desenganou que tal não havia de fazer, e que antes perderia o Reyno, e ainda a vida, que entregar homens, que ficáram entregues á sua honra, e palavra, e fé Real, se foi este Principe lá como desesperado pera

ra

ra o Reyno de Moringur vassallo do de Cochim, e levou comsigo outro Principe segundo, que havia de succeder tambem no Reyno, deixando ElRey na força daquellas guerras só, e com o Principe terceiro chamado Elatabori Martigilcoul, que foi o que succedeo no Reyno, e defendeo os nossos contra o poder do Çamorim, e o que D. Francisco de Almeida coroou, como assima disse, que depois de ElRey se chamou Uniramacoul, que he o segundo no Catalogo dos Reys que ficam atrás.

E porque os dous Principes, que assima disse, que se foram pera o Reyno Moringur, pertendêram metter-se de posse do Reyno de Cochim, os nossos lho defendêram sempre, e sustentáram nelle o Rey Uniramacoul até vir D. Francisco de Almeida por Viso-Rey, que o achou no Reyno, e lho confirmou, e coroou por tal em nome de ElRey D. Manoel, e então lhe disse, e prometteo de o defender naquelle Reyno de quem o quizesse offender. Entendendo isto por aquelles dous Principes, que pertendiam desapossallo, e assim o sustentou, e elles ficáram excluidos daquella herança pela desconfiança, que tiveram do Rey velho se poder defender do Çamorim. E assim ficáram sem o Reyno de Cochim, e sem o de Moringur; porque este que ainda hoje nesta era

de

de 1610. vive, sendo já muito velho, se unio com o Rey de Cochim, e o foi visitar, e pedio por herdeiro de Moringur o Principe terceiro, que creava pera aquella herança, que lhe elle concedeo, e elle o prefilhou. E como esse se viver ha de herdar por tempos estes Reynos ambos, e assim tornar-se-hão a ajuntar em hum, como já outra vez estiveram. Mas acontecendo que este Principe morra, sendo Rey de Moringur antes de herdar o de Cochim, logo o Rey de Cochim herdará aquelle Reyno.

Desta liança, e amizade de ElRey de Cochim com os nossos foram sempre os Çamorins muito odiosos; porque além de com o favor dos nossos se isentarem de sua sujeição, viram que hia crescendo em rendas, e terras, e fazendo-se poderoso, porque só a Alfandega de Cochim, e seus annexos lhe rende cada anno sessenta mil pardaos, que he o que o Çamorim inveja muito, porque elle não tem mais que palmares, e alguns direitos poucos das fazendas, que vam ao porto de Calecut; porém não tem gastos, porque toda a gente de guerra sustenta com terras que lhe dá, e o Rey de Cochim sustenta seus Capitães, e soldados a puro dinheiro, e pagas. E daqui vem que os vassallos do Çamorim não querem guerra, porque tem sua sustentação certa, e os de El-

Rey

Rey de Cochim folgam com ella por causa das pagas, que sempre tem de ordinario, quer haja guerra, quer não, porque se não passem pera os inimigos.

Huma novidade contarei, que não acho nas historias, digna de se saber, de cuja origem não ha poder-se achar rasto algum, que he esta. Todos os primeiros dias de Janeiro principio do anno, em sahindo novos Vereadores, e Officiaes da Camara, logo vam visitar ElRey de Cochim, e lhe levam hum Portuguez de ouro, o que até hoje dura; e nem os mesmos Vereadores sabem a razão de porque fazem aquillo. O que eu presumo he, que se lhe dá aquillo a modo de pitança, que lhe offerecem, quando lhe vam dar os bons annos em gratificação daquella Cidade, que lhe deo: ou tambem se lhe offerecerá por peça que naquelle tempo, que descubrimos a India, se lhe costumava a dar de Janeiras.

Tambem tem ElRey de Cochim cada anno seiscentos e quarenta cruzados pera huma copa de ouro, que lhe os nossos primeiros Reys mandavam dar, deve de ser em final de amizade. Estes lhe leva o Feitor daquella Cidade em dia de Reys, como peça dada de Reys; e como tudo se vai perdendo, ou mudando, ás vezes lhos levam, e ás vezes não.

CA-

CAPITULO XIII.

De huma breve relação das Ilhas de Amboino: e do alevantamento que houve os annos passados contra os Christãos: e do perigo, em que se víram até chegar Henrique de Sá, que castigou os rebeldes, e livrou os Christãos.

NA relação que démos no VIII. Cap. do VII. Liv. da nossa IV. Decada, dos arquipelagos do mar de Levante, fallámos no de Amboino, cuja cabeça he esta Ilha, de que o seu arquipelago toma o nome. E posto que ella em si seja pequena, por não ter mais em circuito que dezeseis leguas, tem muitas Cidades, e Villas, cujos moradores navegam pera diversas partes em navios grandes, e pequenos, e foram os primeiros de que tivemos conhecimento em todo aquelle mar, e que deram obediencia a ElRey de Portugal, indo alli ter Francisco Serrão da companhia de Fernão de Magalhães, que os moradores da Cidade de Aito recolhêram, e agazalháram, e alli o mandou buscar ElRey Boleife de Ternate, como nas outras Decadas temos dito, ficando sempre aquelles naturaes muito grandes servidores de ElRey de Portugal, recolhendo suas Armadas, e provendo-as, e a nossa forta-

taleza de Maluco de todas as cousas necessarias em tempos fortuitos, e trabalhosos. E o mesmo faziam ás Armadas do Rey de Tidore com serem isentos, e não obedecerem a ninguem, porque se governavam por Juizes eleitos dos mais anciãos; mas sempre a Cidade de Aito teve alguma superioridade sobre todas, e tambem se regia como Republica por certo numero dos mais antigos. Nesta liberdade vivêram muitas centenas de annos, até que depois se fundou a nossa fortaleza na Ilha Ternate, que pela continuação das Armadas daquelles Reys de Tidore, e Ternate, que de passagem tocavam aquella Ilha pera se proverem, quando hiam a algum feito, que se affeiçoáram alguns daquelles lugares ao Rey de Ternate, e outros ao de Tidore, com o que foram pouco e pouco tomando posse delles, assim por seus naturaes se segurarem de alguns Cossairos, como a despeito huns dos outros, porque andavam tocados de ciumes dos favores dos Portuguezes, e da fortaleza que tinham em Ternate, e daquelles Reys.

Durou isto até que Jordão de Freitas tomou posse da fortaleza de Ternate, e Reyno de Maluco, que ElRey D. Manoel seu afilhado, que morreo em Malaca, lhe fez doação daquella Ilha de Amboino, como fica dito no Cap. III. do Liv. IX. da nossa

na V. Decada, de que elle Jordão de Freitas mandou tomar posse por Vasco de Freitas seu sobrinho, que fez huma fortaleza entre o mar da enseada, em que as náos invernão, e a Villa de Ative, que já era povoada de Christãos, como todas as mais povoações daquella Ilha, onde o P. Francisco Xavier, e os Padres da Companhia tinham feito grande fruto na conversão das almas.

E como estes moradores de Ative andavam já dantes em grandes divisões com os de Aito, que lhes ficavam mais vizinhos pela outra banda da Ilha, accendeo-se mais aquelle odio com o favor que os de Ative ficáram tendo com a fortaleza, que Vasco de Freitas alli fez. E ajuntou-se a isto, começar o Vasco de Freitas a usar do officio dos Capitães da India, de alguns digo, que era fazer forças, e tomar o que não era muito sabidamente seu, e ainda a fazer affrontas aos Regedores da Cidade de Aito; e o que elles sobre tudo sentíram mais, foi parir-lhe huma cadella, e elle pôr aos cachorros nomes dos principaes Regedores da Cidade. Com o que escandalizados, mandáram Embaixadores á Rainha de Japará na Jaoa, que era poderosa, e seus juncos navegavam todos os annos pera aquella Ilha por quem lhe mandáram dar obediencia, e offerecer vassallagem, que ella acceitou, e man-

mandou lá ſeus juncos a carregar de cravo. Do que Jordão de Freitas fez grandes exclamações, quando ſe ſoube em Maluco, e muitos proteſtos a ElRey Aeiro, pera que acudiſſe áquillo. Ao que elle reſpondeo « que » a Ilha de Amboino não era de ElRey de » Portugal, ſenão delle Jordão de Freitas; » que elle lhe ſoccorreſſe, porque nenhuma » obrigação tinha a fazer deſpezas naquelle » negocio. » E alguns Portuguezes velhos, que entendiam bem a terra, diſſeram a Jordão de Freitas « que os juncos da Jaoa não » faziam damno ao noſſo commercio, antes » proveito, porque traziam muitos manti» mentos, de que os noſſos galeões da car» reira ſe proviam, e o meſmo a noſſa for» taleza; e que o cravo, que levavam, não » faltava nos galeões, que ſempre hiam » cheios; e que a mór parte do que os Jaos » alli carregavam, e reſgatavam, hia ter á » noſſa fortaleza de Malaca, e que por hu» ma parte, ou pela outra, ſempre os Por» tuguezes o haviam. »

E depois que D. Duarte Deça prendeo ElRey de Maluco, como atrás fica dito no I. Cap. do IV. Livro, mandáram os Regedores do Reyno huma Armada, de que era Capitão Cachil Liliato, contra a Ilha de Amboino, que deo em muitos lugares de Chriſtãos, e os deſtruio, e aſſolou, marty-

rizando muitos, e fazendo tornar atrás outros, que seriam menos fortes. E sempre se extinguíra aquella Christandade, se hum Christão por nome Manoel, Regedor da Villa de Ative (creado de moço na doutrina daquelle Varão Religioso Francisco Xavier, que o fez Christão) não esforçára, e sustentára com muito valor a muitos delles; porque ajuntando os que pode, fez hum arrezoado esquadrão, com que sahio muitas vezes aos inimigos, e lhe deo alguns assaltos, em que lhe matou muitos. No que parece que ainda alli obrou a virtude, e santidade do Padre Francisco Xavier, que diante de Deos estava pedindo a Deos nosso Senhor o favor, e ajuda pera aquella Christandade, que lhe elle dava com tão larga mão. Porque na fortaleza de Amboino havia poucos Portuguezes, que a sustentavam sem poderem sahir fóra della; e só o Manoel de Ative sustentava o campo, não só contra os inimigos, mas ainda contra os amigos, e parentes. Porque na força deste trabalho se levantou hum seu cunhado chamado Antonio, que desejou muito de o matar; e pera isso buscou todos os modos que pode, até se valer de alguns máos, e baixos Portuguezes, que com ira diabolica, achando-o só, encarárām dous delles as espingardas nelle, que vendo-se sem remedio, nem resis-

tencia, deo-lhe Deos nosso Senhor espirito, e animo pera arremetter com huma Cruz com que se abraçou, e nella escapou a seus inimigos, que com medo de os Deos nosso Senhor castigar, não quizeram desparar nelle as espingardas por não darem na Cruz, a cuja sombra, e virtude deixou peccador nenhum de achar remedio, e amparo. E parece certo que as orações do Padre Francisco Xavier o guardáram daquelle perigo pera defensor daquella Christandade.

Os inimigos tinham cercados todos os moradores da Villa Quilão, que tambem eram Christãos, que se recolhêram em huma serra muito forte, onde foram por algumas vezes combatidos rijamente, humas com armas, e outras com rogos, com que os commettêram se entregassem, prometiendo-lhes de os deixarem ir livres, dizendo-lhes « que » não tivessem esperanças em soccorros de » Portuguezes, porque todos os que estavam » na fortaleza eram tomados ás mãos, e » mortos » fazendo-lhes sobre isso grandes promessas. Ao que elles sempre respondêram com grande constancia, e inteireza, affirmando-lhes « que em quanto Manoel de Ati- » ve fosse vivo, e Christão, não tratassem » de se entregarem, nem de deixarem a Fé » de Christo: que o fossem buscar, e que » rendendo-o, e desbaratando-o, então se » en-

» entregariam; porque tinham todos tama» nha confiança em ſeu esforço, ſaber, e » chriſtandade, que aquelles trabalhos que » paſſavam, lhe eram faciliſſimos com as » admoeſtações que de quando em quando » tinham delle, que neſta parte nunca ſe » deſcuidou de ſua obrigação.» Andava elle no campo com os moradores de Ative, que lhe obedeciam, e por algumas vezes ſe encontrou com os inimigos, que andavam mui poderoſos, e inſolentes, por ſe lhe terem ajuntado todos os arrenegados; e ſem os temer, nem recear, rompeo batalha, que ſe apartou por noite, em que o leal, e fideliſſimo Chriſtão Manoel fez couſas dignas, e merecedoras de maior eſcritura.

Neſte eſtado eſtavam as couſas, quando chegou áquelle porto Henrique de Sá, que em principio deſte verão deixámos partido pera Maluco, que ſabendo os trabalhos daquella Ilha, e o muito que o Manoel tinha feito, o ajuntou a ſi, e lhe fez muitas honras, e tratou com elle de darem nos alevantados, pera o que ſe fizeram preſtes. E a primeira couſa que Henrique de Sá fez, foi prender o Antonio, cunhado do Manoel, e caſtigar os dous Portuguezes que o quizeram matar; e ajuntando a mais gente que puderam, foram dar nos alevantados, que eſtavam favorecidos da gente de ElRey de Ter-

nate, e os desbaratáram, e fizeram embarcar com muita gente perdida, e deſcercáram os Chriſtãos de Quilão; e depois andáram por todas aquellas Ilhas caſtigando os rebeldes, e os que tornáram atrás na Fé, e animando, e favorecendo os Chriſtãos em ſeus lugares. E de feição fez Henrique de Sá iſto, que quietou aquellas Ilhas; e os Padres da Companhia tornáram a pôr as mãos naquella obra da converſão das almas, e em breve tempo reconciliáram com a Igreja quaſi todos os que tinham apoſtatado, e bautizárão muitos outros que vieram de novo, ſendo a principal parte em tudo iſto o bom Chriſtão, e Catholico Manoel, que como tal correo ſempre muito bem com os Padres. Neſte eſtado deixaremos eſtas couſas até ſeu tempo.

CAPITULO XIV.

Da guerra que o Madune mandou proſeguir contra a noſſa fortaleza de Columbo, e de Cota, em que eſtava ElRey Peria Pandar: e dos caſos que acontecêram.

MUitas vezes temos dito do muito que o Madune Pandar deſejava de tomar o Reyno da Cota, e prender ElRey ſeu irmão, pera aſſim com mais ſegurança ficar ſenhor de toda a Ilha. Pelo que nunca le-

vou

tou mão da guerra, e trouxe sempre seus exercitos, de que era seu Capitão geral seu filho Rajú Pandar, ora contra Columbo, ora contra a fortaleza da Cota, onde estava ElRey Pera Pandar. Era Capitão de Columbo Balthazar Guedes de Sousa, e tinha comsigo seu irmão Gonçalo Guedes, ambos muito bons Capitães, com outros alguns, que tinham ido de Goa, como foram Nuno Pereira de Lacerda, Simão de Mello Soares, Gaspar Guterres de Vasconcellos, Antonio Chainho de Castro, André da Fonseca, Antonio da Fonseca, Diogo Fernandes Pirilhão, e outros, que o Capitão Balthazar Guedes de Sousa tinha repartido por estancias. O Rajú depois de dar muitos assaltos ora na Cota, ora em Columbo, determinou-se em cercar Columbo, e trabalhar de a tomar, e assim lhe poz cerco com mais de trinta mil homens ao redor da fortaleza, e combateo-a por todas as partes com muita força, arriscando muitas vezes todo o poder, por levar a povoação nas mãos; mas foi-lhe sempre dos nossos muito bem defendida, com haver muitas mortes de parte a parte, e os nossos se verem muitas vezes perdidos; e neste cerco fizeram tantas cousas, e tão grandes cavallarias, que as não sei especificar; e foram os assaltos tantos, e tão amiudados, que não ha poder-se fazer, nem dar

relação particular delles. Sómente direi huma cousa, que de qualquer dia deste certo se pudera muito bem fazer huma historia de per si, porque os casos de cada momento eram notavelissimos; e eu não deixára de contar os principaes, se os soubera na realidade da verdade; mas só em somma soube, que maior foi o desgosto que me deram, que o gosto, e alvoroço que tenho de escrever esta jornada, que foi huma das memoraveis, e notavelissimas do mundo. Em fim o Rajú foi continuando este cerco sobre Columbo com muito grande importunação, e aperto, até que de cansado, e enfadado de ver que lhe não succediam as cousas como queria, se recolheo a Ceitavaca, cuidando os nossos que seria pera os não tornar a commetter. Mas como o Rajú, e seu pai entravam neste negocio com odio, e cubiça, não fez mais que refazer-se de gente, munições, e mantimentos, e logo se poz ao caminho da Cota pera concluir aquelle negocio, que tinha por averiguado, e concluido, havendo que ficáram os nossos tão escalavrados do cerco passado, e tão quebrantados, que não estariam em estado de poderem ir soccorrer aquelle Rey, no que se enganáram; porque tanto que Balthazar Guedes de Sousa teve novas que elle se abalava contra a Cota, partio-se de Columbo com a mais gente que po-

pode, e se foi metter na Cota, deixando seu irmão Gonçalo Guedes em Columbo com a gente que lhe pareceo necessaria, pera se poder defender de algum encontro, se o houvesse.

He a Cidade de Cota de fórma redonda posta como em huma Ilha, cercada toda em roda de hum arrezoado rio, que se não póde passar senão com embarcações. Terá dous mil passos de roda, e não ha mais serventia pera fóra, que por hum passo como o pescoço de hum homem, que seria de sincoenta passos de largura. Esta garganta tinham os nossos fortificada com hum muro de paredes grossas de huma, e de outra parte, e duas paredes mais, que atravessavam esta garganta, huma pera fóra, e outra mais dentro, e a este passo chamavam a Prea Cota. Tem mais sobre o rio huma ponte, a que chamam o passo de Ambola, que vai pera a parte de Columbo, por que os nossos se servem, e será da Cota a Columbo legua e meia. Tem outro passo, que chamam do Mosquito; e outros dous, em que os nossos tinham feitas suas tranqueiras, e provídas de tudo. O modo de como Gonçalo Guedes, e ElRey provêram isto, e os Capitães, que puzeram nestes passos, eu o não soube, nem achei lembranças algumas; sómente sei que na Prea Cota, que he o passo mais perigoso, estava

hum

hum Capitão com quarenta homens, e em todos os mais passos estava cada hum com o seu, e trinta homens. E na Prea Cota estavam o Padre Fr. Simão de Nazareth, Fr. Lucas, e outros tres Padres de S. Francisco, todos Religiosos de grande, e mui conhecida virtude. ElRey ficou de fóra com o Capitão Balthazar Guedes de Sousa pera acudirem aonde fosse necessario.

Tanto que o Rajú appareceo sobre a Cota, a cercou em roda com todo o poder, que tinha muito engrossado, e a commetteo por muitas vezes com grande determinação; principalmente pela Prea Cota, com os elefantes, que por huma parte por onde chegava o rio ficava mais secco, foram commettendo denodadamente; mas os nossos os escalavráram, e abrazáram com lanças de fogo, com que os fizeram voltar, acudindo aqui o pezo dos inimigos, cuidando que os Elefantes lhes fizeram entrada, sobre o que se travou huma muito aspera batalha de muito risco, e perigo, em que houve muitos mortos de ambas as partes, onde ElRey, e o Capitão Balthazar Guedes de Sousa, e outros cavalleiros que os acompanhavam, fizeram tantas maravilhas, que pareciam Elefantes bravos. E os Frades foram os que fizeram mais, porque pelejavam espiritualmente com orações, e com persuadirem aos ho-

homens a' que ſe defendeſſem, e pediſſem a Deos perdão de ſeus peccados, ſendo elles ſempre os primeiros em todos os riſcos, e perigos. Neſta crueza ſe paſſou aquelle dia, e outros ſeguintes, ſem deixarem tomar aos noſſos hum pequeno de deſcanço, porque nem de dia, nem de noite largavam as armas das mãos, comendo muito pouco, e dormindo menos. E a couſa de mór eſpanto, e em que deſejo de gaſtar muitas mãos de papel, he, que eſta noſſa gente a mór parte della, ou quaſi toda, eram ſoldados dantre Douro e Minho, da Beira, e de Trás os Montes, homens não conhecidos, nem de appellidos uſurpados, ſenão creados pobre, e ruſticamente, mal veſtidos, e peior atados. Mas por certo que por elles ſe podia dizer, o que ſe já diſſe por Ceſar, que ſe guardaſſe daquelle mancebo mal cingido. Aſſim deſtes noſſos Portuguezes, a quem a falta de ſangue encubrio o grande valor do eſpirito, ſe podia dizer: » Guardai-vos da-
» quelles esfarrapados, e daquellas eſpadas
» ferrugentas, porque alli vam outros Ce-
» ſares. » E aſſim vieis hum deſtes poſto de barba a barba contra muitos dos inimigos, e cortallos com tanto valor, e esforço, que vos mettia medo, e cauſava grandiſſimo eſpanto, e endireitar com hum Elefante bravo, que poderia fazer recuar todo hum exerci-

ci-

cito, e fazello virar pera trás, como ſe fora outra alimaria mais brava, e mais feroz que ella. E eſtes de que fallo são os que acabáram na India os mais dos feitos arriſcados, que nella ſe commettêram; e os que neſta Ilha de Ceilão ſuſtentáram eſte, e outros cercos, de que ſe puderam fazer muitas eſcrituras, ſe o tempo, e o deſcuido lhe não tivera ſepultados os nomes, e com elles os feitos.

CAPITULO XV.

Do grande aperto, em que o Rajú poz os noſſos: e de como Diogo de Mello Capitão de Manar foi de ſoccorro: e de outros ſoccorros que ſe lhe ajuntáram.

O Rajú foi continuando no cerco aſſim com mór poder, como com mór crueza cada dia, buſcando todos os modos pera entrar na Cidade, aſſim por mar com embarcações, e jangadas, como pela Prea Cota. E muitas vezes ſe víram os noſſos perdidos; mas Deos noſſo Senhor, que tinha os olhos nelles, e naquella Ilha, deo animo aos noſſos, com que ſempre rebatêram os inimigos com grande deſtruição ſua, e não pequeno damno da noſſa parte. ElRey com alguma gente ſua ſempre ſe achou nos mórcs perigos,

vos, como quem lhe hia mais que a todos, pois lhe hia o Reyno. Os inimigos tomáram outro caminho do passo do Ambolão, por onde lhe vinham da Cota alguns provimentos, e recados, e assim com trabalho, e muito risco podiam os nossos mandar-se recados huns a outros. As novas deste cerco, e dos nossos estarem em grande perigo, chegáram a Manar na entrada de Agosto, que sabidas por Diogo de Mello Coutinho, Capitão daquella fortaleza, negociou logo alguns navios, em que se partio de soccorro elle em hum, e nos outros Pero Juzarte Tição, e Gaspar Pereira o Comprido, que depois foi despachado com a fortaleza de Chaul, sem querer vir entrar nella.

Partidos estes navios cheios de gente, munições, e mantimentos, porque não tinham tempo pera de longo da costa ir buscar Columbo, foram demandar a outra costa de Tutocori pera della atravessarem com o vento, que então era monção. Entre tanto foi o Rajú apertando o cerco, porque via que se hia acabando o inverno, e que podiam logo vir muitos soccorros; e assim determinou-se a levar a Cota nas mãos, e pera isso commetteo-a por todos os passos com muita furia, achando nos nossos a resistencia costumada. Seriam os nossos, que podiam pelejar, quatrocentos, que não pareciam

ciam de carne, fenão de bronze, porque nem as bombardadas os affombravam, nem abalavam, nem os Elefantes os faziam mover de feu lugar. Nefta continuação foi o Rajú, até que hum dia metteo toda a potencia no combate, e a mór força della poz na Prea Cota, que foi commettida da gente da Atapata, que he a da guarda de ElRey, foldados efcolhidos, e valorofos; (como os Janizaros) e diante da guarda foram os Elefantes de guerra, que com feus urros coftumados puzeram as teftas nas tranqueiras, aonde acudio ElRey, e o Capitão com os continuos que com elle andavam, e diante de todos o Veneravel Padre Fr. Simão de Nazareth, com finco, ou feis Frades, que na mór furia da batalha fe achâram fempre diante, esforçando os homens, e moftrando-lhes no ar Chrifto crucificado, debaixo de cujo nome, e Fé pelejavam todos, clamando muitas vezes pelo nome de Jefus, que fempre os foccorreo com feus auxilios; accrefcentando-lhes animo, e esforço; porque fe iffo não fora, tudo fe acabára. Em fim os elefantes tanta força lhes fizeram fazer, que arrombáram a primeira parede da Prea Cota, onde os noffos andavam pelejando com muito valor; e affim com aquelle impeto foi a Prea Cota entrada, e mortos tres Frades de S. Françifco, e mais de vinte Por-

tu-

tuguezes. Vendo-se ElRey, e o Capitão en-
trados, e perdidos, acudíram com todo o resto da gente que tinham, levando diante algumas lanças de fogo, e a espingardaria; e appellidando *Sant-Iago*, e o Padre Fr. Simão de Nazareth diante, chamando por Christo que os soccorresse, e ajudasse, quiz este Senhor, por sua grande misericordia (como elle costuma fazello em semelhantes necessidades) soccorrellos de feição, que lançáram fóra os Elefantes mui queimados, e isso mesmo fizeram os inimigos, ficando-lhe daquella feita mais de quatrocentos mortos, e abrazados. Finalmente foi o estrago tal, que houve o Rajú por seu partido retirar-se quasi desbaratado, cuidando elle que tinha concluido aquelle negocio daquella feita. O Capitão Balthazar Guedes de Sousa, que este dia fez o officio de valoroso soldado, ficou ferido de duas feridas; mas não foram parte pera deixar o conflicto, antes nelle mostrou mais os quilates de seu sangue: e o mesmo fizeram os Fidalgos, e Cavalleiros conhecidos, a que não achei os nomes pera os engrandecer como mereciam.

ElRey, e o Capitão sem tomarem repouso algum, reformáram, e fortificáram a Prea Cota da banda de dentro muito fortemente, e desejáram de mandar recado á India, em que fizessem a saber ao Viso-Rey

o estado em que aquella fortaleza estava, pera que a soccorresse, o que teve por duvidoso, porque estavam os caminhos todos tomados, e não era possivel poderem passar por elles. Mas hum Frade de S. Francisco, que vio aquella necessidade, e o risco, e perigo em que todos estavam, fallando com hum Pacha, que sabia muito bem aquelles matos, deo-lhe conta de sua determinação, que era passar a Columbo pelos matos, e com todo o risco de sua pessoa, que lhe faria pagar muito bem; o Pacha se lhe offereceo ao pôr em Columbo muito seguro. E dando o Padre conta ao Capitão, e a ElRey do negocio, lhe agradecêram muito aquelle serviço, que queria fazer a Deos, e bem áquelle povo; e entregando-o ao Pacha, a quem pagáram bem, sahiram-se no quarto da modorra pelo passo do Ambolão, e se embrenháram por huns matos novos, e differentes, por onde caminháram com muito trabalho, e risco. E quiz nosso Senhor, que sempre favorece obras semelhantes, que em duas horas chegáram a Columbo, onde o Padre entrou, e deo conta do trabalho passado, e perigo em que todos ficavam, dando as cartas ao Alcaide mór, em que lhe mandava que logo désse embarcação pera passar a Tutocori, que lhe logo negociáram, que foi hum tone pequeno, em que se em-

bar-

barcou, e foi atravessando a Tutocori; e chegando á terra, vio a Armada de Diogo de Mello Coutinho, que tinha chegado do dia dantes; e estava já com elle Antonio da Costa Travassos, que tinha vindo de Cochim por Capitão mór de seis navios de remo com muita, e boa gente, e alli ajuntáram mais alguns navios de mantimentos, que foram sete, ou oito. E sabendo a grande necessidade em que a Cota ficava, se fizeram logo á véla pera Columbo por ter o tempo bom; e ao outro dia entráram naquella Bahia com aquelle grande soccorro, de que logo correo a nova ao Rajú. Os nossos tanto que desembarcáram, tratáram de ir soccorrer a Cota, e ajuntáram-se mais de quatrocentos homens com que se puzeram em ordem pera se partirem. Mas tanto que o Rajú o soube, alevantou o exercito, e se recolheo pera Ceitavaca com levar menos do que trouxe mais de dous mil homens, que perdeo naquella jornada. E com isto ficáram os nossos desalivados, e se fortificáram de novo, e provêram a Cota de mantimentos, e gente; e Diogo de Mello tanto que vio não ser alli necessario, recolheo-se pera Manar na sua fusta só, ficando em Columbo todo o mais soccorro que foi com elle.

CA-

CAPITULO XVI.

Da Armada que este anno de sessenta e tres partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge de Sousa: e de como foi ao Malavar D. Francisco Mascarenhas: e da grande batalha, que Jeronymo Dias de Menezes teve com tres Paraos, de que todos sahíram destroçados: e de outras cousas.

TOdo este Inverno gastou o Conde Viso-Rey em reformar a Armada com que determinava partir entrada de Setembro pera o Achem, como tinha escrito a D. Francisco Deça, Capitão de Malaca, como atrás fica dito, e pera esta jornada fez todas as preparações que lhe parecêram necessarias. E logo na entrada de Setembro surgíram na barra de Goa tres náos do Reyno, de que era Capitão mór D. Jorge de Sousa, que vinha embarcado na mesma náo Castello, em que o anno atrás passado de sessenta tinha vindo do Reyno. As mais náos eram a Garça, de que era Capitão Diogo Lopes de Lima, que vinha provído com a Capitanía de Maluco; S. Filippe, de que era Capitão Vasco Lourenço de Barbuda, o Carração; e a Algaravia, em que vinha Vasco Fernandes Pimentel, que arribou ao Reyno. Surtas as náos,

e eſtando ainda com a mór parte da carga dentro em ſi, lhe deo hum tempo tão groſſo, que ſoçobrou a náo S. Filippe, que eſtava mais chegada a terra. O que o Conde ſentio muito por não ficarem mais que as duas péra levarem a carga da pimenta. Pelo que determinou de as deſpedir muito cedo, e deſiſtio da Armada do Achem, e não ſoubemos a cauſa porque, ou ſe lhe veio algum regimento de novo, de que não tivemos noticia. E vendo que ceſſava aquella jornada, entendeo em prover de Armada a coſta do Malavar, ſem embargo de eſtar de paz, por haver novas que em alguns rios ſe armavam alguns coſſairos pera ſahirem ás prezas.

E porque o Reyno de Cananor eſtava ainda de guerra, deſta Armada foi por Capitão mór D. Franciſco Maſçarenhas, que levou tres galeotas Latinas, e doze navios de remo, cujos Capitães eram os ſeguintes. D. Pedro de Menezes, Ayres de Saldanha, Manoel de Saldanha ſeu irmão, Fernão de Miranda de Azevedo, Pero de Mendoça, Alexandre de Souſa, Mem Dornelas, Jeronymo Dias de Menezes, Diogo Soares de Albergaria, Bernardo de Azevedo Coutinho, Jeronymo Teixeira de Macedo, Matheus de Figueiredo, Manoel Furtado, Manoel Simões. De todos eſtes navios ficou em Goa o de Jeronymo Dias de Menezes, que

se ficou negociando de algumas cousas, que partio dahi a poucos dias, levando em sua companhia alguns navios, assim com cavallos pera os portos do Canará, como com fazendas pera as náos do Reyno a Cochim. E indo tanto ávante como o porto de Batecalá ao mar, houveram vista de tres Paraos de Malavares, que cuidando que os nossos navios eram de mercadores, por ser já a Armada passada adiante, os foram demandar, cuidando que tinham na mão alguma boa preza. Jeronymo Dias conhecendo os navios, e entendendo sua determinação, tomou conselho sobre o que faria: « Assentá» ram que os esperassem, e pelejassem com » elles, porque de outra maneira perder-se» hiam todos aquelles navios, que hiam em » sua companhia; e elles posto que pudessem » escapar aos Malavares, já havia de ser » com a infamia da fogida, cousa que os » soldados que alli hiam tinham por mui » grande vituperio, e affronta, e por isso » não temiam o perigo, ainda que o vissem » muito grande, e certo. » Levava Jeronymo Dias de Menezes quarenta soldados dos mais bisarros, e roncadores da India, e antre elles hia hum Gaspar Carvalho da obrigação de Alvaro Paes de Soto-maior, homem de estatura ordinaria, mas nas feições tão robusto, e carregado, que parecia hum sal-

salvagem, porque as pestanas, e sobrancelhas lhe cahiam sobre os olhos, de modo que quasi lhos cubriam, e elle tão cabeludo por todo o corpo, que era huma monstruosidade; e com isso era tão valente homem, e tão destro nas armas, que não havia entre os soldados do seu tempo quem lhe fizesse vantagem naquellas cousas. Este vendo vir os navios dos Malavares com grande pressa a elles, disse a Jeronymo Dias de Menezes que se apressasse, e que puzesse a proa em hum, que vinha adiantado, e que de passagem o axorassem; porque quando os outros dous chegassem, tivessem menos contrarios. Jeronymo Dias o fez assim; e apertando o remo, chegáram ao cossairo, e deram-lhe huma surriada de espingardaria, de que lhe derribáram muitos Mouros, e juntamente lhe puzeram a proa, onde hia o Gaspar Carvalho, que á primeira pancada se arremessou dentro no parao com huma espada, e rodella, e como hum leão faminto se metteo entre os Mouros, em que fez tal estrago, que despejou a proa, e foi passando ávante pela coxia com aquelle furor, deixando já mais de dez espedaçados, e assim os foi levando até o masto, e ainda adiante delle, que chegáram outros soldados, que o ajudáram a averiguar a vitoria tão apressadamente, que quando os outros dous paraos chegáram,

já tudo era concluido, e os nossos recolhidos ao navio com algumas feridas.

Vendo os cossairos aquelle estrago nos seus, recolhendo de passagem alguns, que andavam pelo mar, foram envestir o nosso navio; mas primeiro leváram huma carga de artilheria, que era hum falcão, e dous berços, e apôs ella mais de trinta espingardas a volta de algumas panellas de polvora, que se empregáram tão bem, que quando chegáram a se envestir, já nos navios vinham perto de trinta Mouros derribados. E como elles vinham com aquella furia, ao abalroarem o nosso navio, se lançáram logo dentro mais de sincoenta Mouros, com que os nossos tiveram huma muito aspera batalha, em que os nossos mostráram bem seu valor, e esforço, principalmente o Gaspar Carvalho, que á espada, e rodella desfez muitos dos que abalroáram pela parte em que elle estava. Mas todavia como os Mouros eram muitos, e todos se lançáram em o nosso navio por todas as partes, foram levando os nossos até a poppa, e ainda alguns se recolhêram debaixo do toldo, donde as fréchas dos inimigos, que dentro os hiam buscar, e ás reprehensões de Jeronymo Dias de Menezes, e de outros soldados de valor, os fizeram arrebentar outra vez pera fóra, e metterem-se na batalha, que andava encarniçada, e cruel;

e tantas cousas fizeram os nossos, que a poder de golpes lançáram os Mouros fóra do navio, ficando-lhe dentro mais de sessenta espedaçados, e os outros tão escáldados de suas mãos, que em chegando a seus navios, se affastáram, e deram á véla pera o mar, deixando elles tambem os nossos em tal estado de encravados das fréchas, de abrazados do fogo, e de feridas dos seus terçados, que houve soldado de quatro, e sinco sinaes crueis, e penetrantes.

Vendo Jeronymo Dias de Menezes os inimigos recolhidos, e os seus tão mal tratados, despejou o navio dos Mouros mortos, que lançou ao mar, e deo á véla pera Batecalá. E não acho que dos nossos fosse algum morto, mas todos, ou os mais a perigo disso. E chegando a Batecalá, acháram lá os navios de sua companhia, que se souberam recolher; e o Feitor Portuguez, a quem não soube o nome, foi desembarcar todos os feridos, e os levou pera sua casa, onde os fez curar com muita diligencia, e resguardo, provendo-os de todas as cousas, que lhes foram necessarias. Poucos dias depois disto chegou áquelle porto Manoel de Saldanha por Capitão mór de quatro navios da Armada, que vinham dando guarda a alguns navios, que hiam pera Goa, e levava dous pagueis, que tomou no caminho,

que

que requerêram de preza diante do Feitor, que lhe foram julgados, por dizerem que não levavam cartazes, sem embargo dos Mouros delles se queixarem que os Capitães dos nossos navios lhos sumíram, e engullíram. Em fim os pagueis foram alli vendidos com todo o recheio por quatro, ou sinco mil pagodes, que se repartíram entre todos. E deixando alli os navios, a que hiam dando guarda, por ser já paragem segura, tornáram-se pera o Malavar, levando comsigo os outros da companhia de Jeronymo Dias de Menezes, que se ficou curando com seus soldados.

CAPITULO XVII.

Das cousas em que o Conde proveo: e de como mandou Domingos de Mesquita esperar os pagueis do Malavar, que vinham de Cambaya, com côr de alevantado: e da grande destruição que nelles fez: e de como faleceo o Conde Viso-Rey: e das partes, e qualidades de sua pessoa.

DEspedida a Armada de D. Francisco Mascarenhas pera o Malavar, deo o Conde despacho á carga das náos, e á escritura do Reyno, que como não eram mais que duas, partíram em poucos dias andados de Janeiro de 1564. e passando pelas varie-

da-

dades daquella jornada, chegáram a salvamento ao Reyno. E assim aviou o Conde ao Arcebispo D. Gaspar pera ir visitar as fortalezas do Norte, e ver suas ovelhas com o olho, que era a primeira visitação, que fez depois de vir do Reyno. E pera isso lhe deo huma escusa galé, e huma fusta pera seu serviço, e todas as mais cousas necessarias pera a jornada. Tinham já chegado a Goa as novas dos paraos, que pelejáram com Jeronymo Dias de Menezes, e de outros, que eram sahidos a roubar contra o contrato das pazes, que com tanta solemnidade jurou com o Çamorim. Mandou-se-lhe queixar pelo Capitão de Chale, que se vio com elle, e lhe representou aquellas cousas como convinham ao Estado, lembrando-lhe que dos contratos das pazes os mais importantes Capitulos se quebráram, que eram: Não sahirem mais ladrões de todos os seus portos, nem haver nelles navios de esporão, e que todos se cortariam, e fariam pagueis. Lembrando-lhe a obrigação que tinha de cumprir o que jurára, e em que ficava de castigar aquelle crime muito bem. Ao que lhe respondeo o Çamorim, que elle não sabia de tal, que deviam de ser alguns ladrões formigueiros, que se os achassem, os tomassem, e queimassem; e que se elle os colhesse ás mãos, os mandaria castigar mui gravemente.

Ven-

Vendo o Conde aquella razão, e entendendo que eram aquillo cousas dos Mouros, que sempre foram occasião da guerra, e que nunca já mais deixáram de a tecer com o Çamorim pera contra nós, pelos grandes proveitos que nas pilhagens alcançavam, determinou satisfazer-se daquella affronta nos mesmos Mouros. E sabendo que eram passados pera Cambaya mais de oitenta pagueis de todos os rios do Malavar, e que levavam cartazes dos Capitães de Chale, e Cananor, determinou de os mandar esperar, e abrazallos a todos, e mettellos á espada a todos os Mouros que nelles fossem, e mandar pera este effeito alguns navios com nomes de alevantados, como o Çamorim dizia que eram os seus Paraos. E pera esta jornada dizem que commettêra hum certo Fidalgo, que se lhe escusára, com dizer que aquillo era quebrar pazes, e que não podia mandar matar homens, que hiam com seguros Reaes, e que não tinham culpa do que os ladrões faziam.

Isto foi sabido por hum Domingos de Mesquita, cavalleiro muito honrado, e pera cuja condição, e natureza eram aquellas cousas hum grande alvitre. Foi-se ao Conde Viso-Rey, e pedio-lhe de mercê aquella empreza, dizendo, que elle tomava sobre si tudo aquillo, e só elle queria dar a Deos

con-

conta della; porque contra Mouros, e inimigos tão falsos não se havia de guardar primor, nem lei de guerra. O Conde como o conhecia, e sabia do seu esforço, e valor, estimou muito offerecer-se-lhe, e deo-lhe huma caravela, e duas fustas com cento e vinte homens, sem declarar a ninguem aquella jornada, nem se saber pera onde era; e com estas obrigações se foi Domingos de Mesquita.

Chegado elle ao rio de Carapatão, mandou surgir defronte delle duas leguas ao mar, porque nem por huma, nem por outra parte passasse embarcação alguma, que elle não visse, e alli se deixou estar des de quinze de Fevereiro até todo Março, tempo, em que os pagueis começáram a vir de Cambaya. E assim como appareciam de dous em dous, de tres em tres, e de quatro em quatro, chegavam as fustas a elles, e os faziam surgir, e levavam os mais graves, e honrados Mouros á caravela; e como os lá tinha, mandava-os metter debaixo das cubertas, e assim poucos e poucos lhe levavam todos até os pagueis ficarem despejados, e os mettiam debaixo, donde hum e hum eram levados assima, e cortadas as cabeças, e lançados ao mar, e depois mandava dar furos aos paguéis, e os mettiam no fundo. E a alguns Mouros mandava cozer dentro nas

vé-

vélas dos pagueis, e assim juntos os mandava lançar ao mar, onde morrêram sem se poderem menear. E desta maneira tomou mais de vinte pagueis, que se mettêram no fundo, e metteo á espada, no tempo que alli esteve, mais de dous mil Mouros, em que entravam alguns de Cananor, que foi a causa de se tornar a accender a segunda guerra, estando ella já quieta, como na VIII. Decada se verá. E foi tamanha a mortandade que se fez nos pagueis, que em todos os portos do Malavar houve geraes prantos, e clamores, e nas fazendas ficáram todos os Mouros quebrados de todo. Porque nos pagueis traziam toda a sua substancia, e nelles estava todo aquelle Malavar interessado, os pobres com pouco, e os ricos com grandes cabedaes.

E estando Domingos de Mesquita nesta obra, adoeceo o Conde do Redondo; e foi tão abbreviada sua enfermidade, que quasi se não sentio, senão quando se disse que era falecido. O que causou em todos grande espanto, e tristeza, porque estava muito bem quisto de todos. Faleceo aos dezenove dias de Fevereiro do anno de 1564. em que andamos, ás duas horas da tarde, tendo governado a India dous annos e meio. E abrindo-se seu testamento, acháram que se mandava enterrar em S. Francisco de

Goa,

Goa, e que seus ossos fossem depois levados á Villa do Redondo; e assim foi logo levado a enterrar vestido no habito do glorioso Padre S. Francisco, e por sima delle levava o da Cavallaria de Christo, acompanhado do Cabido da Sé, e Irmandade da Santa Misericordia, e todas as Ordens, e Clerisia da Cidade.

Era o Conde do Redondo homem de bom corpo, gentil-homem, bem posto no chão; e ainda naquella idade de sincoenta e sete annos, em que morreo, era galante. Foi homem facil, alegre, bem assombrado, muito avisado, e grande cortezão, e tinha ditos muito galantes; foi liberal, ao menos não foi tacanho, amigo de justiça, e trabalhou sempre muito que se fizesse com inteireza. Foi filho de D. João Coutinho o primeiro Conde do Redondo, e de Dona Isabel Henriques filha de D. Fernão Martins Mascarenhas, senhor da Lavra, Alcaide mór de Montemor o Novo, e de Alcacere do Sal, Commendador de Mertola, e de Almodovura, e Capitão dos Ginetes. Foi este Conde D. Francisco Coutinho casado com Dona Maria de Gusmão, filha de Francisco de Gusmão, e de Dona Joanna de Blasfe, Camareira mór da Infante Dona Maria, e elle seu Mordomo mór. Teve o Conde D. Francisco Coutinho da Condessa tres filhos,

e

e oito filhas; dos filhos chamava-se o mais velho D. João Coutinho, que faleceo menino: o segundo se chamou D. Luiz Coutinho, que herdou a casa, e foi casado com Dona Mecia, filha de D. Aleixo de Menezes, Aio de ElRey D. Sebastião, e de Dona Luiza de Noronha; morreo em Africa na batalha de Alcacere com o mesmo Rey D. Sebastião: o terceiro se chama D. João Coutinho, que hoje he Conde do Redondo, porque herdou a casa por seu irmão não ter filhos. As filhas chamava-se a mais velha Dona Isabel Henriques, que foi casada com o Commendador mór de Christo D. Diniz de Alencastre: a outra Dona Joanna de Gusmão, que foi casada com Ruy Gonçalves da Camara, Conde de Villa Franca: e a outra Dona Guiomar de Blasfe, casada com D. Simão de Menezes. E tres Religiosas, duas no Mosteiro da Esperança de Lisboa, Dona Constança, e Dona Catharina, e Dona Violante no Mosteiro de S. João da Villa de Estremoz da mesma Ordem de S. João: e Dona Anna, e Dona Luiza, que morrêram meninas. Teve mais hum filho bastardo por nome D. Manoel Coutinho, que foi Clerigo.

CA-

CAPITULO XVIII.

De como por morte do Conde do Redondo succedeo na governança da India João de Mendoça: e das cousas em que logo provêo.

FAlecido o Conde D. Francisco Coutinho desta vida presente, estando seu corpo depositado na Capella mór de S. Francisco de Goa, sendo presentes o Cabido da Sé, por ser o Arcebispo D. Gaspar a visitar as fortalezas do Norte, como atrás dissemos no Cap. X. do X. Livro: estando mais D. Belchior Carneiro Bispo da Ethiopia, e todas as Ordens, e Irmandade da Santa Misericordia, Lopo Vaz de Siqueira Capitão de Goa, Lopo Vaz de Siqueira Veador da fazenda, Henrique Jaques Ouvidor geral, Gonçalo Lourenço de Carvalho Chanceller do Estado, Manoel Leitão Secretario, e toda a Fidalguia, e Nobreza que havia em Goa, e os Vereadores, e Officiaes da Camara, mandou o Secretario Manoel Leitão trazer huma boeta, em que estavam guardadas as vias das succesșões da governança da India, que eram quatro, que o mesmo Conde comsigo trouxera de Portugal, que eram assignadas por fóra pela Rainha Dona Catharina, avó, e tutora de ElRey D. Sebastião,

tião, e Regedora dos Reynos de Portugal, por ſeu neto ſer menino de dez annos. Tinha cada huma deſta ſuccefsões, e Alvarás tres ſellos de cera vermelha com as Armas de Portugal; e tirando a primeira ſuccefsão, a amoſtrou em alto, pera que viſſem que eſtava inteira, ſellada, e cerada, ſem ſe nella tocar, nem bullir, e entregou-a ao Capitão da Cidade, que alli preſidia, pera que com o Ouvidor geral a examinaſſe, pera verem ſe ſe tinha bullido nella, e ſe era o ſinal de fóra da Rainha Dona Catharina; e depois de viſta, a abrio o Secretario, e achou-ſe nella que havia por bem que D. Antão de Noronha ſuccedeſſe na governança da India por morte do Conde do Redondo. E porque D. Antão de Noronha ſe tinha ido pera o Reyno o Janeiro paſſado de ſeſſenta e dous, que acabára de ſervir a Capitanía de Ormuz, a tornáram a recolher no cofre, de que tiráram a ſegunda, em que ſe fez a meſma diligencia que na primeira; e abrindo-a, achou-ſe nella João de Mendoça, que tinha vindo de ſervir a Capitanía de Malaca, que eſtava preſente, a quem o Secretario Manoel Leitão leo a ſuccefsão, e elle a acceitou, de que ſe fez hum Termo, em que ſe aſſignou; e logo alli na Capella mór deo a menagem do Eſtado nas mãos do Capitão da Cidade Lopo Vaz de Siqueira; e de-

depois posto de joelhos defronte de hum Altar, que pera isso se armou, com as mãos em sima de hum Missal, e hum Crucifixo, fez juramento de guardar, e manter justiça ás partes conforme ao estilo, e ordem do Estado.

Feito isto, enterrou-se o corpo do Conde, e o Governador se recolheo pera as casas em que pousava, que eram a nossa Senhora do Rosario, onde hoje he a Noviciaria, e casa de provação dos Padres da Companhia, donde se não quiz mudar pera a fortaleza, porque no Setembro seguinte esperava por Viso-Rey, e por seis mezes não quiz fazer mudança de si. E logo começou a entrar em despacho das cousas de Malaca, Maluco, e mais fortalezas; e andando nesta pressa, chegáram a Goa huns Embaixadores do Çamorim a visitar o Governador, e a volta disso lhe fizeram queixume de Domingos de Mesquita do grande damno, e estrago que tinha feito nos seus vassalios, e em suas fazendas, e pagueis, que montavam muito: pedio-lhe que lhe fizesse emenda de tudo, como amigo que era do Çamorim, e elle servidor de ElRey de Portugal, pois aquelle Capitão sobre contrato de pazes, e navegando seus vassallos com seguros Reaes, os tomára, matára, e roubára. O Governador se mostrou muito senti-

ti-

tido daquelle negocio, e lhe respondeo, que aquelle Capitão andava alevantado por essa mar como cossairo, que se o pudesse colher ás mãos, que satisfizesse seus vassallos; e que se o elle pudesse haver, que elle lhe promettia de o castigar como o caso o merecia. E andando estes Naires neste requerimento, chegou á barra de Goa o Domingos de Mesquita, e o Governador o mandou desembarcar prezo, porque o vissem os Embaixadores do Çamorim, que por ser tempo se foram, levando muitas satisfações do caso; e em se partindo, foi logo solto o Domingos de Mesquita, e o Governador lhe fez muitas honras, e mercês pelo caso.

As novas da morte do Conde do Redondo chegáram a D. Francisco Mascarenhas, que andava no Malavar, que elle sentio em extremo pelo grande parentesco, e amizade que com elle tinha; e porque era já em Março, e se lhe acabava o provimento da Armada, tratou logo de se ir pera Goa, e de caminho visitou a fortaleza de Cananor, onde deixou gente, e provimentos, porque havia de novo alterações no Ade Rajaó; porque entre os pagueis, que Domingos de Mesquita metteo no fundo, foi hum seu, em que lhe matáram muitos Mouros principaes de Cananor, e entre elles hum muito honrado, e rico, cuja mulher, que era hu-

ma

ma Moura varonil, e de muita authoridade entre elles, andou como douda, persuadindo a todos os Mouros a tomarem vingança de tanto damno. E teve tanta força neste negocio, que os fez ajuntar, e formar huma liga geral contra a nossa fortaleza, que foram celebrar em suas mesquitas com suas ceremonias, fazendo suas protestações de se não alevantarem de sobre ella sem a destruirem de todo. Pera o que começáram a convocar todo o Malavar, e ajuntar petrechos, e munições pera aquella conspiração.

Depois de D. Francisco Mascarenhas deixar aquella fortaleza provída, foi-se pera Goa; e chegando ao rio Canharoto, onde ElRey de Cananor reside, entrou nelle, e mandou esbombardear o seu pagode, que fica sobre a ribeira, porque estava ElRey já declarado por parte do Ade Rajao, e dos Mouros, porque esta era a mór affronta que se lhe podia fazer; e assim a sentio ElRey tanto, que logo ao dia seguinte de madrugada deram os Mouros na ribeira dos navios, que estavam á sombra da nossa fortaleza, e lhe puzeram fogo, com que se consumíram trinta entre grandes, e pequenos, em que os moradores daquella fortaleza recebêram notavel perda. Com isto ficou a guerra de todo declarada, e o Capitão della D. Payo de Noronha escreveo ao Governa-

dor João de Mendoça o estado em que ficava, affirmando-lhe que aquelle inverno seria de grande trabalho, pedindo-lhe o provesse depressa. E D. Francisco Mascarenhas foi pera Goa sem saber o que era passado em Cananor, e da barra mandou recado ao Governador, em que lhe fazia a saber de sua chegada, que o mandou entrar por ser já cabo do verão, e serem vindo a mór parte das náos da China, e Malaca, Bengala, e outras partes.

Depois desta Armada recolhida deram huma carta ao Governador de huns Christãos, que estavam fazendo seu negocio no rio de Carapatão, em que o avisavam como naquelle rio se recolhêra huma náo do Achem, que hia pera Meca, a mais rica que daquelle porto partíra havia muitos annos, que com tempo fortuito fora alli tomar, e que se ficava negociando pera sahir na lua seguinte, e que se a mandasse esperar tinha nella huma muito rica preza. O Governador alvoroçou-se com esta carta; e tendo despachado Antonio Furtado de Mendoça seu sobrinho em huma galeota pera invernar a Damão, e sahir em Agosto com huma Armada a esperar as náos de Meca nos poços de Surrate, deo pressa á sua partida, e mandou armar outra galeota, de que fez Capitão João da Costa Peleja, e dous navios mais,

de

de que fez Capitão de hum Balthazar da Costa, e do outro a Luiz de Aguiar, e despedio Antonio Furtado de Mendoça com regimento que se fosse lançar ao mar de Carapatão em parte que o não vissem da terra, e que dalli mandasse todas as noites os catures á boca da barra, onde achariam recado dos Christãos do que lá hia. Porque tambem os avisou do que haviam de fazer, e lhe mandou huma almadia com hum Christão de recado, pera com dissimulação andar pescando naquelle rio, e de noite tomar falla dos que estavam em terra, e avisar aos navios do que fosse necessario; e que tanto que fosse de madrugada, se tornassem a recolher pera Antonio Furtado. E estando elle naquella paragem continuando os catures na sua vigia, foram avisados que os principaes, e mais ricos mercadores da náo com todo o ouro, e dinheiro se passavam a hum Taurim pera se irem pera Cambaya, e que estivessem sobre aviso, porque estava certo cahirem-lhe nas mãos. E estando os nossos com grande alvoroço, e vigia aguardando a preza, que cuidavam tinham certa, quiz a desaventura que o dia que o Taurim havia de sahir pera fóra, disseram huns pescadores aos mercadores da náo que havia tres, ou quatro dias que viam huns navios ao mar sempre em huma mesma paragem, e

que não ſabiam o que eſperavam. E como os Mouros são muito precatados, e acautelados, receando que foſſe aquillo cilada, de improviſo mudáram o conſelho, e tornáram a deſembarcar ſuas fazendas. E tendo Antonio Furtado de Mendoça aviſo diſto pelos Chriſtãos da terra, havendo por eſcuſado eſtar alli mais tempo, deſpedio os navios pera Goa, e elle na ſua galeota paſſou a Damão; e o que lhe ſuccedeo na enſeada de Cambaya he do tempo do Viſo-Rey D. Antão de Noronha, que entra na VIII. Decada pera onde ſe guarda.

CAPITULO XIX.

De alguns Capitães, que o Governador João de Mendoça deſpachou pera fóra: e de algumas couſas em que mais proveo até chegar o Viſo-Rey D. Antão de Noronha, que entra com a VIII. Decada: e das partes, e qualidades da peſſoa deſte Governador.

POr ſe ir acabando o verão foi o Governador João de Mendoça dando preſſa ao deſpacho dos Capitães, que haviam de ir pera fóra, que foram Alvaro de Mendoça pera a Capitanía de Maluco, que foi embarcado na náo Santa Barbara, de que era Capitão D. João Coutinho, que era pro-

vi-

vído daquellas viagens, e levou muitos provimentos pera aquella fortaleza: e assim Pero de Taíde Inferno pera a Capitanía de Ceilão, e deo-lhe alguns navios, gente, dinheiro, e munições, porque o Madune hia continuando na guerra contra o Rey da Cota seu irmão.

Neste mesmo tempo chegáram cartas de D. Payo de Noronha Capitão de Cananor, em que lhe dava conta de como o Ade Rajao ficava declarado contra aquella fortaleza; e que Nicore Garipo lingua, e jangada della o avisára da conjuração, que estava feita entre todos os Mouros do Malavar contra ella, pedindo-lhe que com muita pressa a soccorresse com gente, e provimentos, porque já começava haver assaltos, e escaramuças de parte a parte. Pelo que com muita pressa despedio o Governador a André de Sousa com sinco, ou seis navios, cujos Capitães eram: Manoel Travassos, Gaspar de Brito do Rio, hum seu irmão, Thomé de Sousa Coutinho, dous irmãos Betancores, Antonio Ribeiro; e deo regimento a André de Sousa pera ser Capitão de toda a gente de guerra, que assistisse naquella fortaleza, e residisse nas tranqueiras de fóra, e que nunca D. Payo de Noronha sahisse da fortaleza, por ser já velho, e muito pejado, nem mandasse della pera fóra cousa alguma.

Che-

Chegado André de Sousa a Cananor, achou a fortaleza fechada, e vigiada, e o Ade Rajao posto em campo com muito poder. E tomando entrega das tranqueiras de fóra, as repartio pelos Capitães que levou, e começou a se fortificar de novo, e dar assaltos, e fazer algumas sahidas, em que cortou muitos palmares aos inimigos, que he toda a sua substancia. E assim se passou todo o inverno nesta guerra lenta sem acontecer cousa notavel que se possa escrever. O Governador, posto que tinha por sem dúvida vir-lhe em Setembro successor, não deixou de mandar concertar a Armada pera o verão seguinte, porque o que viesse a achasse prestes: e ajuntou pera ellas as cousas necessarias sem querer poupar pera suas pagas, e de seus criados, como depois alguns fizeram, que o anno que esperavam successor se descuidavam desta obrigação tão necessaria ao Estado, e poupavam tudo o que podiam pera se despender no que queriam.

O Governador tanto que entrou Agosto, poz huma náo no mar prestes, e negociada pera partir como lhe o tempo désse jazigo, em que havia de mandar fazer a viagem de Japão que tinha, com a fortaleza de Malaca que já servíra, em que havia de ir Simão de Mendoça, onde pertendia tambem em-

embarcar-se D. Dioniz Pereira, filho do Conde da Feira, pera ir entrar na Capitanía de Malaca, pera que estava despachado, porque se receava que viesse nas náos do Reyno D. Diogo de Menezes, que era provído della primeiro que elle, e queria ter antes disso dado á véla; porque quando elle chegasse já lhe seria forçado mandallo requerer a Malaca, no que se dilataria o tempo. Mas elle lhe atalhou este discurso; porque primeiro que lhe désse jazigo pera partir, surgíram a tres de Setembro na barra de Goa as náos do Reyno, em que vinha D. Antão de Noronha por Viso-Rey da India, e nellas D. Diogo de Menezes, que o Viso-Rey D. Antão de Noronha despachou logo pera ir na mesma náo entrar na sua Capitanía, como adiante se verá na Decada que se segue a esta VII.

Antes das náos chegarem despedio o Governador João de Mendoça seu sobrinho Rodrigo Furtado por Capitão mór de sete, ou oito navios, pera ir dando guarda á cafila de navios, que hiam aos rios do Canará a carregar de mantimentos, porque estava Goa muito falta delles, e com isto concluiremos com o tempo deste Governador, e com as partes, e qualidades de sua pessoa. Foi homem meão, magro, hum pouco dobrado nas costas, homem verdadeiro, libe-

ral,

ral , amigo de justiça, facil nos negocios, e de respostas mui bem attentadas ; ouvio sempre as partes muito bem, teve continuamente as portas abertas pera todas as vezes que lhe queriam fallar, que he a melhor parte, e a mais necessaria que ha de ter o que governa. Foi filho de Antonio de Mendoça , e de Dona Isabel de Castro, filha do Capitão D. Antão. Foi casado com Dona Joanna de Aragão , filha de Nuno Rodrigues Barreto, Fronteiro mór do Algarve , Veador da fazenda, e Capitão mór da Cidade de Faro, e da Villa de Loulé, e de Dona Leonor de Milão. Teve della hum só filho, que se chama Nuno de Mendoça, mancebo de muito preço, e valor, que no ser, verdade, bondade , entendimento, christandade, e mais partes que tem, mostra bem claro vir dos troncos de que procede , pelo animo, e esforço que nelle se enxergou nas batalhas, em que se achou em Flandres em companhia do Serenissimo Principe Arquiduque de Austria , casado com a Serenissima Princeza Dona Isabel, filha do muito Catholico , e Christianissimo Rey das Hespanhas D. Filippe nosso Senhor , que lhe deo em dote os Estados de Flandres. Foi Capitão de Tangere. Partio este Governador pera o Reyno no Janeiro seguinte, em cuja embarcação o Viso-Rey D. Antão de Noronha lhe fez

mui-

muitos favores. E por achar tempos contrarios, arribou, e não quiz tomar Moçambique por respeitos que pera isso teria; mas passou a Ormuz, onde estava por Capitão D. Pedro de Sousa, que era grande seu amigo, e o festejou muito. E daquella fortaleza partio em Novembro, e tomou a Ilha de Santa Helena, onde deitou algumas perdizes pera casta, de que toda a Ilha está hoje cheia. E assim deitou mais huma vacca, e hum novilho pera se crearem. Chegou a Portugal pobre, porque de Malaca tirou pouco, ou nada, e muito menos da governança que lhe durou pouco. E conforme á sua condição, e natureza, se lhe duràra mais, cuido que tiràra menos. E com isto temos concluido com esta VII. Decada á honra, e gloria de Deos nosso Senhor, que vive, e reina in sæcula sæculorum. Amen.

Fim do Liv. X. da Decada VII.

DE-

00046064

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016